

Pe. Leão Dehon

Memórias

(Notes sur l'histoire de ma vie)

Vol - V

Julho 1870 - Setembro 1873

Edições Noviciado

Aveiro 2008

Introdução e notas
de
Pe. Giuseppe Manzoni, scj

-

Versão portuguesa
de
Pe. Ângelo Caminati, scj

Apresentação à edição portuguesa

O Pe. Ângelo Caminati, nos seus tempos de vida "semi-anacorética" junto ao Santuário de Nossa Senhora da Rocha, em Carnaxide, ocupou parte do tempo na tradução para português das "*Notes sur l'histoire de ma vie*", escritas pelo nosso Fundador, o Venerável Pe. Leão Dehon. Pedi-lhe que me cedesse o trabalho. Os noviços lançá-lo-iam no computador, em ordem a uma possível e desejável publicação. Ao mesmo tempo aproveitariam para contactar com uma das mais interessantes obras manuscritas do Pe. Dehon. O Pe. Ângelo entregou-me cerca de duzentos cadernos, escritos à mão por ele, com as traduções. De 1996 a 2000, vários grupos de noviços, nos tempos livres, foram lançando os textos no computador. Ainda em 2000, o então noviço Victor Silva fez o tratamento informático do texto e, com a minha colaboração, a revisão do mesmo, uma revisão muito apressada. A 1 de Setembro do mesmo ano, saiu uma edição provisória. Começando a usar o texto, verifiquei que havia muitos erros e que faltava mesmo, aqui e ali, alguma linha ou parágrafo. Em 2005, pedi ao Pe. António Correia que fizesse uma nova revisão do texto, comparando-o com o original editado pelo Centro Geral de Estudos. O Pe. António fez essa revisão que, informaticamente tratada pelo noviço Antonino Gomes de Sousa, é agora publicada, apesar de subsistirem alguns erros ortográficos, que o computador nem sempre detecta, e mesmo outros de tradução de certas palavras e expressões, nem sempre facilmente traduzíveis. À espera que alguém, com mais tempo e melhor capacidade faça a revisão, à espera que o Centro Geral de Estudos faça uma nova edição crítica da obra, já anunciada, sai mais esta edição provisória, em português. Oxalá sirva àqueles que estão interessados em conhecer "pessoalmente" o Pe. Dehon, e não apenas pelas biografias escritas ou a escrever. Oxalá o Conselho Provincial possa incluir, na sua programação para os próximos anos, uma edição mais cuidada. Os religiosos dehonianos portugueses, ou de língua oficial portuguesa, poderão ler, com maior facilidade e proveito, esta obra tão interessante para conhecermos a caminhada humana e espiritual do Pe. Dehon, bem como os inícios da Congregação.

Aveiro, 12 de Agosto de 2008.

Pe. Fernando Fonseca, SCJ

Mestre de Noviços

Introdução

1870-1871 - A GUERRA

ROMA - VI ANO LECTIVO

O 5º volume das Memórias do Pe. Dehon (as Notas sobre a História da minha Vida) abrange o período da guerra franco-prussiana de 1870-1871, os últimos meses de estudos em Roma (Março 1871- 31 de Julho 1871), os dois primeiros anos de apostolado como vigário na Basílica de S. Quintino (1871-73).

O 4º volume será publicado mais tarde e por dois motivos. O seu conteúdo já apareceu no livro de Mons. Vicente Carbone: *Diario del Concilio Vaticano I*, Tipografia Poliglota Vaticana, 1962, 217 pp. Por outro lado, quisemos dar a conhecer em primeiro lugar os acontecimentos da vida do Pe. Dehon que conduziram à fundação da Congregação.

Na primeira parte do V volume são narrados os tristes factos da guerra de 1870, quando o Pe. Dehon está com a família, em La Capelle. Tinha deixado Roma a 20 de Julho de 1870 em companhia de Mons. Pie (cf. NHV, VIII, 91-92).

O Pe. Dehon quis imediatamente servir como capelão no exército e fez o pedido a Mons. João Júlio Dours, bispo de Soissons (NHV, VIII, 110). Este respondeu a 24 de Agosto de 1870 que não deixaria de apelar ao seu zelo quando se apresentasse a ocasião. Uma segunda carta não teve melhor resultado. Em Janeiro 1871, Mons. Dours proporá ao Pe. Dehon um lugar de vigário na diocese. O Pe. Dehon fez presente que não tinha ainda acabado os estudos em Roma... e ademais, escreve ele, *eu pensava na vida religiosa*" (NHV, VIII, 125).

Em Novembro de 1870 *tínhamos em La Capelle*, escreve o Pe. Dehon, *um regimento do exército do Norte, formado especialmente por voluntários do Norte e do Pas-de-Calais*. Foi assim que ele pôde exercer a seu gosto o trabalho de capelão: *Todas as noites, fazíamos uma reunião religiosa na Igreja... A maior parte confessou-se e comungou...* (NHV, VIII, 121). Eles tomaram parte em todos os combates do Norte... Muitos perderam neles a vida.

Em Março de 1871, o Pe. Dehon volta a Roma para acabar os seus estudos e doutorar-se em teologia na Universidade Gregoriana (1 de Junho) e em Direito Canónico no Apolinário (24-31 de Julho). Anteriormente já tinha superado, com sucesso, os exames de doutoramento em Direito Civil em Paris, e também os de Filosofia em Roma. A sua formação tão completa levava-o a desejar então tomar parte na renovação intelectual do clero em França.

O Pe. d'Alzon, fundador dos Assuncionistas, alimentava a esperança de criar um ensino universitário em Nimes, onde era vigário-geral. O Pe. Dehon simpatizava com esse projecto e ambos tinham falado nele por altura do Concílio Vaticano. Mas quando voltou a França, em Agosto de 1871, apesar das cartas insistentes do generoso Pe. d'Alzon, o Pe. Dehon mais bem informado sobre as dificuldades materiais inerentes a uma fundação universitária, depois de uma visita a Lovaina, achou-se em angústias terríveis. Submeteu-as ao seu Director de Roma, o Pe. Freyd, que opinou por uma retirada. (NHV IX, 58-70).

Mais tarde, o Pe. Hautcoeur fez também um apelo premente ao Pe. Dehon, então vigário empenhado nas obras de S. Quintino, para a fundação da Universidade Católica de Lille. O vigário estava muito inclinado para isso, mas de novo o Pe. Freyd, cheio de prevenção contra um ensino universitário católico em França, interveio. Pe. Dehon, aliás já preso pela administração diocesana, obedeceu (NHV, XI, 10).

Foi no dia 16 de Novembro de 1871 que Pe. Dehon começou o seu humilde trabalho de 7º vigário na basílica de S. Quintino: *Era absolutamente o contrário daquilo que eu tinha desejado desde anos, uma vida de recolhimento e de estudo. Fiat!* (NHV IX, 71).

Mais tarde, o Pe. Dehon escreverá no seu jornal, por ocasião dos primeiros êxitos dos alunos de S. Clemente: *Daremos aos estudos, pouco a pouco, a importância que eles merecem na Obra. Eu queria uma casa de estudos em Paris para preparar as licenciaturas, e uma em Roma para a teologia. A ciência não é um dos principais meios de apostolado? Os meus projectos duma obra de estudos, meditados em Roma durante vários anos, podem estar de acordo com a obra de reparação ao S. Coração*” (NQ IV, 1 r: 12 de Novembro de 1887).

A primeira obra que o Pe. Dehon organizou em S. Quintino foi o Patronato de S. José destinado sobretudo aos aprendizes, para lhes dar um lar onde pudessem receber uma educação moral e religiosa. Um círculo de estudos juntou-se-lhe quase logo. Não foi

uma obra que o deixasse descansar. Para lançá-la e organizá-la, o generoso vigário teve de suportar muitas canseiras, muitas diligências de que nos falam as Memórias e as cartas desse tempo. Um dos grandes sofrimentos do Pe. Dehon foi ver esta obra retirada à Congregação, bem como também o Colégio S. João.

Em 1873 o Pe. Dehon apoiou com todas as suas forças os desejos do Pe. A. Jennner SJ de ver as Servas do S. Coração estabelecerem-se em S. Quintino. Elas vieram em Julho de 1873 e o Pe. Dehon foi nomeado seu confessor e director. *Esta circunstância providencial preparou o rumo de todo o resto da minha vida* (NHV X, 21). O Pe. Dehon foi, na verdade, posto em contacto com uma comunidade fervorosa que vivia o espírito de amor e de reparação.

G. Manzoni SCJ

Método da edição crítica (como nos precedentes volumes)

Cronologia da vida do Pe. Dehon referente a este V volume

1870

19 de Julho - A França declara guerra à Prússia;

20 de Julho - Pe. Dehon parte de Roma para La Capelle;

1-2 de Setembro - Derrota de Sedan;

4 de Setembro - Proclamação da 3ª República;¹

1871

Março - viagem de volta a Roma;

1 de Junho – exames de doutoramento em teologia na Universidade Gregoriana;

24-31 de Julho – exames de doutoramento em Direito Canónico no Apolinário.

1 de Agosto - partida de Roma;

¹ Nt. É a 3ª República: A 1ª foi a da Revolução Francesa, depois de guilhotinar o rei, em 1782; seguiu-se Napoleão e a restauração monárquica. A 2ª em 1848, expulsão do rei, que acabou em 1852 com a proclamação do Imperador Napoleão III; vencido Napoleão e declarado inimigo da França, foi proclamada a 3ª República.

16 de Novembro - instalação na casa do vicariato em S. Quintino

1872

23 de Junho - o patronato de S. José começa a funcionar regularmente;

1873

2 de Julho - as Servas do S. Coração (conhecidas como "Franciscanas") estabelecem-se em S. Quintino. O Pe. Dehon torna-se seu confessor e director.

25-29 de Agosto - o Pe. Dehon toma parte no 6º Congresso de directores de obras sociais em Nantes.

Setembro - viagem no sul e sudeste da França, com seus pais e seu tio e tia de Vervins.

1870-1871: a guerra

Roma: VIº ano lectivo

A guerra ia durar seis meses. Ela passou como um longo e terrível pesadelo, cheio de angústias e de sofrimentos.

CAUSAS E PREPARATIVOS DA GUERRA

Franceses e alemães, geralmente falando, não tinham antipatias uns pelos outros. Os alemães da Áustria, da Baviera, das margens do Reno viam com bons olhos os Franceses. Mas não era a mesma coisa com os Prussianos os quais, como bons luteranos, detestavam a França e sonhavam rebaixá-la porque ela era católica.

O rei da Prússia, Guilherme I (1797-1888) e o seu ministro Bismarck recebiam também que os Estados da Alemanha do Sul, vencidos em 1866, procurassem o apoio da França. Eles sabiam, aliás, que as forças militares francesas, nesse momento, eram inferiores ás da Prússia. Bismarck resolveu provocar uma guerra e fazer com que todos os Estados Alemães se achassem envolvidos. / (104) Com a sua diplomacia e com uma imprensa servil, superexcitou o patriotismo alemão, refrescando a recordação das guerras

do primeiro império, apresentando a França como inimiga hereditária da Alemanha, afirmando que ela queria apossar-se do território da margem esquerda do Reno e impedir aos alemães de se unirem para formar um grande povo.

Bismarck queria também levar a França a ser ela a declarar a guerra, a fim de que ela aparecesse como opressora e não encontrasse aliados. As suas maquinações tiveram êxito, o governo francês caiu na ratoeira.

Eis como se passaram as coisas. Em 1870, em consequência duma revolução, a coroa de Espanha fora oferecida a um príncipe Hohenzollern, parente da família real da Prússia. O Imperador Napoleão inquietara-se e fizera reparos. Embora o projecto fosse abandonado, Bismarck aproveitou-o para irritar as susceptibilidades da França. Os seus jornais conseguiram azedar as relações entre os dois governos. Todavia, porque o rei Guilherme / (105) hesitava ainda em romper com a França, Bismarck tornou a guerra inevitável modificando os termos de um despacho enviado pelo rei aos seus agentes diplomáticos, redigindo-o em termos ofensivos². Quando o despacho alemão foi comunicado à Câmara dos Deputados e ao Senado (Franceses), houve uma explosão de cólera; o plano de Bismarck funcionara.

A guerra foi declarada pela França a 17 de Julho de 1870³.

MOBILIZAÇÃO DOS EXÉRCITOS

As advertências da imprensa e da nossa embaixada em Berlim não tinham faltado sobre as intenções e a força militar da Prússia; entretanto a França estava longe de estar preparada.

Por outro lado, o imperador Napoleão iludira-se em poder contar com a aliança da Áustria e da Itália. Mas a Áustria sofrera demasiado em 1866 para recomeçar tão cedo outra guerra. Quanto à Itália, que nós tínhamos ajudado em 1859 e que nos devia a sua independência, tinha igualmente obrigações com a Prússia, sua aliada em 1866.

² É o famoso telegrama de Sem de 13 de Julho de 1870, largamente publicitado e que Bismarck tinha voluntariamente deformado em sentido injurioso para a França. Dizia-se nele que o imperador recusara receber o embaixador da França, o conde Benedetti.

³ A declaração de guerra da França à Alemanha foi a 19 de Julho.

O governo francês esperava também que uma parte dos Estados alemães aproveitaria / (106) esta ocasião para tirar uma desforra; pelo contrário, uniram-se todos à Prússia contra nós.

Na Alemanha, tudo estava pronto para a mobilização do exército. Em França, nada estava previsto, nada estava organizado.

Desde o começo da guerra os alemães mobilizaram 800.000 homens prontos a entrar em campo; tinham também, como reservas, 400.000 homens da Landwehr⁴. As suas tropas de primeira linha cujos efectivos eram de 460.000 homens, foram repartidas em três exércitos.

O exército francês contava então com 375.000 homens no activo e 175.000 na reserva. Havia também, no papel, um segundo exército da guarda nacional móvel, mas ela não estava nem organizada nem treinada. As tropas de primeira linha não passavam os 250.000 homens, e foram divididas em sete corpos dispersos desde Chalons até Belfort. Era um acto de imperícia inexplicável.

Os alemães tinham também / (107) uma artilharia muito mais numerosa e dum alcance superior à nossa. Isso seria um elemento decisivo na campanha.

PRIMEIROS COMBATES NA ALSÁCIA-LORENA

Em França, o povo estava confiante. Tinha fé na estrela da França. Lembrava-se dos sucessos nas campanhas da Crimeia, da Itália e da Argélia. Mas as pessoas esclarecidas estavam inquietas. Suspeitavam qual seria o número do exército alemão e o valor dos seus chefes; não confiavam nos talentos bélicos do imperador. A dispersão das nossas tropas, sem ligação entre elas, originou as nossas primeiras derrotas na Alsácia-Lorena.

O general Douay deixava-se derrotar em Wissemburg, a 4 de Agosto. Ele só tinha 5.000 homens para o por a 40.000. Mac-Mahon estava perto, mas não avançava, não tinha ordens para isso. Dois dias depois, a 6 de Agosto, é ele que é atacado pelo terceiro

⁴ Landwheer, na Alemanha, a primeira reserva territorial. (Nt: Eram soldados já reunidos e armados, mas que ficaram nas suas cidades; seriam enviados ao campo de batalha, só em caso de necessidade, o que não aconteceu).

exército alemão. Só tinha 46.000 homens para opor a 126.000. Apesar das cargas / (108) heróicas dos seus couraceiros, ele é esmagado e bate em retirada.

Na Lorena, é Frossard que é vencido a 6 de Agosto nos planaltos de Forbach e de Spickeren. Só tinha 30.000 homens para opor a 70.000. Bazaine não estava longe, Faily também não, mas não avançam em seu socorro. O nosso pobre general supremo, o imperador, não teria agido de outro modo se tivesse querido, propositadamente, destruir todo o seu mundo.

Mac-Mahon ia reorganizar-se no campo de Chalons. Bazaine era nomeado generalíssimo e retirava-se sob os muros de Metz com cinco corpos do exército e a guarda. A primeira parte da guerra fora mal jogada e estava perdida; era difícil recuperar.

EMOÇÃO GERAL - OS PROVÁVEIS DESÍGNIOS DA PROVIDÊNCIA - PEDIDOS MEUS.

Os despachos sinistros sucediam-se todos os dias. Começava-se a pressentir os desígnios da Providência. A França deixava-se levar, desde alguns anos, para a incredulidade e para a luxúria. A alta sociedade, / (109) especialmente em Paris, levava uma vida de bizantinismo e de decadência. Deus ia castigar-nos. Todavia o espírito público não cedia. Ordenava-se o recrutamento em massa. Queria ter-se esperança no belo exército de Metz, já agora comandado por um general competente, por Bazaine. O meu presidente da Câmara queria alistar-me com a guarda móvel. Eu era padre, a lei dispensava-me, mas a confusão apoderava-se dos espíritos e os presidentes começavam a julgar-se onnipotentes.

Mas eu queria tomar a parte que podia na defesa da pátria. Escrevi uma carta atrás da outra ao meu bispo para que me encontrasse um lugar como capelão. Respondeu-me que ia tratar disso, mas as coisas correram muito depressa. Alguns meses depois, o invasor estava pertinho de nós. Estávamos, por assim dizer, no próprio teatro da guerra; eu aí fiquei prevendo que teria de exercer algumas funções de capelão.

A provação aproxima de Deus; já se começava rezar mais, em França, mas era preciso o desastre de / (110) Sedan para nos abrir os olhos.

14-18 DE AGOSTO - COMBATES EM METZ

As primeiras derrotas não eram de gravidade extrema. O grosso do exército estava intacto sob os muros de Metz. O exército de Mac-Mahon podia concertar os seus esforços com o de Metz, ou vir reorganizar-se ou enquadrar os voluntários em Paris. O imperador era simplesmente um empecilho para o exército; ele podia e devia voltar para Paris; a sua saúde justificava essa decisão.

Mas não foi tomada nenhuma resolução inteligente. O Bom Deus não nos ajudava. O Imperador ficou no exército de Mac-Mahon, exército reagrupado à pressa com os restos de vários regimentos, sem unidade e sem coesão. Mac-Mahon avançou para facilitar a saída de Bazaine, mas Bazaine, por falta de energia, ou por motivos políticos, não queria sair de Metz, e assim sacrificava Mac-Mahon.

Nós esperávamos as notícias do telégrafo. As horas duravam dias. Chegavam notícias mas, a maior parte das vezes, eram falsas ou exageradas. / (111)

A armada de Metz batia-se, como tinham feito os nossos velhos regimentos, o 14, em Borny; o 16, em Rezonville; o 18, em S. Privat e em Mars-la-Tour.

Em Borny, ficávamos senhores do campo; em Rezonville, os dois exércitos ficavam frente a frente ao cair da noite; devia-se continuar a luta no dia seguinte, mas Bazaine deu ordem para recuar sobre Metz. Em Saint-Privat ele nem sequer fez carregar os granadeiros e a artilharia da guarda. Por fraqueza ou por política, Bazaine ia imobilizar em Metz o seu belo exército de 200.000 homens; desde então, a guerra nunca mais podia ter saída favorável. E os dias passarão, depois, durante alguns meses, à espera do impossível. Era preciso expiar; era o desígnio da Providência.

27 DE AGOSTO - 1 DE SETEMBRO - MAC-MAHON E SEDAN

Mac-Mahon, abandonado por Bazaine, queria recuar para Paris. Era a única coisa que se devia fazer e com urgência porque o terceiro e o quarto exército prussiano avançavam sobre Chalons, para / (112) combatê-lo. Mas a confusão reinava no comando geral. A Imperatriz regente receava que o regresso do Imperador a Paris provocasse uma revolução. Ela julgou poder decretar a vitória e insistiu para que o Imperador e o exército não voltassem. Mac-Mahon, não tendo notícias certas de Bazaine e julgando dever ficar ao seu alcance, conduziu as suas tropas para Sedan. Foi o erro fatal. Este exército já

estava pouco organizado. Mac-Mahon foi ferido. Passou o comando a Ducrot que deu ordem de recuar. Wimpfen chegou com uma carta do governo que entregava a ele o comando; deu a contra-ordem e quis retomar a batalha. O exército alemão mais numeroso cercava Sedan e ocupava as alturas. O resto é conhecido.

Nós não estávamos longe do campo de batalha. Uma divisão de reserva estava perto de nós, entre Vervins e Laon. Preparávamos hospitais ambulantes e esperávamos pelos feridos. / (113)

Só tivemos o espectáculo da derrota. Alguns milhares de homens fugiram da embrulhada de Sedan; a maior parte deles passaram por La Capelle. O ponto de concentração era Maubeuge.

Que dias tristes! E que dolorosas impressões eles me deixaram! Homens de todas as armas passavam numa desordem impossível de imaginar. Eram soldados da infantaria, da artilharia, da cavalaria, confusos, com as fardas rasgadas. Quase todos tinham abandonado as armas. Uns argelinos tinham pensado só em apossar-se dum cavalo e em roubar algumas galinhas ao longo do caminho. Os velhotes diziam que isso lhes fazia recordar Waterloo. E era preciso ouvir esses soldados! Traziam e semeavam no seu caminho o desânimo e o desespero. “Está tudo perdido”; “Está tudo acabado”, diziam todos; “Os Prussianos vão chegar até aqui, etc. ...”

Os inumeráveis feridos, todavia, não chegaram até nós, e as nossas / (114) ambulâncias continuaram vazias.

Estávamos agora muito perto da zona ocupada, e esperávamos a cada momento, a visita do inimigo.

4 DE SETEMBRO: REVOLUÇÃO - REPÚBLICA

A notícia do desastre de Sedan causou em toda a França uma emoção indizível. O povo de Paris estava exasperado; a sua raiva virou-se contra o Império, já não tinha confiança no poder, queria um governo novo que tentasse salvar a França. Poder-se-á culpar o povo por esta revolução? Não fizeram a mesma coisa, quase sempre, todos os outros povos? Em caso semelhante, os Romanos improvisavam um ditador, os Hebreus escolhiam um juiz.

Era necessário acalmar este povo de Paris; os deputados de Paris constituíram-se em governo provisório, com o general Trochu por presidente. O resto da França espantou-se, mas obedeceu.

A proclamação desta república teve, em La Capelle, um carácter particular que não se apagará da minha memória. Tinham partido de Paris uns despachos para todos os concelhos. Em toda a parte se anunciava / (115) o novo governo, ao som do tambor. Em La Capelle, uma pessoa maluca, vestida de todas as cores, com um guarda-chuva impossível, seguia o tambor pelas ruas. Eu ia-me perguntando se não seria o símbolo dessa revolução feita diante do inimigo.

4 - 20 DE SETEMBRO: ASSALTO A PARIS - NEGOCIAÇÕES DE PAZ

O exército prussiano, depois de ter enviado os prisioneiros para a Alemanha, avançou sobre Paris para atacá-la. Os Alemães calculavam que Paris não poderia resistir e que a paz seria feita. A 20 de Setembro, o ataque a Paris era geral. Negociações para a paz, realmente, chegaram a fazer-se. Júlio Favre foi, em nome do governo, falar com Bismarck. Este pedia à França a Alsácia e a Lorena, e cinco mil milhões de resgate. O governo, seguido pelo povo, pensou que, antes de sofrer um desmembramento da pátria, se devia tentar um último esforço. Ainda era possível organizar um grande exército com as reservas e com os voluntários; e Paris queria resistir / (116) heroicamente. Esta resistência era talvez temerária, mas sempre seria corajosa. Muitas nações teriam capitulado depois de Sedan; a França mostrou aí uma coragem que a honra. Antes que Paris fosse atacada completamente, o governo enviou três dos seus membros a Tours; Gambetta foi logo juntar-se-lhes em balão, para organizar a defesa na província.

Paris ia resistir heroicamente durante cinco meses, e o governo de Tours iria armar sucessivamente e lançar sobre o inimigo, 600.000 homens; mas isso não seria suficiente.

Podem-se lamentar neste período uns erros cometidos: a divisão do exército do Loire não foi feliz, a organização dos voluntários do Oeste foi lamentável. Mas, no conjunto, houve um nobre e generoso esforço que honra a nação e também os que o organizaram.

20 DE SETEMBRO - ROMA

A Igreja e a França tiveram sempre uma grande solidariedade. Elas amam-se e amparam-se como uma mãe e sua filha primogénita. A França tem esta missão / (1178); quando ela a esquece, Deus abandona-a. O nosso governo tinha retirado de Roma algumas centenas de soldados, que lá montavam uma guarda de honra junto do Papa. Era entregar Roma à Itália, e sem nenhum proveito, porque a Itália não tinha nenhuma intenção de nos manifestar a sua gratidão. E, contudo, nós precisávamos tanto da ajuda de Deus.

A 20 de Setembro, os Italianos ocuparam Roma, penetrando pela brecha sacrílega de Porta Pia. Mas no mesmo dia, concluía-se o assalto a Paris. Nós devíamos sofrer ao mesmo tempo que Roma e para expiar o abandono de Roma.

Os despachos que nos traziam essa notícia eram para mim uma dor de alma. Eu amava tanto Roma, a Roma do Papa! Eu já era seu cidadão, com cinco anos de estadia nela. Era a minha segunda pátria que era invadida como a primeira e, para mais, eu já não via saída para acabar os meus estudos. Tudo se desmoronava ao mesmo tempo. / (118)

26 DE SETEMBRO - METZ - ESTRASBURGO

Estávamos sempre de olhos virados para Metz. Esperávamos algum golpe genial de Bazaine, mas desconhecíamos as suas cobardes resoluções. Houve, de facto nos fins de Setembro, uns combates perto de Metz, em Ladonchamps. Bazaine queria divertir a galeria, mas não sair da cidade.

A 26 de Setembro, Estrasburgo capitulava. A cidade era bombardeada. A bela catedral sofrera muito. Tinha que se render para evitar uma destruição total. As nossas ilusões e as nossas esperanças desvaneceram-se assim, uma a uma.

OUTUBRO: ORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO DO LOIRE; SOISSONS E METZ RENDEM-SE!

Gambetta desceu de balão, em Tours, no dia 9 de Outubro. Ele ocupou-se com Freycinet da organização do exército do Loire e chegou a resultados sérios. Chamou às armas todos os homens válidos e conseguiu reunir entre o Loire e o Norte, quase 600.000 homens. Mas era preciso tempo para organizá-los. No Loire, em Outubro, só houve

escaramuças. Em Artenay, só tínhamos 15.000 homens alistados. A defesa / (119) de Chateaudun foi heróica, mas não podia ter resultados práticos.

Do nosso lado, Soissons rendia-se no dia 18. A cidade, rodeada de colinas, não podia ser defendida. Laon fora tomada desde 9 de Setembro, lançando muitas famílias no luto pela explosão da cidadela. Nós estávamos sempre muito perto do teatro da guerra.

A 28 de Outubro, uma notícia, um pouco prevista, mas que ninguém podia achar possível, acabava de espalhar a consternação em toda a França: a rendição de Metz! Todo o nosso lindo exército partia prisioneiro para a Alemanha.

NOVEMBRO - COLMIERS - LA FÈRE - OS VOLUNTÁRIOS DO NORTE A LA CAPELLE

Entretanto, organizava-se o exército do Loire. Um sucesso obtido em Coulmiers, empenhando 65.000 homens contra 22.000 alemães, teve grande repercussão e reacendeu a confiança geral. Mas o exército que assediava Metz, agora livre pela rendição da cidade, foi reforçar os alemães / (120) do Loire.

De La Capelle, ouvíamos os tiros de canhão de La Fère. A pequena cidade rendeu-se a 18 de Novembro. Nós estávamos sempre a recear a ocupação e as requisições.

Durante uma boa parte desse mês de Novembro, tivemos em La Capelle um regimento do exército do Norte, composto por voluntários do Norte e do Pas-de-Calais. Eu pude exercer com plena liberdade o meu zelo de capelão. Todas as noites, fazíamos uma reunião religiosa na igreja. Os jovens soldados não faltavam. Sabiam que iriam enfrentar a morte dentro de alguns dias. Eu pregava todos os dias. A maior parte deles confessou-se e comungou. Alguns dias depois, tomavam parte em todos os combates do Norte, em Villers-Bretonneux, Ham, Pont-Noyelle, Bapaume. Vários perderam neles a vida.

DEZEMBRO: LOIGNY - CHAMPIGNY - BOURGET

O exército do Loire tentou ainda uma acção de conjunto. Ele recebera ordem por pombo-correio / (121) para auxiliar uma saída de Paris; 200.000 homens foram alistados e a batalha ficou indecisa. Nós tínhamos muitas tropas novas que se deixavam vencer, mas um grupito de 800 homens guiados pelo general de Sonis, em Loigny, carregou com um heroísmo admirável e cobriu-se duma glória eterna. Os voluntários do Oeste, antigos zuavos pontifícios, tinham lá 300 homens sob as ordens do coronel de Charette. Eles

desfraldaram a bandeira do Sagrado Coração, bordada pelas Visitandinas de Paray, e morreram a seus pés. Dos 300, 18 oficiais e 198 soldados foram postos fora de combate. O general de Sonis caiu com um a perna fracassada. Ele ficou toda a noite no campo de batalha, rezando ao Sagrado Coração e à Virgem Imaculada pela França. No dia seguinte, foi-lhe amputada a perna. Soubemos destes detalhes mais tarde, mas os despachos comunicaram-nos imediatamente o heroísmo dos zuavos pontifícios.

Os Parisienses tentaram brilhantes / (122) surtidas em Champigny e no Bourget. Houve actos de heroísmo, que serviam só para salvar a honra e para pagar as nossas dívidas diante de Deus!

Os alemães queriam reduzir-nos a pedir a paz pelo terror. Em toda a parte espoliavam as cidades. Frequentemente fuzilavam homens inofensivos, sacerdotes, professores primários suspeitos de conivência com os franco-atiradores. A sua violência ultrapassava todas as medidas.

JANEIRO: BAPAUME - S. QUINTINO - PARIS - ARMISTÍCIO

O Inverno era duríssimo. Os nossos jovens voluntários em campo sofriam muito frio. Os do Norte ainda travaram combate em Bapaume, cujo resultado ficou incerto. Paris fez ao exército do Norte a proposta de favorecer a sua surtida por uma diversão. O general Faidherbe travou combate em S. Quintino, mas à noite as suas jovens tropas estavam esgotadas; ele ordenou a retirada.

Paris tentava ainda uma surtida em Montretout e em Buzenval. Cem mil homens foram nisso envolvidos. / (123) Foi o último esforço. Paris sofria horrivelmente de fome. A 28 de Janeiro, o governo assinava o armistício.

FEVEREIRO: A PAZ

Era eleita rapidamente uma Câmara e reunia-se em Bordéus. Toda a nação, comovida pelos castigos divinos, elegera homens de ordem e pessoas religiosas. A Assembleia, com a morte na alma, teve de consentir na cessão da Alsácia e da Lorena à Alemanha. Belfort ficou salvo, mas permitindo aos alemães entrarem em Paris. No dia 1 de Março, eles, de facto, foram até às Tulherias (Tuileries) e retiraram-se sem contacto com a população.

O grande drama estava concluído; eu ia sonhar em voltar a Roma, onde sabia que as aulas se reorganizavam.

CORRESPONDÊNCIA

Não se escrevia muito nesses meses terríveis. O correio, por seu lado, era muito dificultado pela ocupação.

De Soissons, Mons. Dours respondia, a 24 de Agosto, ao meu pedido de poderes de capelão: "Monsenhor encarrega-me de acusar a recepção da vossa carta do dia 23 e de vos certificar / (124) de que, chegando a ocasião, ele ficará felicíssimo de fazer apelo ao vosso zelo."

Depois de Sedan, insisti e recebi, de novo, uma resposta dilatária.

Em Janeiro, Mons. Dours propôs encarregar-me de algum ministério da diocese. Escrevia ele: "Permita-me tentar junto de vós uma proposta, que a vossa devoção desculpará, com toda a certeza. A diocese de Soissons, à qual vós pertenceis, e que tem toda a vossa afeição, teve nestes últimos meses numerosas perdas. Mais, um santo sacerdote acaba de se apagar em S. Gobain na força da idade. Isto é para vos dizer que muitas paróquias estão sem pastor. O senhor bispo ficaria portanto muito feliz em aproveitar o vosso zelo e os vossos talentos e eu pergunto-vos com toda a simplicidade se não vos seria agradável aceitar um vicariato numa das cidades da diocese."

Eu não podia aceitar esta proposta. Não tinha ainda acabado os estudos em Roma e, por outro lado, eu pensava na Vida Religiosa.

O bom cónego Demiselle não me esquece de maneira nenhuma. A 2 de Outubro de 1870, escreve-me uma carta que revela bem / (125) a sua alma apostólica: "Que acontecimentos, nestes dois meses! A clareza eloquente destes acontecimentos abrirá os olhos à nação e ensinar-lhe-á que para formar homens sérios é preciso uma educação avivada por princípios? Quem não vê que são os homens sérios que nos faltam? Ah! Tivesse a França sabido continuar a ser a grande nação católica, não estaria nestas condições. E se hoje ela soubesse retomar francamente a sua nobre missão no campo religioso, ver-se-ia em breve à cabeça da Europa. As suas relações com todos os racionalismos e com a Revolução, que nada mais é do que a execução de todos os princípios deletérios, eis o que nos perdeu! Meti-me a caminho para ir ao enterro do

pároco de Dorengt no princípio deste mês, mas não pude passar de Laon! O comboio de artilheiros, no qual me permitiram tomar lugar, foi mandado parar em Laon por um despacho, e eu fiquei felicíssimo por arranjar uma carruagem para voltar a Soissons. Não vi o nosso bispo desde que ele voltou de Roma, a não ser na visita oficial ao cabido. O seu comportamento, ou antes a sua ausência da última reunião, / (126) mas sobretudo o seu mutismo desde que voltou apertam-me tanto o coração, que não consigo decidir-me a ir vê-lo Quase ninguém de nós o visita. Ele parece abatido desde que estamos sob a ameaça de um cerco. Da Assunção para cá, nem uma só palavra desceu do púlpito da catedral para encorajar e instruir os fiéis, que de resto se mostram cada vez menos assíduos à igreja nos dias de preceito. Em compensação, cada tarde há um número de fiéis na Bênção Eucarística que se dá desde 15 de Agosto. Eu não vejo se este povo percebe alguma coisa dos acontecimentos. Vi muitos dos nossos voluntários de Thierarche. Pensara-se em organizar alguma coisa em seu favor; mas nada se concretizou. Há sempre um número deles na Igreja, mas muitos mais na taberna. A ocupação de Roma pelos Italianos é um facto consumado; e Pio IX fica no Vaticano, coisa que me encanta. Eles vão rodeá-lo com toda a espécie de atenções; eles agirão simplesmente como se estivessem a substituir a França. De resto, o espírito cristão que ainda domina / (127) a massa dos italianos obrigá-los-á a serem delicados. E mais, o braço que sustenta a Igreja lá está. Mostrou-se bastante poderoso até agora. -A nossa situação é sempre a mesma. Sem sermos realmente atacados, temos sempre o inimigo na margem esquerda. O canhão da cidade ribomba a várias horas do dia e da noite. Acabamos por nos habituar. Os únicos papéis que tenho são estes em que vos escrevo. Tudo em minha casa está desorganizado. Foi preciso poupar aos perigos de incêndio, em caso de bombardeamento, escrivantina, móveis, etc...”

Esta carta indica bem a situação de Soissons e da diocese.

A 24 de Dezembro, o bom cônego escreve-me: “Estamos sempre em poder dos alemães, sobrecarregados pelo alojamento (aos alemães): primeiro o presídio fixo, depois os de passagem. Os nossos recursos esgotam-se, e não recebemos nada. Não sei como faremos daqui por algum tempo. Que guerra! Quem poderia não ver nisso a mão de Deus? Pobre França! Possa ela encontrar nisso a sua regeneração moral e religiosa! Possa ela retemperar-se na desgraça e levantar-se / (128) purificada e mais bonita! Gosto de pensar que seja este o desígnio de Deus, que guia estes grandes acontecimentos. Não temos nenhuma notícia de Roma. Que será do santo Padre? Que será de Roma? La

Capelle volta à religião? Neste aspecto, a nossa região de Soissons é deplorável e a lição da Providência não é compreendida! Os nossos dois seminários estão transformados em hospitais militares. Pobres moços, que será deles? Não haverá abertura de aulas este ano. E depois da guerra quem sabe como as coisas irão? Ó meu Deus, vós velais sobre a vossa Igreja. Mas qual será o destino da Igreja de França?”

A 13 de Fevereiro de 1871, o Sr. Demiselle escreve-me: “Recebo a vossa carta e agradeço, porque em mérito de correspondência estamos a zero. Isto durará ainda muito tempo? Se a Providência esperar que nós tenhamos aprendido a lição, o fim das desgraças da França não está ainda perto de chegar. E depois não iremos cair em calamidades ainda maiores? Estas divisões internas na presença dos inimigos aterrorizam. É / (129) o inferno que visivelmente reuniu todas as suas forças para destruir a França que o incomoda porque, apesar das suas prevaricações, é do seio da França que nascem todas as grandes obras que têm por fim arruinar o império de Satanás. O Sumo Pontífice quer ainda contar com ela, pois assim dizia a um Francês que se despedia dele. Ai, então quanto ela é culpada, esta pobre França! Esperemos que o sangue derramado e os sofrimentos dos nossos prisioneiros lhe sejam contados. E Roma com o flagelo da inundação: *singularis feras depastus est eam* (SI 79, 14)⁵. Que nova provação depois de tantas outras! Esperemos e rezemos, para que Deus abrevie essas provações!” E o bom cónego podia colocar a sua carta de 13 de Fevereiro no correio só a 4 de Março.

A 12 de Junho, ele escrevia-me ainda: “Fiquei muito admirado ao saber-vos em Roma. Foi em Marle, onde eu pregava um fim de quaresma, que soube isso. Já não esperava que este ano ainda se pudessem fazer estudos em Roma. Ah! Quanto eu penso nessa pobre Roma, onde eu devia regressar para as festas do 25º aniversário / (130) do pontificado de Pio IX. De onde virá a salvação de Roma? Pio IX só a espera da França, e a França será salva só quando retomar a sua tarefa de cavaleiro armado da Igreja romana. A sua sorte está intimamente ligada à de Roma. Como isso é pouco compreendido na França, especialmente nas nossas regiões. Eu estou em missão desde há 15 dias... Em toda a parte falo da Igreja e da França, perguntando a mim próprio que efeito terão, sobre esta gente, as minhas palavras. Ouvem-se comentários estranhos, por

⁵ N.T. - Uma fera estranha a devorou.

exemplo este: “Deus não se mete neste género de coisas!” E é gente boa que fala assim. Pobre povo! Pobre nação! Gosto de pensar que haverá na França umas zonas onde se tenham ideias mais acertadas. Sem isso devíamos desesperar do futuro...”

O bom P. Freyd escrevera-me de Roma, a 31 de Agosto: “Não quero atrasar-me mais em vos responder. Recebi a vossa carta. Desde então, creio que tendes sido posto em estado de sítio. Que tristes notícias recebemos de toda a parte! A minha pobre província (Alsácia) está devastada e devorada. Estou sem notícias do meu velho e querido pai. Deve estar agora no meio do exército inimigo. / (131) Se me tivesse sido possível chegar até ele por algum caminho aberto, eu teria partido para a França, mas acho inútil neste momento pôr-me a caminho para tentar uma coisa impossível. Aqui ainda estamos ainda tranquilos. Roma está como a deixastes, menos os calores. Mas se os nossos vizinhos ainda não chegaram, não é por falta de vontade...”

A 17 de Outubro, escrevia-me: “A vossa carta do dia 9 chegou ontem. Podeis vir até cá. O colégio germânico, por uma falta do colégio romano ocupado pelos *bersaglieri*, terá as aulas dentro de casa; serão dadas pelos professores que conheceis e, nós, por privilégio, seremos admitidos. Não vos digo nada de Roma, senão que esta querida cidade está de tal modo mudada desde 20 de Setembro, que tem o aspecto de uma cidade pagã. A gentalha abunda. Os soldados italianos são muito decentes. Se tivéssemos só a eles, a guarnição valeria mais do que a guarnição francesa de outrora. O Santo Padre fica sempre fechado no Vaticano onde é como um prisioneiro. Bem gostaríamos de vê-lo sair como antes, / (132) mas se ele saísse daria a impressão de conformar-se com a posição a que foi reduzido. Se puderdes vir por via terra, vinde pela Suíça ou por Chambery. A cidade de Marselha não vos reservaria um bom acolhimento. Vinde vestido à civil; será melhor!”

Eis em que condição estávamos!

O meu velho professor, o P. Boute, escrevia-me a 26 de Novembro: “As circunstâncias actuais e os acontecimentos incríveis que atravessamos, unidos ao medo de ver surgir novos desastres mais acabrunhantes ainda, interromperam necessariamente muitas relações, ao menos por enquanto. Estou preocupado dia e noite com aquilo em que se vai tornar a nossa pobre França. Possa o Senhor, depois do castigo, lançar sobre ela um olhar de misericórdia! Mas, como vós dizeis, ela mereceu castigos ainda maiores, se Deus consultar somente os direitos da sua justiça... Os Prussianos ainda não vieram

até cá; dispensá-los-emos de muito bom gosto. Até agora, pensa-se que eles não têm intenção de invadir o departamento do *Nord*; encontrariam fortalezas bem / (133) armadas e bem defendidas, dizem-nos (???). O Sr. Reumaux agradece-vos a atenção que quisestes ter com o seu irmão (um dos voluntários do Norte). Ficamos todos muito contentes por saber que os nossos flamengos davam bom exemplo em La Capelle, e que tendes cuidados para eles com as vossas reuniões e pregações. Eles precisavam, na sua idade, de serem postos em guarda contra os maus exemplos que tinham debaixo dos olhos. É uma obra óptima. Dizem-me que eles terão de vos deixar, para se aproximarem de Paris. Pobres moços! Voltarão todos para as suas mães? ... Reza-se muito na Flandres, desde há muito tempo; esperemos que a França possa regenerar-se, passando pelo fogo das tribulações e dos sacrifícios.”

Rezava-se muito na Flandres e nas regiões de fé. Era o que permitia a Santa Virgem de intervir, junto de Deus, a nosso favor, para apressar a paz, como Ela anunciava em Pontmain, dizendo-nos: “Rezai, meus filhos, o Meu Filho deixa-se comover.”

CONDISCÍPULOS DE ROMA

Um certo número dos meus condiscípulos de Roma escrevia-me. Alguns / (134) tinham ficado em Roma, ou antes em férias, contando retomar os estudos na reabertura. Estavam lá os srs. Pineau, Le Tallec, Bouguin, Lequerré; Adhemar de La Ferrière estava no seminário de Vannes. Billot e Bernard estavam no Norte, esperando uma solução. De Rivoyre entrara no noviciado dos Capuchinhos.

Vários tinham conseguido uma capelania. De Dartein era capelão no VI regimento de Estrasburgo. Dugas era capelão dos voluntários do Loire. Poiblanç estava em Dijon. Bourgeat era enfermeiro em Metz. O pai de Dugas escrevia a um colega meu: “José acaba de passar por uma série de batalhas, à volta de Belfort, com as mãos no sangue, os olhos nas chagas, o coração nas angústias.”

O bom padre Bernard, de Cambrai, expunha assim as suas ideias, a 15 de Outubro e a 6 de Março. A 15 de Outubro: “Atrasei-me um pouco a responder, para escrever-vos de Cambrai, onde chego hoje, e para vos convidar da parte do meu tio (vigário geral) a passar uns dias aqui. O meu tio ficaria felicíssimo em poder / (135) conversar convosco sobre o Seminário Francês, o Concílio e Roma. Pensar em Roma faz-nos bem e dá confiança. Evidentemente não é em vão que o Santo Padre indicou a data de 11 de

Novembro para retomar os trabalhos do Concílio. Mas que Estado católico poderá restabelecer a ordem na Itália, senão a França? Devemos portanto esperar que Deus se apresse em socorrer e salvar a França...”

Eram essas as esperanças de um homem de fé. A 9 de Março, ele escrevia-me: “A vossa carta levou 8 dias para chegar (de La Capelle a Cambrai). Eu depois esperei um pouco para responder, contando sempre que os acontecimentos viriam a esclarecer um pouco a situação. Enfim a paz foi feita. Temos uma assembleia constituinte que dá esperanças na restauração do nosso país: mas ela enfrenta dificuldades enormes. A mais considerável, sem dúvida, é a situação moral de Paris. Pensa-se, como sabeis, em fixar a sede da Assembleia fora da capital; é uma precaução sábia, mas, no fundo é um contornar a dificuldade, não é vencê-la. A seita revolucionária / (136) tem o seu centro de acção em Paris, mas o seu espírito está espalhado por toda a parte, e é este o espírito que é preciso destruir. As provações providenciais, pelas quais a nossa pátria passou, esclareceram muitas inteligências e nunca talvez a situação foi tão claramente definida entre o partido do bem e o partido do mal. A consequência desta situação nova é a iminência da luta que, desta vez, devemos esperar, não será somente feliz, mas decisiva. Enquanto esperamos, já que estamos em tempo de renovação universal, parece-me que nós também temos de preparar o reatamento do nosso Seminário Francês. Podemos talvez mais do que pensamos. No dia em que o governo francês for representado em Roma por um embaixador, alguns cidadãos não poderão viver nessa cidade numa casa francesa? ... Em todo o caso, façamos alguma coisa. Imitemos os nossos confrades do colégio lombardo, que fizeram contra as invasões piemontesas um belo protesto, que foi remetido à publicidade... Recebi uma carta do Sr. Hartcoeur que me pede o vosso endereço; ele lamenta muito não ter sabido / (137) da vossa presença em Cambrai, no mês de Outubro; talvez possais compensá-lo agora; ele espera sempre não morrer sem ver restabelecida a Universidade de Douai...” (Ele queria ter-me como colaborador para fundar a Universidade católica de Lille).

ESTUDOS E LEITURAS

Que belas e fortalecedoras leituras eu pude fazer durante esses meses de Inverno e apesar dos horrores da guerra. Eu tinha um bom fundo de biblioteca que a família me oferecera por ocasião do meu sacerdócio, e eu usava-o. Tinha Santo Agostinho e lia a sua *Cidade de Deus*, o *Enchiridion*, as *Cartas*. Lia alguns sermões de Bourdaloue.

Estudava de Maistre, Montalambert, Ozanam, Balmes, Lacordaire, os espíritos mentores do nosso século. Lia Mons. Pie, Poujoulat, Consalvi, Bougaud, Gaume, Périn, Moigno, Hugo, Guizot. Não é uma das grandes alegrias que se podem ter na terra, a de entreter-se com grandes espíritos que são o escol da grande família / (138) humana? Eu tinha sonhado isso como emprego da minha vida, mas era um pouco egoísta, e Nosso Senhor decidiu diferentemente e lançou-me na vida activa.

Quero lembrar aqui alguns dos grandes pensamentos de *Stº Agostinho* que notei. E primeiro, um pensamento consolador e capaz de responder a uma objecção dos incrédulos. Está no *Enchiridion*. Santo Agostinho pergunta se os sofrimentos dos condenados ao Inferno são piores para eles do que o nada, e responde negativamente. A sua vida de sofrimentos será sempre melhor do que o nada, diz ele, salvo para os grandes criminosos como Judas, de quem o próprio Nosso Senhor disse que teria sido melhor para ele não nascer. Esta doutrina tão indulgente de Santo Agostinho não é a que pregamos todos os dias, mas permite-nos dizer aos que se escandalizam com o rigor da justiça divina: “Vós podeis apoiar-vos na doutrina de Santo Agostinho.”

Sobre a política, Santo Agostinho tem pensamentos impressionantes. Não tem confiança no sufrágio universal: “O juízo dos homens, diz ele, / (139) especialmente o do vulgo, é obscurecido pelo erro, como a atmosfera pelo fumo” (*Cidade de Deus*, L.1, cap. 22).

Ele não admite a total liberdade de escrever (*Cidade de Deus*, L.V, cap, 26), e nisso eu vejo-o estar de acordo com os outros grandes espíritos de diversas escolas, cujos volumes folheei neste Inverno, como de Maistre (*Soirées*), Consalvi (*Mémoires*), Lacordaire (*Lettres*, pag. 58). Santo Agostinho cita a este propósito Cícero, que chamava à liberdade de pecar uma desgraça.

Ele descreve nas suas cartas os deveres dos príncipes, que não devem ser cristãos apenas como os homens privados, mas também como reis, e que nas suas leis devem ordenar o que é justo, e proibir o que é contrário à justiça (*Lettres*, L.II, Cap. 36; L.III Cap. 31). Eu cotejava isto com o que diz S. Leão Magno, que as coisas humanas não serão prósperas, se as duas autoridades, a real e a sacerdotal, não colaborarem para defender a religião (*Ep. 60 ou 98 a Pulquéria*). Mas eu pergunto se, na mesma ordem de ideias, Santo Afonso não concedia demasiados poderes aos príncipes. Ele diz-lhes que o fim principal do / (140) governo não é a sua própria glória, mas a glória de Deus; isso está

certo. Ele diz-lhes ainda “que devem esforçar-se por fazer observar aos seus súbditos a lei divina, reformar os maus costumes, extirpar os escândalos, purificar os seus reinos dos homens que espalham doutrinas perniciosas”. De acordo, contanto que nos lembremos do princípio de Santo Agostinho de que não convém usar a violência para forçar os súbditos a abraçar a verdadeira fé.

Mas quando o caro Santo diz aos príncipes “que devem velar para que os superiores das ordens religiosas façam observar as regras do instituto por aqueles que deles dependem; que devem promover entre os seus súbditos os exercícios de devoção e pregar a honra de Deus”; receio que os príncipes venham a abusar disso para se tornarem príncipes-sacristães, como José II da Áustria e Francisco da Toscana (S. Af., *De la fidélité dès sujets*, cap. 1 e 2).

Noutros lugares, Santo Agostinho louva os imperadores cristãos e nomeadamente Teodósio, que ele felicita por ter derrubado os ídolos e por ter ajudado a Igreja com as suas leis contra os ímpios / (141) (*De Civ. Dei*, L.V, Cap. 26). Devemos entender isso com a reserva acima formulada: não convém usar a violência para forçar os súbditos a abraçar a verdadeira fé.

Por ocasião dum texto de Virgílio e dum de Varrão, Santo Agostinho faz uma curiosa observação relativamente à universalidade do culto a um só Deus. Virgílio dissera: “Tudo está cheio de Júpiter (Jovis omnia plena)”⁶. Varrão crê que Júpiter é adorado mesmo por aqueles que adoram um só Deus sob outro nome e sem o representar (Javé). Mas então, acrescenta Santo Agostinho, porque é que Júpiter foi representado visto que, por confissão de Varrão, as imagens enganam os povos e tiram-lhes todo o temor? (*De Civ. Dei*, L.IV, Cap. 19).

Ele explica admiravelmente a acção da Providência: “Deus, diz ele, dá os bens da terra tanto aos bons como aos maus. Ele não quer que se pratique a virtude em vista dos bens da terra, que são de uma ordem inferior. Mas a felicidade íntima, Deus dá-a somente aos bons e pode ser possuída tanto na pobreza como / (142) na riqueza. No Antigo Testamento era diferente. A um povo menos sobrenatural, Deus prometia então os bens terrenos como recompensa da virtude. E mesmo então as almas mais puras

⁶ Virgílio, *Bucólicas*, Écloga II, p. 60.

compreendiam as intenções divinas e sabiam que os bens terrenos preparavam e figuravam os outros, nos quais se encontra a verdadeira felicidade (*Civ. Dei*, L.IV, Cap. 33).

Santo Agostinho, não era um *renascentista*, nem um *humanista*; sabia o que valiam as virtudes pagãs. Louva-se Catão, por se ter suicidado em Utica para não ver o triunfo de César. Santo Agostinho vê nisso mais fraqueza do que força de alma. Não está aqui o homem de honra que foge à desonra, está o homem fraco que não sabe suportar a adversidade. E, de facto, Catão recomenda a seu filho que espere tudo da benevolência de César. Se era uma desonra viver sob o governo de César, não devia ele aconselhar o suicídio ao seu filho? Desse modo poder-se-iam desmascarar as virtudes dos pagãos (*Civ. Dei*, L.I, Cap. 23).

Santo Agostinho mostra igualmente como a coragem cristã tem motivos mais nobres e mais fortes que a dos pagãos: / (143) “Os móbeis naturais da coragem são o amor da liberdade, a paixão da glória ou da vingança. Eles são grandes como este mundo e explicam os actos de coragem do paganismo. Os motivos sobrenaturais da coragem são a vontade de Deus, o amor de Deus e a esperança do céu. Eles ultrapassam os primeiros tanto quanto o céu ultrapassa a terra” (*Civ. Dei*, L.V, Cap. 13...).

Lendo *Belarmino*, eu tomava nota do seu pensamento, que é o da Igreja, sobre a legitimidade dos governos: “1º - É do direito natural que haja um poder político; 2º - O possuidor imediato desse poder é a multidão (o povo) porque o direito divino não o confiou a nenhum homem em particular; 3º - Este poder é delegado pelo povo a um indivíduo ou a vários, em virtude do mesmo direito natural; 4º - Daí vem que todas as formas de governo são de direito natural, visto que depende do povo dar-se chefes, reis, cônsules, ou outros magistrados; 5º - Havendo uma causa legítima, o povo pode mudar a forma de governo” (*De Eccl. Lib.*, *De Laicis*).

La Civiltà Cattolica lembrava os mesmos princípios no seu artigo de 2 de Abril de 1870: / (144) “A melhor e mais clara legitimação, e praticamente a única aos olhos dos católicos conservadores e honestos, é sempre aquela que a Igreja dá quando, de uma maneira ou de outra, reconhece o facto consumado. Muitas mudanças políticas, muitas revoluções se fizeram em muitos países, e quase em toda a parte chegou o dia em que os católicos julgaram ter o direito e mesmo o *dever* de não pensar mais no passado, de tomar parte na vida pública e de reconhecer o governo de facto”. *La Civiltà* acrescentava:

“Esse dia chegou para os católicos italianos? Têm eles uma indicação, mesmo que indirecta, que lhes mostre que a Igreja mestra das consciências e guia dos fiéis, tenha consentido em aprovar ou mesmo em tolerar a presente situação da Itália? Não é, pelo contrário, manifesto para todo o mundo que ela continua a protestar? É portanto sem razão que se apresenta o exemplo dos católicos de outros países, onde o tempo, o direito e o sentimento comum podem ter dado uma certa legitimidade às mudanças políticas.” / (145)

Muito curiosa, uma passagem de *Bourdaloue* sobre a acção social do clero: “Muita gente acha mal, diz ele, que os ministros estabelecidos por Deus na Igreja para serem juizes das consciências e guias da salvação das almas, tomem conhecimento de muitos assuntos relacionados com o mundo e que são assuntos do mundo. Porque, diz-se, se intrometem eles em tais problemas, e não se limitam ao que é da sua competência? Mas, eu, eu pretendo que não haja nenhum problema do mundo que não se reduza a um problema do tribunal dos ministros de Cristo, porque não há nenhum que não tenha alguma ligação com a consciência e a salvação eterna...” Depois Bourdaloue vai buscar a S. João Crisóstomo um curioso exemplo, ou melhor, uma aplicação engenhosa da história de José: “O rei-profeta diz que o Faraó deu a José um poder absoluto e uma administração geral em todo o seu império, *ut erudiret principes eius... et senes eius prudentiam doceret* (Sl. 104, 22)⁷. Que meio poderá ter sido esse? Pergunta S. João Crisóstomo. José era jovem e sem experiência de negócios; os príncipes e os ministros da corte percebiam maravilhosamente a arte de governar os povos. Que lhes faltava então? O espírito de religião, o culto de Deus, o conhecimento / (146) da salvação e o zelo para alcançá-la; sem isso toda a sua prudência soava a falso e era totalmente vã como os princípios sobre os quais eles a estabeleciam: havia somente José que era capaz de os reconduzir dos seus errados caminhos, e *queira Deus que haja em todas as cortes dos reis tais doutores, e que se os queira escutar!* ... E Bourdaloue acrescenta: “O lugar onde a salvação está mais em perigo, onde há escolhos inumeráveis para a consciência e para a eternidade é nos negócios do mundo, nos tratados, comércios, empregos e ministérios do mundo. Então, é mesmo aí que se deve recorrer à prudência da salvação” (Bourdaloue, *Sur la Prudence du Salut*, V. III).

⁷ N.T. - “para instruir os seus príncipes... e ensinar a prudência aos seus anciãos.”

Sobre a liberdade da imprensa, já citei mais acima Santo Agostinho. Encontro as mesmas reservas em José der Maistre, Mons. Pie, Gonsalvi, Lacordaire.

De Maistre é duro contra os publicistas. “Não são eles, escreve, os depositários e os guardiães das verdades conservadoras. São os prelados, os nobres, os grandes, os grandes / (147) magistrados do Estado. Nos nossos dias, já se reconhece a bancarrota da ciência que queria fazer-se reguladora da vida.”: “Quanto àquele, diz ainda De Maistre, que fala ou escreve para arrancar ao povo um dogma nacional, deve ser enforcado como ladrão doméstico. O próprio Rosseau concordou (no *contrat social*), sem pensar naquilo que ele pedia para si próprio. Porque é que se cometeu a imprudência de conceder a palavra a toda a gente? Foi o que nos perdeu. Os filósofos (ou os que assim foram chamados) têm todos um certo orgulho feroz e rebelde que não concorda com nada... Deixai-os fazer, eles atacam tudo, mesmo o próprio Deus, porque ele é mestre (*Soirées*, T. II, pág. 64).

Lacordaire, nas suas *Lettres* em 1837, era severo também para com a imprensa. “Escrever é agir, dizia ele. Escrever o erro com obstinação, é cometer um crime digno dos mais infames castigos, e cuja eficácia só faz aumentar-lhe a grandeza. Jesus Cristo mudou o mundo pelo Evangelho; quem quer que seja que não escreva no sentido do Evangelho é o inimigo de Deus e dos homens, bem mais que a criatura frágil / (148) que cede às suas paixões. A fraqueza que peca é digna de compaixão, o orgulho que ataca a verdade não inspira nenhum sentimento de doçura”.

Lacordaire tem pouco apreço pelos espíritos modernos. “Suplico-vos, diz ele, que não vos deixeis seduzir pelos escritos modernos. Quase todos estão infectados de orgulho, de sensualismo, de dúvida, de profecias cujo único valor é a audácia dos poetas que se permitem fazê-las. Estudai muito os antigos. Os próprios pagãos, como Platão, Plutarco, Cícero e muitos outros, são mil vezes preferíveis à maior parte dos nossos escritores modernos; eles eram pessoas religiosas, penetradas de respeito pela tradição... Os outros são inimigos mais ou menos declarados de Jesus Cristo, isto é, da obra sublime que espalhou pela terra o espírito de penitência e de humildade. De há três ou quatro séculos para cá, a literatura está em estado de rebelião contra a verdade. As próprias pessoas de bem, arreigadas no seu senso íntimo pelo contacto com o erro, semearam de opiniões falsas ou funestas até os melhores livros” (*Ibidem*). / (149)

Mas ninguém melhor do que o cardeal Consalvi, nas suas Memórias, fez tocar com mão os funestos efeitos da liberdade de imprensa. “Ousei dizer ao rei Luís XVIII, escreve ele, que a liberdade de imprensa, tal como foi permitida na França por decreto real, é a arma mais perigosa que algum dia foi posta nas mãos dos adversários da religião e da monarquia. A liberdade de imprensa não é um mal passageiro e limitado, será permanente e desenvolver-se-á, por assim dizer, a cada crise pública e a cada agitação social. Os perigos que ela propaga são palpáveis e incalculáveis, as suas vantagens e benefícios serão nulos ou neutralizados por influências criminosas... O Príncipe regente (mais tarde Jorge IV)⁸, que de há muito experimentou este despotismo de pensamento, exercido por desconhecidos, ou por pessoas desgraçadamente demasiado conhecidas, aproximar-se-ia muito mais depressa dos meus receios, do que das teorias liberais do Bourbon⁹. O Príncipe regente traçou-me a história e o quadro actual da imprensa no seu país. Muitíssimo bem ele deduziu as vantagens e os inconvenientes para esse reino excepcional, mas aterroriza-se / (150), em relação ao continente, com este novo perigo. E todavia, não podemos duvidar disso, é com este poder oculto, utilizado em todo o momento e que fala ao mesmo tempo às diversas paixões, que teremos de contar um dia. A Europa acaba de experimentar longos anos de discórdias e de guerras; mas no meio de todas as calamidades suportadas, nunca foi ameaçada por uma perturbação mais espantosa... Ninguém quer compreender que isso é querer inocular nas pessoas uma febre sem limites e sem descanso... A Europa entrega antecipadamente todos os povos a revoluções sem fim e a erros que produzirão crimes inevitáveis e paixões incessantemente renascentes e que nada poderá saciar. A luta entre o princípio bom e o mau, nunca será com armas iguais. O talento, o próprio génio não conseguirão triunfar nestas lutas quotidianas em que penas (de escrever) venais e cheias de fel tomarão como alvo as pessoas de bem, desvirtuarão os factos e as acções, e apresentar-se-ão cada manhã como os únicos defensores dos povos e da liberdade. Estes males que eu prevejo e que não tardarão / (151) a desabar sobre a Europa, desorganizando-a dos pés à cabeça, tornam-se uma das minhas mais constantes preocupações; porque, evidentemente, será à Sé de Pedro, como ao fundamento de toda a verdade e de toda a

⁸ Jorge IV (1762-1830), rei da Grã-Bretanha e da Irlanda, e rei do Hanover (1820-1830). Regente, depois rei (1820), abandonou os wighs e deixou o governo aos tories, dos quais parece ter partilhado as ideias estritamente conservadoras.

⁹ N.T. - O Bourbon é Luís XVIII, rei de França depois da queda de Napoleão, em 1815, que era da família dos Bourbon.

estabilidade, que os jornais, uma vez donos do terreno, dirigirão os seus golpes mais terríveis. Nós desarmamos a fortaleza e entregamos a praça ao inimigo. Um dia ele entrará com armas e bagagens” (*Mémoires*, pág. 25).

Consalvi viu claro, mas tais concessões feitas ao povo não se recuperam tão facilmente. Temos de sofrê-las, como observa Leão XIII, e de usar nós próprios as liberdades comuns. A opinião pública, todavia, chega a reconhecer que será preciso pôr algumas restrições ao apostolado do crime.

Consalvi era realmente um espírito esclarecido. Ele via bem que deviam ser introduzidas algumas reformas na administração da Igreja e dos Estados pontifícios. Havia abusos, rotinas, costumes envelhecidos que, sem apresentarem muita gravidade, prestavam-se muito / (152) à crítica. O Papa nomeara uma Congregação para as reformas. Mas, nota o mesmo Consalvi, é difícil introduzir reformas em Roma, onde há um respeito exagerado pela venerável antiguidade. Consalvi assinala privilégios injustificados e abusos a eliminar, mas a opinião geral opõe-se a qualquer ideia de reformas. Consalvi tinha razão para dizer que, para salvar a honra do clero, teria sido necessário deixar aos leigos algumas funções públicas e bem pouco clericais (*Mémoires sur son ministère*).

Montalembert exprime de passagem uns pontos de vista sobre a educação, que concordam com os de Gaume e de todos os que se levantam hoje contra o Renascimento e o humanismo. “Não saímos todos nós do liceu, diz ele, sabendo de cor todas as amantes de Júpiter, mas ignorando até mesmo o nome dos fundadores dessas ordens religiosas que civilizaram a Europa e que tantas vezes salvaram a Igreja?” (*Moines d’Occident*, introd. XIV).

Ozanam tem uma página soberba sobre / (153) o progresso cristão. “O dogma não muda, mas a fé é uma potência activa que procura a luz (*fides quaerens intellectum*). Ela conserva a verdade revelada, mas também a medita, a comenta e, do símbolo decorado por qualquer criança, extrai a *Suma* de S. Tomás de Aquino. A moral não muda, mas o amor que a põe em prática não concebe repouso. Os preceitos ficam, mas as obras multiplicam-se. Todas as inspirações da caridade cristã estão já no Sermão da montanha: todavia, foram precisos séculos para fazer sair dele os mosteiros civilizadores, as escolas, os hospitais que cobriram a Europa. Enfim, o culto não muda, pelo menos na sua base que é o sacrifício; um pouco de pão e de vinho no fundo de uma masmorra bastavam para a liturgia dos mártires. Mas uma esperança indestrutível impele o homem a

aproximar-se da beleza divina que, cá na terra, não se deixa contemplar face a face. Ele aproveita-se de tudo o que parece subir ao céu, como as flores, o fogo, o incenso; dá impulso à pedra e leva a uma altura incrível as flechas das suas catedrais. Acrescenta à oração as duas asas da poesia e do canto, que a elevam mais alto que as catedrais e as flechas e, todavia, não chega ainda senão a uma distância infinita da meta que quer alcançar...” (Ozanam, T.I. pp. 22-23).

Volto à liberdade da imprensa de que há pouco falava; *V. Hugo*, que tantas vezes mudou de ideias, tinha reconhecido também as funestas consequências das liberdades sem freios.

“Ó Deus, se vós tendes a França debaixo das asas, não consintais, Senhor estas lutas eternas; esses tronos que se levantam e que se esmigalham ao correr; essas *tristes liberdades* que são dadas e retomadas; essa torrente negra de leis, de paixões, de ideias, que espalha sobre os costumes as suas ondas libertinas, esses tribunos que opõem, quando são reunidos, um decreto de gesso aos abusos de granito; estes fluxos e refluxos de onda contra onda, essa guerra cada vez mais negra e profunda dos partidos ao poder, e do poder aos partidos; *a aversão aos grandes que rói os pequenos*; e todos esses rumores, esses choques, esses gritos sem nome, esses sistemas espantosos fabricados na sombra, que fazem com que o tumulto e o ódio e o barulho encham os discursos, e que de noite, na hora em que o sono quer momentos tranquilos, se oiça o pesado canhão rodar sobre a calçada das cidades” 1832. / (155)

Os *Cadernos* dos estados de 1789 também não tinham pedido a liberdade infinita da imprensa, mas somente esta liberdade sábia que está no meio entre a libertinagem e a escravidão, e cujo “efeito é o regresso da ordem, da decência e do respeito pelos objectos da veneração pública” (relatório do Sr. Clermont Tonnerre à Assembleia Nacional, 27 de Julho de 1789). Todavia, a 27 Agosto a Assembleia decretou a liberdade infinita da imprensa.

Balmés, na sua filosofia fundamental, dava-me sobre a origem das ideias e sobre os primeiros princípios dos conhecimentos humanos, noções muito mais claras e mais exactas do que as de Descartes.

Poujoulat mostrava-me bem quanto é custoso o progresso da verdade no mundo. “A ignorância, a má fé, os hábitos, o orgulho aliam-se para impedir a passagem à verdade; os interesses unem-se à conspiração e dão mil pretextos a uma imobilidade

calculada. A marcha do mundo é uma imensa conspiração contra a verdade; por isso os seus (da verdade) mínimos progressos, as suas mínimas conquistas, custam esforços indizíveis; ela tem de recomeçar a luta / (156)¹⁰ por cada passo que faz... os homens dedicados à sua defesa estão portanto condenados a trabalhos que nunca terão fim sobre a terra; é preciso que a sua voz grite sem cessar e que seja ouvida em cada madrugada e em cada noite...”

La Civiltà (Católica) com grande amplitude de visão não dissimula as sombras que se encontram aqui e além na história dos Papas. “Reumont, diz ela na *Histoire de Rome*, não dissimula nem esconde o que a verdadeira história acha repreensível em alguns Papas, cardeais e prelados. Seguindo nisso a liberdade de Barónio e de Pallavicini, a propósito de Alexandre VI como de Urbano VI, de Leão X como de Paulo IV, de Clemente VII como de Urbano VIII, ele narra e censura os seus defeitos, os seus excessos, as suas leviandades, as suas imprudências políticas, as suas fraquezas e os seus rigores excessivos, embora pondo sempre em relevo as virtudes e as qualidades com que eles honraram a Santa Sé” (*Civiltà*, 15-4-1871)¹¹.

Encontrei em *Mons Bougaud* umas belas páginas sobre os Santos do século XVI e XVII. “Nesse mesmo tempo aparecem / (157) S. Pio V, S. Carlos Borromeu, S. Filipe de Néri, S. Inácio, S. Francisco Xavier, S. Teresa, S. Francisco Bórgia, S. João da Cruz, S. Francisco de Sales, S. Vicente de Paulo, S. Joana-Francisca Chantal, isto é, todas as glórias e todas as grandezas da verdadeira Igreja, reunidas quase por desígnio da Providência na hora em que a Reforma exhibia os seus escândalos e multiplicava as ruínas... Todos tiveram uma influência quase universal. – Apareceram, quase contemporaneamente, três fundações: O Carmo (1604), a Visitação (1610), e as Filhas da Caridade (1634), apropriadas para as diferentes necessidades das almas e para os perigos da sociedade. À primeira, as austeridades e a oração; à segunda, menos austeridades corporais, o sacrifício interior, a doçura. A terceira é criada para os tempos em que os homens não se apaixonando senão pelas coisas da terra, estimavam os cuidados prestados ao seu corpo mil vezes mais do que os cuidados prestados à sua

¹⁰ O P. Dehon engana-se na paginação (pp. 146 a 170), que conclui o caderno VIII. Nós corrigimos esse lapso, retomando a paginação pp. 156 a 180.

alma e em que a religião, ignorada nas suas mais altas inspirações e nos seus benefícios mais preciosos, precisaria de um novo sinal para se fazer reconhecer e respeitar” (*Vie de Ste Chantal*, prefácio). / (158)

Mons. Gaune é sempre o homem de fé, o homem que se eleva acima das coisas contingentes para perscrutar os desígnios de Deus. Ele comparava a invasão italiana ao crime de Achab. “Mudai os nomes, dizia ele. Em lugar de Naboth, ponde Pio IX; em lugar da vinha, os estados pontifícios; em lugar da Achab, Vítor Manuel; em lugar de Jezabel, a Revolução; e tereis no séc. XIX a repetição literal do crime cometido há quatro mil anos. Esperai um pouco, e vereis a mão de Deus esmagar com castigos retumbantes o moderno Achab e a moderna Jezabel. Desde este momento os seus nomes, gravados no pelourinho da história, só serão pronunciados com horror pelas gerações futuras”. O castigo começou. Não reina a paz no Quirinal, não reina a prosperidade na Itália. O resto virá.

Guizot dava-me um quadro impressionante da sociedade do séc. XVIII e XIX. “Nos primeiros anos deste século, a sociedade francesa era só tumulto e confusão. Que contraste com aquela sociedade tão brilhante e tão civilizada, de que estava separada só por vinte / (159) anos!... O século XVIII, fechado na véspera, já estava longe, bem longe de nós. Um abismo imenso, a Revolução, nos separava. Todo o passado, um passado de muitos séculos, ficara engolido por ela... Emigrados, constituintes, convencionais, funcionários imperiais, sábios, homens de letras, outras tantas seitas, pensando e vivendo cada uma por si, indiferentes e inimigas umas das outras. Ao impulso comum das ideias sucedera a dispersão e o isolamento... Já começava a mostrar-se essa casta prática, ocupada, preocupada, que foi o flagelo da sociedade francesa, que expulsou dela essa graça, essa urbanidade, essa nobre e liberal afabilidade, essa tendência do pensamento para as ideias mais do que para os interesses, essa curiosidade admirável do espírito, o encanto e a honra dos salões de outrora... (Parece que *Guizot* ignora a corrupção e a impiedade que reinavam em muitos salões do séc. XVIII). Hoje, fora de alguns salões privilegiados, tudo está entregue á pura frivolidade, que exclui as ideias, ou a paixão dos negócios que as ridiculariza, ou á contradição que impede o livre / (160) desenvolvimento

¹¹ Alfred Von Reumont escreveu uma obra em três volumes: “Geschichte der Stadt Rom. A “Civiltà Cattolica” fez-lhe uma recensão no nº de 14 de Abril de 1871 (vol II, pp.157-177), recensão que foi continuada a 6 de Maio de 1871 (vol

dos espíritos. São essas as características do que ainda se chama por hábito a sociedade francesa”. (Não é um abuso este sentido da palavra *societade* no século XVIII? A sociedade, então, eram as pessoas que faziam salão. Isso lembra a velha Roma, onde só contavam os cidadãos. Este velho sentido da palavra, cairá com o avanço das classes inferiores.)

Guizot acrescenta: “Vós vedes a sociedade de hoje abandonada ao atractivo dos falsos prazeres sem alegria, visto que a todos eles falta espírito, a essa fúria de divertimento que, sob aparências de leveza, é a mais baça e a mais pesada das embriaguezes; ou então à preocupação violenta e brutal dos interesses positivos, que extingue qualquer nobre curiosidade; nas esferas mais elevadas da vida social, encontrareis a anarquia dos espíritos que nunca dividiu tão profundamente como agora, uma dupla e irreconciliável paixão, a da política e da religião...” (*Melanges biographiques et littéraires*, 1868). É preciso na verdade que seja refeita a união para restituir à sociedade a paz e a força; e a união só pode / (161) ser feita com a aceitação da nova política e com o regresso da religião antiga. Esperemos.

Eu ocupava-me muito da questão social e certamente a Providência preparava-me para o pequeno apostolado que deveria exercer neste campo. Eu copiava algumas páginas duma brochura de *M. Périn* sobre as liberdades populares. São espantosas de perspicácia, essas páginas. Descrevem antecipadamente as correntes sociais que se viriam a constituir nos anos seguintes. Mas para as colocar na linguagem que foi adoptada depois, sempre que P. Périn fala em democracia devemos ler demagogia, como os seus próprios comentários indicam; e quando ele fala de união entre Igreja e povo, devemos ler “democracia cristã”. Eis primeiro o quadro que ele faz da sociedade: “A burguesia, desde o séc. XVIII para cá, já não conserva nada das características da burguesia da Idade Média (por burguesia ele entende as classes elevadas)... Impregnada, sem que ela se dê conta disso, das ideias do radicalismo (anti-religioso), corre em direcção dos abismos que ela não presumiu. Embora endurecendo-se contra os excessos da / (162) Revolução, continua penetrada pelos seus princípios e, para a defesa da ordem social atacada pela democracia (ler: demagogia), só apresenta forças paralisadas pela doença moral de que está infectada. As duas características marcantes da democracia

II, pp, 402-411).

contemporânea, são o egoísmo desenfreado e a sede insaciável de prazeres. É desgraçadamente impossível não reconhecer na burguesia vícios totalmente semelhantes. Eles aqui oferecem-se-nos, sem dúvida, só em certa medida e com certos requintes que a rudeza democrática não comporta, mas procedem dos mesmos princípios, destruidores de toda a energia moral e de toda a paz social". A democracia encarregou-se de nos ensinar o que a lógica das paixões revolucionárias é capaz de tirar das doutrinas sobre as quais a burguesia, desgarrada pelas ilusões do poder e da riqueza, tentou fundar uma liberdade enganadora... Que acontecerá quando tiverem desaparecido dos costumes, os hábitos de moderação e de sacrifício que a velha burguesia / (163) hauria das suas convicções cristãs? Quando o trabalho, sob a influência dos instintos utilitários, não será mais do que um meio para dominar e gozar? Bem cedo o próprio povo quererá dominar e gozar: dominar pelo prazer, e gozar pela espoliação. Assim nascerão, dos próprios exemplos da burguesia, essas revoltas democráticas que rejeitam qualquer dever e qualquer respeito... A burguesia, quando se aplica a desfazer a antiga ordem do Estado, permite que em seu nome se ataquem os princípios de autoridade e de hierarquia sobre os quais se baseia toda a constituição política. Por um justíssimo regresso das coisas, a democracia aplicada a demolir a burguesia contestará a legitimidade da hierarquia do trabalho. A ideia igualitária e comunista invadirá tudo. A unidade política já não será então o livre movimento e o igual direito de todas as forças distintas, na harmonia do interesse geral; mas será uma unidade rancorosa e quimérica, sob o nível da qual qualquer força colectiva, qualquer iniciativa local ficarão apagadas. A própria liberdade sucumbirá sob o despotismo desta igualdade sem justiça e sem razão. / (164) Pretendendo libertar tudo, a democracia não terá dado ao mundo senão uma nova forma de escravidão. Desiludida nas suas extensas esperanças, a burguesia poderá convencer-se de que, deixando enfraquecer os princípios eternos da ordem moral, entregou sem defesa as suas mais legítimas liberdades ao furor das cobiças demagógicas...". É mesmo esta, a génese do socialismo actual.

Eis agora o remédio: está na união da Igreja com o povo. "A infalibilidade do poder estabelecido por Deus, para promulgar e interpretar a sua lei, dá as garantias essenciais de toda a liberdade social, enquanto que a infalibilidade dos poderes humanos expõe a todas as escravidões... Tudo o que enfraquece a concórdia entre a Igreja e o Estado torna mais difícil de efectivar a garantia das liberdades populares. Se os dois poderes se separam, das duas uma: ou será necessário renunciar a reprimir seja o que for, por causa

da incompetência dos poderes civis em matéria de moral, e isso será a libertinagem, ou será preciso reprimir em nome da maioria e da sua única autoridade, e isso será a arbitrariedade... Se as sociedades / (165) modernas não se quiserem resolver a fazer o sacrifício dessa pretensão da razão humana á soberania, que foi a base da Revolução, e se recusarem a se inclinar diante da autoridade de Deus, curvar-se-ão diante do poder do homem. Deus está presente no mundo; desde há 18 séculos Ele está, de certo modo, visível na Igreja católica e no Pontífice que a governa. As liberdades populares são obras da Igreja e mais particularmente do Papado que tem sido sempre o recurso dos povos contra a opressão dos poderosos. Todos os que sabem a história verdadeira, a história dos factos, reconhecem que a abolição da escravatura e a emancipação gradual dos trabalhadores, são devidas principalmente à influência das doutrinas e das obras católicas... O que o espírito de justiça e de liberdade da Igreja católica soube fazer na Idade Média, bem o saberá fazer ainda hoje, na situação nova que a emancipação completa de todas as forças populares nos criou. Os maiores perigos desta emancipação são individualismo e estabilidade. Só a Igreja, com a inabalável estabilidade dos seus dogmas e o infatigável ardor / (166) da sua caridade, pode restituir-nos a aptidão à *associação* e o gosto das coisas duradouras. O bom senso do povo reconhecerá na Igreja católica a potência que mais se ocupou, em todos os tempos, dos seus interesses e que melhor os compreende. A restauração social realizar-se-á facilmente quando os mal-entendidos entre o povo e a Igreja forem dissipados; e eles sê-lo-ão prontamente, quando for permitido à Igreja de se mostrar ao povo tal como ela é, vivendo da sua vida própria e assegurada da sua liberdade por poderes que compreendem os seus deveres para com ela. É esta a missão da democracia cristã.

O problema do *socialismo* preocupava-me já em 1870. Eu via uma das suas causas na supressão dos bens comunais e das “Comunidades rurais”. Troplong¹² no seu livro sobre a influência do cristianismo na legislação, nota que as comunidades rurais laicas cobriram a Europa na Idade Média. Pode-se ler sobre o assunto: Walter Scott, *Le Monastère*; Bonnemène, *Histoire des associations rurales*; Dupin Sénior, *La communauté*

¹² Raymond Theodor Troplong, jurista e homem político francês (1795-1869). Publicou uma serie de tratados sob o título geral de “Direito civil explicado” (27 vol., 1833-58)

*des fonds en Nivernais*¹³. Os socialistas / (167) das três escolas, Owen, Saint-Simon, Fourier, não teriam ido mais além do que a reconstituição dessas *comunidades livres*; mas Lamennais arrastou-as para a corrente revolucionária. Quanto a Proudhon, o seu erro é o individualismo exagerado.

Já então eu notava a diminuição da natalidade em França e o aumento dos nascimentos ilegítimos.

A situação da nossa pobre França atraía de modo especial a minha atenção, e eu procurava na leitura dos escritos dos nossos principais Bispos e no jornal *l'Univers* o segredo da Providência.

L'Univers de 10 de Novembro e uma carta pastoral do arcebispo de Cambrai, de 27 de Novembro, lembravam as culpas da França; “Como indivíduos e como nação, nós transgredimos os mandamentos de Deus. A lei é ateia... a blasfémia erudita tornou-se a linguagem da sociedade que se diz educada, como a blasfémia brutal é a do povo ordinário. O trabalho do domingo, forçado ou voluntário, entrou no uso comum. Os pais e as mães / (168) são respeitados? Os filhos educados? O que aconteceu com as relações entre os patrões e subordinados? Cada um por si, o superior para se fazer servir, o inferior para a revolta e a anarquia. A nossa sociedade moderna gaba-se de detestar o homicídio. Ela organiza-o em massa pelo trabalho insalubre e excessivo, pelo celibato da libertinagem e sobretudo pela diminuição do número de filhos. O suicídio, outrora desconhecido e olhado com horror, compensa e ultrapassa o que o carrasco não faz. Entretanto o assassínio das almas, o seu desalento, confiado à imprensa e ao ensino público, progridem com um sucesso que os acontecimentos de cada dia testemunham ... O vício já não tem vergonha. O dos ricos, elegante, refinado, luxuoso, levanta a cabeça ousadamente... E a devassidão do povinho, cuidada, tratada, administrada, organizada, favorecida, conta de tal modo entre os objectos de consumo corrente e normal, que se viram cidades, desejosas de obter uma guarnição de soldados, obrigadas a terem antecipadamente um fornecimento dessa mercadoria... Vimos entre nós o bem alheio / (169) entregue à mercê dos ataques repentinos e dos jogos de bolsa, à mercê de vigarices incríveis mal disfarçadas sob a forma de jogo que, debilmente proibido até hoje,

¹³ André-Marie Dupin, magistrado e homem político francês (Varzy, Nivernais, 1783-Paris 1865). Ocupou-se muito da agricultura e publicou numerosos escritos.

é agora autorizado e admitido à cotação oficial...As fortunas escandalosas, as impunidades mais escandalosas ainda, os exemplos vindos do alto, o luxo, os prazeres e mesmo a admiração que se colaram a essas riquezas mal adquiridas, tudo isso não é próprio para excitar as cobiças mais desonestas?... Acrescentemos a isso o abandono de Roma, que uma protecção hipócrita acarinhou durante vinte anos; a estátua de Voltaire, as orgias revolucionárias de Lião, de Marselha e doutros lugares; a orgia governamental e militar de um Garibaldi que é recebido como um salvador...”

Monsenhor Pie assinalava a falta cometida pela Europa ao favorecer o desenvolvimento da Prússia. “Em 1701, o marquês de Brandeburgo tomou o nome de rei. Clemente XI, no consistório de 17 de Abril, protestou contra esta investidura profana, contra o desprezo da autoridade da Igreja, a violação sacrílega do direito dos cavaleiros da ordem teutónica e a violação dos cânones em força dos quais um príncipe herético deveria / (170) decair da sua dignidade e não receber uma nova. Denunciou a todos os príncipes católicos este atentado irreligioso, exortando-os a não ratificar esse título e a não permitir essa usurpação. Escreveu nesse sentido ao imperador, ao rei cristianíssimo, ao rei da Polónia, à República de Veneza, ao Duque de Baviera, aos outros eleitores e ao Senado dos oitos cantões católicos da Suíça. As chancelarias alegaram o pretexto da razão do Estado. Clemente XI renova as suas posições e as suas reservas depois do congresso de Bade (21 de Janeiro de 1715), onde a Prússia fora honrada com o título real e recebera acréscimos perigosos para as populações católicas...”

As nossas culpas e as da Europa católica são demasiado claras. Mas após a expiação, Deus pode restituir-nos os seus favores.

NOTAS PESSOAIS

Durante esse Inverno tão conturbado, não continuei a notar as minhas impressões quotidianas como fazia em Roma. Somente algumas notas me serviam para acentuar os meus bons desejos e para apontar as resoluções que o Senhor me inspirava. / (171) É de todo o proveito reproduzi-las agora.

Sobre a *doçura*: “*Beati mites, non qui tales sunt ex natura phlegmatica, lenta, feminea et lânguida; sed qui mites spiritu, id est ex virtute spirituali mansuetudinis aspiratae a Spiritu Sancto ac tendenti ad spiritualia bona...*”

Mesmo assunto: “Apanham-se mais moscas com uma gota de mel do que um barril de vinagre” (S. Francisco de Sales). “As verdades mais duras podem e devem ser ensinadas com doçura, se não afastam os espíritos em vez de aproximá-los. As repreensões não conquistam ninguém. O Senhor quis captar os homens com o seu amor. Diz S. Paulo: “vós morrestes, ó meu Salvador, para reinar sobre os vivos e os mortos, não pelos castigos, mas pelo amor (Gál. VI, 1-5; S. João de Àvila)¹⁴

Sobre a Pureza: *“Puritatis cordis perfectae indicium dat Cassianus somnia... Scalam vero in qua per gradus ad hanc puritatem sensim ascenditur, ita describunt Cassianus et Sulpitius: Pricipium nostrae salutis Timor Domini est. De timore Domini nascitur compunctio salutaris; de compunctione cordis procedit contemptus / (172) omnium facultatum ac nuditas; de nuditate humilitas procedit; de humilitate generatur mortificatio voluntatum; mortificatione voluntatum extirpatur omnia vitia; expulsione vitiorum virtutes fructificant et succrescunt; pullulatione virtutum puritas cordis acquiritur; puritate cordis apostolicae caritatis perfectio possidetur”* (Cassiano dá o indício da perfeita pureza de coração... (...). Cassiano e Sulpício assim descrevem a escala pela qual, por degraus, se sobe sensivelmente a essa pureza: Princípio da nossa salvação é o temor de Deus; do temor de Deus nasce o arrependimento salutar; do arrependimento do coração procede o despojo de todas as riquezas e o desapego completo (*nuditas* = nudez); do desapego completo procede a humildade, da humildade gera-se a mortificação dos desejos; com a mortificação dos desejos ficam extirpados os vícios; com a expulsão dos vícios frutificam e crescem todas as virtudes; com o crescimento das virtudes adquire-se a pureza do coração; com a pureza do coração possuímos a perfeição da caridade apostólica).

Eu seguia as *Meditations de Bossuet*. Encontrei nelas estes fortes pensamentos sobre a humildade. “No estado de cegueira e de fraqueza em que nos encontramos, as nossas vantagens e talentos naturais só servem para nos perder. Glória, fortuna, fama, saúde, beleza, espírito, saber, destreza, habilidade, tudo nos perde; o próprio gosto da nossa virtude, faz-nos perder mais do que tudo o resto (*Médit.* Xº dia).

Deus ama-nos, não é o motivo mais próprio para nos inspirar o amor de Deus? Por isso eu assinalava em toda a Escritura e nos autores cristãos as manifestações do amor divino:

¹⁴ O texto é de S. João de Àvila. Cf. Excerpta (extractos de leituras), pp.51

- Isaías 52, 5: *“Et nunc quid mihi est hic quoniam ablati sunt populus meus gratis.”* (E agora que faço eu aqui, diz o Senhor, já que o meu povo foi levado gratuitamente).

- Provérbios, 8, 31: / (173) *“Deliciae meae esse cum filiis hominum”* (Brincando sobre o globo de sua terra, achando as minhas delícias junto aos filhos dos homens).

- Jeremias, 31, 3: *“In perpetua caritate dilexi te, ideo attraxi te miserans”* (Amo-Te com eterno amor, e por isto a ti estendi o meu favor).

- Oseias, 11, 4: *“In funiculis Adam traham eos, in vinculis caritatis”* (Segurava-os com laços humanos, com laços de amor).

- S. João, 3, 16 *“Sic Deus dilexit mundum, ut filium suum unigenitum daret”* (Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único).

- S. Tomás, Opúsculo 63, c. 7: *“quasi homo Dei Deus esset et sine ipso beatus esse non posset”* (Como se o homem fosse o Deus de Deus e sem ele não pudesse ser feliz).

À vista de tanto amor, nós devemos *viver em Jesus Cristo*: “É em Jesus Cristo que nós devemos louvar a Deus, porque Ele é o nosso *mediador*, isto é, o nosso instrumento único. É com Ele, e oferecendo os seus louvores infinitos que nós louvaremos a Deus dignamente. Do mesmo modo, é no seu coração que nós devemos amar o próximo, com Ele e como Ele, com um amor, santo, puro e devoto. - *Mihi vivere Christus est* (Ad Filp. 1, 21) - *Jam non ego vivo sed vivet in me Christus.* (Ad Gal. 2, 20) - *Quomodo cupiam vos in visceribus Jesu Christi.* (Ad Filp. I, 8).

Para isso, devemos guardar cada dia o espírito e as disposições da oração da manhã. “A importância de conservar todos os dias o espírito da oração da manhã, tem por correlativa a necessidade para o / (174) padre de conservar nas suas relações com o mundo o espírito da pregação. Quantas pessoas não avançam na devoção, porque elas são durante o dia completamente diferentes do que são na oração. Os escritos do Ven. Pe. Libermann desenvolveram admiravelmente este pensamento. Mas também, quantos sermões sem fruto porque o padre não conserva no mundo o espírito dos seus sermões, naturalmente tanto quanto o comportam as relações do mundo”.

Eram estes os meus piedosos propósitos, mas há sempre demasiada distância entre o propósito e a realidade.

OUTRAS OCUPAÇÕES

Eu começara já em Agosto a dar explicações de Latim a vários rapazes que estavam no Seminário Menor ou que desejavam entrar nele. Continuei até Março. Tinha quatro alunos que vinham todos os dias à minha casa. Dois chegaram ao sacerdócio. Eu tive sempre este zelo de multiplicar as vocações, mas nisso, como em todo o resto, o zelo esteve sempre misturado com muitas imperfeições.

Também pregava muito, ora em La Capelle, ora em Sommeron, onde ia todos os Domingos celebrar uma missa. Muitos desses sermões não foram escritos, ou foram escritos só em resumo sobre folhas soltas. Restam-me alguns, com estes títulos: “Oração pela pátria e pela Igreja, 14-8-1870; A França cristã, receios e esperanças, 15-8; O Papa e Roma, 2-10; O amor dos sofrimentos, 9-10.

Eu dizia neles o que sem dúvida diziam todos os pregadores da França. Pedia orações pela França. Fazia alusão às suas faltas, que tinham preparado as suas derrotas. Todavia alimentava a confiança lembrando as *Gesta Dei per Francos*, as obras meritórias da França no passado e a origem sacrílega da Prússia.

Estes pequenos sermões não são nenhuma maravilha. O estilo é muito simples; falta-lhes retórica. Mas eu tinha-os meditado; pronunciava-os com fé e eles certamente faziam grande impressão.

Empenhando toda a minha gente a rezar, eu colocava-os bem na presença de Deus e dos nossos Santos padroeiros, como faço / (176) eu mesmo quando rezo. “Estamos aqui reunidos para rezar, dizia-lhes. Que bonito espectáculo, uma assembleia de cristãos reunidos para a oração! Deus está aqui presente na Sua imensidade e na sua misericordiosa Providência. O Senhor, o divino Crucificado, é-nos presente na sua Eucaristia e daqui a pouco Ele descerá sobre o altar para nos dizer o seu amor. Para receber as nossas orações e para nos abrir os tesouros do Seu Pai. Todo o céu olha para nós. Todos os Santos invocados no Santo Sacrifício lançam sobre nós um olhar de amor e para Deus um olhar de súplica. Os nossos bons anjos sentem-se felizes. Entremos neste coro de santidade, de pureza e de amor. Rezemos, rezemos pela França, e também por nós mesmos...”.

Depois eu dizia os motivos de esperança: “Rezemos pela França. É a filha primogénita da Igreja, é a nação privilegiada de Deus. A França tem certamente muitos crimes a expiar, e se Deus quisesse castigá-la, deveríamos resignar-nos. Mas é-nos

sempre permitido confiar na Sua misericórdia. Podemos fundar a nossa confiança / (177) sobre a justiça da nossa causa, sobre o empenho religioso da França neste momento e sobre a oração”. E desenvolvia estas ideias e lembrava as origens da Prússia, a apostasia dos seus fundadores, a sua propaganda protestante. Lembrava também o que fizemos pela Igreja, protegendo-a em Roma e nas missões. Mas era demasiado indulgente para conosco. Não apontava a corrupção da nossa sociedade francesa, a propaganda deletéria da sua literatura e as suas traições secretas para com o Papa. Não pregava suficientemente a penitência, mas, para dizer a verdade, a minha assistência não era capaz de me seguir muito longe nesse caminho. Tentava todavia levá-la a isso. “Devemos voltar para Deus, dizia-lhes eu, Deus está olhando para a França neste momento: será ela digna da Sua misericórdia?... Não sabeis vós que Deus poupa somente as sociedades em que reina a justiça? Não tendes diante dos olhos o exemplo de Sodoma e Gomorra, cujas ruínas são ainda visíveis debaixo do betume e do asfalto que as incendiaram?... O número de justos que a França pode oferecer a Deus, será suficiente? A vossa conversão não O aplacará? Meditai nestas verdades!”... / (178).

MARÇO 1871: PARTIDA PARA ROMA

A Paz estava assinada e ratificada pela Assembleia de Bordéus; parti a toda a pressa para fazer um ano de estudos em Roma.

A linha de Lião não estava aberta; fui directamente a Nîmes, por Nevers e Clermont Ferrand. Parei algumas horas em Nevers e em Brioude para ver e comparar as suas belas igrejas do séc. XII, em estilo românico da Auvergne: Santo Estêvão em Nevers, S. Julião em Brioude. Este estilo era bem nosso, tinha quase toda a ousadia, a elevação e a imponente grandeza do estilo gótico, mas a ogiva, trazida, ao que parece, do Oriente pelos cruzados, ia dar ao estilo românico, o que / (1) lhe faltava de graça e de leveza.

Nevers tem muitos lugares de peregrinação. A sua catedral possui o corpo de São Ciro, e a Visitação possui o coração de Santa Joana Francisca de Chantal.

Gosto também do seu palácio ducal do séc. XV. Tem uma fachada sem relevos, com duas torres aos ângulos e uma meia torre com vão da escadaria elegantemente esculpida no centro. Dir-se-ia um gótico inglês.

Fiquei um dia em Nîmes, onde queria ver o P. d'Alzon e o meu amigo, P. Désaire.

Nîmes oferece um grandíssimo interesse, tanto pelas suas ruínas romanas, como pelos seus monumentos cristãos. A sua catedral que tem um curioso friso do séc. X, é dedicada a S. Castor, discípulo do grande S. Cassiano. Nîmes tem três notáveis igrejas modernas: Santa Perpétua, Santa Baudilla e São Paulo. As primeiras duas são de estilo ogival, a terceira de estilo românico. São Paulo tem pinturas de Hippolyte e de Paulo Flandrin.

Os monumentos romanos superam ainda, em interesse, os monumentos cristãos, a casa Quadrada, especialmente. / (2) A harmonia das suas proporções é admirável. Mas, como sempre na arte pagã, é o belo pelo belo. Fala aos sentidos e não à alma e não se tira dessa visão nenhum sentimento elevado.

A ASSUNÇÃO DE NÎMES

A minha estadia na Assunção tinha para mim uma grande importância. Queria ver que obra era essa. Até tinha veleidades de entrar nela. Desde há dois anos travava-se uma discussão profunda no meu espírito. Por um lado, eu queria ser religioso; por outro lado, pensava que tinha chegado o tempo para a Igreja de se consagrar com novo impulso aos estudos superiores, para retomar o seu senhorio sobre as inteligências. Eu juntava esses dois pensamentos e parecia-me que a minha vocação poderia ser a de entrar numa comunidade religiosa votada ao estudo e ao ensino. Conversara muitas vezes sobre isto com o P. d'Alzon. Ele parecia partilhar plenamente das minhas ideias. Ele publicava a *Révue de l'enseignement chrétien*, queria consagrar a sua congregação ao estudo e ao ensino superior. Eu inclinava-me a ficar com ele. / (3) Já havia um começo de execução dos nossos projectos. O meu amigo, Rev. Désaire, que tinha estas mesmas ideias, tinha entrado na Assunção: Ensinava filosofia em Nîmes, enquanto fazia o noviciado. E o P. d'Alzon, já há um ano tinha enviado um dos seus estudantes a Roma, o P. Alexis Dumager, para entrar nos nossos planos.

O P. d'Alzon e o Rev. Désaire tinham-me escrito frequentemente, depois do concílio. Estava em jogo a minha vocação. Esta correspondência tinha grande importância para mim; vou analisá-la aqui.

- A 29 de Julho, o Rev. Désaire estava em Nîmes por alguns dias. Escrevia-me: "Podemos nós contar com esta comunidade para a realização dos nossos projectos? É

duvidoso... Os poucos religiosos que aqui se encontram, estão absorvidos pelos detalhes das suas obras. Eles estão pouco ou nada ao corrente dos projectos do P. d'Alzon. Os que eu vi são unânimes em dizer que será muito difícil desguarnecer o colégio para enviar alunos a Roma e para formar aqui alunos sérios. Vejo com pena que, dos 5 ou 6 que fariam a filosofia no ano próximo, cada um deveria / (4) ter uma assistência pesada, e que por conseguinte, os estudos continuarão a ser tão incompletos, quanto possível... Nîmes parece uma cidade bem morta intelectualmente, para que se possa criar nela um centro de estudos. Montpellier e Toulouse, onde a juventude será sempre mais numerosa, talvez assegurariam melhor o sucesso. Entretanto, Mons. Plantier não recua diante da ideia de uma universidade...”

A 7 de Outubro de 1870, escrevia-me de Albertville: “Acabo de receber agora mesmo mais uma carta do P. d'Alzon, anunciando-me que no dia 3 deste mês, os colegiais tinham regressado e que, apesar de tudo, era necessário começar as aulas. Esta firmeza, esta perseverança, esta coragem deram-me verdadeiro prazer e dissiparam completamente as pequenas nuvens de tristeza causadas pelas cartas anteriores em que o P. d'Alzon me falava das suas dificuldades financeiras. Confesso-vos que não acreditava na possibilidade de ir começar neste ano lectivo; mas obedeço com tanto mais gosto à chamada do nosso digno Padre, porque qualquer atraso seria uma falta de confiança para com Deus, / (5) e para os homens seria uma prova de pusilanimidade da nossa parte...”

A 31 de Outubro de 1870, ele dizia-me: “Não quis escrever-vos antes de chegar a Nîmes, pensando ser mais interessante para vós falar-vos da casa e responder mais categoricamente às vossas perguntas. Estou aqui desde 25. Eis-me no lugar que eu queria, que vós queríeis e que Deus também, estou convencido disso, quis para mim. O nosso bom P. d'Alzon voltou de Vigan só esta manhã. Acabo de ter com ele uma longa conversa e saio de lá plenamente satisfeito ao ver como a nossa obra se tornou sua, e como ele quer trabalhar eficazmente na sua realização. Actualmente encontram-se na Assunção 12 ou 14 religiosos, que vão começar a filosofia. Este número ultrapassou muito as minhas esperanças. Serão divididos em duas categorias, uns seguindo um curso mais completo e outros, um mais elementar. Deixam-me toda a liberdade quanto ao autor; eu penso fixar-me em San Severino, o que não desagrade ao P. d'Alzon. Como vedes, este primeiro caminho da obra é incontestavelmente feliz, / (6) e da minha parte agradecerei amanhã a todos os Santos por este humilde, obscuro, mas verdadeiro

começo. Entre os nossos jovens irmãos há cabeças bem organizadas, mas sobretudo, há em todos uma boa vontade, um espírito de fé e de sólida devoção que me fazem conceber as mais fundadas esperanças. A obra é simpática para todos. Eu admirava-me de a ver tão pouco conhecida em Agosto; agora, todos a amam e compreendem. Mais do que nunca, ficai então convencido de que ela é só uma questão de tempo e que ela poderá progredir, se cada um quiser concorrer generosamente com a sua iniciativa privada ao esforço do P. d'Alzon. O Vigan não ficou esvaziado para me dar alunos; ficam ainda uns 11 ou 12 noviços e, tendo agora começado os estudos, mais gente há-de vir: é o que acaba de me dizer um padre muito inteligente, muito calmo e ajuizado. Resta então agora para vós uma decisão a tomar...”

A 10 de Dezembro, escreve-me: “Nós continuamos calma e humildemente a nossa obra: duas vezes por dia dou / (7) aulas de filosofia a estes caros jovens, que mostram sempre o mais vivo gosto por este género de estudos. Tenho a doce convicção de que este entusiasmo não abrandará... Por isso, só tenho que vos confirmar de novo as esperanças que tinha formulado à chegada: o nosso fim poderá ser alcançado; com o P. d'Alzon temos verdadeiros elementos de sucesso...”

A 15 de Janeiro, ele continua igualmente confiante: “Tudo caminha da maneira que vos descrevi, quer dizer duma maneira bastante aceitável: por isso continuo sempre satisfeitíssimo e igualmente convencido que, ao voltar a paz, os nossos projectos poderão ser realizados a sério, em cheio e em conformidade com todas as previsões... Parece que vós estais sempre a querer atrasar a vossa chegada ao nosso meio. Afligiui-me o motivo que vós indicastes na carta ao P. d'Alzon e na que me enviastes. Parece-me ver nisso uma escapatória, mais do que um motivo sério e determinante. Vós quereis o consentimento do P. Freyd, nada de mais razoável e de mais cristão: mas, confessai-o, poderá o P. Freyd / (8) recusar-vos a sua aprovação se lhe expuserdes a persistência do vosso desejo e do vosso objectivo?...”

A 21 de Fevereiro: “A vossa carta levou 12 longos dias para chegar. Eis-vos então finalmente decidido a vir ver como estão as coisas aqui!...”

Durante o mesmo período, o P. d'Alzon também me tinha escrito várias vezes.

A 7 de Agosto: “Acabo de fazer o meu trabalho como mestre de noviços. Espero poder dar ao Pe. Désaire 7 ou 8 alunos no próximo ano, sem falar de três ou quatro que conto enviar para Roma. Espero-vos portanto no mês de Outubro quando voltardes do

Concílio... Deixai-me manifestar-vos o meu escrúpulo por vos amar já demasiadamente...”

A 13 de Agosto: "Já vos disse que Monsenhor, o bispo de Nîmes, acaba de me autorizar a preparar uma casa de estudos superiores na sua diocese? Nós decidimos no Capítulo a casa de Roma com entusiasmo e com todos os sacrifícios possíveis para isso. Enviaremos 4 alunos para lá este ano, se o dinheiro não faltar: se soubésseis em que situação estamos! Mas isso não durará / (9) para sempre. Foi decidido um segundo noviciado em Paris, que sem a guerra estaria a ser construído há um mês, a fim de poder mais facilmente recrutar jovens instruídos... Um excelente camponês que já predisse tudo o que está a acontecer, anuncia a fuga do Papa, a queda do imperador, a república e uma grande vitória dos Franceses... Adeus, escrevei-me muitas vezes."

A 11 de Setembro: "Ai! Ai! dois dos nossos religiosos que assistiram aos dias de Sédan estão de volta. Que debandada vergonhosa e como somos castigados pela mão de Deus! E como o merecemos! Mais do que nunca estou convencido de que o problema dos estudos é o grande problema. Será possível ir para Roma no próximo ano? Duvido. Quanto a mim, falta-me o dinheiro, mas essa não é razão para adiar. Espero que o Rev. Désaire terá aqui 10 ou 12 alunos; é sempre um núcleo inicial. Já vos escrevi que o nosso bispo está plenamente disposto a favorecer os nossos planos?... Nunca me volto a ler, mas desejo que saibais ver sob os meus gatafunhos / (10) toda a minha terna e confiante afeição por vós em Nosso Senhor..."

A 29 de Setembro: "Vinde então cá por volta do dia 15, e fareis um retiro com o Rev. Désaire..."

A 10 de Outubro: "Porque não vindes? Crede-me, vinde, o momento é favorável. *Sunt quaedam inchoationes fidei quae similes sunt conceptionibus*¹⁵. Santo Agostinho acrescenta que a concepção não é o nascimento, mas que o nascimento é sempre precedido pela concepção. Vinde, nós conceberemos, teremos umas *inchoationes fidei*, as quais precedem a *inchoationem gloriae* de S. Tomás. Depois nós concebermos e a nossa obra dará frutos *in tempore opportuno*."

¹⁵ N.T. - "Há certos começos de fé que são parecidos com a concepção de um bebé."

A 19 de Dezembro: “Que vou dizer-vos deste Sul (de França)? O povo é bom, a burguesia é deplorável; por isso é sobre o povo que eu procuro apoiar-me e espero chegar à conclusão. A república nasceu morta por culpa dos republicanos que fizeram tudo o que podiam para assassiná-la. E apesar disso, quando vejo a vida séria refugiada nas almas do povo, digo a mim próprio que é ao povo que ela pertence. / (11) Também me ocupo activamente em formar uma associação para a defesa da Igreja, cujos estatutos serão uma combinação de esforços para obter a independência da Santa Sé, o direito da Igreja de possuir, a liberdade de ensino, a liberdade de associação. Devemos absolutamente chegar a uma ordem nova e retomar a sociedade aos poucos para reconstitui-la cristãmente, no seu conjunto...”

O Rev. Désaire parece muito satisfeito com os seus alunos. Creio que ele coloca bons fundamentos e que encontrará entre a sua assistência futuros auxiliares para a sua obra...

Não sei dizer quanto vos estou ternamente afeiçoado, em Nosso Senhor...”

Todos esses apelos insistentes não mudavam nada da minha decisão. Eu queria primeiro acabar os estudos em Roma. Mas eu estava contente em ver, na minha passagem em que ponto estavam as coisas na casa da Assunção. A impressão com que fiquei foi bastante favorável. O Rev. Désaire disse-me que os seus estudantes tinham boa vontade. O P. d’Alzon parecia compreender e apreciar os nossos projectos, mas no fundo ele continuava a ser homem de acção, ousarei mesmo dizer / (12) homem de agitação, no sentido mais favorável da palavra, mais do que homem de estudo.

Parti para Roma, mantendo as minhas hesitações. Eu notara também as dificuldades financeiras actuais na Assunção. O P. d’Alzon não mas escondia. E estava preocupado.

DE NÎMES A ROMA

De passagem fiz a minha peregrinação a St^a. Marta em Tarascona. A querida santa é muito venerada na sua grande igreja baixa do séc. XIV. Esta igreja é quase um museu da escola francesa, tem numerosos quadros de Vien, de Parrocel e de Vanloo. Vien pintou toda a vida da Santa. O castelo de Tarascona, do séc. XIV, tem algo da gravidade imponente, mas um pouco pesada, do de Avinhão.

De Marselha a Génova, sigo a bela estrada de la Corniche. Já não se vêem as neves que predominaram no Norte durante todo este inverno; eis o céu azul e essa vegetação meridional que não conhece inverno que não conhece inverno: as murtas, as mimosas, os loureiros e tomilhos em flor, as coníferas de toda a espécie, / (13) os fusanos, os aloés, os louros, as yukas, os bambus, as nespereiras do Japão e, aqui e ali, rosas e gerânios floridos que alegam essa vegetação um pouco sombria.

Passei algumas horas em Génova, a rainha da Ligúria. Gosto dessa grande cidade, da sua paisagem acidentada, do seu belo porto, das suas grandes recordações, ricas igrejas, palácios luxuosos, instituições de caridade, o seu cemitério, o mais sumptuoso dos tempos modernos.¹⁶

Durante séculos ela tem sido a Cartago moderna. Cobria o Mediterrâneo com os seus navios. Ia combater os Sarracenos na Córsega e na Sardenha, na Espanha e nas costas de África. Ela trazia do Oriente o cálice da Última Ceia (o Santo Graal), o corpo de S. João Baptista, a bandeja que carregou a sua cabeça (o Pisco), o retrato de Nosso Senhor pintado por Ananias e enviado pelo próprio Nosso Senhor ao rei da Edessa.

No séc. XVII as suas nobres famílias enriquecidas metem-se pelos caminhos tortos da Renascença e honram mais nos seus salões, Júpiter, Vénus e Cupido, do que o Salvador e Sua Mãe. / (14)

A Génova moderna é ainda um grande porto comercial muito a par dos progressos contemporâneos, graças à generosidade do duque de Galliera, que lhe legou vinte milhões em 1876.

Descrevê-la-ei em pormenor noutra parte. Agora tenho pressa de chegar a Roma.

ROMA: ESTUDOS - RETIRO

Estava em Roma a 18 de Março (1871). Encontrei a cidade bastante calma, mas ainda toda suja devido aos sinais da grande inundação de Novembro, como também pela invasão piemontesa.

¹⁶ Nt A “cidade dos mortos” é o famoso cemitério de Staglieno que de facto é uma maravilha mundialmente conhecida. (N. T.)

Retomei a minha correspondência com os meus pais; encontro nela as impressões desse tempo. Escrevera-lhes de Nîmes a 11 e a 15 de Março. Descrevia-lhes a recepção amável recebida na Assunção, a minha visita a Mons. Plantier e os projectos de estudos que me atraíam para Nîmes. Eles conheciam as minhas disposições.

No dia 19 escrevia-lhes de Roma: “Cheguei ontem sem cansaço e feliz por estar de novo aqui. Deixei Nîmes no dia 15. No dia 16 celebrei em Nossa Senhora da Guarda¹⁷, e vim de lá pela estrada de la Corniche, por Nice, Génova, Bolonha e Florença. / (15) Não tivemos o mínimo aborrecimento, nem encontrámos a mínima agitação política; Roma está triste, como bem podeis pensar. Os Romanos consideram os Piemonteses como nós consideramos os Alemães na França. A ordem reina razoavelmente para vivermos aqui sem medo. Encontrei aqui cinco alunos que seguem os cursos desde o início do ano lectivo. Agora somos sete e esperamos mais alguns. Já fiz a minha primeira visita a S. Pedro e a Santa Maria Maior. Frequentarei as aulas de amanhã em diante. Espera-se que o Pe. Freyd volte em breve... O Papa mandou dar aos estenógrafos uma grande medalha comemorativa do Concílio...”

A 22 de Março eu escrevia “Estou contente por me encontrar em Roma e por recomeçar o trabalho. Esta manhã tive a felicidade de uma audiência com o Papa... Viver em Roma oferece a mesma segurança do que dantes. Padres e religiosos passeiam por toda a parte sem o mínimo inconveniente. Os italianos ainda não tiveram tempo de destruir muito. Todavia já se apossaram de 8 conventos e dos mais belos, como a Minerva, / (16) St^o. Agostinho, o Oratório, etc. As aulas de teologia e de direito canónico seguem como no passado e espera-se que não serão perturbados por causa dos nossos alunos estrangeiros que as frequentam. Fiz a minha inscrição nos cursos sem dificuldade e, se eu ficar até Julho, estes meses contarão como um ano completo. Começo a preparação do meu doutoramento...”

A 28 de Março: “Enquanto a França é agitada pela Revolução¹⁸, nós aqui estamos na máxima calma. Seguimos regularmente as aulas e fazemos o nosso passeio diário. O meu trabalho está em bom caminho e eu felicito-me por ter voltado a Roma. As notícias da França são aqui o assunto de todas as conversas. A França experimenta os frutos dos

¹⁷ NT Nossa Senhora da Guarda é o santuário de Marselha.

princípios revolucionários que vai pregando desde há três quartos de século. Se não voltar completamente aos princípios cristãos, poderá encontrar uma breve trégua, mas não uma paz estável. O primeiro remédio que nós podemos fornecer é de sermos nós mesmos bons cristãos. Espero sinceramente que o meu pai e o meu irmão / (17) dêem bom exemplo em La Capelle, pela Páscoa. Essa pobre terra, com a sua irreligião, causou-me uma tristeza que deveis ter notado e que durou todas as minhas férias. A estadia em Roma, apesar do seu estado actual, é-me cem vezes menos triste, porque Deus aqui não é esquecido e quase toda a gente O serve. Espero que Deus não dará aos Piemonteses o tempo de estragaram a cidade com os seus maus jornais, os seus livros ímpios e obscenos, as mulheres de má vida que eles trouxeram e com a expulsão dos religiosos. Eles passarão como a inundaçãõ e varrer-se-á a lama que eles deixarem ... Aqui ainda somos só oito alunos franceses; a maior parte dos outros colégios estrangeiros está cheia como nos anos precedentes...”

RETIRO

Na Semana Santa, o piedoso arcebispo de Port-au-Prince, que estava em Roma, quis pregar-nos o retiro.

No alto da folha que indicava as leituras da *Imitação* e da *Bíblia* a fazer cada dia, teve a feliz ideia de citar alguns textos próprios para exercitar a confiança; ei-los:

- Salmo 36. Confiança¹⁹ - *Spera in Deo et fac / (18) bonitatem... Delectare in Domino et dabit tibi petitiones cordis Tui. Revela Domino viam tuam et spera in eo, et ipsde faciet. Et educet quasi lúmen justitiam tuam, et iudicium tanquam meridiem. Subditus esto Domino et ora eum* (vv. 3-7).

Anotei um resumo das meditações, que transcrevo.

¹⁸ NT A “Revolução” é a sangrenta comuna de Paris, que se seguiu à invasão prussiana: incêndios, vinganças, assassínios

¹⁹ Confia no Senhor e faz o bem...; põe no Senhor as tuas delícias, conceder-te-á os desejos do teu coração. Confia no Senhor o teu destino e espera nele que Ele actuará. Fará brilhar como luz a tua reivindicação e como o sol do meio-dia, os teus direitos. Sejas obediente ao Senhor e reza e Ele.

1ª Meditação

- *Exivi a Patre et veni in mundum et iterum relinquo mundum et vado in Patrem* (Jo. 16, 28)²⁰. Deus é nosso princípio e nosso fim. Nisso somos semelhantes a Nosso Senhor. *Melchisedech assimilatus est Filio Dei*²¹ (Heb. 7,3) Tudo o que temos vem dele: 1º Segundo a natureza: *Signatum est super nos lumen vultus Tui, Domine*²² (Sal. 4,7). 2º Segundo a graça: Ele diz-nos no Baptismo como a Nosso Senhor, cujo baptismo prefigurava o nosso: *Hic est filius tuus dilectus*²³ (Mt. 3,7). 3º Segundo o sacerdócio: *Fecisti nos Deo nostro regnum et sacerdotes et regnabimus super terram*²⁴ (Ap. 5, 10)

2ª Meditação.

Tudo para Deus. – *Omnia vestra sunt, sive Paulus, sive Apollo, sive Cephas, sive mundus, sive vita, sive mors, sive praesentia, sive futura. Vos autem Christi, Christus autem Dei*²⁵ (I Cor. 3, 22-23). / (19)

Tudo pode servir para nos elevar para Deus que é o nosso único fim. Tudo, o corpo, a alma, as faculdades, o céu, a terra, os homens... Nós devemos tender só para Deus: *Omnia in gloriam Dei facite*²⁶ (I Cor. 10,31). É a máxima dos santos mártires: Stº. Inácio, mártir: *Fruentum Christi sum, dentibus ferarum molar ut panis mundus efficiar... tantum Christo frua*²⁷; Stª. Inês: *Ecce quod concupivi, jam teneo*²⁸; Stª Maria Madalena de Pazzi: *L'amour n'est pás aimé*²⁹; Stº. Inácio: *Ad majorem Dei gloriam*³⁰; S. João da Cruz: *Pati et contemni pro Christo*³¹.

3ª Meditação: O Pecado:

1º O pecado em si é uma injúria feita a Deus. É uma desordem imensa que coloca as criaturas no lugar de Deus. 2º O pecado destrói ou diminui o estado de graça, priva-

²⁰ Saí do Pai e vim ao mundo, agora deixo o mundo e vou para o Pai

²¹ Melquisedec foi assimilado ao Filho de Deus

²² Foi marcada sobre nós Senhor, a luz do Vosso rosto

²³ Este é o teu filho bem-amado

²⁴ Fez de nós reis e sacerdotes para o nosso Deus, e reinaremos sobre a terra

²⁵ Tudo é vosso, quer Paulo, quer Apolo, quer Cefas (Pedro), quer o mundo, quer a vida, quer a morte, quer o presente, quer o futuro. Mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus

²⁶ Fazei tudo para glória de Deus

²⁷ Sou trigo de Cristo; seja eu moído pelos dentes das feras para tornar-me pão puro... e somente eu possa inebriar-me de Cristo

²⁸ O que ardentemente desejei, já o tenho.

²⁹ O amor não é amado.

³⁰ Para maior glória de Deus

³¹ Sofrer e ser desprezado por amor de Cristo

nos dos méritos, põe em perigo a nossa salvação. 3º O pecado do padre, mesmo venial, entristece o Senhor, e impede os frutos do ministério. *Quod si sal infatuatum fuerit, in quo salietur?* (Cf. Mt 5,13)³². *Si ergo lumen quod in te est, tenebras sunt, ipsae tenebrae quantae erunt* (Mt 6,23)³³ Se o padre é tenebroso, como serão espessas as trevas do povo!

4ª Meditação: A imitação de Nosso Senhor.

Necessidade desta imitação: 1º Para o homem: / (20) *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram* (Gen 1, 26)“. Façamos o Homem à nossa imagem e semelhança”. A perfeição do homem é imitar Deus. 2º Para o cristão: a alma cristã é esposa de Cristo, portanto ela deve estar unida a Cristo e viver da mesma vida. 3º Para o padre: *sacerdos alter Christus...* O sacerdote é outro Cristo...

5ª Meditação: A Humildade

O orgulhoso é duro para os seus inferiores, e causa mil sarilhos aos superiores. Ele anda sempre turvo dentro de si mesmo. - A humildade é a expressão mais perfeita da verdade. Nós não somos nada. Os apóstolos discutiam “*quis eorum major esset?*” (qual deles seria o maior). Nosso Senhor ensina-lhes a humildade: *Amen dico vobis*, é um ensino solene: *nisi conversi fueritis*, mudança completa; *et facti eritis sicut parvulus iste*, simplicidade, submissão a Deus e aos superiores; *non intratis in regno coelorum* (Cf. Mt. 18, 3-4), ameaça de castigo; *Discite a me (non mundum fabricari, non visibilia et invisibilia creare, non mirabilia facere, sed) quia mitis sum et humilis corde* (Stº. Agostinho)³⁴ *Exinanivir semetipsum formam servi accipiens* (Fil. 2,7)³⁵, em Belém e Nazaré..., no Calvário ... no altar.

6ª Meditação: A oração

À imitação de Nosso Senhor, o padre deve ser homem de oração. / (21) Cristo é o mediador por excelência; o padre é um mediador secundário. Cristo passava muitas

³² Ora, se o sal se corromper, com que se há-de salgar

³³ Se pois a luz, que há em ti, é trevas, quão espessas serão as próprias trevas!

³⁴ Aprendei de mim (não a criar o mundo, a criar coisas visíveis e invisíveis, não a fazer milagres, mas) a serdes mansos e humildes de coração (Stº. Agostinho)

³⁵ Despojou-se de si mesmo, assumindo a condição de servo

noites em oração. *Pernoctabat in oratione*³⁶ (Cf. Lc. 6,12). Ia à noite rezar no Jardim das Oliveiras: *secundum consuetudinem*³⁷ (Lc. 22,39) *Exauditus est pro sua reverentia*³⁸ (Heb. 5,7).

7ª Meditação: a Eucaristia

Representemo-nos o Senhor que entra no Cenáculo, rodeado pelos apóstolos queridos: *Desiderio desideravi*³⁹ (Lc. 22,15). Ele coloca-se a seus pés para purificá-los, mesmo aos pés de Judas. Pensa em todos os padres. Toma a forma comum do pão para penetrar até ao nosso coração. Mistério de condescendência, para que tenhamos sempre Deus connosco. Mistério de sacrifício! A sua palavra é uma espada que faria morrer Nosso Senhor se Ele não fosse agora imortal. Mistério de amor... Penhor de imortalidade! Aquele que, agora, se dá a nós todos os dias, não se dará a nós no céu?...

O retiro deu-me coragem e eu ia passar ainda alguns bons meses na vida calma e devota do seminário, embora demasiado pulverizada, por estudos demasiado caldeados: acabava ao mesmo tempo os meus cursos de Teologia e de Direito Canónico. / (22)

AUDIÊNCIAS DE PIO IX

Durante os poucos meses que passei este ano em Roma, tive a felicidade de ser admitido cinco vezes em audiência de Pio IX.

A 22 de Março, quase no dia a seguir à minha chegada, pude vê-lo. Escrevia no mesmo dia à minha família: “Tive esta manhã a felicidade de ter uma audiência com o Santo Padre. Ele é sempre como vós o vistes, bom, afável, de boa saúde. Pediu informações do superior do Seminário e perguntou-me se regressaria a Roma em breve. Deu-me a sua bênção para a minha família e para a minha paróquia natal.”

Oito dias depois, a 4 e 6 de Abril, vi-o de novo duas vezes, com dois dias de intervalo. Eis como eu contava essas audiências a meus pais: “Eis-nos chegados aos grandes dias de Roma, às festas da Páscoa, que, ordinariamente, trazem a Roma e

³⁶ Passava as noites em oração

³⁷ Segundo costume

³⁸ Foi atendido pela sua piedade

³⁹ Tenho ardentemente desejado

reunem em S. Pedro 80.000 estrangeiros. Neste ano, Roma é triste, tiraram-lhe a coroa, já não tem festas, nem Papa. O povo parece aterrorizado.

No meio destas tristezas, circunstâncias favoráveis trouxeram-me uma alegria imensa. Ficareis sabendo pelos jornais que uma delegação dos católicos ingleses / (23) veio apresentar ao Papa as condolências da Inglaterra, com ricas ofertas. Esta delegação de nobres Ingleses foi recebida realmente anteontem pelo Papa. O duque de Norfolk leu uma mensagem em francês afirmando a necessidade do poder temporal e exprimindo a esperança de que ele seria em breve restabelecido. O Papa respondeu do seu trono, em francês. Eu fora chamado, com outro estenógrafo, para transcrever esse discurso. Após a recepção, a delegação passeou, durante uma hora, com o Santo Padre e eu acompanhei-a pelos jardins e biblioteca. O Santo Padre estava satisfeito e comovido ao ver as primícias da conversão da Inglaterra. Não conseguiu mesmo conter as lágrimas, ao responder à mensagem. - Durante o passeio mostrou-se ainda jovem e ágil. - Aproveitei desta ocasião para pedir o favor de assistir à sua missa privada, hoje quinta-feira, e de receber dele a comunhão, e obtive-o. E estou agora a escrever-vos cheio da alegria que esta ventura me deu. O Santo Padre estava radiante esta manhã. O brilho da santidade vai aumentando no seu rosto com as perseguições que ele sofre. Não preciso dizer-vos que rezei lá / (24) por vós todos e especialmente por meu pai que teve a mesma felicidade, há 18 meses. Espero muito que esta recordação lhe fará lembrar as disposições em que estava então e que prosseguirá a resolução de nunca deixar de fazer a comunhão pascal...”

O JUBILEU PONTIFICAL DE PIO IX

No mês de Junho completavam-se 25 anos da eleição e coroação de Pio IX. Eis como eu contava as festas que se realizaram e as audiências que eu pude ter nessa ocasião: “23 de Junho. As festas do jubileu de Pio IX tiveram aqui as suas alegrias e as suas tristezas. Não pudemos ter nada no exterior, nem a mínima iluminação: a gentalha teria partido as lanternas e os vidros. Só Roma, entre as grandes cidades católicas, não pôde testemunhar exteriormente a sua devoção ao Papa. As próprias delegações estrangeiras foram insultadas nas ruas. Mas em compensação as igrejas e o Vaticano ofereceram um espectáculo muito comovedor. No dia 16, toda a população foi a S. João de Latrão e no dia 17, a S. Pedro. A multidão imensa fazia lembrar as festas do Concílio. Cantou-se o Te Deum com entusiasmo. À festa só faltava Pio IX. A gentalha irritada ao

ver / (25) uma tal unanimidade dos Romanos, tentou no dia seguinte uma demonstração contrária arvorando a bandeira italiana. O seu pequeno número faz-nos rir, quando pensamos que, no seu plebiscito, pretendem ter obtido 40.000 sim contra 46 não.

No dia 21, aniversário da coroação de Pio IX, a demonstração católica recomeçou em S. Pedro. Cantou-se de novo o Te Deum; a basílica estava cheia. Havia entre 30.000 a 40.000 pessoas. A maior parte eram homens; 280 senhores da alta sociedade romana empunhavam archotes diante do Santíssimo Sacramento. Depois de tão numerosas e ardentes orações, a captividade de Pio IX e o cativo de Roma não podem durar muito tempo...

Solenes tríduos tiveram lugar também nas principais igrejas. Os colégios estrangeiros fizeram o seu na igreja de St^o. Inácio. Espero que a intercessão de S. Luís Gonzaga restituirá em breve aos seus protegidos as universidades católicas de Roma, que são agora substituídas por liceus dirigidos por judeus e hereges. - Desde há oito dias, o Santo Padre vê realmente o recomeço do seu triunfo. / (26) Recebe de manhã à noite delegações que lhe trazem milhões de assinaturas e de ofertas de todo o género. Eu estive na audiência com a delegação francesa. Pio IX foi sublime. Ele ama ternamente a França e fala dela com emoção. Reza todos os dias para que ela volte a levantar-se, regressando à religião. Deu-nos bonitas medalhas..."

No dia 25 eu ia de novo à audiência com os colégios estrangeiros. Dirigíamos uma mensagem ao Papa e ele respondia-nos com a sua bondade paternal.

A "COMUNA" VISTA DE ROMA

A França estava a braços com a guerra civil. Eu escrevia nas minhas cartas à família o que pensava, então, desta provação providencial.

12 de Abril: Festa de S. Júlio: "Querido pai, desejo-te todas as bênçãos de Deus pela intercessão de S. Júlio. Celebrei o Santo Sacrifício esta manhã por tua intenção. Ontem também pensei em ti, ao celebrar o Santo Sacrifício no altar de S. Leão em S. Pedro, onde tu foste rezar muitas vezes. Se nós vivermos cristãmente, estes santos restituir-nos-ão, no dia da nossa morte, as visitas que fizemos aos seus túmulos e receber-nos-ão como amigos. / (27)

A nossa pobre França está a ser bem provada. Espero que ela aproveite destas lições e que volte para Deus. Ela reconheceu que não havia coragem, dedicação e força senão nos verdadeiros cristãos. Tu ouviste Lavissee dizer-te que em Paris não tinha havido bravura e virilidade senão entre os Bretões, os marinheiros e os guardas nacionais do bairro de S. Sulpício e do arrabalde S. Germain, isto é entre aqueles que não foram submetidos à acção corruptora da Universidade e da vida indiferente e luxuosa das nossas cidades. A demonstração dessa verdade continua todos os dias. Seria preciso ser cego para não a compreender. Deus dá-nos a graça de nos instruir; saibamos aproveitar. A lição é para todos. Os que não eram cristãos devem tornar-se tais; os que já o eram, devem aperfeiçoar-se...

18 de Abril: “Ficamos sabendo aqui pelos jornais todos os horrores que se praticam em Paris. Isso não nos espanta. Os princípios ateus que regem a nossa sociedade de há um século para cá levar-nos-ão periodicamente a isso, se não os rejeitarmos. Os nossos advogados demagogos, que / (28) compõem ainda a metade do nosso governo, como Simon, Favre, Picard, são os verdadeiros autores de tudo isso com os princípios que eles pregam e que herdaram da Revolução. Eles espantam-se hoje de ver arder o incêndio que eles acenderam. Só há um remédio: que o Estado volte a ser cristão. Tudo o resto seria só um remendo que não tardaria a esboroar-se de novo. Acontece com o Estado como com os indivíduos: quando ele é religioso, acontece ainda de vez em quando que as paixões aparecem e produzem uma desordem momentânea. Mas se a religião estiver ausente, as paixões não têm quase nenhum freio e a desordem é imensa e quase contínua.

Nós não amamos a França, se não começarmos a sua restauração por nós próprios, cumprindo livre e inteiramente todos os nossos deveres de cristãos. Espero que meu pai, meu irmão e meu tio tenham feito valorosamente a sua Páscoa em La Capelle. (Recopiando esta carta, vejo que já começava então o meu pequeno apostolado social). - Aqui, nós desfrutamos a máxima calma. A canalha / (29) italiana foi a Paris para fundar a república universal, e vós sabeis como os verdadeiros Romanos são sábios e religiosos. Os próprios soldados piemonteses, recrutados nos campos de Itália, em geral são boa gente. Vieram para aqui contra a vontade, trazidos por seus oficiais e graduados, pessoas da pior espécie, saídas das oficinas maçónicas. - Dois dos meus colegas viram ontem o Santo Padre. Ele está sempre radiante de santidade. Chora as desgraças da França e em todas as suas audiências recomenda que se reze por ela...

29 de Abril: “A Revolução cosmopolita marcou encontro em Paris; espero que a vitória dos homens da ordem purgará a Europa por alguns anos deste fermento de anarquia. As pessoas irreligiosas quererão enfim ver claro? Essas feras de Paris, ávidas de sangue humano, são os frutos naturais dos discursos e dos escritos anticristãos de Fauvre, Picard, Simon e outros, e das escolas ímpias do senhor Duruy e seus semelhantes. Julgaram poder criar homens e a ordem / (30) sem o cristianismo: se soubessem a história, como pretendem sabê-la, teriam visto que esta ímpia experiência já foi tentada cem vezes e sempre com os mesmos frutos. Pobre gente, atrasada de dezoito séculos!

Aqui estamos sempre na máxima calma. Roma está triste, sem estrangeiros. Os Romanos estão carregados de impostos e têm um santo horror pelos bárbaros que os reduziram a servidão...”

6 de Maio: “Roma tem o dom de manter viva nos corações uma grande esperança porque aqui se reza muito. Reza-se muito até pela nossa pobre França. Nos primeiros três dias do mês tivemos um tríduo solene de orações na igreja de Minerva para obter de Deus o fim da guerra civil na França. O Santo Padre era o inspirador dessas orações. Houve uma esplêndida iluminação. A associação romana para a defesa dos interesses católicos pagou as despesas. O nosso novo embaixador, senhor Harcourt assistia. A igreja era pequena para conter a imensa multidão que vinha testemunhar a sua simpatia para com a França e, ao mesmo tempo, / (31) protestar contra a invasão piemontesa da qual um dia a França libertará Roma. Pronunciaram-se discursos eloquentes. Estas orações unidas às que se fazem na França obterão de Deus paz para a vossa querida pátria ... Os vândalos modernos continuam a apoderar-se dos conventos de Roma, enquanto fazem leis para garantir a liberdade da Igreja e do Papa. É a imbecilidade unida à brutalidade. Espero que os acontecimentos de Paris possam acabar em breve e que a França possa reimplantar um governo estável e cristão”.

13 de Maio: “O Pe. Superior acaba de chegar-nos da França, de boa saúde, com um antigo aluno. O Seminário terá um ano quase nulo, graças à brigadagem italiana. É assim que eles entendem a liberdade do Papa: expulsar os religiosos que formam aqui os tribunais eclesiásticos e as congregações relativas aos assuntos do mundo inteiro; apossar-se dos conventos que são o centro das ordens religiosas de todas as nações; entravar as universidades onde vinham estudar os sacerdotes de todo o mundo. Substituem tudo isso com a imoralidade que põem nas ruas, / (32) e pelos seus colégios

moralizadores onde, há dois dias, os alunos muito virtuosamente espancaram os seus professores. Felizmente, o seu tempo não será longo, e espero que Roma seja em breve desembaraçada desta lepra. - Felicito-me sempre mais por ter vindo retomar o meu trabalho. Espero, no meu regresso, encontrar a França um pouco menos doente e um pouco mais cristã. Os grandes acontecimentos julgam-se melhor de longe que de perto. Desde que estou aqui, sinto-me menos desolado pelas desgraças da França. Considero-as uma bênção e um sinal particular da afeição de Deus para com a nossa pátria, que Ele quer purificar e regenerar, sarando-a dos erros que, desde há um século, o espírito da revolução nela fomentava.”

24 de Maio: “As notícias de França trazem alguma consolação. As vitórias do partido da ordem anunciam o fim das nossas provações. A bela carta do Conde de Chambord é o episódio mais consolador destes últimos tempos. Só havia um rei cristão, era Pio IX. A França irá receber um / (33) das mãos de Deus? Se for assim, as suas desgraças que prepararam este regresso, terão sido uma bênção muito grande do céu ...”

2 de Junho: “Ficamos sabendo aqui dia-a-dia os acontecimentos de Paris pelos jornais e pelo telégrafo. Vê-se com evidência o dedo de Deus nestes acontecimentos. O bom Deus quer absolutamente salvar-nos e refazer uma França católica. Parece que um grande número de pessoas não percebeu nada ainda. Isso prova que não chegou o fim e que o campo deve ainda ser lavrado até que todas as más ervas tenham secado. Quantas coisas boas no meio destes horrores! Quantas lições para os homens de boa vontade! Como os destinos estão nitidamente traçados: dum lado, mártires morrendo heroicamente bendizendo a Deus, do outro, fúrias morrendo horrivelmente, torcendo-se de raiva e de vergonha! - A Itália, calma neste momento, terá a sua vez nos castigos da Providência. Roma está tranquila na expectativa. A verdadeira Roma reza muito e confia. A canalha tem medo e receia que a tempestade de Paris venha a cair sobre ela. O Papa é admirável / (34) na sua santidade. O seu triunfo começa na realização das suas previsões sobre Paris, relativas ao espírito de revolução e às suas consequências. Não nos faltam luzes, sigamos o caminho do céu...”⁴⁰

⁴⁰ N. T. - O título é: “(A Comuna de Paris)”, mas a verdade é que não se fica a saber nada sobre o assunto. A derrota contra os Prussianos produziu o caos na França. Paris, cercada, esfomeada, invadida e conquistada pelos Alemães, caiu na pior anarquia; elementos revolucionários tomaram conta do governo e tentaram uma sociedade comunista (nesse tempo dizia-se “socialista”). O Governo e as tropas legais tiveram de se retirar para Versalhes. Os revoltosos elegeram

EXAMES

Os meus estudos estavam a terminar. Eu seguia os cursos de Direito Canónico (explicação das *Decretais*) e um curso de Teologia. Os meus últimos exames passaram facilmente. A 2 de Junho, escrevia aos meus pais: “Passei ontem o meu doutoramento em Teologia. O meu exame foi bom. Preparei-me sem muita canseira, graças à calma que desfrutava aqui e graças ao fresco da estação, que este ano é excepcional. Consagrarei os dois meses que me restam ao estudo mais sério do Direito canónico.”

A 24 de Julho, escrevia: “Fiz ontem, com sucesso, o meu último exame, o doutoramento em Direito Canónico. Descanso hoje e amanhã vou começar um breve retiro de três dias antes de deixar Roma.”

Os meus estudos tinham então acabado. Teria desejado e talvez teria devido continuá-los / (35) ainda, pois tinham sido um pouco apressados. Mais um ano em Roma, na calma, sem exames à vista, ter-me-iam ajudado muito a ordenar os meus conhecimentos. Mas pressionavam-me de Nimes, de Soissons e mesmo de La Capelle, onde os meus pais receavam para mim o clima de Roma; e eu cedi.

RELAÇÕES E CORRESPONDÊNCIAS

Durante o Concílio, eu tinha conhecido Mons. Bastidem, dando alguns passeios arqueológicos com ele e Luís Veillot. Voltei a vê-lo e fui com ele, a 7 de Maio, almoçar na casa dos Maronitas com o príncipe Karam e o seu sobrinho. O príncipe parecia recear que a Santa Sé concedesse, por concordata, demasiada influência ao Sultão sobre as Igrejas Orientais. A conversa de Mons. Bastide era uma girândola de palavras bonitas e de trocadilhos. Ele julgava saber que em Ajaccio (Córsega) se preparavam apartamentos para o conclave, caso fosse preciso. Era conhecido como o Cicerone mais erudito e mais espiritual de Roma. Fez-me visitar, com minúcia, Santa Maria Maior. O ouro do tecto é o

um “Conselho Geral” a 28-03-1871, que proclama a “Comuna”, convidando todas as cidades a fazer o mesmo. Declara que “a terra pertence aos camponeses, a ferramenta aos operários, o trabalho a todos”. Adota a bandeira vermelha; proclama a separação entre a Igreja e o Estado, com inevitáveis violências, fusilamentos e incêndios, que irritam os próprios parisienses. Para ajudar a repressão, Bismarck libertou os muitos milhares de prisioneiros franceses. O governo de Versalhes armou 100.000 soldados e pôs um novo cerco a Paris que acabou a 28 de Maio: 11.000 revoltosos foram fusilados ou deportados para a Nova Caledónia: ilha do Oceano Pacífico, a leste da Austrália e ao Norte da Nova Zelândia; amnistiados em 1880.

primeiro que veio da América e foi doado pela Espanha. Bento XIV diminuiu a harmonia interior / (36) da igreja, levantando o pavimento. O tecto corta o mosaico do grande arco que representava o Evangelho adorado por anjos. Restaurava-se a capela do Santíssimo Sacramento. O nosso guia chamou-nos a atenção para a riqueza dos mármore e das pedrarias que rodeavam o altar. A Igreja tem uma bonita sacristia da Renascença. Pensava-se colocar em Santa Maria Maior o túmulo de Pio IX.

Eu estava em contacto com Mons. Bertolini e com o Card. Pitra. Falava-lhes nos meus projectos. Mons. Bertolini tinha esperança no futuro da França, na condição de ela retomar um ensinamento realmente ortodoxo e correcto, não só em teologia, mas também em todas as ciências. O Card. Pitra recomendava a ciência *“quae aedificat, non quae inflat.”*⁴¹ Ele receava pela salvação de muitos religiosos da antiga congregação de S. Mauro. Ambos aprovavam o projecto de pôr o nosso escolasticado em Roma e de nos comprometer, mesmo por voto, a seguir em tudo as doutrinas de Roma e a renunciar às dignidades.

O P. d' Alzon e o Rev. P. Désaire, escreviam-me de tempos a tempos.

No Sábado Santo, o Rev. P. Désaire escrevia-me: / (37) “Vejo com alegria que tudo corre bem, que os nossos planos parecem cada dia mais favorecidos pelo Bom Deus e que alguma coisa conseguiremos fazer. O único problema agora aqui é de enviar quatro novos religiosos a Roma, no próximo ano, e de caminhar segundo os projectos que a Providência nos parece ter traçado. O essencial é ter agora elementos numerosos e sérios. Também neste campo parece que o Bom Deus nos abre um caminho. Tendo a Superiora das Damas da Assunção encontrado o meio de juntar todos os anos uns milhares de francos para a educação gratuita de crianças destinadas ao estado eclesiástico, fiz umas propostas a Mons. Gros, para que nos fosse concedida uma propriedade onde há uma peregrinação à Santíssima Virgem sob o nome de Nossa Senhora dos Castelos, e onde seria fácil termos um colégio. O Sr. Bispo aceitou com todo o gosto... *A Revista (do ensino cristão)* aparecerá no dia 1 de Maio. Foi-me imposto oficialmente que escrevesse alguma coisa sobre o ensino da Filosofia... O Sr. Bispo de Metz acaba de expulsar 13 professores dos seus seminários, porque durante o Concílio subscreveram não sei que mensagem ao Sumo Pontífice. É contudo um bispo piedoso! /

(38) O Sr. Hartcoeur que escreve esta notícia ao Sr. Gilly diz que estes padres, muito distintos e no número dos quais está o Rev. Didiot, talvez procurarão reunir-se. Acharíeis mau que o P. d' Alzon lhe participasse os nossos projectos?..."

A 1 de Maio, o Rev. P. Désaire fala-me longamente da fundação de Châteaux. Ele esteve na Saboia para concluir um acordo com Mons. Gros; procura recursos entre as viúvas ricas de Nimes e prepara o mobiliário para o colégio a fundar: "Nossa Senhora dos Castelos, escreve-me ele, é uma antiga casa feudal, da qual só restam três torres. Uma capela também fora conservada, e depois restaurada pelo Sr. Martinet (o escritor) que viveu 9 anos nesta solidão, onde escreveu as suas melhores obras. Colocado ao centro de quatro vales, num outeiro frente ao Monte Branco, esta casa será talvez frigidíssima na má estação, mas será deliciosa no Verão. Suplico-vos que passeis por lá no vosso regresso de Roma, para ver de que utilidade poderá ser para os futuros professores cansados. O P. d' Alzon irá lá comigo em Julho para passarmos algumas / (39) semanas. Conto que vós vireis de certeza e que lá organizareis, com o Sr. Martinet, uma nova La Chênaie... O Rev. Didiot aceitou a proposta do P. d' Alzon. Ele virá passar algum tempo na Assunção, com o Rev. Frizon. Como vós dizeis, padres novos são mais maleáveis, mas não impeçamos que um pequeno núcleo se forme e que a Providência execute os seus planos. Escrevendo calorosamente ao P. d' Alzon para aderir ao seu "*prospectus*" (da *Revista*), o Superior do Seminário Maior de Meaux suplica-lhe que abra sem demora uma casa onde se possam fazer estudos teológicos e conferir graus académicos aos jovens padres que acabassem o seu seminário. Vereis no primeiro número a adesão do Sr. Bispo de Le Mans; o bispo de Annecy escreveu ontem com uma simpatia não menos marcada e de várias partes chegaram-nos aprovações... fazei o mais depressa possível os vossos exames e vinde logo. O P. d'Alzon tem sobre vós uns planos que me humilham bastante, mas que me alegam muito: ele quer confiar-vos, desde o começo, a pequena casa que é urgente começar já, se não quisermos ver um / (40) governo estável impedir-nos de tomar a liberdade de ensino superior, contra o qual agora ninguém reclamaria..."

A 7 de Julho: "Fiquei na Saboia até ao começo deste mês, ocupado na preparação desta pequena obra que nos dará numerosos e piedosos padres. No vosso regresso, não vos seria possível vir ver-me nesta devota e fresca solidão, ainda toda perfumada pelas

⁴¹ N. T. - "que edifica e não incha".

orações e virtudes do Sr. Martinet que aí viveu mais de 15 anos e que aí compôs as suas obras principais... O P. d'Alzon prossegue o seu esforço, com uma constância e uma energia que não contava achar nele duma maneira tão acentuada. Conseguirá certamente ter um grande seminário, à cabeça do qual sei que ele muito desejaria colocar-vos. É o projecto que ele já expôs muitas vezes em público. Duas vocações vieram da Saboia. O Vigan, donde vos escrevo, é uma terra deliciosa, onde o P. d'Alzon ocupa, pela extensão das suas propriedades e pela sua / (41) influência moral, a situação de um senhor feudal. O castelo onde nasceu, e que é o noviciado, está magnificamente construído, com belos passeios à sombra. Seria uma admirável casa de estudos. Quando tiverdes visto tudo isto, as vossas hesitações acabarão, creio eu..."

Durante o mesmo período, o P. d'Alzon escrevia-me de vez em quando e sempre no mesmo sentido.

A 15 de Maio: "O Rev. Didiot e o Rev. Frizon viriam para nós se o Papa os autorizasse a deixar as suas dioceses. O Bispo de Nîmes encoraja-nos. Comecemos em Nîmes; aliás, teríamos nós dinheiro para começar noutra parte?..."

A 13 de Junho, os mesmos encorajamentos.

RETIRO: 26 - 30 DE JUNHO

Antes de deixar Roma, quis fazer um "retiro de vocação". Passei quatro dias na casa dos bons padres Redentoristas, sob a direcção do P. Mauron, seu venerável superior geral. Pesei bem os prós e os contras. O projecto da obra de estudos entusiasmava-me, o estilo do P. d'Alzon inquietava-me; eu estava habituado a mais calma, a mais vida interior. O meu ideal, como direcção, era o P. Freyd. / (42) Decidi todavia entrar na Assunção, mas permaneciam objecções e, ademais, eu via que o P. Mauron e o P. Freyd não me davam o seu assentimento que de má vontade.

A 30 de Julho, escrevia aos meus pais: "Vou deixar Roma a muito custo, apesar da sua triste condição. Passei nela anos bem cheios, bem empregados, graças a Deus, e dos quais conhecerei o valor só no céu. A minha consolação é a de trazer dela ricos tesouros, como o sacerdócio, a ciência eclesiástica, bons hábitos e deliciosas recordações."

REGRESSO

Parti a 1 de Agosto, passei o dia 2 em Assis. Unia-me aí aos inumeráveis peregrinos da Porciúncula, revia os principais santuários desta Roma franciscana: a Igreja de Santa Maria dos Anjos, a de S. Francisco e a de Santa Clara. Mas a maravilha é a igreja de S. Francisco. Plantada sobre altos pilares, tem algo da nossa “maravilha” do Mont St. Michel. Construída em 1228, expressa bem toda a fé / (43) dessa época privilegiada. A igreja inferior, a abóbada de aresta, é como uma sobrevivência do estilo da época precedente; a igreja superior, de ogivas elegantes, exprime todo o ardor e o pensamento cristão no séc. XIII. Uma e outra são decoradas com esses frescos da escola primária em que Simone Martini, Cimabue e Giotto representavam, com seus pincéis, as devotas contemplações da comunidade para a qual trabalhavam. O seu desenho ainda é estorvado pelas tradições bizantinas, mas as suas personagens rezam e fazem rezar e os tons de azul e ouro, sobre os quais as colocaram, respondem às visões celestes do Santo que as inspirava.

Cidade privilegiada onde a arte traduz tão claramente as recordações da história. Francisco, Dante, Giotto; flores suaves do campo da Igreja no seu Verão, é em Assis que mais vos saboreamos e em que mais nos sentimos inebriados pelos vossos perfumes. S. Boaventura também viveu lá, digno historiador do seráfico Francisco. Overbeck esforçou-se por imitar os pintores do séc. XIII na igreja da Porciúncula, mas o seu trabalho patenteia o esforço como os outros revelam a inspiração.

No dia 3, eu ia até Pavia, e no dia 4, / (44) visitei a cidade e a Certosa. Esta pobre Certosa segue todas as peripécias da história. No séc. XIV e XV, é ricamente dotada pelos Visconti e pelos Sforza. Até ao séc. XVII, é enriquecida pela aristocracia milaneza. Em 1872, é fechada por José II⁴², o autocrata austríaco. Restituída ao culto em 1844, foi

⁴² N. T. - A Lombardia e o Véneto faziam parte do império austríaco; José II foi o “rei sacristão” de que se falou atrás. Tomo a liberdade de fazer aqui uma notazinha pessoal: muitíssimas vezes, ao traduzir estas páginas, tive a impressão de que o nosso Pe. Fundador, com todo o devido respeito, é francês até ao âmago, mas de maneira pouco inteligente e até mesmo pueril. Como também é pueril e ceguinho nas apreciações dos Prussianos, e mais ainda dos Piemonteses. O Piemonte, e mais ainda Turim, nessa mesma época, tinha só 3 santos do tamanho de S. João Bosco, de S. José Cotelengo, de S. José Cafasso, fora outras personagens da categoria do céu, Allamano (fundador da Consolata), Sílvio Péllico (autor das Minhas Prisões), etc. Isso tudo esquece o Pe. Dehon, como esquece que o pior desastre para a “Certosa” foi em 1798, quando os Franceses de Napoleão invadiam a Itália do Norte sem nenhum motivo de luta e sem avisos nem declaração de guerra, verdadeira invasão barbárica, e tiraram todo o telhado de chumbo da “Certosa” para fazer canhões, com incalculáveis prejuízos para a igreja, pinturas, obras de arte, por ter tudo ficado à chuva e à neve

novamente secularizada pela barbárie dos Piemonteses. A sua fachada do séc. XV, uma das maravilhas da Itália, juntamente com as de Orvieto e de Siena, é obra de artistas independentes, o Borgonhe e o Amadeo, que não se limitaram a reproduzir as três ordens clássicas ressuscitadas pela Renascença, mas que fizeram uma obra original inspirando-se nas tradições romano-lombardas. O classicismo tem realmente manietado a arte italiana, impondo-lhe uma monotonia esgotante. Quantos mais recursos e variedade têm a nossa Renascença, com o seu cunho original no Louvre, em Fontainebleau, em Chambord, em Chenonceaux, em Blois! / (45)

Esta “Certosa” é um museu com esculturas do Amadeo e de Jacques della Porta, as pinturas de Luini, de Borgognone, de Guerchinn. Luini soube unir o sentimento religioso à perfeição do desenho. Mas quanta pena faz, ver um mosteiro tão digno da glória de Deus, nas mãos de polícias que o guardam em nome do Estado!

A cidade de Pavia é pouco visitada. É injusto. A sua Universidade tem uma grande nobreza, com os seus vastos pátios ornamentados com sepulcros, onde os velhos professores da Idade Média são representados nas suas cátedras, rodeados pelos seus alunos.

A catedral é de Bramante. Tenho saudades da velha basílica onde rezou Carlos Magno. Aí está o sepulcro de Santo Agostinho, que passou de Hipona para a Sardenha e da Sardenha para a Lombardia, no reino de Luitprand. Celebrei a missa ao pé desse sepulcro, uma maravilha pouco conhecida do séc. XV, em que toda a vida do Santo é representada em relevos que contam não menos de 300 personagens. Trouxe de lá um esplêndido álbum que ofereci aos Padres de Nîmes.

No dia 5, passei em Monte-Cenísio. O rev. Désaire antecipara-se a mim em Albertville; aí preguei no Domingo, / (46) dia 6, na igreja paroquial sobre a Transfiguração do Senhor.

No dia 7, escrevia de Notre Dame des Châteaux aos meus pais: “Eis-me na Saboia, num lugar encantador. O santuário está situado no encontro dos três vales grandiosos e pitorescos que descem do Monte Branco. Fica a algumas léguas de Salanches, que o meu irmão bem conhece. Há 3 meses havia aqui só três velhas torres,

durante anos! E só em 1843 (e não em 1844, como diz o P. Dehon) pelo cuidado e o dinheiro dos nobres milanezes,

restos do antigo Castelo de Beaufort. O Rev. Désaire obteve-a do bispo a quem pertencia propriedade; e com ofertas recolhidas na zona, em Nîmes e em Marselha, construiu uma casa já habitável, embora pobre, para estabelecer nela um internato destinado a formar alunos que queiram ser padres. Os Agostinianos de Nîmes vão assumir-lhe a direcção. Já chegaram e dentro de duas ou três semanas a obra começará com oito alunos. Vou ficar aqui três ou quatro dias para compensar, com a frescura dos Alpes, os calores de Roma...” O Pe. Emanuel estava lá com dois jovens irmãos. / (47)

O Rev. Désaire levou-me a Annecy, escalando um contraforte do Monte Branco. Que lago bonito! As suas margens são calmas e pouco habitadas, as suas águas reflectem o céu. Ficariam bem aí, nas suas margens, uns mosteiros contemplativos. Eu avistava de longe Menthon, que guarda as lembranças de um Santo⁴³. Fomos hospedados na casa do bispo, que se mostrou amabilíssimo. Visitei o meu condiscípulo, o Rev. Quincy; celebrei missa no primeiro mosteiro da Visitação, perto dos sepulcros de S. Francisco de Sales e de Santa Joana Francisca de Chantal. O antigo mosteiro da galeria, hoje ocupado pelas irmãs de S. José, tem ainda a sua modesta capela, onde as primeiras madres da Visitação fizeram os seus votos. Annecy tem uma igreja de Nossa Senhora de Liesse. A catedral é insignificante. O velho castelo dos duques de Saboia nada tem de artístico.

No dia 14, chegava eu a Tours, a casa do meu amigo Palustre. Despedira-me do Rev. Désaire, deixando-lhe a esperança de que me juntaria a ele. A minha decisão era de ir experimentar um ano em Nîmes, sem tomar o hábito (da Assunção).

Em casa de Palustre, estava em boas mãos, / (48) para visitar um pouco a bonita terra de Tourraine.

No dia 15 celebrei em S. Sinfiriano e fui ao edifício da catedral, onde o bom cardeal Guibert fazia a sua despedida antes de ir tomar posse da sede de Paris. Falava de dignidade e com espírito de fé edificantes, mas com uma lentidão desesperante.

No dia 16, Missa em Marmoutiers, na casa das Damas do Sagrado Coração. São esses os lugares santos da Tourraine. S. Gatien e S. Martinho viveram lá, e há restos desse bonito mosteiro da Idade Média, cujos monges copiavam livros para toda a Europa.

puderam voltar os Cartuxos, na “Certosa” refeita e “retalhada” (com um telhado novo). Esta é a história histórica.

Pela tarde, fui ver os restos do castelo de Plessis-les-Tours, onde viveu Luís XI e aonde S. Francisco de Paula foi muitas vezes.

No dia 17 fui visitar o aprazível castelo de Chenonceaux, na companhia do rev. Chevalier, que era um perfeito cicerone. Esta velha residência de Maria de Médici tornou-se propriedade da Senhora Pelouze-Wilson. Os vitrais foram admiravelmente restaurados por Steinheel de Metz. Os jardins foram projectados por Bernardo de Palissis. A Biblioteca tem uma / (49) rica colecção de arquivos.

Palustre não me deixou perder nada daquilo que a arte antiga e moderna nos oferecem de interessante em Tours. A igreja de S. Julião tem uma Ceia moderna, devota e correcta, pintada por Douillard. A capela dos Lazaristas tem pinturas de Emílio Lafon, duma sensibilidade realmente cristã, especialmente a missão dos Apóstolos: *Euntes docete!*⁴⁴

A Sé é contada entre as mais bonitas. As suas torres da Renascença são mais bonitas nos pormenores do que no conjunto. No interior, o sepulcro dos filhos de Carlos VIII é uma jóia da Renascença, com alguns pormenores pagãos.

Na cidade, um bonito solar do séc. XIV, habitado outrora por Tristão, preboste de Luís XI; uma bela casa da Renascença, habitada pelos Gouin.

Fiz uma visita ao Sr. Hallez, que produziu tantas graciosas gravuras. Que carácter amável! Mostrou-nos todas as suas ilustrações do Missal e da *Imitação*.

Vi também o museu onde reparei numa colecção de faianças do Sr. Avisseau, o Palissis moderno.

Palustre levou-me a Langeais. / (50) Há lá um bonito castelo do séc. XIV bastante bem restaurado com uma esplêndida vista sobre o Loire. A igreja, uma pequena construção do séc. X, é uma curiosidade arqueológica. Nas margens do Loire há um monumento romano original, um túmulo sem dúvida, em forma de agulha, que faz lembrar os monumentos análogos de Viena do delfinado, de Albano (Roma) e de Argélia.

⁴³ Nt. S. Bernardo de Menthon

⁴⁴ N. T. Ide e ensinai.

Passei um rico dia em Blois. Mons. Pollu du Parc recebeu-me amavelmente no seu bonito paço episcopal que tem um esplêndido terraço dominado o Loire. O meu condiscípulo, o Rev. Billot, serviu-me de cicerone.

O castelo de Blois é uma das belas obras da Renascença. A ala de Luís XII, em especial, é infinitamente graciosa. Tem dois andares de quartos com tapeçarias em couro de Córdoba, chaminés monumentais e tectos policromados. Visita-se a sala onde foi assassinado o duque de Guisa e o cicerone oficial não se esquece de vos dizer que havia lá uns capuchinhos a rezar para que se cumprissem os desígnios do rei. É possível! / (51)

A sala dos Estados conservou o seu cunho dos tempos de S. Luís. A ala de Gastão de Orleães foi construída sobre desenhos de Mansard, que ameaçava destruir o resto se tivesse tempo para isso: a estupidez da Renascença decadente!

Nos arredores, um santuário milagroso da *Madona* tem pinturas do Rev. Douillard.

De Blois, fui a Chambord com o Rev. Billot. É uma das pérolas da Renascença na França. Quanto Chambord, Fontainebleau e o Louvre superam todos os palácios de Florença e de Roma! Que variedade! Que talento de invenção, quando comparado com as três ordens de Vinhola e de toda a sua escola! O conjunto deste castelo, pelo seu aspecto deserto e pela tristeza que aí reina, faz-me lembrar Caserta. O conde de Chambord tinha aí vindo recentemente.

Regressado a Paris, visitei os padres da Assunção, na Rua Francisco I, e as Damas da Assunção, cujo bonito mosteiro em Anteuil foi construído, em estilo do séc. XIII, por M. Verdier.

Paris estava ainda toda coberta pelos / (52) escombros da Comuna. A nova Babilónia vira os seus mais ricos palácios reduzidos a cinzas. A acção da Providência era sensível.

FÉRIAS; LOVAINA

As minhas férias passaram rapidamente. Prestava alguns serviços ao meu pároco, visitava a minha família, e fui estudar a organização da Universidade de Lovaina.

Tinham construído em La Capelle uma capela a N^a Senhora de La Salette; fui encarregado do discurso de inauguração, e não perdi a ocasião para explicar as nossas desgraças por causa dos nossos pecados. Fiz a narração da aparição, depois

acrescentei: “O conhecimento da aparição espalha-se por toda a terra. A imprensa ímpia faz o seu trabalho diabólico e nega o milagre sem o examinar. Mas a fé triunfa da incredulidade. Alguns doentes vindos de longe são curados instantaneamente, cegos vêm, coxos caminham, paralíticos revivem. Grande número de curas é autenticado e reconhecido pela ciência e pela Igreja. Após cinco anos de observações o bispo da diocese declara o milagre. A Santa Sé autoriza o culto de N^a Senhora da Salette, e esse culto espalha-se por toda a terra. / (53) Igrejas, santuários, altares, são-lhe erguidos em França, na Itália, na América, em todo o mundo. A fama dos milagres obtidos pela intercessão de Maria chega até vós, e vós vistes não uma dessas curas repentinas e estrondosas em que o milagre é evidente, mas uma cura certamente providencial. Aquele que por gratidão construiu este santuário estava condenado pelos médicos e parecia não ter mais que algumas horas de vida. Invocou Maria e pouco a pouco recuperou a saúde. - Mas qual era a mensagem do céu? Maria chorava, e o seu discurso resumia-se nestas palavras: “Se o meu povo não quiser submeter-se, serei forçada a deixar cair o braço do meu Filho”. Assim Moisés dissera um dia ao seu povo, da parte de Deus: “Se não observardes todos os meus mandamentos, se vos negardes a seguir as minhas leis..., eis como Eu vos tratarei: semeareis em vão os vossos cereais, porque os vossos inimigos os devorarão. Todos os vossos trabalhos serão frustrados, a terra não produzirá trigo, as árvores não darão frutos. Farei cair sobre vós a espada que vos castigará por terdes quebrado a minha aliança; / (54) e quando vos refugiardes nas vossas cidades, mandarei a peste para o meio de vós e sereis entregues nas mãos dos inimigos. Assolarei o vosso país..., e vos dispersarei entre as nações; a vossa terra ficará deserta e as vossas cidades arruinadas. Quanto àqueles que ficarem, Eu gelarei o seu coração de espanto no meio dos seus inimigos. O ruído duma folha que cai, os fará tremer; eles fugirão como se vissem uma espada... Vós perecereis no meio das nações e morrereis numa terra inimiga” (Lev. XXVI). O mesmo dizia também Isaías ao mesmo povo, de parte de Deus: “a terra é infectada pela corrupção daqueles que a habitam, porque eles violaram as leis, mudaram as disposições e quebraram a aliança que devia durar eternamente. Por isso a maldição devorará a terra e a alegria mudar-se-á em tristeza” (Cap. XIII). Assim Jeremias, assim gritava Joel: “Escutai habitantes da terra; acordai à vista dos males que vos sufocam, homens embriagados pelo amor dos prazeres; chorai e gritai vós todos que pondes as vossas delícias em beber vinho, porque ele vos será tirado da boca. / (55) Todo o país é saqueado e a terra está em lágrimas porque o trigo está destruído e a vinha está perdida e as oliveiras vão secando... O Senhor faz ouvir a Sua voz antes de enviar o Seu exército

de flagelos, para que sejam evitadas essas calamidades com uma verdadeira penitência. Ele avisa-nos que as Suas tropas são inumeráveis, que são fortes e que executarão todas as suas ordens (Joel, 1-2)

Assim o Senhor Jesus, sentado no Monte das Oliveiras à vista de Jerusalém, chorava e dizia: “Se tu reconhecesses ao menos hoje o que te pode procurar a paz, mas tu és cego e aproxima-se o dia em que os teus inimigos te cercarão e farão perecer os teus filhos e não deixarão em ti pedra sobre pedra” (Lc. XIX). Igualmente Maria diz-nos em La Salette: “Se o meu povo não quiser submeter-se, ver-me-ei forçada a deixar cair o braço do meu Filho. Ele é tão pesado que já não posso segurá-lo. A blasfémia e a profanação do domingo, é o que torna tão pesado o braço do meu Filho... Eu rezo incessantemente por vós e vós não fazeis caso. E se as vossas colheitas se estragam, é só por um castigo do céu. / (56) Os ímpios, vendo estes primeiros castigos, ainda mais blasfemarão e assim apressarão a justiça de Deus. Se não vos converterdes, o trigo que for semeado será comido pelos bichos ou desaparecerá em poeira quando for joeirado na eira; as uvas apodrecerão, virá uma grande fome, as crianças morrerão entre as mãos dos que as segurarem e os outros farão penitência pela fome. “ Eis portanto a causa da dor de Maria e da cólera do Altíssimo. Em primeiro lugar é a profanação do domingo. Deus deu-nos 6 dias e guardou para si o sétimo para sua honra e para nossa dignidade. Primeiro para sua honra, Deus quer que consagremos esse dia ao seu culto. O homem nascido para a vida social, deve a Deus um culto social e público... Em seguida, é para a nossa liberdade e dignidade. Sem a santificação do Domingo, é o embrutecimento, a imoralidade, a servidão... O segundo motivo da tristeza de Maria, é a blasfémia. Ela está hoje sobre tantos lábios e é expressa por tantas penas (de escrita)...”. Depois, eu mostrava o começo desses castigos na / (57) miséria pública de 1847, na revolução que se lhe seguiu, no apodrecimento dos frutos da terra, que se abateu durante vários anos sobre o trigo, a batata e a vinha; na guerra de 1870, a fome e a morte das crianças em Paris. “Estará tudo acabado? perguntava eu. Tenhamos dó de Maria e de nós mesmos. Sejamos patriotas, convertamo-nos...”

E eu via que o meu auditório estava impressionado e comovido. Esta pobre terra de La Capelle fez alguns esforços. O trabalho do Domingo diminui, a Igreja foi reconstruída e é mais frequentada.

LOVAINA

Alguns dias depois, fazia a viagem para Lovaina, a fim de estudar a organização da Universidade Católica, em vista dos nossos projectos de fundação. Copio aqui as notas dessa viagem.

Visita ao presidente do Colégio dos teólogos, chamado o Colégio do Santo Espírito. Este colégio é um verdadeiro seminário. Dão-se nele cursos elementares, seguidos especialmente por irlandeses. Os alunos que seguem os cursos de Teologia ou de Direito Canónico na Universidade devem já ter feito um curso elementar de / (58) Teologia de 3 ou 4 anos nalgum seminário. Os cursos de teologia da Universidade para a Teologia e o Direito Canónico duram seis anos, dois anos para cada grau. Em quase 40 anos, não houve mais de 60 licenciados em Teologia, e 20 em Direito Canónico, 12 doutores em teologia e 8 em Direito Canónico. A força dos alunos de teologia, que seguem também alguns cursos de direito civil, elevou na Bélgica o apreço pelo clero. Além dos alunos do Colégio do Espírito Santo, alguns Premonstratenses e Dominicanos seguem os cursos de Teologia na Universidade. Os Jesuítas têm as suas aulas em casa.

Visita a Mons. Namèche, o Vice-Reitor. Homem amabilíssimo. Ele lembra-se da antiga revista de Nîmes e partilha as suas ideias. Relata-me as circunstâncias providenciais da fundação da Universidade. O Estado em 1831 fundara uma Universidade em Lovaina; suprimiu-a no ano seguinte. A Igreja belga pensava em fundar uma; a cidade ofereceu-lhe os ambientes. Todavia a Universidade começou em Malines para a teologia e transferiu-se para Lovaina. A cidade forneceu as instalações e a manutenção. Compreendem os espaços onde estão / (59) as salas e a biblioteca; o Colégio do Espírito Santo para os teólogos, o Colégio Papa Adriano VI para a filosofia, as Letras e o direito, o Colégio Maria Teresa para as Ciências e a medicina; o Colégio dos Premonstratenses onde se dão as aulas de Física, e o Jardim Botânico. O Colégio das Humanidades dependeu da Universidade católica só durante 12 anos.

O *orçamento* da Universidade é secreto. As finanças são administradas em Malines. Esse orçamento deve andar à volta de 300.000 francos, para o pagamento de 60 professores a 4.500 fr. de média e para as despesas dos laboratórios. Além disso, os professores podem ganhar mais uns 2.000 francos com as gratificações das aulas e dos direitos de exames. A Universidade acaba de acumular uma Escola especial das artes, minas e fábricas, que entrega diplomas para a indústria privada, após 4 anos.

Visita ao Sr. Nève, professor de línguas orientais, tipo de retórico: os exames de letras, ciências, medicina e direito canónico são feitos diante de júris mistos. Professores de Lovaina unem-se ora com os de Grand, ora com os de Liége. O júri é presidido por um homem alheio ao ensino e nomeado pelo Estado, magistrado, oficial, etc. Estes júris são bastante imparciais. Há para as letras e as ciências um grau que corresponde ao nosso bacharelato.

Visita ao Sr. Lamy, presidente do Colégio Maria Teresa. Acolhimento delicioso; convite. Número dos alunos da Universidade, cerca de 1.000. Tirando os teólogos, não chegam a 200 os alunos internos nos Colégios do Papa e de Maria Teresa. Pagam 650 fr. de pensão; têm dois quatinhos. Podem sair todos os dias entre o almoço e as aulas da tarde. Podem também sair à noite até às 10 horas. É-lhes permitido ir ao café mas não ao teatro. Têm missa rezada só ao Domingo. A confraria da S.S.^a Virgem e os retiros anuais mantêm a frequência dos sacramentos. Os estudantes comem muita carne, diz o sr. Presidente, sobretudo os de medicina. - Os professores são nomeados pelos bispos, mas apresentados pelo Reitor. Este escolhe-os antecipadamente. Eles preparam-se e fazem geralmente dois anos de viagem, um ano na França e um ano na Alemanha. Colocam a Alemanha muito acima da França quanto às Ciências, embora prefiram / (61) a clareza e o método dos franceses. Poder-se-iam multiplicar os internatos, se os habitantes da cidade não fizessem questão de alugar os seus “quartos”.

O assunto do professor Ubaghs, que fez muito ruído no estrangeiro a propósito do ontologismo pouco mal fez em Lovaina. Ubaghs defendia as suas doutrinas não nas suas aulas, mas nos livros. Ficou sendo professor honorário. Dois terços dos professores sabem alemão. Metade fala-o correntemente.

Eu fizera assim conscienciosamente o meu inquérito. Julgava que iria utilizar em breve essas informações na França.

Indo para Lovaina, passara por Bruxelas. Admirara em S^a Gudula a bela capela do SS. Sacramento, testemunho da fé dos príncipes do séc. XVI. Regressei por Bois-d'Haine. Esperava ver Luísa Lateau, a estigmatiza⁴⁵. O pároco não pôde autorizar-me a

⁴⁵ Luisa Lateau, nascida a 24 de Janeiro de 1850 em Bois-d'Haine (diocese de Tournai), morta a 25 de Agosto de 1883. Na sexta-feira 25 de Abril de 1868, apareceram-lhe umas chagas nos pés, nas mãos, na testa, que sangraram todas as Sextas Feiras até 1881. Segundo a afirmação de várias pessoas, ela deixou qualquer alimentação a partir de 30 de Março

vê-la nesse dia, porque havia já demasiados visitantes, entre os quais o arcebispo de Alexandria e o capitão Wiard (mais tarde, P. Sebastião Wiard, da Trapa). Encontrei aí um povo simples e devoto. A habitação de Luísa Lateau é uma casita de aparência modesta, / (62) limpa e poética no seu isolamento no meio de campos e de prados arborizados...

A GRANDE DECISÃO

Chegara o momento de tomar uma decisão. Eu tinha uma atracção dominante para a vida religiosa. Pensava nas grandes ordens, e todos os dias invocava os seus fundadores. A necessidade que a França tinha dum ensino superior cristão e os projectos do P. Alzon nesse sentido tinham-me orientado para a Assunção. Estava quase decidido, mas permaneciam algumas objecções. Encontraria eu lá o método de vida interior no qual tinha sido formado em Roma? Os projectos do P. d'Alzon tinham alguma possibilidade de vingar? Sofri durante dois anos com este problema. Eu ouvia a opinião de muitos, mas consultava seriamente só o Pe. Freyd. Ele hesitava como eu e, comigo, procurava a vontade divina.

A 20 de Abril, vendo-me inclinado fortemente para Nîmes, escrevia-me: “Estivestes em Nîmes, e vistes com vossos olhos. Mais ainda, o bom Rev. Désaire está lá e pôde estudar o terreno. O que me dizeis dele e das vossas próprias impressões fazem-me crer que podeis, sem imprudência, / (63) comprometer-vos. Vós o sabeis, caríssimo, como eu desconfio das imaginações. Apesar da vossa calma aparente, a vossa fantasia inflama-se. O meu amigo Désaire é ardente e cheio de entusiasmo. Quis portanto provar-vos aos dois, para saber qual espírito que vos inspira. Hoje que conheceis o terreno a que sentis ainda os mesmos impulsos, dir-vos-ei com confiança: “Sim, ide para Nîmes”. De resto, nesta boa e querida congregação do excelente P. d'Alzon, há um elemento que certamente é um bom prognóstico à sua duração: é um grande amor à Santíssima Virgem, o seu apego à roca da Igreja. Logo, meu caro amigo, se sentis esse impulso para

de 1871, não tomando mais do que a hóstia da Comunhão. Tinha também frequentes extasis todas as Sextas Feiras. Entregava-se com todas as suas forças ao serviço dos outros. Luísa Lateau foi estudada por uma comissão de inquérito composta por eclesiásticos e médicos. O inquérito não chegou a nenhuma decisão pública definitiva quanto à autenticidade dos factos, da sua origem e da sua natureza. O caso de L. Lateau foi assunto dum debate na Academia real belga. Podemos lamentar que Luísa Lateau tenha sempre recusado submeter-se a um exame médico-clínico.

a Assunção de Nîmes, ide *in suo tempore*. Seguir-vos-ei com a minha bênção e a minha afeição”.

As hesitações do P. Freyd eram grandes; entre o seu temperamento e o do P. Alzon havia um abismo.

O P. Alzon estava cada vez mais insistente: A 4 de Agosto, escrevia-me: “Deus seja bendito por me enviar uma ajuda como vós!”

A 18 de Agosto: “Estejai em Nîmes no mês de Outubro. Passaremos juntos, no Vigan, Novembro e Dezembro; depois faremos o / (64) que vos parecer melhor para glória de Deus...”

A 7 de Setembro: “Espero-vos nos primeiros dias de Outubro...”

Na verdade eu preparava-me para partir, mas já não tinha descanso. Experimentava angústias indizíveis.

Uma última carta do Rev. Désaire não me encorajava nada. A 27 de Setembro escrevia-me: “Preparai bem as vossas baterias, meu bom amigo, antes de chegar, para não tomarmos outros compromissos se não aqueles pelos quais estamos decididos a sacrificar a nossa vida. Mais do que nunca eu vejo no P. d’Alzon um homem de Deus, que quer o bem e que adquire influência para o fazer. Mas ele coloca não sei que glória em se comprometer e em ser comprometedor, como ele próprio diz, e parece-me que vós ficareis assustado com isso. Enfim, vinde e vede; depois, antes de tomar compromisso, examinareis...”

Já não podia mais. Assim, eu não era capaz de partir. Achei que as minhas angústias vinham da acção da graça. Telegrafei ao P. Freyd pedindo-lhe uma decisão / (65) derradeira, e recebi este despacho que determino o rumo da minha vida: “Roma, 1 de Outubro 1871, 5,30 horas: A vossa hesitação é legítima. Seria melhor libertar-vos se possível. Resposta enviada. Freyd.”

Eu tinha autorização do bispado de Soissons para partir. A 8 de Setembro, o Rev. Dours escrevera-me: “Comunicarei a vossa determinação ao Sr. Bispo. S. Exc., como também todos os que vos conhecem, só poderão que lamentá-la, pensando nas necessidades imensas da diocese, mas só temos que nos inclinar diante da vontade de Deus que se manifesta.”

Mas tudo mudara. Conforme o conselho do P. Freyd, escrevi no dia 3 de Outubro a Mons. Dours colocando-me à sua disposição. O Rev. Guyart, vigário geral, escreveu a 6 de Outubro ao senhor deão de La Capelle: “O Sr. Bispo propõe-se dar em breve ao Rev. Dehon um lugar onde ele encontrará a ocasião de exercer o seu zelo. Até essa altura, S. Exc. concede-lhe com todo o gosto a faculdade de pregar e confessar não somente no território do vosso decanato, mas nas paróquias da diocese onde possa encontrar-se.”

Numa carta de 21 de Outubro, o bom P. Freyd explicava-me a sua decisão: “A vossa carta foi tal como eu a desejava. *Creio* que fizestes o que, de momento, me parece o mais conforme a vontade de Deus. O futuro mostrar-nos-á mais claramente o que o Senhor pede definitivamente de vós. Na expectativa, a experiência que adquiríreis no santo ministério ser-vos-á preciosa. Vereis que com boa vontade vos mantereis perfeitamente. Conservai o vosso coração bem unido a Deus, e não o apegueis por nada às criaturas. Quando a nossa alma é bem transportada sobre as asas da oração e do santo abandono à vontade do divino Mestre, vogamos tranquilamente e em segurança. Evitai os jogos e os jantares. Jogos *nunca*; jantares só quando for absolutamente necessário. Sede bom e condescendente para com os vossos confrades, cedei com gosto o lugar, e que a vossa simplicidade e humildade lhes torne agradável a superioridade nos estudos que vós tendes sobre eles.

Para vossa maior tranquilidade, dir-vos-ei que no dia após a chegada da vossa carta, tendo encontrado o bom P. Geral Mauron (dos redentoristas), dei-lhe conhecimento da vossa última correspondência / (67) e especialmente do conteúdo da vossa carta. Olhou-me com ar satisfeito dizendo-me: “Bravo, bravo, assim está bem! Nunca acreditei que houvesse um futuro para ele em Nîmes, e tê-lo-ia desaconselhado decididamente disso se não tivesse visto nele tanto desejo de lá ir. Ele não podia fazer nada de melhor do que não ir, porque não teria lá ficado: - Este testemunho espontâneo, tão perfeitamente de acordo com a minha íntima convicção, servirá bastante para vos tranquilizar, se precisásseis disso, e para guardar boa solidez frente a todos os assaltos que vos *virão e voltarão a vir*. Vós fixar-vos-eis no vosso *non possumus*, e podeis dar graças ao Senhor por vos ter evitado uma decepção... Julgo ter sido para vós o pobre instrumento de Deus. Custou-me muito, podeis acreditar, ter assim estragado os planos do excelente P. d’Alzon. Mas se eu desagradei a um amigo sem ele o saber, só o fiz para salvar um filho. Primeiro os meus e só depois os amigos; e tudo *secundum Dei ordinationem*”.

Portanto eu obedecia fielmente aos meus directores. Que podia eu fazer de melhor?

É preciso dizer que o P. Freyd não / (68) acreditava na organização do ensino superior em França. Ele pensava que o seminário francês de Roma chegava para tudo.

Quanto a mim, os meus motivos determinantes eram: 1º que não via em Nîmes o método de direcção espiritual que dera bons resultados em Roma; 2º que eu duvidava do êxito e da perseverança do P. d'Alzon para organizar uma obra de estudos; 3º que eu via os esforços começados no Nord pelo Sr. Hautcoeur para fundar a mesma obra; 4º que me oprimiam angústias indizíveis, quando me preparava para partir para Nîmes.

Só Deus sabe o que eu tive de sofrer por causa destas inquirições na obscuridade. Um dos meus amigos, o Rev. Bougouin, exprimia um pouco isso numa carta que me escrevia uns dias mais tarde: “Espero que estejais instalado em S. Quintino: quero ser um dos primeiros a aí chegar, para vos desejar toda a espécie de bênçãos e de consolações no ministério activo que vai ser o vosso. *Dominus benedicat introitum tuum et exitum tuum!* (cf. Sal. 128-8). - S. Quintino estava muito longe de entrar nas vossas previsões, como também a vida que ireis levar lá, e eis, / (69) querido amigo, que é por esta aprendizagem que Nosso Senhor vos quer iniciar. À primeira leitura da vossa carta, provei um sentimento de tristeza; pensei no vosso projecto de futuro, ao vosso desejo de fazer bem, de vos gastardes numa obra nova e todavia muito útil, e julguei poder medir um pouco, pelo sentimento que eu provava, o desgosto profundo, e ousaria dizer mesmo, a ferida do vosso próprio coração. Mas, coragem, caro amigo, os vossos amigos conhecem-vos, e dirão a si mesmos que precisastes de razões fortes e muito sólidas. Conheço sobejamente o vosso coração, pensando não vos entristecer, se vos disser que participei vivamente no vosso luto interior. Mas já que se vos torna evidente que a mão do Senhor não vos conduzia para Nîmes, tanto melhor que a primeira impressão em S. Quintino tenha sido favorável.”

Foi a 3 de Novembro que fui enviado para S. Quintino unicamente pela vontade de Deus.

O Rev. Dours escrevia-me: “Senhor padre, o sr. Bispo vos designou para substituir em S. Quintino o Rev. Dessons que recebe outro destino, e eu / (70) sinto-me pessoalmente feliz por vos informar desta decisão. Queira colocar-se o mais breve

possível à disposição do Sr. Arcipreste e oferecer-lhe a competência do vosso saber e da vossa devoção”.

Era absolutamente o contrário daquilo que eu desejara deste há anos, uma vida de recolhimento e de estudo. Fiat!

VI Período: Vicariato

S. Quintino: 1871 - 1877

1º Ano de Vicariato - 1871-72

PRIMEIRAS VISITAS

Fui fazer a minha primeira visita S. Quintino no dia 7 de Novembro. O Rev. Petit, pároco de Buironfosse acompanhou-me. Este bom padre iria ser para mim durante mais de 20 anos um excelente amigo. Era um verdadeiro padre. Filho único dum agricultor, tinha uma certa riqueza. Instintivamente, ele compreendia as exigências do ministério no tempo actual. Ele ia realmente ao povo e em especial aos homens. Visitava muito a sua gente e visitava-a como padre. Sabia interessar-se das coisas temporais para ganhar a confiança das famílias e por bondade de coração, mas o seu pensamento e as suas palavras elevavam-se rapidamente para o bem das almas. Era deveras um bom pastor. / (72) Tinha sempre uma estampa religiosa ou um bombom para as crianças. Visitava muito os seus doentes, socorria os doentes pobres e estava mesmos em condições de lhes dar alguns conselhos de medicina. Tinha uma pequena farmácia à sua disposição. Descobria as crianças que poderiam vir a ser padres. Mandava-as para o seminário, a ajudava-as, ocupava-se delas nas férias. Deu à diocese mais de 20 padres. Também enviava crianças aos noviciados de Irmãos. Era um bom colega. Recebia sempre com bondade os padres que o visitavam. Quantos ele consolou, ajudou e tirou de algum mau passo. Foi construtor de igrejas em toda a parte onde a obediência o enviou, em Buironfosse, em Sains, em

Nouvion. Escreveu-se a vida de vários padres da diocese; podia também escrever-se a sua com o título de “Bom Pastor”.

O Rev. Gabaille, arcepreste de S. Quintino, recebeu-me com bondade. Alojou-me numa mansarda onde eu passei um dia.

O Rev. Gabaille era um santo sacerdote. A sua vida escrita sobretudo com as suas notas, pôde ser com justiça intitulada “O santo sacerdote descrito por si próprio”. Ele não estava preparado para o ministério numa grande cidade; dantes fora sempre / (73) professor e superior do seminário. Era um homem interior. Aluno, depois colaborador do Rev. Lequeux, recebera a formação do nosso velho clero. Era da raça dos ascetas mais que dos apóstolos. O seu mote caracteriza-o “*Só Deus*”. Dirigia muitas almas e levava-as à devoção, muitas vezes com sucesso. Era pouco apto a exercer influência na cidade, sobre a sociedade de S. Quintino. Era um religioso mais do que um pároco. Tomei-o por meu confessor; edificou-me sempre mas não me foi de grande ajuda na direcção.

Em S. Quintino os vigários viviam juntos. Eu ia ser o sétimo. Eles viviam num casebre na rua do Oficial. Mobilavam-se bastante elegantemente em velhos quartos pouco habitáveis. O vicariato era uma força, em S. Quintino. Tinha personalidade e merecia-a. A sua composição não era vulgar. O bispado favorecia S. Quintino e com razão: a cidade tem uma grande influência na diocese, pela sua importância. O vicariato tinha as suas tradições, edificantes ou engraçadas, consignadas em parte nas canções do Rev. Cardon. Ficava em contacto com os antigos vigários, que convidavam para uma reunião / (74) anual os mais anciãos do vicariato actual. Entre os antigos contava-se o venerável Pe. Guyart, vigário-geral, que por muito tempo participou na administração da diocese; o Rev. Sueur, deão de Bohain; o Rev. Lefèvre, deão de Hirson; o senhor deão de Chauny, todos padres inteligentes e zelosos; o Rev. Prévot, pároco de St. Jean e mais tarde o arcepreste de Vervins, natureza tímida, mas finíssima e espiritual; o Rev. Cardon, capelão do liceu, tipo curioso da raça dos nossos velhos lavradores franceses, cantor e autor de canções agradáveis e maliciosas, tendo um pouco de La Fontaine e de Béranger.

O vicariato actual compreendia os Revs. Genty, Mathieu, Geispitz, Mignot, Chédaille, Leleu. Todos tinham o seu valor especial; formavam um conjunto, bem articulado pela Providência, para fazer bem em S. Quintino.

O Rev. Genty era bretão, totalmente bretão, com os pequenos defeitos e as grandes qualidades da sua raça. Tinha já cerca de 70 anos. Nasceu em Lamballe (Côtes du Nord) numa boa família aparentada com a pequena nobreza. Aluno do seminário menor de S. Brieu, aos 20 anos alistou-se na tropa por decisão repentina. Fez as campanhas da Espanha e da Bélgica. Esteve em Saragoça e em Anversa. Conservou / (75) desse tempo um passo militaresco e diz facilmente “o meu chapéu da polícia” em vez de dizer “o meu barrete”. Oficial em Soissons, deixou-se arrastar a um duelo; depois, temendo perder a alma, voltou à sua primeira vocação. O Rev. Reullan, vigário geral de Soissons e bretão de nascimento, fê-lo entrar no seminário de Soissons. Nomeado vigário de S. Quintino, aí ficou até ao fim e desenvolveu uma actividade de mais de 50 anos. Não tinha grandes estudos, mas lia muito Bossuet e as demonstrações evangélicas. Simples e bom como uma criança, tinha decisões rápidas e persistentes. Confiava em todos e facilmente se deixava levar. A lenda atribuía-lhe muitas aventuras cómicas. Antigo soldado, bom rapaz, rico e generoso, não podia deixar de ser popular. Pode-se dizer que toda a cidade o amava e em particular todos os operários. Era considerado confessor de manga larga. O seu confessionário era assediado, especialmente no Natal e na Páscoa. Era muito solicitado para os doentes que tivessem um passado carregado para reparar. Sabia atrair boas ajudas para as obras da basílica e prestou ao Rev. Mathieu imensos serviços. O bispo Dours / (76) fê-lo receber uma condecoração. Fez muitas obras de misericórdia e deve ver agora a sua boa cara num vitral que o povo doou em sua memória.

O Rev. Mathieu, vindo de condição modesta, filho dum chapeleiro de Hirson, tornou-se o homem da melhor sociedade. Aluno distinto no seminário, tivera sempre muito aprumo. Dotado dum inteligência acima do normal, amava os livros e trabalhou sempre. Publicou as suas Conferências às mães cristãs e uma vida de S. Quintino. Era segundo vigário e cônego em 1871. Na verdade governava ele o vicariato. Ocupava o salão grande. Os seus móveis e a sua biblioteca aparentavam abastança. Tinha sob a sua direcção a freguesia mais alta. Visitava normalmente as famílias mais influentes: os Bernoville, os Namuroy, os Paillettes etc... Tomou-me afeição e eu devo-lhe muito. Tinha grande experiência de apostolado e ajudou-me a beneficiar dela. Estava mesmo indicado para suceder em 1875 ao Rev. Gabaille.

O Rev. Geispitz, filho do sacristão de Guise, / (77) era um artista. Pianista hábil, dava bastante tempo à música. Era útil na basílica como director do coro. Para ganhar

algum dinheiro corrigia as provas de Vives. Tomado mais tarde de desânimo, retirou-se para Paris onde se tornou director do coro de Notre Dame.

Os Revs. Mignot e Chédaille vinham de S. Sulpício. Tinham ambos distinção e literatura. Eram galicanos e levantavam ainda frequentemente à mesa as discussões do Concílio. O Rev. Mignot agradava como director da grande casa das Irmãs da Caridade. O Rev. Chédaille tinha êxito junto dos jovens e nos pensionatos. O Rev. Mignot chegou cedo ao episcopado.

O Rev. Leleu, filho dum director de pensão em Fresnoy, chegava-nos do vicariato de Château-Thierry, com um carácter um pouco rígido, mas com virtudes bem sólidas. Encarregado da Ordem Terceira, tornou-se o director das almas piedosas. Mortificadíssimo na sua vida privada, teve frequentes veleidades de entrar na Ordem dos Capuchinhos. Mais tarde foi primeiro vigário e foi sempre muito estimado. / (78) O seu funeral testemunhou-o com estrondo.

Fiz a minha primeira visita a todos estes senhores no dia 8 de Novembro. Sentia o coração apertado. Eu sonhara com uma vida religiosa e de estudos; caía na agitação dum vicariato de cidade! Era preciso obedecer à Providência.

INSTALAÇÃO

Cheguei no dia 16 de Novembro para me instalar. Dão-me um modesto quartinho debaixo da cobertura. Do meu escritório via a basílica, os seus telhados elevados, os seus grandes arcobotantes, o seu pequeno portal gótico flamejante.

Fiz o meu pequeno regulamento a que nunca faltei senão por necessidade. A força dos hábitos do seminário sustentava-me e a graça de Nosso Senhor não me abandonou.

Vou dizer já as peripécias do meu mobiliário. Tinha mobilado com simplicidade essa mansarda. Alguns meses depois, o Rev. Mignot deixou o vicariato, nomeado pároco de Beauvoir; deram-me o seu quarto, mais amplo e mais alto. Mandei-o restaurar e sentindo acordar os meus gostos de estudante parisiense, fi-lo mobilar elegantemente em carvalho antigo, tapeçaria em tecido verde, tapetes de lã fina, etc... Mas senti logo arrependimento, era demasiado elegante, e troquei todos estes móveis com outros em nogueira, embora perdesse na troca umas centenas de francos. Meu pai ficou um pouco / (79) impressionado com este recuo; os outros julgaram-me diferentemente.

O bom Rev. Gabaille ajudou-me a fazer as visitas oficiais: o senhor Souvestre, sub-prefeito; o Sr. Mariolle, presidente da Câmara; o Sr. Desains, presidente de fábrica, juiz de instrução. Este era um católico sincero, conservara a fé duma velha família honorabilíssima. O Sr. Mariolle era educado e político.

Visitei com maior gosto algumas pessoas de valor (da conferência) de S. Vicente de Paulo, dedicadas às obras. Comecei a ligar-me com elas e a fazê-las minhas cúmplices para o bem a fazer-se em S. Quintino.

A esse grupo pertenciam o Sr. Julien, director de pensão e o Sr. Guillaume, conservador de hipotecas, que seriam por longos anos meus dedicados ajudantes em todas as obras a fazer.

O Sr. Julien era director de pensão, homem sanguíneo, vivo, generoso temperamento de S. Pedro. Outrora prefeito de colégio em Paris, aceitara as ideias actuais. Convertido pelo Sr. Tavernier em S. Quintino, nunca mais se desmentiu. Desafiava todo o respeito humano, era em toda a parte e sempre francamente clerical. Era da cepa dos primeiros membros das conferências de S. Vicente de Paulo e durante toda a sua vida foi o ardente servidor dos pobres.

O Sr. Guillaume era de Auxerre. Homem modesto, doce e simples, fora educado delicadamente. / (80) Entregou-se sempre às obras, fazendo o bem com inteligência e sem barulho. Seu irmão era o famoso escultor Guillaume; seu genro, o escrivão católico, Lecoq de la Marche.

O Sr. Black, então fabricante de cimentos, era também um tipo muito original. Vindo de condição modesta, era um católico duma peça só. E ria-se claramente “do que dirão os outros”. Mandara gravar na sacada da casa, esta divisa: *O meu Deus, o meu rei e o meu direito*. Criou uma família numerosa e deu vários dos seus filhos ao Bom Deus.

Vilfort, operário serralheiro, antigo aluno da Escola de Chalons, era o Irmão-reitor da Ordem Terceira. Também de temperamento sanguíneo, zeloso, ardente, mas desigual. Talvez se agitava demasiado para as obras, a ponto de descuidar um pouco os negócios e a família.

O Sr. Júlio Lehout, industrial, duma velha família de S. Quintino, era também um convertido do Pe. Tavernier. Tinha conservado algo do tom áspero dos grandes patrões, mas tinha uma fé viva e frequentava a igreja sem respeitos humanos.

O Sr. Basquin, fabricante de bordados, como fortuna era um novo-rico. Tinha boa vontade e teria chegado sem dúvida a ser o líder do partido católico, se uma morte prematura não o tivesse levado.

O Sr. Carlos Lecot era o amigo do Pe. Mathieu e o amparo das suas obras. Durante muito tempo foi também para mim um amigo. Não soube ser um chefe do movimento. O seu temperamento e a sua saúde contribuíram para que ele se fechasse em casa.

Havia também homens de condição mais modesta que foram heróis de dedicação nas nossas obras: o Sr. Alfredo Santerre, merceeiro; o Sr. Filachet, contabilista; o Sr. André, empregado do Banco de França.

O Sr. A. Santerre era o guia do nosso patronato. Este homem teve toda a fidelidade, todo o zelo dum “cão de pastor”. Os milhões de passos que ele deu para os pequenos e os pobres estão escritos no céu.

Eu conversava com estas boas pessoas sobre o que havia a fazer em S. Quintino. Reflectia sobre o *estado das almas* que o arcepreste publicava no fim do ano: 8.000 comunhões pascais para a cidade, 65.000 comunhões de devoção, 700 mortos por ano, um quinto dos quais sem sacramentos; 600 nascimentos, dos quais um quinto ilegítimos.

Desde 20 de Novembro, escrevia no meu caderno de notas: Falta em S. Quintino, como meios de acção, um colégio eclesiástico, um patronato e um jornal católico. / (82) Eu iria ter a graça de contribuir para dotar S. Quintino de tudo isto; mas, pobre de mim, com quantas falhas e fraquezas eu diminuí o bem que poderia ter feito!

A IGREJA

Eu amava muito a minha igreja de S. Quintino e considero uma das graças da minha vida ter estado ligado a essa igreja durante sete anos.

Só no céu saberemos quanta vida sobrenatural, quantas virtudes foram nela praticadas, quantas graças Deus prodigalizou numa igreja dessa espécie!

Foi mesmo aí que foi martirizado e sepultado S. Quintino. Simpática figura, a deste jovem romano, filho dum senador, que veio com onze companheiros renovar e propagar a fé em todo o norte de França! 50 anos depois da sua morte, o seu corpo é milagrosamente descoberto pela piedosa matrona Eusébia. Ergueu-se-lhe um sepulcro ao

lado da cidade de Augusta, num outeiro que fora lugar de oração dos Druídos. Depois esse sepulcro torna-se glorioso e atrai tudo a si, as artes, o poder, a riqueza, a vida religiosa. O bispado de Vermandois reside ao pé do sagrado túmulo até ele ser retirado para Noyon depois da invasão dos bárbaros. Esse bispado tem titulares gloriosos como / (83) S. Medardo e S. Eloi.

Sobre o sepulcro sucedem-se e crescem sempre mais os santuários. S. Eloi abre o túmulo e vê o corpo do santo radiante dum glória milagrosa. Aumenta então o santuário. Carlos Magno e o seu filho Hugo levantam uma igreja mais vasta e mais bonita. O séc. XII empreende a construção dum grandiosa basílica. Ergue a torre da fachada. S. Luís manda construir o coro e com a ajuda dos seus filhos transporta para lá, aos seus ombros, as relíquias do mártir, guardadas no relicário precioso de S. Eloi.

O séc. XIV conclui a nave central. O séc. XV levanta o portal sul. Luís XIV restaura a abóbada do coro e a torre da fachada, mas o segredo da grande arte ogival estava perdido. O nosso tempo tem rejuvenescido o interior, refeito os altares, restaurado os vitrais e as esculturas.

É linda essa igreja do séc. XIII e XIV. As abóbadas da nave elevam-se quase tão altas como as de Amiens. O coro tem uma coroa incomparável de capelas; capelas que são vastas, elevadas, resplandecentes. Entra-se nelas por arcadas esguias em ferradura, apoiadas sobre delicadas colunitas. Fala-se no coro de Beauvais, na nave de Amiens, nas agulhas das torres de Chartres, no portal de Reims, deveriam / (84) acrescentar-se as capelas do coro de S. Quintino.

Mas donde vinha esta glória sempre crescente do túmulo do mártir? Dos milagres que se multiplicavam incessantemente junto dele. Os doentes vinham em grande número procurar a sua cura. O nome do santo espalhava-se por toda a França e países vizinhos. Todas as nossas dioceses erguiam-lhe santuários. A Bélgica construía-lhe em Lovaina uma sucursal das obras divinas, uma igreja de S. Quintino onde os doentes encontravam a saúde. Esta irmã mais nova prolonga a sua vida sobrenatural até mais longe do que a irmã mais velha: as peregrinações e as curas milagrosas continuam ainda em Lovaina.

O grande santuário atraía outras relíquias dadas pela generosidade dos reis. Carlos Magno dava-lhe os corpos de St^a. Victoriana de Rouen, de S. Cassiano de Autun e a cabeça de S. Bonifácio, apóstolo da Alemanha. S. Luís trazia-lhe um bom fragmento da verdadeira Cruz.

A igreja tornara-se um santuário real e os nossos reis cristianíssimos vinham, depois da sua sagração, receber aí o título de cónegos ad honorem (cónegos honorários).

O Capítulo era um dos mais belos da França. Contou com 70 cónegos e outros tantos capelães. O culto era digno do santuário. O coro dos cónegos, entre os dois transeptos / (85) da igreja, ultrapassava em esplendor o de todas as nossas catedrais. Os cónegos mantinham escolas e fundavam o colégio, as paróquias, as abadias. A cidade de S. Quintino fazia esquecer Augusta.

Todas as grandes ordens religiosas vinham estabelecer-se à volta da basílica. Os beneditinos da abadia de Isle davam o seu contributo à ciência. Os Jacobinos⁴⁶, os Franciscanos, os Capuchinhos entregavam-se ao apostolado. Os Beneditinos de Homblières, os Bernardos de Fervaques⁴⁷, as Clarissas rezavam e ensinavam. Os estabelecimentos hospitalares multiplicavam-se.

A cidade tinha as suas liberdades municipais. Construía a sua graciosa câmara municipal em estilo ogival em que não se esquecia de fazer reinar Cristo numa capela onde rezavam os vereadores.

As corporações floresciam. Participavam na administração da Câmara, ajudavam na construção da câmara municipal, da basílica; numa e noutra os seus escudos testificam a sua vitalidade e a sua fé.

No séc. XIX a basílica é enriquecida com uma bonita capela ao Sagrado Coração, com um grande vitral de Cláudio Lavergne que representa toda a história dessa devoção: a preparação, a revelação, as lutas, os triunfos. / (86)

Agora já não há capítulo, não há corporações. Subsistem umas confrarias, umas devoções e uma boa vida paroquial para o escol da cidade.

⁴⁶ NT - Os jacobinos são os dominicanos, chamados assim porque o seu convento mais importante era o de S. Jacóbus (S. Tiago ou Jaime em inglês), em Paris. Por uma das muitas ironias da história, também se chamaram jacobinos os revolucionários mais violentos e sanguinários da Revolução Francesa e pela mesmíssima razão: os representantes do Terceiro Estado que queriam com muita justiça, renovar a França contra o absolutismo monárquico, reuniram-se no mesmo convento de S. Jacóbus, à coberta dos frades que reconheciam a necessidade urgente de muitas reformas na França. Mas quando a violência revolucionária explodiu em toda a sua força infernal os "jacobinos", agradecidos, guilhotinaram todos os frades. Coisas da vida!

⁴⁷ NT - Os Bernardos são os cistercienses (que habitaram no mosteiro de Alcobaça)

Era esta a *minha* igreja. Rezei nela de todo o coração, amei-a, exerci nela um pouco de apostolado, nela recebi muitas graças e ainda agora não entro nela sem me sentir emocionado.

REGULAMENTO - VIDA DE CADA DIA

Estava encarregado da primeira missa durante a semana; levantava-me regularmente às 4.30 h. para ter o tempo de fazer a minha oração. Essa missa era celebrada no altar da Santíssima Virgem, atrás do coro; todos os dias, tinha umas cinquenta comunhões. Recebi aí muitas graças. Conservava os meus hábitos de seminário: leitura espiritual, exame particular, etc...

Sendo eu o último vigário, tinha muitas missas tardias: enterros de 5ª classe, casamentos de 4ª classe, missa do meio-dia aos domingos. Jejuava quase um dia sobre dois, mas a minha saúde conservou-se perfeita; pude observar a Quaresma inteirinha, sem nada comer antes do meio-dia.

Os meus dias eram muito cheios. Tinha a presença nos enterros, acompanhamentos ao cemitério, que me ocupavam tempo; catecismo na igreja e nas escolas, visitas a doentes, preparação de sermões etc...

Éramos sete para 30.000 almas. / (87) Precisaríamos ser trinta. Fazíamos muito, mas ainda não era nada em comparação ao que era necessário fazer.

Tinha feito prontamente várias assinaturas, para estar ao corrente de tudo o que interessava a um padre. Tinha *L'Univers*⁴⁸, como jornal diário, a *Revue de Sciences ecclesiastiques*, para os estudos sacerdotais; a *Tribune Sacrée*, para a pregação; o *Bulletin de la Union*, para as obras; o *Messenger du S. Coeur* e o *Messenger de St. Joseph*,

⁴⁸ Diário católico, fundado pelo rev. Migne em 1833. Deve a sua importância à colaboração de Luís Veuillot a partir de 1843. Nele, defende com intransigência a causa de ultramontanismo (nt=do Papa que para os franceses fica para além das montanhas, dos Alpes). Luís Veuillot aderiu primeiro ao império autoritário; por consequência da sua oposição à política italiana de Napoleão III, *L'Univers* foi suspenso desde Janeiro de 1860 até 1867. Durante este período foi substituído por *Le Monde*. Veuillot retoma a sua publicação em 1867. Defende então a todo o transe o dogma da infalibilidade pontifícia. A sua genialidade alcança-lhe uma vasta audiência entre o baixo clero. Após 1870, Luís Veuillot defende a causa legitimista do conde de Chambord. A política de compromisso, de Leão XIII, provocou divisões entre os redactores do jornal, pois *L'Univers* aceitava as directrizes do Papa, enquanto que os monárquicos reuniam-se em volta da *La Verité*. *L'Univers* desapareceu em 1914.

para a devoção; a *Revue de l'enseignement*, por simpatia com os padres da Assunção e o *Bulletin monumental*, para as belas artes.

Eu sofria por ter pouco tempo para consagrar ao estudo. Estava habituado, até aí, a adquirir cada dia novos conhecimentos, e começava a perder esse hábito.

A nossa vida comum, o que poderia chamar a nossa vida de família, era agradável. À mesa conversava-se um pouco da cidade e do trabalho apostólico. E ainda havia uma multidão de anedotas relacionadas aos antigos vigários, que vinham à baila frequentemente e mantinham a alegria. O bom Rev. Genty muitas vezes é que pagava as favas. O Rev. Prévost, pároco de S. João, vinha almoçar todos os domingos. O Rev. Cardon, do liceu, era hóspede em todas as festas e trazia sempre o seu caderno de canções. Também não faltavam as discussões, / (88) às vezes bastante vivas. Os revs. Mignot e Chédaille liam *Le Français*⁴⁹ e defendiam as posições galicanas. O Rev. Mathieu e eu líamos *L'Univers*. Mas como eu chegava fresquinho do Concílio (Vaticano I), tinha o meu depósito de armas bem abastecido.

RELAÇÕES-VISITAS

Nestas grandes paróquias, entra-se em relação só com algumas famílias escolhidas. É um facto aceite, cada vigário tem algumas casas que frequenta. Todo o resto da cidade, ai de mim, não vê o padre senão raramente, ou mesmo nunca. Nunca se construirão cidades cristãs com paróquias de 30.000 almas. É contra o bom senso. O Pastor deve conhecer as suas ovelhas e as ovelhas devem conhecer o pastor.

As relações estabeleciam-se pela confiança e por vezes pelo confessorário. Era preciso tempo para se ter as próprias relações pessoais. Os Rev. Mathieu e Genty tiveram a caridade de me pôr em relação com as *suas* famílias.

⁴⁹ Era um diário político e literário, fundado em 1868 em Paris por católicos liberais com o duque de Broglie e Buffet, sob os auspícios de Mons. Dupanloup e de Agostinho Cochin. O diário assumia a missão de desenvolver uma acção política firme e moderada sem enfeudar-se a partidos ou regimes. Fez o que lhe foi possível para tornar possível o império liberal (Napoleão III tornou-se imperador em 1852, governando ditatorialmente; em 1863, aceitou a eleição duma Assembleia Legislativa: é este 2º período que se chama império liberal). Durante o Concílio, defendeu a liberdade de opinião. Durante o regime da Assembleia Nacional teve um período de alta influência. Ele reflectiu as mais firmes esperanças de uma direita moderada. Apoiou enérgica e habilmente a política do duque de Broglie. Mas não conseguiu evitar a derrota dos conservadores. Em 1882, na questão escolar, seguiu *Le Monde* contra a política violenta preconizada por *L'Univers*. Continuou as suas lutas contra a intransigência e em 1885 seguiu as instruções de Leão XIII, tomando posição contra o "partido católico". *Le Français* acabou em 1887.

S. Quintino não tem aristocracia que, nesta região, foi completamente destruída pelas guerras com a Espanha e com as Flandres. As famílias que nós víamos, pertenciam às diversas categorias da burguesia: a magistratura, a indústria, o comércio, a agricultura, os proprietários, os rendeiros, / (89) os funcionários do Estado e as outras profissões liberais.

Entre as famílias que eu via, umas pertenciam à grande indústria local, à fabricação de tecidos de S. Quintino: os Bernoville, Malézieux, Lehoult, Paillete, Arpin; os de Chauvenets eram uma família de magistrados, os Namuroy, de grandes agricultores; os Lecaisne, Leproux, Azambre, eram proprietários que viviam das suas quintas; os Fouquier e Desains pertenciam a antigas famílias do foro; os Arrachart, Agombart, Geneste, Gourdin estavam no comércio... todas estas famílias pertenciam ao terceiro Estado, que forma a moderna aristocracia das nossas cidades. Eram ricos “bons”, sempre prontos a contribuir para as obras, e que não pareciam ser capazes de duvidar de que pudesse haver lugar, ao lado dos patrões, para alguma organização democrática.

OPERÁRIOS E MISERÁVEIS

Encontrei-me depressa em contacto com o povo. S. Quintino tem 30.000 dos seus habitantes que vivem do salário diário. Os salários sobem ou descem segundo o curso da vida, como o preço dos escravos. Nenhuma instituição protege o operário. Os nove décimos de industriais e empreiteiros não têm nenhuma ideia dos deveres do patronato. A velhice, a doença, os muitos filhos, trazem à família fome e miséria. / (90)

Algumas famílias bem dotadas vão-se elevando; a maior parte jaz no pauperismo. As fábricas não fazem trabalhar ao Domingo, mas os patrões não se interessam com a religião dos operários. Os operários descansam ou cultivam a horta na manhã do Domingo; de tarde bebem.

Em todas as indústrias de construção, a situação é lastimosa: trabalha-se ao Domingo, bebe-se à segunda, à terça e muitas vezes à quarta. Nas oficinas, os aprendizes vão no Domingo de manhã limpar a maquinaria.

Pode dizer-se que, da classe operária, ninguém frequenta a Igreja. Nenhum nobre sentimento é sugerido a esta boa gente, nem pelos padres, nem pelos patrões. Eles lêem a *Lanterne* ou as sub-lanternas locais, é o seu alimento. O seu estado é pior do que o dos escravos da antiguidade, que eram um pouco da família do patrão. Em todos esses

corações reina, não sem graves motivos, o ódio contra a sociedade actual, com o ressentimento para o patrão, e o descontentamento para com o clero que não faz o suficiente para eles.

Muitas destas pessoas têm alojamentos infectos. É preciso ver em S. Quintino os pátios da Avenida Richelieu, as montanhas do Bairro periférico de S. João, as ruas baixas da zona do matadouro, / (91) os alojamentos da lavandaria dos Islots. Encontram-se aí alguns trapos, uma enxerga para toda a família, duas ou três cadeiras desfeitas, uma mesa claudicante.

A caixa económica espera estes operários que não têm nada para lá depositar. Uma única instituição atinge algum resultado em seu favor, a das mutualidades que cuidam do operário doente. Há duas em S. Quintino. No inverno, um terço da cidade é socorrido pela comissão de beneficência! É certo que lá está uma sociedade podre e que todas as reivindicações dos operários têm um fundamento legítimo.

Eu ia atacar-me a *esses currais de Augias*, mas não teria força para levantar uma cidade inteira; seria necessário o concurso do Estado, da opinião pública, do clero.

PESSOAS DEVOTAS

Para completar o quadro da paróquia, falta falar das pessoas devotas. Em S. Quintino não faltam. Na Basílica há umas sessenta Comunhões diárias, e duzentas ao Domingo. A ordem Terceira conta com umas sessenta irmãs e uns vinte irmãos.

Muitas pessoas devotas seguem os caminhos ordinários, assistem devotamente aos exercícios da paróquia e cumprem conscienciosamente todos os deveres da família. Mas algumas / (92) evidenciam-se, ou acima, ou abaixo da média. Por baixo, estão as escrupulosas, as visionárias, as ciumentas e as orgulhosas. As escrupulosas, são o purgatório dos pobres vigários. Elas vêm, tornam a vir e nunca chegam ao fim. Alguns vigários não sabem salvar-se delas. Eu reenviava-as para outra semana, mas tinha muita dificuldade em livrar-me delas. As visionárias, não se consegue tirá-las da sua ilusão. As ciumentas contam o tempo que se dá às outras; as orgulhosas querem tudo julgar e tudo dirigir, confrarias, paróquias, tudo...

Acima da média, havia algumas almas de escol. Um director, como S. Jerónimo ou S. Francisco de Sales, teria feito delas umas santas para canonizar. Que bela alma era

essa boa senhora Demont-Buffy, minha parente, a prima coirmã de minha mãe! Ela tornou-se, apesar da sua modéstia, superiora da Ordem Terceira. Tinha as suas provações em família, mas conservava a paz da alma e a constância de humor. Dedicava-se, sem agitações, a todas as obras. Tinha as suas listas de assinantes para a Propagação da Fé, a Santa Infância, a Obra de S. Francisco de Sales, etc., etc. Recolhia muito e passava despercebida.

Quero citar também a Menina Martin, irmã do historiador, pessoa culta e sem pretensões, reparando na oração e no silêncio todas as asneiras doutrinárias do seu irmão... / (93)

MINISTÉRIO: DOENTES, CATECISMO

Já o disse, paróquias de 30.000 almas são absolutamente anormais. O clero faz o serviço da igreja e ocupa-se das almas que vêm procurá-lo; o resto vive no paganismo.

As confissões não faltam em S. Quintino, quando se tem boa vontade, e pode-se fazer muito apostolado. Eu ficava uma hora no confessionário depois da missa da manhã. Durante a semana, havia frequentemente confissões de crianças. Ao Sábado, devia-se ficar no confessionário das 4 às 8 da tarde.

Quanto aos doentes, tínhamos em primeiro lugar os que nos chamavam pessoalmente; depois, os que pediam o padre no dia em que estávamos disponíveis. Era necessário vê-los frequentemente, segui-los, levá-los discretamente a receber os sacramentos, fazê-los avançar na oração ou formá-los na vida cristã, conforme as circunstâncias. Eu impunha-lhes sempre o escapulário.

Dois factos me impressionaram neste ministério junto dos doentes. O primeiro é que Deus, na sua infinita misericórdia, conserva muitas vezes a vida dos doentes até que o padre lhes tenha dado os sacramentos. Várias vezes vi uma vida, que / (94), segundo todas as previsões, deveria ter-se extinguido vários dias antes, prolongar-se até que eu pudesse preparar o doente.

Um outro facto bem saliente, é o progresso rápido que certos doentes fazem na oração. Parece que Deus dá em pouco tempo, àqueles a quem abrevia a vida, todas as graças que lhes teria concedido numa vida mais longa. Vi uma rapariga do povo, física, viver alguns meses como um anjo, na oração e nas boas leituras, paciente, doce,

edificando todos os seus e instruindo-os eficazmente. Vi um garotito de 14 anos, queimado por uma explosão de petardos, viver um mês inteiro como uma pobre alma do purgatório, ruído pelas queimaduras, paciente e doce como devem ser as almas do purgatório, instruindo os seus, incluindo seu pai, um rude tanoeiro, como o teria feito S. Francisco de Sales.

Às vezes, é a acção do demónio que se torna sensível; tal é o caso de um moço que blasfemava e se enraivecia todas as vezes que a sua pobre mãe lhe falava da religião, da oração ou do padre...; mas finalmente acabou por me receber.

Centenas de vezes declararam-me as famílias que, o doente, depois dos sacramentos, era mais calmo, mais paciente, mais doce, e que sofria menos. / (95)

Depois do serviço do culto, das confissões e dos doentes, havia as catequeses.

Para o catecismo paroquial eu tinha os miúdos das escolas laicas, e podia tirar bom proveito, porque o catecismo ainda era ensinado nas escolas. Todos os vigários tinham também algum internato de rapazes ou de raparigas, onde iam fazer uma conferência semanal. Tendo eu chegado por último, tinha as escolas laicas comunais. Havia duas, dirigidas por pessoas boas mais ou menos católicas, o Sr. Cuvillier e o Sr. Dudot. Ia à terça-feira a uma, e à sexta à outra, às 11 horas, fazer uma conferência de meia hora. Punha nisso todo o meu zelo. Era um catecismo de perseverança, com exemplos e histórias. Escutavam-me. Via entre eles caras boas, almas acessíveis ao bem. Para refazer com esses elementos uma cidade cristã, só faltavam os apóstolos: *Mensis multa, operarii autem pauci* (A seara é grande e os trabalhadores são poucos) (Mt 9,37). Era preciso seguir esses rapazes depois da escola, criar patronatos, associações... Esses rapazes vinham confessar-se cada três meses; era a norma das escolas. Consegui que alguns viessem mais vezes. Ia encontrar aí a minha vocação de fundador de obras e de / (96) propagandista da acção social. A Providência conduzia-me pela mão.

Essas escolas tinham adoptado o sistema americano de ensino recíproco. Os *monitores* davam metade do seu dia ao ensino dos mais pequenos em grupos, na sala grande, sob a vigilância do professor. Depois, recebiam um ensino especial. Como resultado para os estudos, não era uma maravilha, pois evidentemente o monitor não é um professor. Mas servia para reconhecer e desenvolver os caracteres. Um bom monitor mostrava que podia vir a ser um homem de acção e de influência.

PREGAÇÃO

Como pregação, havia bom trabalho em S. Quintino. Escrevi nesse ano uns trinta sermões, sem contar as breves conferências no Patronato. Havia vários cursos de pregação: as instruções da 1ª missa, as prédicas da missa paroquial, as exortações da missa do meio-dia, os sermões nas vésperas das festas, os sermões do Advento, as instruções dos meses de devoções. Era conveniente também aceitar durante o ano algum sermão nas capelas da cidade ou nas paróquias vizinhas. Eu fazia a minha parte, como os outros. Tenho ainda os meus apontamentos. / (97). São exactos e devotos, mas um pouco frios e com muita falta de retórica. A verdade e a beleza são feitas para andarem unidas. Faltava-me evidentemente formação. Não se faziam sermões em Roma. No colégio tinha estudado uma retórica muito arcaica e demasiado entravada pelo bacharelato. Eu não sabia *ler!* Procurava em tudo a ideia, o fundo. Tinha o sentido literário muito pouco desenvolvido. Coração não me faltava, mas tinha a imaginação demasiado pobre. O meu melhor instrumento de retórica teria sido o sentimento, mas não o usei bastante.

Na primeira missa explicávamos o Credo. Era reservada aos últimos vigários. Escrevi algumas dessas instruções sobre os Anjos, As anjos da Guarda, as consequências do pecado original, a filiação divina de Jesus Cristo.

Sobre os anjos

Eu tinha este plano: a criação dos Anjos, a sua natureza, as ordens ou coros dos Anjos, a provação, os bons e os maus anjos, o castigo de uns, a recompensas de outros. A conclusão que eu tirava é ainda, para mim, uma útil lição, que reproduzo aqui: / (98)

“Ah meus amados irmãos, este momento de prova começou também para nós. Será dum instante ou de alguns anos? Não sei. Mas o que é certo é que ele começou. Em cada instante da nossa vida, nós escolhemos um ou outro caminho. E com que leviandade, muitas vezes! Vamos lá, percorrei com a fantasia essas regiões inferiores onde reinam as trevas, o ódio, a blasfémia obscena e todas as vergonhas do vício. Vede bem se quereis que sejam esses os vossos amigos! Ah, mas antes descansai o vosso pensamento sobre essas legiões brilhantes, suaves, harmoniosas, humildes quanto poderosas, dos Espíritos bem-aventurados. Aí reina a harmonia eterna, a paz, a alegria, o louvor de Deus, o amor recíproco, a felicidade. Ó vós, que formais esses bonitos exércitos do céu, guardai-nos na vossa amizade. Pedi a Deus para nós a santa humildade e a

religiosa obediência. Segurai-nos sobre a encosta em que tão facilmente escorregaríamos e que, depois da nossa curta provação, possamos partilhar a vossa eterna felicidade.”

Sobre os anjos da Guarda,

O plano: 1º- Grandeza do homem no plano de Deus: *Angelis suis mandavit de te...* (Sl 90,11); 2º- Dignidade da vida cristã que tem um tal guia: *paedagogus et magister* (S. Basílio); / (99) 3º- Gratidão e docilidade que devemos ter para com o nosso Anjo. - E concluía: “Obrigado a Ti, ministro de Deus, que Te fizeste companheiro da minha vida. Tu me salvaste de mil perigos. Tu me guiaste por mil desvios perigosos (*In omnibus viis meis (Sl 90,11)*) até aos pés deste altar. Obrigado! Pede a Deus por mim, para que eu seja, desde este momento e por toda a eternidade, teu amigo não demasiado indigno e sempre reconhecido.”

Sobre as consequências do pecado original,

O plano: Consequências e efeitos do pecado original sobre todos os descendentes de Adão: para o corpo, as doenças, a morte, etc.; para a alma, a ignorância, a concupiscência, etc... Reflexões práticas. - E concluía: “Tenhamos, em primeiro lugar, uma imensa gratidão ao Redentor que nos levantou da nossa queda e, depois, uma profunda compaixão pelos homens cegos, que recusam a redenção e pretendem ver, no estado de degradação em que vive a humanidade, um estado natural e aceitável. Eles falam de moral sem Cristo, de ciência sem Cristo, de felicidade social sem Cristo; insensatos que não nos poderiam apresentar um só homem, fora do cristianismo, fosse / (100) mesmo Platão o Sábio ou Séneca o Virtuoso, que não fosse escravo dalgum erro grosseiro ou de alguma paixão vergonhosa. Quanto a nós, meus irmãos, adiramos ao Divino Redentor das nossas fraquezas. Nele reencontramos a adopção de Deus e a nossa herança. Com Ele, o nosso espírito reencontra o domínio sobre os sentidos; e o próprio trabalho, os sofrimentos e a morte já não têm o mesmo rigor, e são só uma curta expiação que conduz à felicidade. Mas como os efeitos do pecado original se fazem sentir em cada momento da nossa vida, recorramos continuamente ao Divino Reparador, e vivamos nele para reinar um dia com Ele!”

Sobre a filiação divina de Jesus Cristo:

O plano: Testemunho dos profetas, milagres da vida do Salvador, testemunho dos Apóstolos e da Igreja. Conclusão: “Sim, ó Senhor, nós cremos como os vossos discípulos e confessamos, como S. Pedro e seus sucessores, que Vós sois o Filho do Deus vivo. Os

céus e a terra dão-nos testemunho disso. Vós no-lo dissestes e provastes. É uma honra para nós. Vós nos elevastes até ao Vosso Pai vivendo em nós e dando-vos a nós; obrigado! Dai-nos a graça de vos exprimirmos eternamente / (101) a nossa gratidão, e de nos mostrarmos dignos filhos de uma Igreja divina e dignos irmãos do Filho do Deus Vivo.”

Fazia ainda outras instruções na 1ª missa, mas sem as escrever.

Os sermões de Festas eram distribuídos entre os vigários desde o começo do ano. Coube-me o Natal (1871), a Invenção da Santa Cruz e a Imaculada Conceição.

No Natal,

Fiz um verdadeiro sermão social. Todos os espíritos estavam preocupados com a situação da França: mostrei que a França fora castigada porque se afastara dos ensinamentos e dos exemplos de Belém, porque a sociedade francesa estava toda ela entregue ao orgulho, à concupiscência dos olhos e à concupiscência da carne.

O meu discurso era conforme à realidade. Tudo o que eu dizia em especial sobre a deplorável organização do mundo do trabalho e dos negócios, é o que viria a dizer Leão XIII nas suas encíclicas. Todavia, hoje penso que não deveria ter feito esse discurso ou, pelo menos, não nesse tom. Eu era jovem, era o meu primeiro grande discurso na paróquia, não devia começar por uma reprimenda sobre os costumes da sociedade e da cidade. / (102) Eu estava demasiado sob a influência de *L'Univers*, e creio mesmo poder generalizar, dizendo que o padre de hoje vive excessivamente do seu jornal e não suficientemente do Evangelho.

Eis como eu estigmatizava a sociedade contemporânea: Começemos pelo orgulho. Ele atinge o seu paroxismo nas nossas academias e nos nossos pretendidos sábios. Aqui, é a ciência natural que descobriu no solo vestígios de períodos sucessivos e nas raças viventes umas analogias de organismos, e que julga poder libertar-se de Deus e da revelação, porque não vê que a pouca ciência que possui confirma admiravelmente a narração do Génesis e a fé dos cristãos. Lá, é a medicina que, orgulhosa por ter entrevisto todos os pormenores orgânicos do corpo humano, já não quer acreditar numa alma que escapa ao seu bisturi. Aqui, é o historiador que, descobrindo algum escândalo

nos factos da Igreja, julga ter destruído com a sua ciência a Igreja e o próprio Deus, esquecendo o que nós sempre dissemos, com S. Paulo, que sempre entre nós haverá escândalos: *Oportet ut eveniant scandala*⁵⁰. Acolá, é o político e o moralista que, encontrando na sua educação, talvez recebida nos bancos de um colégio eclesiástico, um travão suficiente para não se exporem a trabalhos forçados, julgam que agora a política e a moral podem dispensar a religião, esquecendo que a filosofia foi sempre incapaz de moderar as paixões, e que o filósofo aparentemente mais austero, Séneca, teve Nero por aluno.

Eis alguns dos corifeus do orgulho. São inumeráveis os que arrastam atrás de si. Enchem com a sua propaganda ímpia uma multidão de periódicos e de livros nauseabundos. Ocupam, infelizmente! milhares de cátedras do ensino e assim corrompem a juventude. Eles, enfim, ocupam-se de política e remexem a lama do oceano social para dominar pelo popularismo favorecendo todas as paixões. - Depois destas ondas do orgulho da grande e da pequena ciência, há os homens do orgulho vulgar, da estima de si mesmos, do respeito humano burguês, que faz com que tantos homens, por medo de uma troça ou de um sorriso, tenham menos coragem do que as mulheres e as crianças, e passem toda a vida numa vergonhosa cobardia a respeito dos seus deveres religiosos. Mas basta com estes breves relances sobre o orgulho. É fácil de ver que este é um mal imenso, que / (104) prende nas trevas uma grande parte da humanidade. - Ai de nós! E não é a mesma desgraça quanto á concupiscência da carne? Os prazeres dos sentidos, são eles menos senhores da maior parte dos corações, do que o orgulho? Não, o mal também deste lado está ao máximo. O vício já não tem vergonha. O vício dos ricos, elegante, refinado, luxuoso, levanta a cabeça ousadamente, e as cortesãs do mundo impõem às nossas grandes damas os seus modos, a sua linguagem, os seus costumes e o seu comportamento; (é mesmo verdade, mas era coisa para ser dita nessa circunstância? Não), e a libertinagem do povinho, administrada, organizada, favorecida, conta entre os objectos de consumo.

O que são os costumes privados, vós o sabeis melhor do que eu e não ignorais que se um anjo de Deus viesse marcar com um sinal de condenação as casas onde reina o adultério e a corrupção, as felizes excepções talvez não seriam muito numerosas. Os

⁵⁰ A afirmação reporta-se ao texto evangélico de S. Mateus: “Necesse est... ut veniant scandala” (Mt 18,7). Cf. Lc 17,1.

sentidos tornaram-se ídolos como no mundo pagão e, além do culto privado que recebem quase em cada casa, obtêm um culto público ainda mais pomposo que o do verdadeiro Deus, e os seus templos são os teatros / (105) e os mil lugares de prazer e de pecado em que as almas se vão colocar ignobilmente ao serviço dos instintos mais grosseiros. Precisarei de vos apontar os resultados homicidas da mancebia, da libertinagem e da diminuição do número de filhos? Sim, a concupiscência da carne domina este mundo com o orgulho e forma como que uma imensa união de forças que expulsam Deus da sociedade e rebaixam o homem ao nível de brutos. - Resta-nos considerar a concupiscência dos olhos, isto é, o apego ávido e desenfreado aos bens deste mundo. Ah! esta é mesmo a rainha da nossa sociedade. Ela tem o seu paroxismo na Bolsa, onde a fortuna alheia está à mercê de golpe de mão ou de um golpe de sorte disfarçada sob a forma dum jogo, outrora proibido e agora honrado. Reina na indústria onde os capitalistas sem religião exploram o operário, destruindo-lhe o corpo, a alma e a eternidade pelo trabalho forçado do domingo. Reina na imprensa, onde nenhuma mentira, nenhuma calúnia, nenhum escândalo é demais, desde que faça aumentar os leitores e o lucro. Reina no operário que, não podendo / (106) chegar à posse dum capital através de uma sábia economia e de uma vida bem regulada, arde do desejo de lá chegar pela revolução social e a expoliação. Vós o sabeis, meus irmãos, todas as paixões funestas da sociedade podem ser reduzidas a esses três vícios capitais: o orgulho da vida, a concupiscência da carne e a concupiscência dos olhos. É esse o grande perigo social. A burguesia dá exemplo desses vícios, mas com uma medida e com um requinte que cobrem um pouco a sua ociosidade. A democracia imita-a sem essa moderação que não sabe conhecer. Os apetites grosseiros vão crescendo e a sociedade está para se desmoronar na anarquia, no sangue, na ruína, na lama...”

Depois eu indicava o remédio: em particular, quanto às cobiçadas riquezas, eu dizia: “E vós os que preferis as riquezas, à honra de Deus, apreciái a pobreza do presépio. Aprendeí que os verdadeiros tesouros estão no céu, são as boas obras, e se as riquezas da terra vos impressionam mais, sabeí que não gozareis delas se a sociedade não voltar a ser cristã. Em verdade vos digo, os vossos próprios interesses materiais só serão salvos com esta condição. A sociedade está em guerra declarada contra si própria e o resultado, sem o cristianismo, será a ruína de todos. / (107) O capitalista obstina-se a explorar o operário, sem lhe dar muitas vezes uma parte suficiente no produto dos seus suores e sem o ajudar paternamente no bom uso das suas economias. Declara guerra a

Deus, à Igreja e às almas com o trabalho ao domingo. Será ele a primeira vítima. O operário desconhece, por sua vez, o respeito que deve ao seu patrão e à lei. Quer fazer justiça pela força e apossar-se, pela revolução, da riqueza dos seus donos. Sofrerá o suplício de Tântalo⁵¹. Todas as vezes que ele estiver para se tornar dono dessa riqueza ela sumir-se-á pelo desaparecimento do crédito público e o resultado dessa luta fratricida será sempre a ruína social. - A salvação pública está no cristianismo. O presépio traz-nos a luz, ensinando-nos o desapego das riquezas. A vós, os ricos, o presépio ensina a dar largamente parte das vossas riquezas aos pobres. Vós já o fazeis, bem sei, mas redobrai o vosso zelo esclarecido. Se aparecer alguma associação a criar, se a ciência da economia cristã vos sugerir algum meio para levantar o pobre, instruindo-o e moralizando-o, agarrai logo a ocasião. / (108) Vós, pobres, não tendes nada a esperar dum rico sem religião, nem mesmo da revolução social que destruiria todas as riquezas, mas tendes tudo a esperar do rico católico, cujos benefícios já recebeis e que fará para vós muito mais, quando se permitir à Igreja respirar e procurar nas inspirações da sua fé e da sua caridade meios mais poderosos para vos ajudar. A vossa salvação consiste, portanto, em aproximar a sociedade a Cristo, primeiro pelo vosso exemplo e pelas vossas orações e depois pela influência que os vossos direitos de cidadãos vos pode dar sobre os destinos da pátria...”

Diga-se o que se disser do meu discurso, ele produziu um efeito profundo, pelo menos sobre uma pessoa que precisava de voltar para Deus. A sua conversão datou desse Natal e todos os anos ela oferecia-me, em sinal de gratidão, um cesto de presentes e uma rica oferta para as minhas obras.

No domingo de Quasímodo⁵² (Pascoela)

fiz o sermão da festa da Arquiconfraria da SS.ma. Virgem. Eis o meu esquema: “Desde a origem do mundo Deus preparou o trono de Maria ao lado do trono do Redentor: / (109) Maria está unida ao Redentor em todas as profecias e figuras; em seguida, a Igreja Católica tem no culto de Nossa Senhora um dos sinais mais brilhantes da sua divindade e

⁵¹ NT - Tântalo - rei da Lídia (ou de Corinto) era muito amigo de Zeus seu pai que lhe revelou alguns segredos do Olimpo. Por sua desgraça, Tântalo revelou-os aos homens e roubou o cão de ouro que era o fiel guarda de Júpiter e levou à terra o néctar e a ambrósia que eram alimentos dos deuses... Por castigo de tanta cobiça foi amarrado a um rochedo com os pés na água e debaixo duma árvore carregada de frutos: a água sobe mas, quando ele tenta beber, ela desce imediatamente; os ramos carregados de frutos descem mas, quando ele os quer agarrar, sobem imediatamente!

a devoção a Maria é para nós um penhor de salvação e de predestinação”. Acabava com estas palavras de esperança: “Tenhamos confiança no próximo triunfo da Igreja. Ela encontrou sempre na protecção de Maria a força para vencer os seus inimigos. E dos inimigos de hoje, será como dos inimigos de outrora. Eles passarão e deixarão a Igreja cada vez mais gloriosa. - Nessas considerações não encontramos um motivo de esperança, também para a nossa França? Ela é o reino de Maria, ela é-lhe consagrada. Os seus santuários são honrados e frequentados. Ela dignou-se muitas vezes trazer-lhes as mensagens do céu. Foi a França que espalhou por toda a parte as medalhas milagrosas da Imaculada Conceição. Foi a França que declarou Maria rainha do Sagrado Coração e Senhora das Vitórias. Foi a França que uniu o culto do santo Coração de Maria ao do Coração de Jesus. Esperamos e não deixemos de rezar a Maria pela França. - Também para a salvação das nossas almas tenhamos grande confiança em Maria. Nós trazemos todos sobre os nossos corações a sua imagem, em algum objecto de devoção. É um sinal de predestinação. É o sinal da salvação / (110) dado ao mundo desde o princípio. Se a nossa vida responder a esse sinal por um verdadeiro amor a Maria e pela imitação das suas virtudes, tenhamos confiança. Deus diz-nos o que dizia a Constantino: *in hoc signo vinces*. Por Maria, como pela Cruz, nós triunfaremos e as portas do céu serão abertas por toda a eternidade!”

Para a festa da Invenção da Santa Cruz,

eis o plano do sermão: “A cruz é a árvore da vida, da qual vos proponho hoje colher alguns frutos, uns amargos e duros, outros doces e agradáveis, mas todos igualmente bons para nos alimentar e fortificar. O fruto amargo é o encorajamento aos trabalhos, à paciência, à mortificação; o fruto mais doce é a esperança e a caridade que a visão do Filho de Deus, morrendo na cruz, acende em nossos corações...” E a conclusão: “Obrigado, meu Deus, por este sinal de salvação que nos destes. Dai-nos a graça de compreendermos e de amarmos a Cruz Que sejamos discípulos da Cruz pela prática da paciência, do trabalho, da mortificação, da penitência! Que nos liguemos à Cruz com confiança, como ao sinal da nossa salvação! Que nos unamos a ela com amor, como ao penhor do amor infinito que nos testemunhastes dando-nos o Vosso divino Filho e / (111) que o Vosso Filho nos mostrou abraçando a Cruz pela nossa salvação e reconciliação! É

⁵² “Quasi modo geniti infantes...” (2P 2,2); 1º Domingo depois da Páscoa ou Pascoela

diante da cruz que nós seremos julgados (*Erit signum Crucis in coelo, cum Christus ad judicandum venerit Cf. Mt. 24,30*)⁵³ ; ajudai-nos a ser durante a nossa vida os amigos da Cruz, para que no dia do juízo não tenhamos de corar à sua vista e para que sejamos convidados a nos alinharmos sob o estandarte do eterno triunfo!”

Para a festa da Imaculada Conceição

eis qual era o plano: “Pelos nossas tendências naturais, dizia eu, nós somos puxados para a terra e para as coisas terrenas, levados a prestar a nossa atenção só aos factos aparentes da ordem política e social. Não deve ser assim para os homens de fé. Há uma ordem de coisas mais elevada. Há a vida da Igreja. Há a acção do Espírito Santo e a intervenção sobrenatural de Cristo, rei da Igreja, e dos Santos, seus principais ministros. Há sobretudo a intercessão da Santíssima Virgem que é a mediadora habitual entre o céu e a terra, pela qual nos vem todas as graças do Céu e que apresenta ao Céu todos os nossos pedidos e que expõe todas as nossas necessidades. Tendo portanto de vos falar da Imaculada Conceição de Maria, fiquei impressionado pela influência deste dogma sobre os destinos do nosso século e propus-me chamar a vossa atenção e as vossas reflexões sobre esta influência. Não me limitarei portanto / (112) a expor-vos o objecto da nossa fé neste assunto. Aliás já o conheceis. Mas proponho-me alegrar-me convosco pelo privilégio que o nosso tempo teve de ter sido escolhido para a definição deste dogma e convidar-vos-ei primeiramente a reconhecer nele um penhor de esperança para a Igreja e para o Sumo Pontífice e, em seguida, ver nele uma promessa de salvação para a França...” Expunha então a história do dogma e a sua definição. Mostrava os favores que a SS. Virgem, reconhecida, já prodigalizada ao Santo Padre e à França: a glória e a popularidade de Pio IX, as aparições cheias de promessas à Ir. Labouré, ao Sr. Ratisbonne⁵⁴, a Bernardette e as graças devidas à medalha milagrosa e a Nossa Senhora

⁵³ Haverá o sinal da cruz no céu, quando Cristo virá para nos julgar

⁵⁴ NT. Stª. Catarina Labouré, Borgonha 1806 - Paris 1876.

Eram 10 irmãos, aos nove anos morreu-lhe a mãe. Aos 24 entra no noviciado das Irmãs da caridade, onde já teve graças sobrenaturais, visões de Jesus na Eucaristia, de Cristo - Rei, mas sobretudo da medalha milagrosa. Nª Senhora apareceu pelo menos 5 vezes de Julho a Dezembro de 1830. A mais conhecida é a de 27 de Novembro em que ela viu a medalha milagrosa na realidade, isto é Nossa Senhora com as estrelas, o globo dourado, e em volta da cabeça a invocação que se tornou universal: “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós”. Dois anos depois 30- 6-1832 foram cunhadas 1500 medalhas. A medalha ficou logo a ser chamada a “medalha milagrosa”; entre os prodígios mais conhecidos foi a conversão (20-1-1842) do judeu Afonso Ratisbonne. Durante os 46 anos que a irmã ainda viveu, ninguém soube desses dons celestes senão os superiores religiosos; a freirinha ininterruptamente na maior humildade os pobres do hospício de Enghien (Paris). Beatificada: 28-5-1933, Pio XI; Canonizada: 27-7- 1947, Pio XII

das Vitórias. E concluía: “Quer isso dizer que tenhamos de adormecer na segurança? Não, a salvação será a recompensa da perseverança. A oração deve ser assídua e deve ser acompanhada de esforços generosos para tendermos à perfeição cristã na medida em que formos a ela chamados...”

Outras homilias

Escrevi 4 homilias, para os domingos X, XIX e XXIV depois de Pentecostes, e para o III domingo de Advento. Não as analiso aqui.

Escrevi também 8 exortações para a missa / (113) do meio-dia e um sermão para o Advento.

Estas breves conversas dum meio quarto de hora não permitiam desenvolver um pensamento. Além disso a assistência estava espalhada pela igreja e com pouca atenção. Era de facto um golpe de espada na água. Lembrarei só uma dessas exortações, a de 3 de Novembro. Nesse dia fazia-se em todas as funções um peditório para o patronato que eu estava fundando; exortei a assistência à generosidade nestes termos: “As solenidades destes dias passados convidam-nos insistentemente às boas obras. Celebrámos o triunfo dos Santos, mas os Santos estão na glória unicamente em recompensa das suas boas obras. Foi-lhes usado de misericórdia, porque eles usaram de misericórdia. Temo-nos lembrado dos mortos e os mortos só têm as suas boas obras para fazer valer diante de Deus. Só as suas obras os acompanham além da morte: *Opera illorum sequuntur illos*⁵⁵ (Ap. 14,13). Deus os retribui segundo as suas obras: *Reddet unicuique secundam opera sua*⁵⁶ (Mt. 18,27). Na ressurreição, somente os que fizeram o bem, terão parte na vida gloriosa: *Procedent qui bona fecerunt in resurrectionem vitae* (Jo. 5,29)⁵⁷. Tomo a ocasião destes ensinamentos para convidar-vos a dar generosamente para o peditório que se vai fazer para o patronato dos aprendizes e dos jovens operários. Já conheceis a obra. / (114) Trata-se duma associação ou círculo dos jovens pertencentes especialmente à classe operária. Devem encontrar lá ao domingo, distracções honestas, conselheiros e amigos dedicados, o gosto e hábito da poupança e sobretudo um ensino útil e bons princípios morais. Vós conheceis a importância e a eficácia dessas obras. Todas as

Do sr. Ratisbonne só encontrei o aceno que vem na nota precedente.

⁵⁵ As obras deles os acompanham

⁵⁶ Dará a cada um segundo as suas obras

idades industriais já as têm. Especialmente em Paris essas obras patrocinadas por homens influentes e inteligentes mesmo excluindo toda a consideração religiosa, fizeram já um bem imenso. Talvez devamos a elas o não termos sucumbido na anarquia da Comuna, porque nenhum desses jovens que essas obras reúnem em Paris, desde há vinte anos, em número de 7 a 8.000 se encontrou nos batalhões dos revoltosos e dos incendiários. - A necessidade de recursos consideráveis para esta obra é fácil de compreender. É necessário um local vasto e agradável. São precisos também jogos e prêmios e tudo isto requer despesas consideráveis. - As obras operárias são, para o nosso tempo e para a nossa condição social, obras de salvação. Sede então generosos, no interesse da nossa pátria e de vós mesmos. Dai sobretudo com espírito de caridade cristã para a salvação da vossa alma... / (115) Lembrai-vos dos conselhos de Tobias ao seu filho: “Se tens muito, dá muito; se tens pouco dá pelo menos de bom coração. Acumularás assim um grande tesouro no céu, porque a esmola liberta do pecado e da morte e será motivo de grande confiança diante de Deus, para aqueles que a tiverem feito” (Tob. 4, 9-13). O anjo Rafael antes de deixar essa família abençoada por Deus deixava-lhe os mesmos conselhos. Dizia ele “É bom descobrir e apregoar as obras de Deus” (Tob. 12,7). E estas obras desconhecidas que ele apregoa são as que Ele, anjo de Deus, estando presente a todas as boas acções de Tobias, oferecia em homenagem ao Senhor”. Acrescentava ele: “A oração com a esmola vale mais do que todos os tesouros, porque a esmola apaga os pecados, livra da morte, faz encontrar a misericórdia e a vida eterna (Tob. 12, 8-9). Esta oferta que vós fareis hoje de bom coração, apresentada a Deus pelos anjos, falará em vosso favor quando chegareis ao momento terrível da agonia e será talvez a ela que devereis a graça da conversão e da perseverança final e a salvação eterna”.

Restam os sermões feitos fora por convite. Escrevi oito.

No hospital-Geral falei da vida sobrenatural, da vida em Deus: “Nós vivemos na presença de Deus, / (116) vivemos em Deus com a Sua ajuda e a Sua graça. E concluía: “Vivei, meus irmãos, desta vida em Deus que acabámos de descrever. Vivei primeiro na santa presença de Deus e dos seus anjos, não somente quando rezais, mas sempre. Que a vossa vida seja sempre digna duma tal companhia e dum tal olhar! Não deis nunca

⁵⁷ Os que fizerem o bem, avançarão para a ressurreição da vida

tristezas ao céu com as vossas faltas. - Depois vivei na graça de Deus. Esforçai-vos por crescer sempre em graça diante de Deus e dos homens. Aumentareis em vós a graça pela oração, pelos sacramentos, pelo fervor, pela mortificação... Pedi a Deus, de manhã, como podereis viver em Deus durante o dia. Depois da oração, fazei um breve exame preventivo. Perguntai a Deus o que Ele quer de vós, para o dia que começa. Ele vos indicará os vossos trabalhos, os vossos estudos, as relações necessárias de família e de comércio, mas tudo isto feito cristãmente e sob o Seu olhar. Finalmente, nesta vida celeste, não esqueceis o Deus da Eucaristia. Visitai-O algumas vezes. Começai a ter com Ele essas relações divinas que continuareis no céu. Começai a amá-IO. Não é verdade que Ele é soberanamente amável e bom? Sim, ó Senhor, parece-me que se eu tivesse a felicidade de ver-vos com os meus olhos, já não poderia suportar por mais tempo o meu exílio. Morreria por amor de / (117) vós e do desejo de estar convosco. Dai-nos a todos, Senhor, a graça de bem viver em vós cá na terra, na espera de ir ter convosco no céu!”

No pensionato da Cruz, fiz o panegírico de S. José. Mostrei a sua grandeza no plano divino, o seu poder no céu, a sua bondade para connosco. E concluía: “Oh, sim, grande santo, vós nos amais. Vós fostes formado na escola de Bom Pastor. Vós procurais as ovelhas tresmalhadas para carregá-las aos ombros e reconduzi-las ao aprisco. Vós estais cheio duma compaixão paternal, como o pai do filho pródigo e, se nós nos virarmos para vós, para vos honrar e invocar, vós nos recebereis como esse pai que recebeu o filho pródigo. Ele lançou-se ao seu pescoço, abraçou-o e restituiu-lhe todos os privilégios de filho da casa. Vós esperais que recorramos a vós. As vossas mãos estão carregadas de dons da graça que desejais prodigalizar-nos. Eis-nos! Nós vimos a vós. Nós queremos daqui em diante ficar a ser vossos filhos, queremos honrar-vos e amar-vos e esperamos de vós que nos conduzais a Deus, pelo caminho de todas as virtudes de que nos dais o exemplo”.

Em Montescourt preguei a Paixão. Servi-me muito de S. Leonardo de Porto-Maurício. / (118)

Na capela da Ordem Terceira, preguei para a renovação da profissão. Ajudei-me com S. Francisco de Sales e com as suas páginas da renovação dos propósitos da *Vida*

*Devota*⁵⁸. Lembrei a grande graça da vocação à Ordem Terceira e a utilidade da renovação dos propósitos! E concluí: “Ó preciosa profissão! Ó santos propósitos! Vós sois a bela árvore da vida que Deus plantou com a sua mão no meu coração, que o meu Salvador quis regar com o seu sangue para fazê-la frutificar. Antes mil mortes do que permitir que algum vento arranque esses frutos! Não, nem a vaidade, nem as riquezas, nem as tribulações arrancarão a minha decisão. Esta linda árvore, Senhor, vós a tínheis guardado desde toda a eternidade para plantá-la no jardim da minha alma. Quantas almas foram também favorecidas assim! Poderei eu humilhar-me suficientemente diante da vossa misericórdia? Ó belos e santos propósitos de humildade, de fervor, de zelo de caridade, se eu vos observar, vós me conservareis; se vós viverdes na minha alma, a minha alma viverá em vós. Vivei portanto para sempre, ó santos propósitos, que sois eternos na misericórdia de Deus: ficai e vivei eternamente em mim! E que eu nunca vos abandone!”

Para a Sociedade de Socorros Mútuos, preparei uma exortação para uma reunião mensal e / (119) um discurso para a festa de S. Francisco Xavier. As notas que escrevia para a exortação mensal ainda têm hoje o seu valor.

“O argumento dos economistas, para fazer suportar aos pobres e aos trabalhadores a desigualdade das condições, reduz-se mais ou menos a estes pontos: entram em grande parte na riqueza geral, certos elementos indivisíveis, por exemplo, os grandes castelos, as grandes fábricas, a propriedade urbana. Uma tentativa de distribuição igualitária teria como primeiro resultado o aniquilamento dessa importante porção de riqueza pública e de diminuir outro tanto o bem comum. Claro que já não haveria ricos, mas a partilha reduziria os pobres a um estado mais miserável do que o seu estado presente, porque já não encontrariam trabalho nem socorros junto do rico arruinado”.

Não se pode negar que o argumento seja concludente. Todavia, duvidamos que ele tenha a força para desarmar o socialismo. A sua primeira falha é de não chegar aos interessados. A economia política está longe de ter tal clareza e simplificação que a torne acessível às classes populares. A demonstração, de resto, bem pode falar a linguagem peremptória dos números; ela tem influência unicamente sobre a fria razão e aqui não é

⁵⁸ Introdução à Vida Devota

só a razão que está em causa. São as paixões / (120) rancorosas que deveriam ser pacificadas, são os corações chagados de inveja que se deveriam conquistar. Refazer a ordem verdadeira, isto é, a ordem cristã, nos espíritos, reconduzir os homens a estimar os bens precários da vida só por aquilo que valem; só está aí a solução do problema económico e social e, mais ainda, até a solução do problema político, se for possível... Uma só coisa nos salvará, a reforma, ou para falar mais claro, a conversão dos corações. Convertamo-nos ao Senhor nosso Deus e à Sua lei; a este preço nós afastaremos as catástrofes das nossas cabeças. - O problema do capital e do trabalho é resolvido pelas leis cristãs, e a solução aplica-se perfeitamente a todos os tempos e a todas as formas sociais. Quanto ao trabalho, ele é lei para todos: rico ou pobre, ninguém tem o direito de ser inútil; cada um deve pagar a sua dívida de esforços e de suores; e todo o trabalho, elevado ou subalterno, trabalho das mãos ou do espírito, todo o trabalho é de grande valor, quando é cumprido em espírito de obediência ao mandamento divino. - A lei cristã relativa à posse e ao uso das riquezas é dominada pelo passo do Evangelho que nos obriga a ser pobres em espírito; admirável doutrina económica, que contém todas as pacificações, todas as soluções, todas as reconciliações! O rico é pobre em espírito, / (121) quando possui com temor e desapego, quando possui sem ser possuído e sem esquecer as suas esperanças celestes, os bens frágeis da terra.

A pobreza em espírito deste rico torna abundantes, torna inesgotáveis as obras da sua caridade e defende-o das tentações da injustiça. Pela sua caridade, ele constrói palácios para os doentes e os velhinhos... Pela preocupação da justiça, ele foge a todas as seduções da usura e da opressão. O indigente é pobre em espírito, quando considera sem cobiça rancorosa e sem inveja exaltada os seus bens que não recebeu em partilha. Estes dois homens, o pobre e o rico, são iguais na sublime igualdade dos filhos de Deus. Entre estes dois homens, não subsiste nada daquilo que divide e aflige os corações.

A sociedade salvar-se-á, retemperando-se na pobreza em espírito, isto é, convertendo-se... Na França, o primeiro remédio é a santificação do Domingo. Os operários devem ajudar-nos a chegar a isso, sem violência, mas com perseverança. Na Igreja, patrões e trabalhadores voltarão a aprender as leis da justiça, da equidade, da caridade recíproca..."

No discurso que tinha preparado para a *feira de S. Francisco Xavier*, eu conduzia a assistência à procura da solidariedade social. Passando em revista / (122) os vários períodos da minha vida, achava a felicidade social relativa, nas boas populações da

Flandres. Via aí a religião honrada, a família unida, numerosa e laboriosa, o Domingo alegremente santificado, todas as misérias socorridas. Entretanto um novo elemento tinha aí penetrado: era a vida das oficinas. Uma fábrica de fiação que o povo chamava simplesmente “a fábrica” formava uma população à parte. O trabalho longe da família, a mistura dos sexos, o excesso de cansaço, a ausência de um patronato, tudo levava a transformar este novo grupo num inferno. Tinha-se visto na fábrica somente uma mina de ouro, nos operários umas máquinas, e tinham-se esquecido os deveres sociais e religiosos.

Levava depois o meu auditório até Paris. Eu conhecera lá o estudante preguiçoso e gozador, que acabava tísico, ou mentalmente deficiente, ou na vida fácil do político. Conhecera também o estudante virtuoso, estudioso, que dava os seus tempos livres aos pobres. Era este que me parecera feliz.

Em Roma, eu vira reinar “a vida cristã com todas as suas alegrias, o descanso do Domingo, as festas mais esplêndidas, o deslumbramento artístico da casa de Deus, a paz entre os cidadãos, todas as generosidades, uma organização maravilhosa da caridade, socorros prodigalizados a todas as indigências, consolações a todas as tristezas, todas as obras de zelo / (123) e de misericórdia que ultrapassavam, por assim dizer, as necessidades do povo, a ciência mais verdadeira e mais recta, a instrução mais espalhada do que na maioria dos povos, e a facilidade de chegar gratuitamente a todos os níveis da ciência, numa palavra, uma soma espantosa de verdadeira e pura felicidade.” E concluía que a felicidade está no amor e no serviço de Deus e na obediência à sua lei.

Em Lesdins, preguei na Primeira Comunhão. A tristeza dominava o meu discurso: eu via que essas crianças não eram acompanhadas à Santa Mesa pelos seus pais e que a maioria, privada de um bom exemplo da família, não perseveraria. Dizia eu: “Porque há-de ser preciso, dizia eu, que alguma amargura venha obrigatoriamente a misturar-se com a nossa alegria?! Estas crianças, hoje cheias de fé, são também cheias de zelo pela glória de Deus, cheios de amor pelos seus pais e pelos seus compatriotas. Mas estou certo de que uma preocupação dilacera o seu coração: o pensamento de que entre vós, meus irmãos, e talvez entre os seus próprios pais, há alguém que não é amigo de Deus. Eles não viram talvez, no tempo da Páscoa, os seus irmãos mais velhos e os seus pais aproximarem-se da Mesa Sagrada. Eles sabem a importância da Salvação..., eles conhecem o perigo do adiamento da conversão. Eles / (124) receiam pela vossa salvação, e porque vos amam sentem-se desolados. Eles vêm que muitos dentre vós se

deixam absorver pelas preocupações materiais, que não têm coragem de consagrar a Deus o dia do Domingo, que não compreendem a nobreza, a grandeza, a alegria que teriam numa vida cristã e na recepção dos sacramentos; eu estou certo de não me enganar, afirmando que com este pensamento, o seu coração está triste. Eu sei o que é o coração de um filho; sei quanto ele é amoroso, devotado, zeloso, generoso, especialmente quando é puro como o destas crianças. Um coração puro vê claro nas coisas de Deus. Estas crianças vêem os perigos próximos para a sua fé e para a sua salvação, e nós mesmos não podemos ver esses perigos sem sentirmos dor: perigos da parte da sociedade, que está entregue aos interesses materiais e a os prazeres; perigos talvez da parte de seus pais, cuja indiferença religiosa os avassalará, gelando-lhes o coração; perigo da parte das suas paixões que não encontram o necessário travão nos devotos costumes da família, da oração em comum, da santificação do Domingo, da frequência dos sacramentos... - Por isso, nós receamos, infelizmente, que essas almas, hoje tão belas, se tornem em breve almas vulgares, doentes da doença do pecado ou da indiferença... Quantos, antes / (125) delas, se deixaram decair da dignidade da vida Cristã! Quantos voltaram só uma ou duas vezes à santa Comunhão, que é a maior honra, a maior alegria da sua vida! Estamos a imaginar os que já estiveram no lugar destas crianças, nos anos precedentes: cresceram, têm 15 anos, 20 anos, ou mais. Onde está a fé da sua Primeira Comunhão? Onde estão esses corações, então tão puros, tão rectos, tão cheios de amargura pelos erros do passado e enérgicos e santos propósitos para o futuro, tão radiantes de felicidade por se unirem ao Senhor por tão sublime amizade? Esses corações não sofreram nenhuma mancha de pecado, ou então tiveram o cuidado de lavar pela penitência aquelas que a sua fragilidade tinha admitido?..."

Estas angústias eram muito reais. Senti-as profundamente, todas as vezes que estive presente numa Primeira Comunhão nas nossas aldeias tão indiferentes.

Em Bapaume, fiz o panegírico de S. Vicente de Paulo, convidado pela irmã Gabriela Penont, superiora do hospício. Eis o plano do sermão: "Proponho-me fazer-vos notar, na vida do nosso Santo, que tão bem conheceis, algumas características da sua caridade, modelo perfeito que nós, cada / (126) dia, devemos procurar imitar. Notareis, em primeiro lugar, como esta caridade foi magnânima, pois abrangia todas as obras de misericórdia espirituais e corporais. Em segundo lugar, observareis o carácter sobrenatural dessa caridade, guiada pelos conselhos da Providência divina e liberta de

todo o espírito corporal e humano. Finalmente, admirareis como esta caridade foi regulada e organizada, para produzir frutos abundantes e duradouros...”

E Concluía: “Mas não devemos limitar-nos a uma admiração estéril diante das maravilhas de caridade de S. Vicente de Paulo. Devemos também encher-nos dum santo amor para com os nossos irmãos. Saibamos, pela nossa caridade, forçar o mundo a reconhecer em nós os filhos de Deus. As pessoas do mundo não podem deixar de ver que a sua filantropia é vã, se não for amparada pela fé. Desde os primeiros séculos, a caridade dos cristãos assombrava os pagãos. Julião Apóstata⁵⁹ tentou opor-lhe não sei que generosidade filosófica. Dizia ele: “Deixaremos esses galileus alimentarem os nossos pobres!” Mas o seu apelo aos pagãos não foi ouvido, e nunca houve senão os discípulos do Galileu a alimentar os pobres! Tenhamos gosto em socorrer as misérias e os sofrimentos corporais, que roubam aos infelizes o cuidado e o pensamento da Salvação e que os arrastam incessantemente / (127) à blasfémia e ao desespero. Sejamos, nas mãos de Deus, instrumentos dóceis. Que as nossas obras se desenvolvam sob a guia e a inspiração de Deus. Que a nossa caridade seja prudente e regulada de modo a deixar frutos seguros e duradouros, como a de S. Vicente. Deus nos reconhecerá pelas nossas obras, como se conhece a árvore pelos frutos. Possa ele ver em nós árvores da Sua escolha e transplantar-nos para o Seu jardim de delícias!”

OBRAS: O PATRONATO

Foi a obra do Patronato que iria ligar-me a São Quintino e servir de meio providencial para tudo o resto. Eu era encarregado das escolas; devia procurar os meios

⁵⁹ N.T.- Julião Apóstata, ou Juliano, nasceu em 330 (já depois da liberdade dos cristãos), escapou ao massacre da Casa Imperial ordenado por Constâncio (pagão e reaccionário ao Édito de Milão) por ser novinho (em 337), e pela protecção do bispo de Aretusa regressado a Constantinopla frequentou escolas pagãs, tornando-se tão conhecido que o imperador, ciumento, enviou-o para a Capadócia. Cresceu, então, sempre mais a sua aversão a Cristianismo, também por ver as discussões violentas dos bispos arianos. Em 354 (quando tinha 24 anos) é chamado a Milão, como César do Ocidente. Governou com tino e inteligência admiráveis, suscitando (era inevitável...) as suspeitas e ciúmes de Constâncio. Não chegaram à guerra porque Constâncio morreu em Atenas. Juliano ficou único imperador. Trabalhador incansável, estudioso e honesto, ganhou cedo o amor do povo e a adoração dos soldados que levou de vitória em vitória. Escreveu 7 livros injuriosos contra Cristo, mas parece ser sincero, porque também escreveu uma “Carta a um Pontífice”, sobre qualidades, virtudes, instrução, leituras a fazer conduta (“magnífica na presença dos deuses, simples na vida particular”), dos sacerdotes pagãos, mas que “bem poderia incluir-se entre os mais belos documentos da Apologética cristã” (Encl. Luso-Brasileira, v 14, 374).

Morreu, lutando pessoalmente contra os Persas, aos 32 anos. Uma lenda tardia diz que ao ver o seu sangue jorrar, encheu a mão com o seu próprio sangue e lançando-o para o céu, gritou: “Galileu, venceste!”

para fazer perseverar os meus meninos. Logicamente, devia fundar um patronato. Encontrei imediatamente nos alunos mais inteligentes uma completa correspondência aos meus planos. Vieram confessar-se, tomaram gosto à devoção. Três meses depois comecei a reunir uma meia dúzia no meu quarto, ao Domingo, depois de Vésperas. Eles viam alguns livros ilustrados e brincavam por alguns instantes. Tinha começado o Patronato. O Sr. Julien, director de internato e presidente de S. Vicente de Paulo, era o meu confidente. Pensámos que se devia procurar um local. O Sr. Arcipreste era da mesma opinião. Começámos a examinar todas as ruas de São Quintino. Na expectativa, o Sr. Julien / (128) emprestava-nos o seu pátio, ao Domingo, durante o passeio dos seus alunos. A 23 de Junho, começámos regularmente. É essa uma data da minha vida. As crianças brincavam duas horas no pátio, depois conversava com elas no estudo.

Durante três anos, aponte os assuntos dessas conversas semanais. Escolhia sempre um argumento concreto, uma história, uma descrição. As crianças não percebem as abstracções! A 23 de Junho falei em Luís de Gonzaga e contei a sua festa em Roma, a devota comunhão das crianças, a emoção das mães, etc... A 30 de Junho, na festa de S. Pedro, eis o resumo: S. Pedro: descrição de Betsaida, sua pátria - a sua vocação: a pesca milagrosa: *sequere me*⁶⁰ (cf. Lc 5, 4-11). - A sua dedicação ao Senhor, provada quando o Senhor profetiza a sua paixão: *Non erit hoc*⁶¹ (cf. Mt. 15, 22); e no Jardim das Oliveiras. - A Sua chegada a Roma no ano 42: santuários que lhe são dedicados em Roma. A sua segunda prisão em Jerusalém, comparada à de Pio IX (cf. Act. 12, 5). *Oratio autem fiebat*⁶². Devemos rezar pela libertação de Roma e do Sumo Pontífice. -7 de Junho: a Visitação. Visita de Nossa Senhora a Santa Isabel: - o seu fim, não é a curiosidade, o prazer ou a vaidade; é um fim de devoção para louvar a Deus juntamente com Isabel pela sua felicidade comum, e de caridade para dedicar-se ao serviço de Santa Isabel, durante três meses. / (129) Partida de Maria. Nazaré. A sua casa, a sua vida de cada dia. A fonte. A sua trouxa sobre a cabeça, sem dúvida. São José deve tê-la acompanhado. Três dias de caminho, pelo menos, a pé pela serra. Passagem por Jesrael, Samaria, Silo, Betel, Jerusalém. Aldeia de S. João. Encontro na casa de campo de Zacarias. O *Magnificat*.

⁶⁰ N.T.- Segue-me.

⁶¹ N.T.- Isso não acontecerá.

⁶² N.T.- Fazia-se oração por ele.

humildade, caridade. Ela partilha as suas graças com a família. Do mesmo modo as crianças devem educar e converter as suas famílias.

14 de Julho: S. Vicente de Paulo, modelo de caridade e de santa amizade. Episódio da sua infância: farinha dada aos pobres. Imensos benefícios e resultados das suas obras. Os padres da Missão; 15.000 Irmãs da Caridade; 1.000 hospitais. As conferências de S. Vicente de Paulo. Florzinha para a festa: haverá comunhão geral no Domingo seguinte.

21 de Julho: dia de comunhão geral. A Ceia. O Salvador em Betânia. Descrição. Ele manda Pedro e João a preparar a Páscoa. Encontram um homem carregado com a água e seguem-no. O Cenáculo ornado de flores, de folhagens, de cortinados. Instituição da Eucaristia, depois do banquete pascal, que era a sua prefiguração. O Senhor lava os pés dos apóstolos. Necessidade da pureza. Fé de S. Pedro e sua dedicação. Acção de Graças. / (130)

28 de Junho: contei uma excursão a Frascati. Contrastes: os sepulcros dos pagãos e as catacumbas. A antiga Túsculum e as suas *villas*, em que reinam a escravatura e os prazeres: Hortênsio, Catão, Cícero... *Villas* modernas e cristãs, mosteiros, fundações várias. Espírito da cidade. As comunhões pascais dos homens, às quais *ninguém* falta. A festa da juventude, na semana da Pascoela⁶³. Comunhão geral e procissão.

4 de Agosto: Assis. S. Francisco. Descrição de Assis. Nome de Francisco. Vocação. Vida de pobreza, de entrega, de renúncia. A aparição da Virgem em Nossa Senhora dos Anjos. Retiro de Francisco nos Carceri. A ordem franciscana. Mortificar-se, fugindo de companhias perigosas.

11 de Agosto: A Assunção. O Túmulo da Santíssima Virgem em Jerusalém. A sua morte. Seus últimos conselhos. Na casa do Cenáculo, no Monte Sião. Reunião e

⁶³ N.T.-Em francês "*La semaine de la Quasimodo*". Em França é chamado "de *Quasimodo*" o domingo da Pascoela, porque o intróito da missa começava com essas duas palavras: "*Quasi modo geniti infantes*" (=como crianças recém geradas...)

As crianças "recém geradas" eram os Catecúmenos, baptizados na Páscoa precedente e que neste Domingo pela primeira vez em toda a Eucaristia, com os fiéis.

Eu lembro-me bem dos primeiros missais que tive na mão por volta de 1936: A Missa estava dividida em duas partes:

1ª- *Missa dos catecúmenos*, desde o princípio até à homilia; escutavam as leituras e as explicações feitas pelo celebrante, rezavam o Credo e saíam.

2ª- *Missa dos fiéis* - do ofertório até a o fim.

desolação dos apóstolos. Lugar no céu perto de Maria para aqueles que querem ser seus filhos. Exortação a fazer a Santa Comunhão no dia 15 de Agosto.

Quinta-Feira, 15 de Agosto: Comentário à epístola do dia e aos versículos que se seguem no livro do Eclesiástico. Maria, comparada às belezas da natureza: os cedros, os ciprestes, os perfumes do Oriente, etc... Beleza da alma cristã. Descrição dos cedros. Devoção a Maria. / (131)

18 de Agosto: A Inglaterra. O espírito de religião. Vida pública religiosa que data dos séculos católicos. O Domingo: repouso, santificação. A nossa irreligiosidade, causa das nossas desgraças.

25 de Agosto: S. Luís. Visão geral sobre Jerusalém. Aspecto da cidade e arredores. Chegada à cidade. Os acampamentos. As grandes recordações. Abraão e o seu sacrifício. Salomão e o Templo. Jesus Cristo. As cruzadas. Os francos.

1 de Setembro: Nascimento da Santíssima Virgem. A igreja de Santa Ana. Situação, descrição. O nascimento de Maria. Alegria dos Anjos. Dom feito aos homens.

8 de Agosto: o deserto. Preparativos da partida para o Cairo. Suez. A caravana. O canal. O deserto: gazelas, hienas, chacais. Acampamentos. A tenda. Os oásis. O Kamsin (vento do deserto). A estrada do deserto: ossadas secas. Insultos dum Sírio. Khan Jounés, aventuras com a polícia na alfândega... Fuga ao Egipto pelo deserto. A Sagrada Família. As tradições: a palmeira, o bom ladrão, o Sicómoro de Matarieh. A casa da Babilónia (Cairo Antigo)⁶⁴.

15 de Setembro: a Cruz. Convento da Santa Cruz, fundado por Santa Helena: tradições. Via-Sacra. Torre Antónia. Pretório - Scala Sancta. - Capelas da flagelação e da coroação. Ecce Homo. Casa de Verónica. O Desmasio. A porta judiciária. / (132) Calvário. Capela de Santa Helena. Invenção da Cruz, 326. Exaltação, 629.

⁶⁴ N.T.- A lenda da *palmeira*: perseguida pelos soldados de Herodes, a sagrada família esconde-se sob uma palmeira ainda novinha que baixou os seus ramos de modo a cobri-los completamente. E os soldados não viram os fugitivos. A lenda do *Bom Ladrão*: na mesma fuga, um bando de ladrões estava assaltando a Sagrada Família, mas um dos ladrões ainda juvenzinho vendo o casal tão aflito e jovem (S. José teria 17 anos e Nossa Senhora 15) e o menino tão terno teve compaixão e conseguiu salvá-los. Viria a ser o *Bom Ladrão* que na Cruz alcançou o perdão de Jesus. *Matarieh* é uma aldeia no Delta, com um sicómoro secular: à sombra dele descansou a Sagrada Família depois de atravessar o deserto. *Babilónia* é um subúrbio do Cairo, capital do Egipto. Não é a Babilónia da Mesopotâmia.

22 de Setembro: Nápoles: o Vesúvio; 19 de Setembro: S. Januário, mártir em S. Pozzuoli, 305; 21 de Setembro: S. Mateus: o Seu corpo em Salerno. Subida ao Monte Vesúvio. Pompeia: castigo. Sorrento e as suas laranjas. Baía: costumes pagãos: Nero, Agripina. Nápoles: o seu aspecto: 500 igrejas, das quais 57 são *serótine*⁶⁵ para os operários. Fé, devoção. A Eucaristia. Nossa Senhora.

29 de Setembro: arqueiros e besteiros: séc. XII. Batalha de Bouvines⁶⁶: Wallon de Montigny, porta-estandarte de Filipe Augusto, era de S. Quintino. Arqueiros de S. Sebastião, de Santa Cristina; arqueiros do Bem-querer.

Os besteiros, no século XV tornam-se canhoeiros, arcobuzeiros. Os canhoeiros de Santa Bárbara tinham por mote: *Deo, Regi et Urb*⁶⁷. Nós estávamos no hotel dos canhoeiros (internato Julien), mas íamos em breve transportar o patronato para o jardim dos arqueiros do Bem-querer. Porta monumental do hotel dos canhoeiros: troféus. Condições de admissão na Companhia: uma moralidade irrepreensível. Exercícios ao Domingo: gratificações da cidade e do rei. Festas anuais do Arquebúz, dos Arqueiros, etc... Farda dos canhoeiros: tricórnio bordado em prata, colete cinzento, casaco e calças escarlates, polainas brancas. / (133)

Exortação a comungar na festa dos anjos e a unir-se aos peregrinos de Lurdes.

Durante os meses de Outubro, Novembro, Dezembro, as reuniões fizeram-se sem haver instrução, porque a Obra para sítio só tinha um jardim.

As nossas crianças já estavam conquistadas. Estes primeiros meses foram de graças sensíveis para a obra. Tínhamos comprado, ou melhor, eu tinha comprado em Julho um jardim na Rua dos Curtidores, por 20.000 francos. Eu mandara construir salas para capela e reunião, que me custaram 8.000 francos. Tinha aberto uma subscrição e metia nela até o meu último tostão.

No mês de Outubro, o nosso jardim atulhado de tijolos e de areia conseguiu manter os rapazes, apesar da concorrência da feira.

⁶⁵ N.T.- *Serótine* é a palavra italiana, no feminino do plural, referida a igrejas com funções litúrgicas da tarde, que em italiano se diz *sera*, donde vem *serótino*.

⁶⁶ N.T.-Batalha de Bouvines - Vitória do rei francês Filipe Augusto, contra uma coligação da Inglaterra e do imperador alemão, 1214.

⁶⁷ N.T.-Para Deus, para o Rei e para a Cidade (para os romanos, *urbe* era somente Roma!).

Eu ia vigiar os pedreiros todos os dias. Ao Domingo, o Sr. Julien lá estava, com o Sr. Guillaume. Faziam a inscrição dos rapazes. Santerre e Filochet ocupavam-se dos jogos. O Sr. André tinha a caixa de poupança. Legrand, então empregado na repartição dos impostos e mais tarde feito o P. Matias, fazia cantar as crianças. Eram os tempos heróicos. Dávamos prémios trimestrais aos mais assíduos. Os meus breves contos interessavam porque narrava coisas vistas e passadas por mim. No Sábado tinha numerosos fregueses no confessionário.

Esses rapazes não perseveraram todos, mas a / (134) maior parte guardou um fundo de fé que será a sua salvação e alguns mantiveram-se cristãos sólidos.

Sentia-me levado a desenvolver a obra. Amarrava-me com dívidas e com a necessidade de continuar a obra começada; isso prendia-me em S. Quintino, isso prendia-me em S. Quintino, enquanto os meus gostos me atraíam para a Vida Religiosa.

VIAGENS

Nesse ano não me afastei de S. Quintino. No mês de Março, ia ver os meus antigos professores em Hazebrouck. O colégio estava mudado para os Capuchinhos. Tinha pena de não poder celebrar Missa na capela do antigo colégio, onde recebera tantas graças, e onde também tinha culpas a expiar.

Ia também, durante o ano, fazer visitas a La Capelle. Continuava a pequena tarefa começada durante a guerra; pagava o seminário a Mercier.

A meados de Outubro, ia fazer um breve retiro, em Liesse. Conservava o desejo ardente da Vida Religiosa. Tinha medo de perder a vida interior na actividade do ministério e das obras.

CORRESPONDÊNCIA: CARTAS À FAMÍLIA

Devido às numerosas ocupações, a minha correspondência era bastante limitada. Contudo, escrevia à minha família, aos meus antigos professores de Hazebrouck / (135) e de Roma e a alguns amigos. Recuperei as cartas escritas à família e a Palustre. Encontro nelas a expressão dos meus sentimentos de então.

A 2 de Dezembro de 71, escrevia então à minha família: “embrenhei-me no trabalho com boa vontade, e não sinto nenhum aborrecimento. Tenho a esperança de

fazer aqui algum bem; é tudo o que eu desejaria. Vejo de perto as misérias da sociedade na direcção das almas, na visita aos doentes e às escolas. Procuo levar algum remédio, especialmente às misérias morais...”

A 26 de Dezembro, anunciava a minha próxima visita e narrava o meu ministério de Natal.

A 20 de Janeiro, descrevia o serviço fúnebre da véspera, pelos mortos da batalha de S. Quintino: ofício pontifical, procissão ao cemitério, discurso do General Ladmiraunt, do General Paulze d' Ivoy, de Henri Martin.

A 19 de Fevereiro, escrevia: “o tempo parece-me muito curto em S. Quintino. As nossas ocupações são variadas e numerosas sem ser cansativas. As semanas passam bem e rapidamente. Entrego-me todo ao meu trabalho e não penso em aborrecer-me. De resto, o nosso ministério oferece-nos muitas consolações. Todos os dias há doentes, confissões, crianças que se aproximam de Deus. Tomamos a peito tudo isso, naturalmente, como convém aos interesses de Deus, que nos são mais queridos que os nossos. Deste modo estamos sempre alegres, como / (136) conquistadores que todos os dias alcançam uma nova vitória. Estes resultados do nosso apostolado fazem-nos bem a nós próprios e ajudam-nos a santificar-nos... Entendo-me muito bem com os meus confrades; no Rev. Mathieu encontrei um verdadeiro amigo.”

A 12 de Março, voltava de Hazebrouck, onde fora participar no enterro do rev. Boute, meu velho professor. Escrevia a meu irmão: “Assisti na terça-feira última ao enterro do nosso excelente Pe. Boute. Esperava quase encontrar-te lá. Devemos-lhe tanta gratidão que não hesitei um instante em partir para lhe prestar esta última homenagem. Como deves pensar, havia numerosa assistência. Vieram muitos antigos alunos, especialmente os que pertencem ao clero. Encontrei lá os Rev. Evrard, Dassonville, Zeferino Débuschère e uma multidão de outros que eu sentia alegria em rever... A casa S. Francisco prospera mais do que nunca; conta 250 internos, e o colégio comunal só tem 130. O edifício é magnífico; todos os trabalhos foram dirigidos pelo P. Boute. Ele esperava fruir deles por alguns anos. No regresso, fiz uma paragem em Donai e Cambrai, onde tinha alguns amigos para visitar...” De facto em Donai, vi / (137) o senhor Hautcoeur, que desejava falar-me nos seus projectos de universidade e de me incluir neles; em Cambrai, estava convidado pelo Pe. Bernard, vigário geral, que me testemunhava muita amizade.

A *1 de Abril* convidava os meus pais a virem passar dois dias comigo, o que eles fizeram depois da Páscoa.

A *11 de Abril* escrevia a meu pai: “desejaria estar hoje junto de ti para desejar-te uma boa festa. Recomendar-te-ei amanhã no S. Sacrifício ao ilustre pontífice S. Júlio I, que te foi dado como patrono no teu baptismo. É um grande papa, poderoso para te proteger, como ele mostrou conduzindo-te a Roma para receber o Senhor pela mão do seu sucessor. Lembra-te dos felizes momentos que passaste em Roma e não deixes perder a graça de Deus que encontraste. Esperava que fizesses aqui a tua comunhão pascal. Já que a tua viagem ficou adiada, fá-la em La Capelle. Não podes resistir a tantas graças de Deus sem pôr em perigo a tua salvação eterna. Há também uma razão de patriotismo: se os homens não voltarem à prática da religião, a França passará por novas provações...”

A *12 de Junho* contava-lhes as nossas festas da primeira comunhão.

A *20 de Junho*, narrava um facto comovente do meu / (138) ministério: “aconteceu-me nestes dias, dizia eu, no meu ministério, um facto absolutamente providencial. Havia aqui, sem que eu soubesse, um moço de La Capelle chamado Dupont. Tinha uma pastelaria na rua d’Isle, depois de ter sido pasteleiro em Nouvion e Bohain. Esse pobre rapaz levou uma vida muito tempestuosa. Desperdiçou a fortuna que os pais lhe deixaram. Casou-se e perdeu a mulher, há dois anos. Estava doente há vários meses. Tivera a fraqueza de receber em sua casa, após a morte da esposa, uma mulher de má vida que agora, sem mais nada, o abandonou há três semanas. Agravando-se a doença, falaram-lhe num sacerdote... Recusou duas vezes o Rev. Genty. Anteontem, soube que eu era de S. Quintino. Disse que me veria com gosto. Pareceu-me que não teria mais que dois ou três dias de vida. Lembrou-me que fizera a primeira comunhão comigo mas, desde então, nunca mais se interessara com a religião. Fez uma boa confissão, converteu-se sinceramente; ontem levei-lhe a sagrada Comunhão e a extrema-unção. Rezou muito. Pediu-me para estar presente nos seus últimos momentos e para lhe fazer o enterro. Voltei a vê-lo ontem à tarde, e esta manhã recebi o seu último suspiro. Creio que teve / (139) uma santa morte. Nos últimos momentos levantava os braços dizendo: “minha esposa, no céu!” O pobre homem deixa três filhinhos. Como já não trabalhava desde que ficara doente, deixa dívidas e o seu mobiliário já penhorado devia ser vendido amanhã. Espero que os credores esperem pelo menos até ele estar enterrado. Os seus pais de La Capelle, os seus irmãos não se importam com ele. Creio que não se encarregarão dos

seus filhos e que será preciso fazê-los aceitar como órfãos no hospital geral de S. Quintino.”

A *18 de Agosto*, eu estava preocupado com o congresso de Poitiers: “Tenho sempre o desejo de ir, no fim do mês, aos congressos de associações católicas, mas é muito provável que este desejo não se realizará...”

A *26 de Agosto* eu dizia: “A nossa obra do Patronato está em muito bom caminho. Na reunião de ontem tínhamos 75 jovens. Creio que vou poder também organizar um pequeno círculo católico. As nossas construções já se elevam da terra...”

A *11 de Setembro*: “Estou muito ocupado com a construção que cresce pouco a pouco, mas não tão depressa como gostaria. A obra anda muito bem; na reunião de Domingo tínhamos 100 jovens. É preciso muito trabalho para dirigir e organizar uma obra tão importante...” / (140)

A *24 de Setembro*: “Temos agora 150 jovens inscritos e as reuniões vão de 125 a 130. Só teremos de passar mais um Domingo no nosso local provisório. Depois teremos de nos contentar com um local inacabado. O pátio e o alpendre estarão acabados em 8 dias. Quanto às salas, precisamos pelo menos de um mês. No rés-do-chão teremos o patronato, no primeiro andar o Círculo e um alojamento para o porteiro. A obra é muito bem vista em S. Quintino. Foi louvada pelos bons e pelos maus jornais ...”

No mês de Outubro organizei um “sermão de caridade” e uma lotaria. O sermão produziu 600 francos, e a lotaria 1.800. Eu escrevia a 7 de Novembro que com estes recursos e com as ajudas concedidas pelas obras de Paris, teria de 5 a 6 mil francos por ano.

A *30 de Dezembro* eu dizia: “O bom Deus vai-nos dar mais um ano para ganhar o céu; possamos nós enchê-lo de boas obras! Por minha parte estou decidido a fazer tudo o que puder. As festas do Natal aumentaram a meu ânimo. Elas lembram-me tantas graças que recebi de Deus especialmente desde alguns anos. É o aniversário das minhas primeiras missas e dos dias felizes / (141) que passámos juntos em Roma... Recebi uma excelente carta do P. Freyd. Fala-me num desejo do Bispo de Agen, antigo aluno em Roma, de me ter perto dele, mas prefere que eu fique aqui por enquanto, para adquirir experiência no ministério e levar a bom fim a obra que comecei...”

CARTAS A PALUSTRE

Escrevia também algumas vezes ao meu amigo Palustre. A 26 de Novembro de 71, dizia-lhe: “o meu bispo encaixou-me em S. Quintino e eis-me cá instalado há dez dias. Que magnífica Basílica! Como ela domina bem a cidade e como nos lembra bem esses séculos de fé em que Cristo reinava sobre a sociedade e a casa de Deus tinha o lugar que lhe é devido! Lembras-te daquelas harmoniosas capelas que rodeiam o coro e das quais o Sr. Vitet acha um cunho mourisco, e essa magnífica nave que deve ser inferior só à de Amiens pela majestade das suas formas? A basílica, para as suas reparações e embelezamentos interiores, está em óptimas mãos. O mestre-de-obras é o Sr. Bénard, arquitecto da cidade, aluno de Viollet-le-Duc. Recentemente foram restaurados os Paços / (142) do Concelho que reverás com prazer. Conto contigo neste próximo Verão. - Tenho um excelente arcebispo, homem venerável e piedoso. Vivo em comunidade no vicariato, em que sou o 7º. Temos cada qual um pequeno apartamento e a mesa comum. Os meus confrades são pessoas de boa sociedade e sinto-me feliz com esta vida comum, que me liberta dos cuidados materiais da casa. A paróquia tem um núcleo de cristãos fervorosos e todas as obras prosperam. Mas ao lado disto há uma população operária muito trabalhada pela propaganda revolucionária. - Tenho bastante trabalho, todavia restam-me uma horas cada dia para dar ao estudo. Como tu me aconselhas, continuarei e completarei os meus estudos eclesiásticos antes de iniciar um trabalho de longo fôlego.”

A 25 de Novembro de 1872, dizia-lhe: “Feliz és tu que podes entregar-te assim ao estudo. Quanto a mim, deixando-me guiar pela Providência, tornei-me homem de acção, apesar do meu gosto pelo trabalho de escritório. As minhas ocupações exteriores mal me deixam tempo para estudar os problemas relativos ao meu ministério, e para manter os meus / (143) conhecimentos teológicos, para que as minhas pregações não se tornem demasiado vazias de doutrina. Não sei o que me está reservado para o futuro, mas para já, é preciso ater-me a isto. O tempo que o meu ministério me deixa é absorvido pela importante fundação de um Patronato e de um Círculo de operários. Há três meses comecei a construir e só agora se começa a cobrir a nossa construção. A obra avança bem. Tenho mais de 150 jovens sócios, mas é um trabalho de peso. Tenho um orçamento de 15.000 francos para a construção, o terreno custará 20.000. Só consegui juntar 6.000, mesmo recorrendo a uma lotaria e a um sermão de caridade. O resto será pago pouco a pouco com o recurso da Providência. A cidade é muito favorável a esta obra, excepto alguns “communards”. Estas obras em favor dos operários, que surgem e se organizam

em muitas cidades, e as orações pela França, são penhores de esperança para o futuro...”

CARTAS DO PE. FREYD

As cartas do Pe. Freyd tinham para mim uma importância particular, pois ele era o meu director.

A *16 de Maio* ele falava-me do Rev. Désaire e da sua vocação; e acrescentava: / (144) “Quanto a vós, meu caríssimo, estou tranquilo, pois vós escapastes ao perigo, e neste momento estais certamente onde Deus vos quer. O projecto do Sr. Bispo de vos deixar longamente em S. Quintino, não me espanta. O homem põe e Deus dispõe quando lhe agrada. Se eu tiver de acreditar num certo pressentimento íntimo, vós não ficareis vigário tanto tempo quanto pensa o vosso bispo. Na expectativa, fazeis uma boa aprendizagem; vereis mais tarde para que isso serve. Deixai a boa Providência conduzir o vosso barco; Ela tem sido tão boa para vós! Mas não esqueçais que, tendo metido em apuros o caro amigo Désaire, tendes a obrigação de fazer todo o possível para tirá-lo deles. Aprovo o que fizerdes para criar um Patronato. Quanto ao colégio, deixai a outros o cuidado de dirigi-lo: isso não seria assunto vosso. Adeus, meu querido filho; que o Senhor vos dê a Sua graça, vos guarde no Seu santo amor, e seja em tudo a vossa luz, a vossa força e o único fim dos vossos pensamentos, palavras, acções e desejos. Não temais. Ele mesmo vos guiará por onde Ele vos quiser...”

A *28 de Maio* ele anuncia-me uma visita do Rev. Désaire e acrescenta: “Quanto a vós, meu caro amigo, sede firme e não vos deixeis abalar. Sede mesmo categórico. Sabeis bem o que eu e o Pe. Mauron (geral dos Redentoristas) pensamos da vossa vocação. Deus mostrar-vos-á mais tarde que o vosso lugar não é a Nîmes; é a minha convicção. Mais uma vez, não vos deixeis abalar pelas palavras da amizade, e escutai as da fé”.

A *25 de Agosto*, dava-me notícias dos meus antigos condiscípulos e acrescentava: “ a propósito da Assunção, dir-vos-ei que o fervor do pe. D’Alzon para os altos estudos dos seus religiosos abateu-se como uma omelete inchada. Os pp. Aléssio e Júlio, que fizeram o seu doutoramento em filosofia, já não voltarão. Sei que o Pe. Aléssio partiu pouco satisfeito com o ensino filosófico e teológico do Colégio Romano, e creio que comunicou as suas impressões aos superiores e aos colegas. O juízo do Pe. Aléssio é

bem superficial, e é espantoso que um moço que se ocupou de literatura, se arme em juiz de professores e de um ensino como os tem o Colégio Romano... Lamento que não tenham deixado chegar até vós o pobre amigo Désaire. Esta querida criança é sempre criança no coração. Lançaram-no um pouco na pregação, em Paris, e numa actividade de que gosta. Mas, enfim, pergunto a mim mesmo o que é um tal noviciado para adquirir um espírito religioso que deve ser a base sólida duma vida de abnegação, de sacrifício e de santificação. / (146) (Desde então, a Congregação da Assunção consolidou o seu noviciado e os seus estudos). Na expectativa, fazeis uma aprendizagem preciosíssima para o futuro, no vosso ministério. Vós estais na vida séria, mas não febril. Mais tarde, vereis como a Providência guia tudo a bom fim e sabe servir-se admiravelmente das mínimas coisas, que nos parecem insignificantes, para nos conduzir até onde somos chamados a fazer a Sua obra... Adeus, meu caro Leão, amai e servi bem o bom Mestre. *Jacta in Deo curam tuam, ipse te enutriet...* (S. 54, 23)⁶⁸

Enfim, a 14 de Dezembro, ele escrevia: “Recebereis dentro de algum tempo um volume, *Acta et decreta Concilii Vaticani* ⁶⁹, que mons. Jacobini me enviou para o estenógrafo Leão Dehon... Temos neste momento entre nós mons. d’Outremont, bispo de Agen, que era aluno do seminário francês em Roma desde o seu começo. É um dos meus filhos que eu amo muito. Disse-me que não tem secretário e que ficaria muito contente de receber um das minhas mãos e que, se fosse uma pessoa capaz, o nomearia em breve seu Vigário Geral. Falei-lhe em vós e ele bem queria ter-vos. Todavia disse-lhe que, tendo começado obras em S. Quintino, ser-vos-ia difícil, se não impossível, / (147) abandoná-las. Na verdade, confesso-vos que não queria ver-vos secretário de um bispo. Trabalhai aí onde estais agora; o futuro nos dirá o que tereis de fazer mais tarde. Por isso, falo-vos no desejo de Mons. d’Outremont unicamente *pro forma*. As obras e o santo ministério far-vos-ão adquirir uma preciosa experiência que vos será útil mais tarde. Contudo, nunca esqueçais os estudos; as obras não têm o direito de vos absorver demasiado... Adeus, meu querido amigo, não esqueçais por nada deste mundo o cuidado da vossa alma. Guardai-a bem unida ao bom Mestre, bem devotada à boa Mãe Imaculada.”

⁶⁸ Lança em Deus a tua preocupação e Ele te alimentará.

⁶⁹ Actas e decretos do Concílio Vaticano

Infelizmente, o seu conselho era mais fácil de dar que de seguir. Na minha natureza havia mais sentimento do que carácter. Mergulhando no meio das necessidades infinitas duma grande cidade, bem podiam dizer-me: “não vos deixeis absorver pelas obras!” Os meus estudos tinham de sofrer com isto e também, mais tarde, por minha desgraça, a vida interior...

CARTAS DO REV. DEHAENE

O Rev. Dehaene, meu antigo superior de Hazebrouck, escreveu-me várias vezes, seja para me dar notícias da doença e da morte do Rev. Boute, seja para me falar nos seus projectos de fundação de uma Ordem-Terceira de professores, projecto ao qual queria associar-me.

A 7 de Janeiro, ele escrevia: “O nosso amigo comum, o Rev. Boute, doente há muito tempo, recebeu ontem, festa da Epifania, os últimos sacramentos... O caro doente sofre muito, embora perfeitamente resignado. Ele pede as orações dos seus amigos e dos seus confrades no sacerdócio. Conhecendo todo o affecto filial e a veneração que votastes a este excelente colaborador, não preciso de vos recomendar que lhe procureis dar todos os socorros espirituais possíveis ...”

A 11 de Fevereiro, dá-me notícias do doente e acrescenta: “estou trabalhando para ligar a minha obra ao grande tronco do Seráfico S. Francisco. Fui visitar os franciscanos em Bordéus. Tratar-se-ia de restabelecer a Ordem-Terceira docente. Os bons padres encorajam-me muito...”

A 2 de Março, anunciava-me a morte piedosa do meu antigo professor.

A 16 de Março, voltava a falar-me no seu projecto: “Esta semana fiz uma viagem a Cambrai, e achei o Sr. Bispo pouco disposto a entrar nas nossas ideias. S. Excelência diz que primeiro temos de esperar que a crise tenha passado, depois disse que as suas preferências / (149) vão em primeiro lugar para os padres Jesuítas, em segundo lugar para os Maristas e as outras ordens, cujo fim directo é a educação da juventude: que S. Francisco só teve em mente a penitência. Eu bem lhe fiz observar com o Rev. Pe. Provincial dos Franciscanos, que a Ordem Terceira regular de professores desse Patriarca já existiu outrora na França, que ela existe ainda hoje na Itália e noutras terras. S. Excelência repetiu a sua primeira declaração, de modo que, depois de ter jantado e dormido no paço episcopal, voltei a Hazebrouck tão adiantado como dantes. Eu percebi

que o Sr. Bispo teria sido mais razoável se se tratasse de padres Jesuítas, mas vejo toda uma obra de colégios pelo mundo fora, sem serem dos Jesuítas. Eu iria ter com os Jesuítas com toda a minha alma e o meu afecto, mas os padres descerão eles até aos nossos pequenos colégios? Terão eles bastante pessoal para satisfazerem essas imensas necessidades? Vós que conduzis as vossas vistas para longe e para o alto, que pensais vós? O que há de realizável para nós? Dai-me a vossa opinião, a vossa esperança...”

Eu não via nada contra esses projectos, mas não era chamado a secundá-los. / (150)

CARTAS DO REV. DEMISELLE

O bom cónego Demiselle escrevia-me a 6 de Novembro de 1871: “Vós mesmo me comunicais a vossa nomeação para S. Quintino. Eu vejo poucas vezes o bispo, e da última vez que lhe falei em vós, nada ainda estava decidido (nesse tempo não havia intimidade entre o cabido e o bispo...). Ireis encontrar em S. Quintino um vasto campo para o vosso zelo. Mas quantas almas nos é possível alcançar! Eu creio sempre que se deve agir sobre esses pobres transviados com a difusão de bons opúsculos, de bons jornais. Os livrinhos de Mons. Légère parecem-me altamente apropriados para espalhar ideias sãs nessas inteligências desnorteadas. Tereis como instrumentos os membros da Conferência de S. Vicente de Paulo. É sobre os homens que devemos agir, com todos os meios ao nosso alcance. (O Rev. Demiselle compreendia perfeitamente a situação da nossa França). Quanto às mulheres, ganharíamos uma boa parte delas, se pudéssemos desgostá-las dessas modas excêntricas: *non extrinsecus capillatura*⁷⁰ ..., esses feixes de cabelos estranhos com que elas carregam a cabeça. Que diferença com a etiqueta austera das capelas apostólicas em Roma...”

A 8 de Janeiro 1872, fala-me na cerimónia que se estava preparando para o dia 19, aniversário da batalha de S. Quintino: “É / (151) uma boa ideia, essa, duma solenidade fúnebre! Mas não consigo libertar-me duma reflexão: Eis todo o nosso patriotismo, cerimónias por ocasião dos nossos desastres. Para os sucessos, ainda haveria

⁷⁰ A cabeleira não salte para fora

cerimónias. Mas o espírito de sacrifício, essa coragem cristã que sabe morrer pela sua terra, nós já não conhecemos esses patriotismos. Na verdade o que é que no-lo poderia inspirar? Já não somos cristãos; por consequência, estamos enfraquecidos pelo sensualismo. Quanto a patriotismo não temos mais que frases, grandes palavras, cerimónias e discursos! - Continuo a gostar do entusiasmo dos Padres da Assunção (ele tinha mesmo pensado em seguir-me nessa congregação). Creio também que o padre d'Alzon não seja homem muito prático. Mas se depois dele surgir um homem que seja um organizador, encontrará elementos preparados e saberá empregá-los. Quanto à liberdade do ensino Superior nós a teremos e a Universidade será obrigada a abdicar do seu monopólio, ou então a França perecerá. Não há meio-termo. Dos liceus, dos colégios universitários, só podem sair almas revoltadas, não tendo energia senão para o mal. A experiência do passado não nos permite duvidar de que assim será. - Vou criar aqui um pequeno Comité Católico em correspondência com o Comité Central de Paris. Não conto reunir mais de uma dezena de membros. / (152) Não seria possível criar um em S. Quintino? ... Trata-se de opor liga a liga, a liga do bem à liga de Satanás. A Liga⁷¹, no fim do séc. XVI, salvou a França do Protestantismo: será ainda a Liga que nos salvará se tivermos de ser salvos. - Estou muito satisfeito de que vos encontreis feliz no vosso posto. Estais de facto no caminho da obediência hierárquica; e podereis alcançar influência e fazer algum bem. As circunstâncias indicar-vos-ão a linha especial que tereis de seguir..." (O Rev. Demiselle contava mais sobre a acção democrática da nação, do que sobre um salvador).

⁷¹ Nt. A Liga, ou Santa Liga, ou Santa União, fundada na França em 1568 pelo duque Henrique de Guisa contra os protestantes, não aceitava as concessões dadas aos Huguenotes por Henrique III. Este aceitou os ideais da Liga, proclamou-se seu chefe, mostrou-se fervoroso católico (descalço nas procissões, vestido de saco, cilícios...), mas o verdadeiro chefe continuava a ser Henrique de Guisa que cobiçava o reino porque Henrique III não tinha herdeiros. O rei proibiu a Guisa de entrar em Paris, mas as suas vitórias sobre os Protestantes abriram-lhe as portas da capital onde entrou no meio do povo delirante. O rei convidou-o para o castelo de Blois onde se retirara; o duque não desconfiou..., foi ao encontro e foi assassinado à traição, em 1588. Pouco depois foi assassinado o rei. Único herdeiro era Henrique, rei de Navarra, mas era acusado de ser Protestante. Contra ele, a Liga aclamou rei o decrépito cardeal de Burbão e aliou-se com Filipe II de Espanha. Esta aliança desgostou muitos franceses. Henrique de Navarra era enérgico e popular, venceu a Liga, expulsou os Espanhóis do Sul, cercou Paris (1595) que o aceitou logo que ele se declarou católico, com a famosa frase: "Paris vaut bien une messe"= Paris bem vale uma missa (que não parece histórica). Vencido um último exército Espanhol, Henrique IV perdoou a todos, fez com os Protestantes o édito de Nantes, e restituiu a paz à França. Henrique IV foi dos grandes e bons reis de França..., morreu assassinado, o triste! Por tudo isto e mais alguma coisa, parece-me que a Santa Liga não era afinal muito santa, e que por isso talvez não mereça tanta exaltação! ...

A 22 de Outubro 1872: “ Estava ansioso por saber em que ponto estavam os projectos do Patronato. Enquanto vós o construís, andei ocupado em obter-vos algumas subvenções com o fim de vos ajudar na organização da vossa obra. Foi preciso voltar muitas vezes à Obra do Campo, a qual objectava que o seu fim era unicamente os campos e não as cidades. Só me concederam 500 fr. com a minha garantia de que esse Patronato servirá aos jovens dos campos da periferia, que vêm à cidade fazer a sua aprendizagem. A obra de S. Francisco de Sales também quis abonar-me 200 francos...” / (153)

Os cansaços ocasionados pelas minhas pregações não me impediram de fazer a peregrinação de La Salette e da Grande Cartuxa na primeira quinzena de Setembro (peregrinação nacional). Tive de deixar os congressos a outros mais competentes. Citar-vos-ei só a frase duma boa mulher da Albernia que encontrei na montanha de La Salette: “vós pensais, dizia-me ela, que o bom Deus *desistirá* dos castigos que nos ameaçam, em consideração de tantas orações não é? Confesso que realmente começo a acreditar que Deus não nos tratará com rigor. Todas estas belas demonstrações deverão ter peso na balança. O mundo oficial não poderá ficar, por muito tempo, alheio a este movimento. A abertura da Câmara vai reunir outras demonstrações. O diabo range os dentes de raiva. Em breve chegará a luta final em que ele será derrubado. Ele presente-a e é por isso que faz os últimos esforços para ficar vencedor. (Houve, de facto, um bom movimento cristão nos anos 1872-73). São as obras em favor dos operários que salvarão a França. Graças às orações das almas boas, estas obras surgem em toda a parte, e especialmente em Paris. Devem-se espalhar as boas publicações nesta classe que encontra tão facilmente as más... Não sei quando passarei por S. Quintino, mas não deixarei de visitar os vossos rapazes e / (154) de me edificar junto deles.”

A 13 de Novembro de 1873: “Caríssimo padre, podereis enviar-me um bloco de lotaria, de 100 francos. Espero poder vendê-lo todo. A Obra que vós empreendeis responde a uma das necessidades mais urgentes do momento. A classe operária está tão abandonada, que para ela não há lugar nem mesmo nas igrejas. A necessidade de arranjar lucros para as fábricas (da igreja naturalmente, Nt) obriga a tirar todo o partido possível das cadeiras e dos bancos, e os operários que não têm dinheiro para dar às igrejas, não têm aí lugar e não vêm. Ah, se os lugares nas igrejas fossem, como em Roma, dos primeiros ocupantes! A situação da Igreja na França não permite isso. E todavia algo se deveria fazer para mudar este estado de coisas, e fazer perceber aos

operários e aos pobres que a igreja é a sua casa como é a do rico. Ao menos, as obras do patronato abrem a essa classe deserdada uns asilos em que se sente em sua casa. Daí, a solicitude com que um grande número se dedica a essas obras. Eles sentem que aí recuperam a sua dignidade; vêem que o ministério do padre não é só para os ricos e ganham aí sentimentos de exacta fraternidade e de real igualdade.

Na nossa diocese nenhuma localidade pedia, mais do que S. Quintino, uma obra desse género, / (155) e não duvido de que encontrará simpatias em todas as almas nobres. Da minha parte, ajudar-vos-ei com todas as minhas forças... Nós fazemos também a novena de orações pela França. Vem bastante gente, sobretudo à noite. Lamento que ninguém diga uma só palavra para dar alma a essas reuniões. Os fiéis também o lamentam. Como os movimentos da Câmara e os jogos dos partidos são pouca coisa comparados com este impulso para Deus da parte de tantas santas almas! Como se vê bem que está nelas a salvação! Esperemos que Deus o faça ver também a um grande número de Deputados...”

Esse bom Demiselle mostrava um grande conhecimento da situação social, e compreendia melhor que os seus contemporâneos o carácter que devia tornar o ministério eclesiástico no nosso tempo.

CARTAS DO REV. PETIT

O Rev. Petit, pároco de Buironfosse, mantinha-me ao corrente das suas obras apostólicas. Era um verdadeiro pároco, e com homens como ele o clero teria retomado em pouco tempo o verdadeiro papel e a sua influência salutar.

A 18 de Janeiro, falava-me de duas novas fundações, uma sociedade de socorros mútuos e uma confraria de adoração nocturna. O presidente da câmara quisera precedê-lo e fundar a associação de socorros mútuos: tinha conseguido um sócio!

A 15 de Fevereiro, animava-me: *Scio / (156) opera tua et laborem et patientiam tuam, et quia non potes sustinere malos... quia odisti facta Nicolaitarum quae et ego odi* (Ap. 2, 2-6)⁷². Sim, meu caríssimo, conheço as vossas obras. Sei do vosso zelo prudente

⁷² Conheço as tuas obras e o teu trabalho e a tua paciência, e sei que não podes suportar os maus... e que odeias as obras dos nicolaítas que eu também odeio.

e organizado, o vosso secreto horror ao mal e a vossa aversão aos Nicolaitas dos nossos dias. O anjo da vossa igreja (o Rev. Gobaille) manifestou-me a sua opinião sobre vós; ela é tal que eu vo-la dirijo da parte do Apóstolo que Jesus amava. Dizei-me, quanto é nobre e cheia de dignidade a palavra do Apóstolo! Quando ele louva, como o seu louvor deve robustecer em lugar de amolecer! Quando ele censura, como é molesta a sua repreensão, mas também quanta bondade que produz o despertar da alma! Era assim, com certeza, que falava o bom Mestre. Nunca apareceu nenhuma imagem mais fiel do ideal do sacerdote! Todos devemos ter uma boa dignidade e uma bondade digna. Os vossos progressos nesta via são de tal forma avançados que em breve veremos em vós o discípulo que Jesus amava. Ah, como eu queria ser também amado por Jesus! Às vezes sinto um desejo tal que me atormenta. Eu testemunho-lhe o meu amor pelo meu ardor em fazê-lo conhecer e amar por aqueles que me rodeiam.

O mundo das grandes cidades, o mundo civilizado, que os jornais me mostram tão pervertido, tão inflamado pelo mal, tão inimigo do bem, faz-me bendizer / (157) a Providência por ter de viver entre os bons habitantes do campo, almas simples e rectas que ignoram a corrupção das cidades e que ainda sabem elevar um olhar suplicante e humilde para o céu, de onde esperam o seu socorro. As nossas lindas cerimónias sucedem-se na minha... catedral e a afluência parece-me aumentar cada dia... A vossa última carta pareceu-me doce como um favo de mel. Será porque nela sois mais expansivo ou porque me fazeis respirar nela o perfume sempre agradável dum louvor delicado? Talvez, fraco mortal que eu sou, será por ambos os motivos..."

A 2 de Maio: "Acreditareis que as minhas Páscoas acabaram só na segunda-feira passada! Depois dos sãos e dos homens de boa vontade, vieram os velhinhos, os doentes, os retardatários, depois as minhas 300 crianças que eu preparo todos os anos para o preceito pascal. Finalmente respiro o ar da liberdade! Não é que eu me queixe da minha escravidão, visto que gosto dela e que é de minha escolha; visto que, com o Apóstolo, beijo as minhas cadeias e as sinto tanto menos pesadas quanto mais elas me apertam. As comunhões pascais parece-me que foram o que aqui costumam ser, umas 800, sem contar as crianças... Estou feliz por saber que a obra do patronato está para ser

"Nicolaitas" são uns hereges seguidores dum certo Nicolau, mas não está provado que fosse o diácono Nicolau, prosélito de Antioquia (Act. 6,5), nem se sabe quais seriam os erros deles.

fundada em S. Quintino, feliz sobretudo pelo / (158) vosso zelo que vos será generosamente contado diante de Deus. Não podendo meter mão a tudo, escolhamos, entre as obras, aquelas que estão chamadas a dar um resultado mais sério e, depois, guiados pela Providência, sigamos em frente, prosseguindo o nosso intento com uma energia que nada fará parar. Já sabeis, e no futuro sabereis ainda melhor, os obstáculos que se acumulam diante de uma obra boa e de certa importância, sobretudo quando está a ser fundada, e depois quando o impulso dado e recebido tende a afrouxar!... Gosto de ouvir-vos dizer que estais satisfeito em S. Quintino unicamente pelo dever a cumprir...”

A 19 de Agosto anunciava-me que ia começar a construir a sua segunda igreja, a de Boujon.

A 21 de Novembro: “ Não quero atrasar-me na resposta à vossa boa carta, tanto mais que vos sinto sob o poder de uma preocupação que desejo dissipar. Vós sabeis já, tanto e mais do que eu, que as obras de Deus encontram a garantia da sua duração nas dificuldades que elas encontram na sua origem. A vossa é carimbada, está marcada com esse precioso selo, ela prosperará. Não vos espanteis com os obstáculos... Ouvi muitas vezes o rev. Tavernier (o antigo arcebispo) falar-me nas suas obras que eram bem mais consideráveis / (159) do que o vosso Patronato; nunca o vi duvidar do sucesso apesar dos obstáculos aparentemente insuperáveis, e vós sabeis que as levou todas a feliz desfecho! Avançai sem medo, contai muito com a ajuda de Deus e tudo irá pelo melhor. Os dissabores que os operários vos causam, já os experimentei eu durante dois anos. Para nós, padres, só temos que responder com a paciência senão, doutra maneira, só nos fazemos amaldiçoar por essa pobre gente sempre pronta a lançar mão às menores situações para nos criticar. Oh, sejamos padres santos, devorados de zelo da glória de Deus e da salvação das almas, e que esse zelo se traduza nas nossas obras.”

A divina Providência dera-me nele um amigo fidelíssimo e devotado.

CARTAS DO REV. DÉSAIRE

O bom Pe. Désaire mantinha-me a par das suas impressões e dos seus trabalhos. No fim de 1871, é encarregado dum curso de teologia em Vigan, mas isso dura só 3 meses. Em Março, vendo-se quase só a preocupar-se dos projectos de estudos superiores que nos tinham atraído para a Assunção, ele desanima. Para lhe distrair o espírito, mandam-no para Paris onde substituirá o P. Picard, doente, como capelão das

Damas da Assunção. Em Maio, já está lançado numa vida febril: continua o seu ministério na Assunção, escreve para a *Revue de l'enseignement*, prega o mês de / (160) Maria em Ternes. Ele estima a direcção do P. Picard, mas não se sente tranquilo e não sabe que caminho tomar. Em Junho, é encarregado de organizar uma peregrinação a Ars e a La Salette. Deseja ver-me. Está satisfeito com as experiências de ministério em Paris. Diz ele: “O bom Deus abençoou os meus fracos esforços nas pregações do mês de Maio. Não vos falarei do pequeno sucesso mundano, da afluência de pessoas e dos sinais exteriores com que a assistência me provou a sua simpatia, mas o que vos digo com prazer é que consegui numerosas conversões e que *reconduzi* à graça consciências já bem negras. Pois é esta a minha maior consolação. Há um bem imenso por fazer, é inegável; o que falta, são os operários zelosos, ardentes, cultos e sobretudo esquecidos de si mesmos. Asseguro-vos que este povo de Paris aceita, mais facilmente do que se pensa, a verdade verdadeira, quando lhes é apresentada com convicção e clareza. Mais ainda, há entre os estudantes um renovado ardor que apenas desejaria ser dirigido, amparado e utilizado. Vejo especialmente três deles que procuram o seu caminho: querem ser sacerdotes, mas não no ministério das paróquias; aspiram à vida religiosa... Por outro lado, a luta contra a Universidade / (161) e em favor da liberdade de ensino determina-se e acentua-se. Por estes dias vai ser fixada a data do congresso do ensino cristão... Insisto em acreditar que a pequena Congregação da Assunção está disposta a tomar uma boa parte nestes trabalhos todos.”

A 22 de Setembro, está ainda confiante: “O número e as boas disposições dos associados fazem-me esperar que a pequena Congregação se desenvolverá e terá utilidade na Igreja. O seu fim geral define-se e afirma-se: é de formar para o exército cristão um corpo de *uhlans* prontos a aceitar os lugares mais perigosos e a abrir assim as portas aos grandes batalhões. Que neste campo haja que tomar uma posição no meio de homens tímidos e prudentes de que os campos cristãos abundam demasiado, nada me parece mais certo e ao mesmo tempo mais necessário... O bispo de Nîmes apoia muito o P. D'Alzon na fundação duma Universidade. Acaba de lhe doar uma bela propriedade situada numa colina como a Tour Magne. O P. D'Alzon vai-se retirar para lá com alguns padres que ele quer mandar estudar... Não sei como tereis avaliado o congresso do ensino, lendo os relatórios? Não se pode negar que tenha sido um sucesso. O liberalismo tentou inutilmente levantar a cabeça. Mons. Dupanloup quis intervir carregando sobre o

Sr. Cornudet... A aliança das casas de educação é um / (162) facto importante...” O bom padre assinava: Cónego Désaire, dos “uhlans” da Igreja.

No Natal, confessa-me que um secreto mal-estar o atormenta constantemente e que a sua alma não está tranquila. Mandaram-lhe fazer um mês de *pretense noviciado* no Vigon, onde ele muito se aborreceu; depois enviaram-no outra vez para Paris para distraí-lo de novo no apostolado. Vai pregando retiros e prepara-se para os sermões quaresmais em Gros-Caillou.

Em suma, não foi o P. Freyd que viu certo sobre a obra da Assunção. Os rev. Désaire e Demiselle tinham razão em dizer que esta obra tinha a sua razão de ser, embora a organização inicial fosse muito imperfeita.

AMIGOS DE ROMA

Alguns amigos de Roma também me escreviam. O bom Marchese, chefe dos estenógrafos do Concílio, tornara-se preboste do Cabido de Cardé, diocese de Saluzzo. Dava-me notícias de alguns estenógrafos.

Metcalf era vice-reitor do colégio americano em Roma. Guyron era secretário de Mons. Manning⁷³. Allen estava com o bispo de Salisburg e Mac Ferlane com o bispo de Glasgow...

Dartein dava-me suas notícias; era professor de história no seminário de Estrasburgo.

Dugas era jesuíta. Guilhen, meu antigo / (163) condiscípulo, estava também na Companhia e convidava-me a unir-me a ele. Escrevia-me de Pau a 19 de Agosto: “Há já algum tempo que quero escrever-vos; parece-me que nos fazeis falta aqui. Não me habituo à ideia de que sois vigário algures. Vós, vigário! Parece-me uma troça. Mas então, ó Senhor! O Dehon não merece mais? São estes os pensamentos, que me perseguem há

⁷³ Nt Manning: Cardeal Inglês, 1808- 92, educado em Oxford, professor dessa universidade, presbítero da igreja anglicana, casou com Caroline Lavington (1837). Manning e Newman e Wiseman, são as principais figuras do “Movimento de Oxford” em favor do Catolicismo, todos três convertidos e futuros bispos e cardeais. Manning e Newman não se entendiam sobre os problemas da educação; o lema de Manning era: “Schools before churches!” ou seja, escolas antes das igrejas! Chegou ao exagero na sua fidelidade a Roma; um pouco mais de maleabilidade, teria servido muito mais à causa do Catolicismo... (mas João XXIII só chegou um século depois). Manning sucedeu a Wiseman como bispo de Londres.

algum tempo. No ano passado, na minha passagem por Lurdes, acendi cinco círios na gruta da aparição: um para o P. Tallec, dizia eu; um segundo para o pequeno e tão generoso P. Dugas, um terceiro para o P. Billot, ousei acrescentar um quinto para o P. Dehon que será noviço como nós...”

O Rev. Poiblanco escrevia-me a dois de Agosto para insistir que eu fosse ao congresso de Poitiers.

O Rev. Duponchel era vigário em Montrouge. Falava-me na sociedade do *Carvalho branco*, associação de sacerdotes piedosos, de que o Rev. D'Hulst era a alma. Ele também não se sentia à vontade na vida secular e, ele também, entrou mais tarde na Companhia de Jesus.

O Rev. Bugouin escrevia-me mais vezes que os outros e sempre com muita graça e vivacidade. Primeiro, durante alguns meses, é capelão das Irmãs de Fontenelles, depois põem-no professor no Seminário Maior. Em Poitiers prepara-se uma Faculdade de Teologia, mas será confiada aos Jesuítas. / (164) O P. Schrader e o P. Ceroni já começaram.

ESTUDOS E LEITURAS

Naturalmente não foi um ano de grandes estudos, não tinha vagar para isso. Li uns livros de sermões, uns comentários de catecismo. Ia mantendo em dia a minha teologia moral. Tinha algumas revistas. Como literatura, nesse ano só frequentei Montalembert, Veuillot e Lamartine.

Estudei razoavelmente a economia social, por gosto e por necessidade do meu apostolado operário. Apontei umas páginas de Périn sobre a usura, de Leroy-Beaulieu sobre o descanso do Domingo, de Dupont (o imposto) sobre a lei do trabalho, do Sr. Metz-Noblat sobre as leis gerais da economia cristã. Cito aqui uma página deste último, sobre o *progresso*, em que ele expõe admiravelmente os princípios fundamentais da economia social: “quando se trata do progresso em geral, devem-se pôr em primeiro lugar os princípios da moral, que devem penetrar cada vez mais nos costumes, nas leis civis e nas instituições sociais e políticas. Em segundo lugar coloca-se a extensão e o aperfeiçoamento de todas as ciências, de todos os conhecimentos humanos. O progresso económico, o desenvolvimento da riqueza ocupa só o terceiro lugar; ele só vem no seguimento desses interesses superiores e lhes fica / (165) subordinado. O primeiro móbil

do nosso progresso deve ser procurado exclusivamente na ordem moral, como também a razão dos nossos esforços e a explicação dos nossos destinos. - A produção das riquezas tem por último fim e por razão suprema, não o gozo delas pelo consumo, mas o *uso delas nos limites da virtude*. - Só a moral cristã, só ela, tem motivos bastante elevados para triunfar das resistências da nossa natureza, tanto quando se trata de repelir a nossa preguiça no trabalho, como de delimitar a nossa ambição na riqueza. - A solução do problema social reduz-se à prática de certas virtudes; essas virtudes exigem o sacrifício das tendências que exercem sobre a natureza humana um forte poder de atracção e do qual só a religião católica consegue triunfar.”

Como leituras espirituais, neste ano frequentei especialmente S. Vicente de Paulo, na sua vida, Santa Teresa nos seus escritos e em particular *no Caminho da perfeição*, o P. Allemand⁷⁴ no seu *Método de direcção*. Reli e recopiei as belas cartas do missionário mártir, Justo de Bretenières, irmão do meu amigo e discípulo.

O meu ano concluiu-se num estado de fadiga física bastante acentuada. / (166)

2º Ano de Vicariato: 1873

PREGAÇÕES

Este ano escrevi só uns dez discursos. Tive tantas pregações como no ano anterior, mas tinha menos vagar para me preparar. Já não escrevia as pequenas instruções da primeira Missa e nem sempre as do meio-dia.

No 2º Domingo depois da Epifania, pregava ao meio-dia sobre o evangelho do dia, o milagre de Caná. Explicava e comentava o evangelho e acrescentava: “que devemos nós concluir? Temos aqui os mais fecundos ensinamentos. Em primeiro lugar, as virtudes da Virgem Santíssima que se ofereceu à nossa imitação: a sua caridade, a sua modéstia virginal, a sua dedicação, a sua delicada atenção em socorrer às necessidades / 8167) dos seus amigos. É a sua confiança inquebrantável na oração, a sua fé firme e calma no poder de Nosso Senhor. É finalmente o seu poder em socorrer-nos que é um motivo todo-

poderoso de confiança. Exponde então as vossas necessidades a Maria, ela as fará conhecer ao Senhor. Se o tempo de socorrer-nos ainda não chegou, ela insistirá e vós sereis atendidos.

Ó Maria, quão grande será a nossa alegria ao obtermos pela vossa intercessão a graça de vos ver um dia e de admirar as vossas virtudes! ...”

Na Quaresma, fazia no hospital um sermão sobre o Céu. Ajudava-me com o livro de Drexelius⁷⁵, do qual fazia frequentemente objecto da minha leitura. Descrevia, com a ajuda da Sagrada Escritura e dos Santos, todas as alegrias do Céu: o santo deleite da vista, o da língua e do gosto, o do olfacto, o do tacto, o do ouvido; depois as quatro propriedades dos corpos gloriosos: imortalidade, subtilidade, agilidade, claridade - Na segunda parte, falava das alegrias da alma: a plena satisfação das suas faculdades, inteligência, vontade, memória, a sociedade dos bem-aventurados, a certeza da felicidade eterna. A estas alegrias comuns, é preciso acrescentar as auréolas / (168) próprias de certas categorias de santos, e acima de tudo, a visão de Deus que é a própria substância da felicidade celeste. - Estas verdades encorajadoras não são suficientemente pregadas, a sua exposição não é bastante lida. E concluía: “As penas deste mundo nada são comparadas à glória futura que se manifestará em nós. O desejo do Céu deve dominar e regular toda a nossa vida. Para obtê-lo só é preciso trabalho e paciência. Seríamos mil vezes insensatos se não assegurássemos a nossa salvação com a nossa santidade de vida. Todos os santos nos deram o exemplo. Quanto sofreram e fizeram eles para o Céu! Ah! Saibamos estimar os bens da pátria celeste. Não nos deixemos seduzir pelas vaidades do mundo. Um dia passado nos tabernáculos do Senhor vale por mais de mil passados nas casas dos homens. - Cada um receberá a recompensa conforme o seu trabalho. Em cada hora, em cada momento, podemos aumentar o nosso tesouro e merecer no Céu uma recompensa mais bonita. Coragem então, e mãos à obra!” / (169)

No mês de Maria, fiz um discurso sobre a sétima bem-aventurança em relação à virgem Maria. Felizes os pacíficos. “A primeira característica da paz é a união e a

⁷⁴ Rev. João José Allemand, chamado “o Pai da juventude”, nascido em Marselha em 1772, morto em 1836.

⁷⁵ Drexelius (Jeremias). O seu nome era Drechsel. Nascido em 1581, em Ausburgo, de família protestante, converteu-se ainda jovem e entrou na Companhia de Jesus. Escritor ascético, compôs em latim uns vinte opúsculos de espiritualidade, nos quais desenvolvia os principais temas da sua pregação: verdades eternas, virtudes, modelos, etc... Numerosas traduções, alemãs, inglesas, holandesas, francesas, italianas, polacas..., atestam o seu sucesso (†1638).

reconciliação com Deus, fruto da Redenção. É a paz fecunda, que é a garantia de todos os bens no Céu, a paz que abriu todos os tesouros de Deus, a paz esperada durante todo o Antigo Testamento, a paz, cujos frutos são as novas maravilhas do amor de Deus, a Eucaristia, a graça, os dons do Espírito Santo, e as próprias vantagens temporais que são a recompensa da paz dada nações com Deus... O segundo género de paz, ao qual Nosso Senhor promete a felicidade, é a paz conosco próprios. Nas nossas almas há tendências diferentes, correntes diversas, paixões vivas das quais só as principais são sete. Estes movimentos da nossa natureza não conhecem o jugo da razão... Para restabelecer sobre ela o seu trono, a razão precisava de uma aliada poderosa e só Deus podia procurar-lha. Esta aliada é a graça... Finalmente há também a paz com os homens, fruto da caridade. / (170)

Maria foi um modelo perfeito de paz e de zelo pela paz. Ela contribuiu para o grande acto pacificador da Redenção... Ela foi preservada do desregramento das paixões, submeteu sempre os seus sentidos à razão e a sua razão à fé... Na história da Igreja vimo-la intervir com uma acção providencial para pacificar as nações, quando os fiéis lho pediam. Foi numa destas circunstâncias que Sisto IV lhe mandou construir em Roma, em 1487, a igreja de Nossa Senhora da Paz...

Procuremos a paz interior na união com Deus. Contribuamos para o reino da paz, propagando o espírito de caridade..."

Para a festa da Santíssima Trindade, escrevi um discurso, servindo-me muito de Bourdaloue. Ele é demasiado elevado e teológico para os nossos ouvintes actuais, que não estão iniciados nas noções teológicas, como o era o auditório de Bourdaloue. Mostrei como o mistério da Santíssima Trindade ilumina toda a nossa fé com deslumbrantes claridades. Ele explica a Sagrada Escritura onde aparece aqui e além a distinção das pessoas divinas. Ele explica a Encarnação e a Redenção, com as quais / (171) o Filho de Deus vem reparar a glória de Seu Pai. A Trindade é mesmo a luz da ciência natural. Deus não pôde criar o mundo sem deixar nele o seu cunho. Encontramos a imagem da Santíssima Trindade na família, nas forças físicas, sobretudo na alma humana, cujas três faculdades correspondem às Pessoas Divinas. - A confissão da Trindade é a base firme da nossa confiança. Este mistério suporta e resume os outros; é por isso que o baptismo

nos é dado em seu nome e que o sinal do cristão o recorda. É por isso também que todas as orações da Igreja terminam com a invocação da Trindade Santa e os seus hinos com a Doxologia⁷⁶. O culto da Santíssima Trindade é todo o fundamento do dogma cristão. - Finalmente a Trindade é o laço e o modelo da caridade. Todos nós temos a uma mesma fé na Trindade, um mesmo Baptismo no seu nome, um mesmo Pai, um mesmo Irmão mais velho que nos resgatou: *Unus Dominus, una fides, unum Baptisma*⁷⁷ (Ef. 4, 5). Finalmente, a Santíssima Trindade é o modelo perfeito da caridade. “Pai Todo-Poderoso, que formastes os nossos corações e os inclinais para onde quereis; Filho, igual ao Vosso Pai, mas feito carne por nós, que nos reunistes sob uma mesma lei de amor; Espírito Santo, que sois o amor substancial do Pai e do Filho e por quem a caridade é derramada / (172) nos nossos corações; Trindade Santa, é do Vosso seio que todos nós saímos, e é para o Vosso seio que Vós nos quereis chamar a todos! Dai-nos cá na terra a união na fé, a confiança e a caridade, como devemos ser unidos na eternidade feliz para a qual a Vossa graça nos conduzirá!”

A minha homilia para o VI Domingo depois do Pentecostes era muito significativa. Estávamos no mês de Julho. Uma vaga de esperança atravessava a França. A Câmara dos deputados tinha encurrulado o Sr. Thiers até à demissão, a 24 de Maio. Mac-Mahon fora nomeado presidente. Os deputados da direita negociavam com o conde de Chambord, em Salzburgo. Os de Orleães decidiam-se à fusão. Esperava-se a restauração próxima de uma monarquia católica. Peregrinações nacionais iam a Lourdes, a La Salette, a Paray-le-Monial. A oração aumentava a confiança. As curas miraculosas de Lourdes provocavam entusiasmo. Eu escrevia nessas disposições com um tom de confiança que reinava então em todos os púlpitos e em toda a imprensa católica. O evangelho do dia narrava o aperto das multidões à volta do Senhor e a cura dos doentes. / (173) “Admiremos primeiro o aperto das multidões: *Acesserunt ad eum turbae multae*⁷⁸ (Mt. 15, 30); e não era a primeira vez: *iterum*⁷⁹(Mc. 10, 1). Era como a série das nossas peregrinações inumeráveis. E qual não seria a sua fé? As multidões iam ao Senhor para ouvi-l’O, como as nossas piedosas peregrinações vão até Ele, para ouvi-l’O falar aos seus

⁷⁶ N.T. - A chamada *doxologia* dos hinos litúrgicos de que nos fala o Pe. Dehon é a estrofe final dos mesmos hinos em que é sempre louvada e invocada a Santíssima Trindade, mesmo nos hinos de Nossa Senhora e dos santos.

⁷⁷ N.T. - Um só Senhor, uma só fé, um só Baptismo.

⁷⁸ N.T. - Aproximaram-se dele as multidões.

⁷⁹ N.T. - De novo.

corações. E Ele falava-lhes do Reino de Deus: *loquebatur ad eos de regno Dei* (Lc. 9, 11). Iam até Ele também para pedir a cura dos seus males. Conduziam-Lhe os mudos, os cegos, os coxos, os fracos e muitos outros ainda: *mutos, coecos, claudos, debiles et alios multos* (Mt. 15, 30). Não vos parece ver as vossas peregrinações de Lourdes onde as multidões vão com os seus enfermos a procurar a cura? Essas multidões piedosas tinham no Senhor uma confiança absoluta. Lançavam literalmente os enfermos a seus pés, e era preciso que Ele os curasse: *et projecerunt eos ad pedes ejus* (Mt. 15, 30) e Ele curava-os: *et curavit eos* (Mt. 15, 30). E então a sua alegria explodia em transportes, e cantos populares, os salmos sem dúvida, redobravam em vários ecos os louvores do Senhor: *ita ut turbae mirarentur et magnificabant Deum Israel*⁸⁰ (Mt. 15, 31). Felizmente, voltamos a esses costumes e a essas demonstrações de fé. Essas multidões, como nos nossos dias, eram inumeráveis. Contavam-se nesse dia 4.000 homens, além das mulheres e crianças e as mulheres, como hoje, não deviam ser menos numerosas. Tudo o que essas multidões queriam, era estar com Jesus. *De novo*, diz S. Marcos, *uma multidão numerosa estava com Jesus* (8, 1). Pareciam esquecer qualquer outra preocupação. Tinham deixado os seus negócios, não se tinham preocupado com o comer. Estavam com Jesus, era tudo para eles. Escutavam-n'O desde há três dias. As provisões que certamente tinham trazido consigo, segundo os costumes do Oriente, tinham-se esgotado. Mas não se queixavam. "*Há três dias*, dizia o Senhor, *que eles estão comigo: iam triduo perseverant mecum* (Mc. 8, 2). Não podiam separar-se d'Ele e esqueciam o cansaço e a fome. Que desejo ardente de ouvir a palavra de Deus! Que fé e que apego ao Senhor! Como somos felizes por ver realizar-se em nossos dias o despertar dessa fé! / (175) Novamente, as multidões são numerosas, elas vão, elas sucedem-se, elas procuram o Senhor nas montanhas. Deixam os seus negócios e não se importam nem da cansaça, nem da fome. Trazem consigo os seus doentes e os seus aleijados, e muitas vezes o Senhor até os cura. Ouvem o Senhor, ficam junto d'Ele o mais demoradamente possível e, cheias de fé e de confiança, essas multidões lançam aos pés de Jesus um doente, um aleijado, um mutilado: esse doente, esse mutilado é a nossa França, a nossa pátria mutilada pela guerra, a nossa pátria por demasiado tempo surda às admoestações de Deus e ao seu apelo paterno, a nossa pátria cega pelo falso brilho do luxo e das falsas doutrinas, doente pela corrupção dos costumes, pela moleza e pelo materialismo. Esse

⁸⁰ N.T. - De modo que as multidões se admiravam e glorificavam o Deus de Israel.

doente não é o mesmo que as multidões dos nossos peregrinos lançaram aos pés do Senhor? Não ouvistes repetir: *Meu Deus, meu Deus, salva, salva a França!* E esses discursos que confessavam as nossas faltas e os nossos arrependimentos, e essas bandeiras de luto que são o sinal da nossa mutilação, não era a pátria doente lançada aos pés do Salvador com lágrimas e súplicas? Esperemos que o Senhor se deixe / (176) vencer por essas orações, como pelas da Cananeia que ele tinha repellido por duas vezes, e que Ele grite: *França, a tua fé é grande! Faça-se o que tu queres! Mulier, magna est fides tua, fiat tibi sicut vis* (Mt. 15, 28). Vejamos agora quais eram os pensamentos e os afectos do Coração de Jesus. - Ele acolhia todas as multidões: *exceptit eos*. Ele reunia-as à sua volta, falava-lhes do reino de Deus. Entusiasmava-as a tal ponto que queriam fazê-l'O rei. Ele sarava os seus doentes. Esquecia-se a si mesmo, não tomava sono, nem alimento. Desde há três dias, respondia à multidão sem interrupção. Ele tinha ensinado os seus apóstolos a desprezar, a seu exemplo, as necessidades da vida material... Sente-se profundamente comovido à vista desta multidão. Diz Ele: *Tenho compaixão*, diz ele, *deste povo: misericor super turbam* (Mt. 15, 32), e a palavra grega significa: estou emocionado até ao fundo das entranhas...; estou comovido, porque há três dias que estes homens Me escutam e não têm nada para comer e, se Eu os mandar embora em jejum, cairão desfalecidos pelo caminho, tanto mais que alguns são de longe. Que bondade! Que solicitude da / (177) parte do Filho de Deus! Então, Ele reúne os seus apóstolos, encarrega-os de fazer sentar a multidão em grupos de 50 e de distribuir a todos o pão que Ele vai multiplicar. Levanta os olhos ao Céu, benze o pão, parte e manda-o distribuir por todo o povo. Senhor, o vosso coração terá mudado? A vossa caridade terá diminuído? Já não tereis compaixão das multidões que Vos seguem sobre as montanhas? Oh, sim, Vós olhais para elas com a mesma misericórdia. Vós não as mandais embora em jejum. Elas escutam-vos e têm fome. Vós chamais os vossos apóstolos, Vós multiplicais o pão da Vida e o fazeis distribuir a todos. Mil vezes obrigado, Senhor. Este pão é mil vezes mais precioso que o pão milagroso das montanhas de Tiberíades, que era só a figura deste, do Pão Eucarístico. Mas, Senhor, estas multidões ainda lançaram aos Vossos pés um doente. Todas as nossas orações Vo-lo repetem, todas as nossas lágrimas Vo-lo dizem. As nossas piás imagens já não sabem representar a França senão como um doente deitado aos vossos pés..." E eu concluía: "A oração está cheia de esperança. A França segue o Senhor e vai escutá-l'O em todos os santuários em que se manifestou Ele próprio ou por meio dos seus Santos. A França humilha-se e reza, é um penhor de esperança, mas não é ainda tudo. À oração, é preciso acrescentar as obras. Devemos reformar em

nós próprios tudo o que pode desagradar a Deus. À nossa volta, temos os deserdados da sorte, os trabalhadores que, pelo seu número, compõem três quartos da nação. Seria preciso que também eles voltassem para Deus, mas eles estão indecisos e a má imprensa abusa deles. Pertence a vós que constituís a classe dirigente, ajudá-los e reconduzi-los a Deus. Pertence a vós sustentar as obras operárias. Vós não levantareis a França, se deixardes a criança da fábrica crescer em corrupção ao mesmo tempo que cresce em idade no meio da geração irreligiosa que a rodeia... É preciso também que os governantes voltem aos princípios proclamados pelo chefe infalível da Igreja. Vós ficastes certamente impressionados muitas vezes por alguma das cerimónias do nosso culto que simbolizam a verdadeira luz trazida por Cristo ao mundo. Encontram-se nos ritos das noites da Semana Santa. As luzes do santuário apagam-se umas / (179) atrás das outras, para significar as trevas em que o mundo jazia. Um só círio mantido aceso e escondido por um instante reaparece depois para representar o Cristo que ilumina o mundo. É também a imagem do nosso tempo. As trevas tornaram-se mais espessas, de há um século para cá, especialmente na vida social e política dos povos. Mas a Santa Sé conservou o círio aceso. Ela oferece-o agora às nações. Rezemos para que a nossa pátria reconheça a verdadeira luz, isso será o penhor da nossa ressurreição...”

Houve, de facto, orações, actos de confiança, esforços generosos e viram-se os frutos. Eram as promessas de uma bela Primavera. As leis melhoravam. Parecia renascer um regime cristão. Mas as boas vontades não foram suficientemente numerosas. A prosperidade restabeleceu o espírito de lucro e de prazer. As intrigas e as divisões entravaram o bem e tudo volta a ser posto em discussão por longo tempo.

Dos discursos, que se seguem, escrevi só um esboço.

Para a festa da Assunção, mostrava na primeira parte a entrada triunfal de Maria no céu. Servia-me, / (180) como faz a liturgia, do sentido acomodaticio de vários textos da Escritura.

Na segunda parte, mostrava o reino de Maria na Igreja, e especialmente na França. Relembrava os seus triunfos de Éfeso e de Lépanto e o voto formulado por Luís XIII em Liesse.

Na terceira parte, excitava à esperança pelas súplicas actuais a Maria e em particular pela bonita peregrinação de homens a Nossa Senhora de Liesse, que era preparada pela obra dos círculos.

No XVI Domingo depois do Pentecostes, pregava sobre a observância do Domingo.

No Começo de Outubro, era convidado a pregar na Missa do Espírito Santo, no Seminário Menor de Noyon. Fiz aí uma homilia sobre o evangelho que nos mostra Jesus a estudar no Templo no meio dos doutores. O Seminário Romano do Apollinare representa esta cena nas suas salas de visita. Diz Cornélio a Lápide⁸¹: “Com este episódio, quis o Senhor deixar um exemplo às crianças: *ut doceret adolescentes modestiam, ac studium audiendi, interrogandi et discendi.*”⁸²”

Finalmente, a 12 de Outubro, devia fazer / (181) um discurso aos operários da Sociedade de Socorros Mútuos.

Comecei por admitir a condição deplorável da classe operária neste século de industrialismo. Citei factos tirados das estatísticas correntes. Descrevi o estado miserável da classe operária na Inglaterra, mas desde então a sua situação melhorou, graças às leis e às *Trades-Unions*. Em Londres, mais de um quarto dos operários tinha de ser ajudado; 307.000 pobres eram socorridos pelo imposto (da pobreza) em 1582. Os alojamentos dos operários eram insalubres. As *Workhouses*, onde eram recolhidos os miseráveis, tinham um regulamento de prisão. A beneficência tomou lá as feições da polícia. - Em Liverpool, 20% dos operários alojavam-se em cavernas. As famílias estavam amontoadas em estreitos casebres. Durante os dias penduravam-se as enxergas em cordas, para deixarem espaço ao trabalho. - Em Glasgow, em 250.000 habitantes, 80.000 não têm nenhuma ideia da moral e 10.000 embriagam-se todas as semanas. - Londres tem 110.000 prostitutas, os infanticídios não têm conta. - Na Bélgica, há nas cidades um habitante socorrido em cada 4, no campo / (182) em cada 5. S. Quintino tem 15.000 assistidos. - Os crimes contra as pessoas têm mais que triplicado na França, de 1825

⁸¹ Cornélio a Lápide (Cornelis Van den Steen) nasceu em Bocholt a 18 de Dezembro de 1567. Foi ordenado na Companhia de Jesus em 1595 e começou pouco depois a ensinar em Lovaina a Sagrada Escritura. Em 1616 foi chamado a Roma e nomeado professor do Colégio Romano. Morreu em 1637. Publicou, sem ordem aparente, a explicação da maior parte dos Livros Bíblicos. Pela abundância das informações apresentadas e pela riqueza da erudição patrística, Cornélio a Lápide, continua a ser muito apreciado, especialmente pelos pregadores: estes podem facilmente utilizá-lo, graças ao *index concionnatorius* (= índice para os pregadores) e aos “Tesouros de Cornélio a Lápide”, editados em 1856, e ao “Memoriale praedicatorum”, de P. Perrone (1864, II Vol.).

N.T.- Resta explicar o nome de *Corneille de la Pierre*, em latim, Cornélio a Lápide. Conta-se que em pequeno, o rapaz era desprovido de inteligência, até ao dia em que bateu com a cabeça numa pedra e a luz se acendeu na sua inteligência.

⁸² N.T. - “...para ensinar aos adolescentes amodéstia e o esforço de ouvir, interrogar e aprender.”

para cá. - Em 112 cidades industriais da Inglaterra, conta-se um só aluno em cada 40 crianças.

A situação foi sempre melhor onde reinava a fé católica. Em França, no passado, o séc. XIII viu reinar uma prosperidade que nunca mais foi igualada. Os nossos edifícios religiosos são dela testemunhas. As provações da Igreja e a guerra trouxeram a decadência do séc. XV. No séc. XVI, sob aparências de Renascimento, havia as divisões da Reforma e a sensualidade do paganismo. A Reforma do Concílio de Trento produziu um belo séc. XVII. As guerras de Luís XIV e de Luís XV, e o filosofismo, trouxeram uma nova decadência ao séc. XVIII. Tudo começava a reerguer-se com Luís XVI, mas a revolução levou ao cúmulo da desordem. - O Estado Romano⁸³, antes da revolução Italiana dava um lindo exemplo de paz social e de prosperidade. Havia só 1 assistido em 7 habitantes, em Roma, e 1 em 25 no campo. Os operários estavam à vontade. Consumia-se 33 Kg / (183) de carne por pessoa e por ano; na França, 21 somente; na Bélgica, 9. - Roma tinha 3 vezes mais orfanatos do que Londres e 11 vezes mais camas para doentes nos hospitais. As corporações tinham as suas caixas de socorros mútuos; eram distribuídos 500 dotes, anualmente. A caridade católica tinha acumulado espontaneamente as fundações durante séculos (livro do Sr. Lefèvre, sobre a caridade em Roma). A caixa económica era frequentada por um quarto dos operários. Roma tinha um aluno em cada 7 habitantes. O ensino era gratuito em todos os graus. O operário tinha à sua disposição escolas nocturnas e reuniões dominicais.

Só o espírito cristão pode manter a paz social e fazer reinar a justiça e a caridade. Ele condena eficazmente o luxo nas classes altas da sociedade e a devassidão em todas as classes sociais.

- Todavia, nestas notas há só indicações que perdem todo o seu valor, porque não são indicadas as fontes.

- Escrevi finalmente algumas notas para uma instrução do meio-dia desde o penúltimo Domingo depois de Pentecostes até ao VI depois da Epifania.

O ministério de pregação na basílica sofria naturalmente devido à multidão das minhas ocupações no Patronato. / (184)

⁸³ N.T. - O Estado Romano são os Estados Pontifícios.

O PATRONATO: SEU DESENVOLVIMENTO

Esta querida obra do Patronato desenvolvera-se rapidamente. Começada com 40 crianças no mês de Junho na pensão Julien, já tinha 200 no Natal. E todavia as construções não estavam acabadas. Era preciso brincar no pátio e apinhar-se debaixo do alpendre quando chovia. A partir do Natal, conseguíamos agrupar um momento dentro da construção, no meio dos andaimes dos estucadores, para cantar um cântico e falar um pouco do bom Deus. A 29 de Dezembro, retomei as conversações semanais. Nesse dia, falei de Belém; a cor local não faltava: o nosso abrigo fazia lembrar o curral, pela sua pobreza.

O dia bonito do ano foi a 16 de Março, dia da primeira Missa na capela. Tinha escolhido o domingo mais próximo da festa de S. José. Foram convidados alguns benfeitores. As crianças fizeram a Comunhão. Eu estava comovido até às lágrimas. Era o primeiro altar que eu levantava a Nosso Senhor. Sempre pensei que era uma grande graça, essa, de Lhe dar mais um altar e, daí em diante, tive muitas vezes esse favor. / (185) Mas a impressão desse dia ficou-me sempre e marca um grande dia da minha vida.

A obra começa a tomar o seu andamento regular. Cada Domingo: Missa às 7 da manhã; jogos pela tarde, até às 6 horas; reunião dos novos, reunião geral com a bênção do Santíssimo Sacramento; à noite, serão para os maiores que, pouco a pouco, formaram o Círculo.

À volta deste núcleo fundamental, deviam enxertar-se tantas obras! O Círculo constituiu-se a 23 de Outubro desse ano. Organiza-se um orfeão sob a direcção do Sr. Geipitz. Começaram-se a fazer encontros, uma ou duas vezes por semana, para aprender a cantar. As nossas reuniões do Domingo tornaram-se mais interessantes e pensou-se em preparar serões solenes para os nossos benfeitores.

Também se organizou a ginástica com um professor de boa vontade. Estávamos informados do que se fazia noutros lugares pelo boletim publicado pelo Círculo de Montparnasse. Líamos alguns trechos e sentíamos-nos solidários com toda a reabilitação da Juventude Operária da França. / (186)

O PATRONATO: SUA INFLUÊNCIA

Tínhamos já 200 crianças, pouco a pouco, chegaríamos a 400, e até 500. A nossa acção penetrava em toda a parte, nas famílias, nas fábricas nas repartições. As crianças eram-nos apegadas. As famílias vinham às nossas festas; nós íamos visitá-las quando as crianças faltavam às reuniões. Os opúsculos e Pequenas Leituras que lhes dávamos penetravam nelas. Os patrões apreciavam a nossa obra e tinham-lhe simpatia. Entre os nossos subscritores contávamos as principais famílias: os Basquin, os Boca, os Testard, os Robert de Messy, os Paillette, os Falèse, etc., etc. O deputado Malezieux era subscritor; o presidente da câmara, Mariole, também. Em breve, iríamos contar entre os membros do comité protector os magistrados e os oficiais. / (1) O professor de filosofia do liceu, o Sr. Pluzanski, vinha ajudar-nos. Em pouco tempo poder-se-ia dizer que toda a cidade estava pela obra, e o bem fazia-se com liberalidade. Era a idade de ouro desta querida obra. Os nossos jovens transformavam-se. Todos guardaram boas impressões desse tempo, alguns permaneceram bons cristãos. Um certo número vem-me frequentemente à memória; eles caracterizam bem o espírito da obra.

Lobbé, empregado de comércio, é agora o P. Cláudio Lobbé. Foi um dos primeiros presidentes do Círculo. Vinchon, antigo aluno do Liceu, tornou-se professor no Estabelecimento S. João. Ele mantém a sua família e cria os órfãos da sua irmã. Druelle, o cantor cómico das nossas reuniões, teve alternativas: quis empreender um comércio demasiado grande. Ele educa bem os seus filhos. Os dois irmãos Lesage estão casados em Paris. Paulo Lesage é-me sempre dedicado. Ele tem uma próspera loja de bordados, faz parte da União Fraternal de Montmartre. Georgin é pintor em Paris, sempre solidamente cristão e bom pai de família. Guilbert era supranumerário na Repartição de Impostos; / (2) Após a sua saída, escrevia-me frequentemente cartas encantadoras; mais tarde tornou-se fabricante de cerveja em Béthume e continuou sempre cristão piedoso. Berlemont, aluno do Liceu, veio a ser professor no S. João. Legrand, parente de Vinchon, colocou mais tarde os seus filhos no S. João. Pollet continuou a ser empregado cristão e dedicado à sua paróquia de S. João. Lefèvre, litógrafo, manteve os seus bons sentimentos. Derniame tornou-se empregado do caminho-de-ferro; perseverou. Harmant, criado de quarto em Paris, manteve também as suas boas disposições.

A morte tirou-nos alguns. Geralmente tinham uma morte edificante.

Estas obras para operários são, portanto, necessárias. Elas suprem um pouco as antigas corporações e confrarias. Os operários não têm lugar nas nossas igrejas e não recebem nelas a direcção e a instrução que lhes convém. São ovelhas sem pastor. Encontram nos patronatos alguma coisa dos cuidados paternos e devotados que a Igreja deveria exercer para com eles. O clero tem o dever de fundar e assentar solidamente essas obras, em todas as aglomerações populacionais. / (3)

O PATRONATO: FESTAS E PEREGRINAÇÕES

O Patronato tinha os seus grandes dias: serões dramáticos e musicais, distribuição de prémios, sessão anual de balanço final, procissões, peregrinações.

Nesse ano de 1873, tivemos a visita do Reverendo Arcipreste a 12 de Janeiro: cantos, alocução e vésperas. A 19 de Janeiro, foi a visita do Sr. Bispo. Esse mundo operário aprendia a conhecer o clero.

A 25 de Fevereiro, dia de Carnaval, para reter as nossas crianças e impedir-lhes de se misturarem na devassidão das ruas, procurámos interessá-los com um concerto e uma comédia. Isso seria depois feito todos os anos.

A 20 de Abril, novo concerto para o qual são convidadas as famílias: alocução aos pais, vantagens do Patronato e das práticas religiosas.

A 27 de Abril, distribuição trimestral dos prémios.

A 2 de Junho, festa diurna no pátio: concurso de ginástica e corridas.

A 15 e 22 de Junho, os nossos jovens participam com a sua bandeira nas procissões do Santíssimo.

A 5 de Julho, visita do Rev. Désaire: alocução.

A 10 de Julho, sessão do balanço final. São convidados os benfeitores. O Sr. Pluzanski / (4) lê um relatório sobre a obra, que mais tarde será completado e impresso. É uma boa ocasião ara angariar novos benfeitores.

A 12, 13 e 14 de Agosto, os nossos jovens vão tomar parte nas celebrações vespertinas da paróquia, num tríduo de orações públicas. Eles cantam com entusiasmo e pedem as bênçãos de Deus sobre a França.

O *17 de Agosto* é um dia inesquecível. É a grande peregrinação dos Círculos católicos de Operários a Nossa Senhora de Liesse. A obra dos Círculos estava no seu primeiro desenvolvimento. O Sr. Mun e o Sr. De La Tour du Pin quiseram fazer dela uma obra de restauração social. O Sucesso parecia seguro. Os Círculos de Paris, de Béthune, de Reims, do Val, de Lille, de Valenciennes, chegavam nos comboios da manhã a Coucy-les-Eppes. Lá estávamos nós com os nossos jovens.

Mil e quinhentos homens se alinhavam em Concy à volta das suas bandeiras e marchavam em fila para Liesse. Os Srs. Mun, La Tour du Pin, de Perseval e outros oficiais fardados escoltavam o cortejo a cavalo. Era o desfile de uma vanguarda católica da França. Os homens / (5) cantavam e rezavam. Em Liesse: Missas, comunhões, banquete, brindes vibrantes e entusiastas; depois, volta a Concy. Os operários do Val lá estão com a sua fanfarra; os mineiros de Lens, de Anzin e de Béthune, com a sua lâmpada simbólica. Era como um sonho e uma visão da antiga França católica.

Era demasiado bonito! O inferno iria retomar a luta e trazer dois anos mais tarde o triunfo da maçonaria.

A *23 de Outubro*, tínhamos a extracção da lotaria anual.

A *23 e 25 de Dezembro*, concerto e sessão dramática. Representava-se a peça "Os Zuavos pontíficos em Patay". Era uma pregação para toda a cidade.

A OBRA DOS CÍRCULOS

A *6 de Setembro*, o Sr. de Mun escrevia-me: " Rev. Senhor, estive tão carregado de trabalho, depois da nossa linda peregrinação do 17 de Agosto, que não me foi possível, com meu grande desgosto, agradecer-vos mais cedo a colaboração tão devotada que nos prestastes e do zelo com que acompanhastes a nossa organização. Faço-o hoje do mais profundo do coração e em nome de todos os meus confrades. Já / (6) procurei, num breve escrito que espero que tenhais recebido, expressar as nossas emoções e consagrar as nossas recordações. Mas não é o suficiente, e é preciso que fique entre nós, desse grande dia, alguma coisa mais do que emoções sempre fugidias, por profundas que sejam. Podemos nós esperar organizar em S. Quintino, esse centro popular, essa cidade de operários tão temida pelos medrosos, uma delegação da nossa obra e fundar um ou mais círculos católicos? Só vós, Rev. Padre, podeis responder-nos, encorajar-nos e tomar a chefia do movimento, decidindo se haverá lugar para a nossa

obra ao lado da vossa, ou se ambas se deverão fundir numa só. Aquele dos nossos confrades que tem o encargo especial de comunicar com a região do Norte e de fazer propaganda nela, o Sr. Perseval, pôr-se-á em comunicação directa convosco; desde hoje tomo a liberdade de vo-lo recomendar: é um verdadeiro soldado, uma alma ardente e cristã! Talvez o tenhais notado em Liesse guiando o contingente dos mineiros de Béthune. Faço votos para que, graças à vossa iniciativa, cheguemos a fundar em S. Quintino um dos nossos centros de acção, e para que a nossa bandeira / (7) venha a hastear-se abrigada pelas das associações operárias que vós dirigis. Crede-me vosso respeitoso e devotado servidor. Alfredo de Mun, capitão do 9º regimento de dragões.”

Pus-me em correspondência com o Sr. Perseval. O nosso comité fazia o que eu desejava; aceitou agregar-se à obra dos Círculos. Tudo se ajustou depressa. O círculo formou uma secção de 23 membros, com os mais velhos do Patronato. Recebemos a bandeira. A 1 de Novembro, o Sr. Arcipreste vinha benzê-la ao mesmo tempo que benzia uma estátua de S. José. Fiz aos nossos jovens uma alocução sobre a bandeira.

Dataram daí as minhas relações com a Obra dos Círculos e os estudos sociais que deviam marcar uma nova etapa na minha vida.

O PATRONATO: PALESTRAS DO DOMINGO.

Tinha retomado as minhas palestras a 29 de Dezembro na nova sala, tomando por tema Belém, a gruta, a manjedoura, a igreja da Natividade, o campo dos pastores - a cidade de Belém, os costumes, o fabrico de objectos religiosos; as grutas de S. Jerónimo, de S^a. Paula, dos Santos Inocentes.

Relatava cada Domingo algumas das minhas recordações de viagens, fotografias, / (8) pedras, objectos do país, etc... As crianças precisam tanto de coisas concretas para concitar a sua atenção!

A 5 de Janeiro, narrava o Natal em Roma, as lojas de Natal na Aracoeli e na praça Navana, os presépios das igrejas, a missa pontifical: os Suíços do Papa, a “Sédia Gestatória”, a tiara, os pormenores da missa: consagração, bênção, comunhão, a hóstia

partilhada, a caninha da comunhão⁸⁴, os ministros gregos e latinos; Véspera em S. Maria Maior, veneração do presépio trazido em 682; a Aracoeli, o “Santo Bambino”, os pequenos pregadores, a Befana.

A 26 de Janeiro: a Apresentação ao Templo; o Templo de Jerusalém. O monte Moriah: o sacrifício de Abraão. O Templo de Salomão. O Templo de Neemias. A pregação do Senhor. Estado actual. Visita com um Kawas⁸⁵. Muralha onde os Judeus vão chorar (o Muro das lamentações).

A 2 de Fevereiro a Apresentação em Roma. A cerimónia em S. Pedro, a bênção dos círios, a procissão: os príncipes, os embaixadores vão receber o seu círio das mãos do Papa. As oferendas de círios ao Vaticano pelos representantes dos cabidos, dos colégios, das igrejas nacionais e das comunidades religiosas. / (9)

A 9 de Fevereiro: as obras de aprendizes em França. A União das obras, o Conselho central. Mons. De Ségur. Leitura dum capítulo dos seus Conselhos.

A 16 de Fevereiro o respeito humano, pecado francês. O riso de escárnio dirigido, desde Voltaire, contra a religião. As outras nações têm mais prática exterior: o Domingo na Inglaterra; a oração muçulmana; o jejum do Oriente. - É isso que faz com que nós sejamos punidos como nação.

A 23 de Fevereiro o Carnaval em Roma. Alegria geral e divertimentos honestos. A abertura anunciada pelo canhão: os *confetti*. A corrida dos dragões e dos *bárberi*⁸⁶. O jogo dos *maccoletti*⁸⁷. O Lausperene.

A 2 de Março: a Prússia, visão geral. Pobreza da Prússia propriamente dita, charnecas. Carácter dos habitantes: rudes, pouco hospitaleiros. Boa administração. Espírito de disciplina.

⁸⁴ NT A caninha da comunhão era um canudinho de prata que os fiéis usavam para a comunhão do preciosíssimo sangue. Cada um levava a sua, naturalmente.

⁸⁵ Kawas - “Cavas” ou “Kavas” (do Árabe “quawwas”, isto é “arceiro”). Durante o Império Otomano, era o guarda ligado aos consolados e às embaixadas.

⁸⁶ “Barberi”: são cavalos de corrida. Os melhores vinham da Barbária. Nas corridas dos “Bárberi” os cavalos corriam livremente, sem cavaleiro. Em Roma a corrida foi instituída por Paulo II sobre o trajecto urbano da Via Flamínia até à praça S. Marcos, o que se chama o “Corso”. Na praça de S. Marcos, actual praça Veneza, o Papa assistia à fase final da corrida, no lugar onde os cavalos desenfreados eram de novo dominados.

⁸⁷ A festa dos “moccoletti” era em Roma a última festa do Carnaval. “Maccoletto” significa aqui “coto de vela” pequeno archote. As pessoas estacionadas ao longo do “Corso” seguravam na mão uma velinha e cada um esforçava-se por apagar a do seu vizinho, sempre conservando a sua acesa.

A 9 de Março: Berlim. Cidade regular e chata (monótona), pouco limpa, corrupta. O Kreuzberg. Postdam e os seus palácios. Poucos católicos. O palácio do rei em tijolos rebocados....

A 16 de Março (1ª Missa): S. José: seu nascimento em Belém, terra dos seus avós. Sua aprendizagem. Sua vida em Nazaré. A sua oficina. Patrono do Menino Jesus e de todas as crianças... / (10)

A 23 de Março: os estigmatizados. Bois-d'Haine. Luísa Lateau⁸⁸.

A 30 de Março: viagem a Paris. As Obras de Paris. O Patronato de Montrouge. O de Nossa Senhora de Nazaré (S. Tarcísio), descrição, regularidade, vida cristã. O Círculo de Montparnasse.

A 6 de Abril: Domingo de Ramos em Jerusalém. Betânia. Palmeiras e oliveiras. O grito das crianças. A cerimónia no Santo Sepulcro. O patriarca e os cônsules.

A 13 de Abril: Páscoa. A via dolorosa. O Cédron, o Pretório, etc. O Calvário. O Sepulcro. A Igreja do Santo Sepulcro.

A 14 de Maio: o mês de Maria. Celebra-se em todo mundo. Em toda a parte flores, cantos e orações. É um movimento universal em ordem à pureza, fé e devoção. Os meses de Maria em Paris reconduzem a Deus muitos pecadores.

A 11 de Maio: o Concílio de Argel em Nossa Senhora da África. A África de S. Agostinho. As obras de Mons. Lavigerie: igrejas, paróquias, orfanatos, missões.

A 18 de Maio: As madonnas das Catacumbas. Descrição. Cromolitografias. / (11)

A 22 de Maio: Ascensão. O Monte das Oliveiras. Descrição (vistas). A igreja da Ascensão. O Senhor eleva-se abençoando o Ocidente.

A 25 de Maio: Plano de Jerusalém. O Cenáculo.

A 1 de Junho: Pentecostes. O Cenáculo. O monte Sião.

A 8 de Junho: A Trindade. A Trindade dos Peregrinos em Roma. Os *Sacconi*. Os peregrinos aa Páscoa: acolhimento e lava-pés...

A 29 de Junho: narração da peregrinação a Paray-le-Monial, feita pelo Sr. Julien.

A 13 de Julho: as Peregrinações; Jerusalém, Roma, Loreto, Assis...

A 20 de Julho: As peregrinações. Projecto de peregrinação a Liesse.

A 3 de Agosto: Narração da peregrinação a Lourdes, feita pelo Sr. Julien.

A 10 de Agosto: Preparação da peregrinação de Liesse e do tríduo de orações públicas pela França.

A 24 de Agosto: anúncio da minha partida para o Congresso de Nantes. As peregrinações. Refutação das asneiras do *Glaneur*.

O Sr. Geispitz substituir-me-á na minha ausência.

Nos Domingos de Setembro e Outubro, relato dos acontecimentos sobre o Congresso de Nantes / (12) e dos seus trabalhos.

Novembro e Dezembro, narração da viagem que eu fiz à Bretanha e ao Sul por ocasião do Congresso de Nantes.

As crianças escutavam sempre com interesse e a sua fé fortalecia-se com estas exposições sobre a Palestina e Roma.

MINISTÉRIO - CATECISMO

As ocupações do meu ministério aumentavam. Tinha a minha lista de doentes. Algumas doenças prolongavam-se indefinidamente. Outros doentes vinham acrescentar-se. O mais das vezes queriam que eu fosse pessoalmente, sobretudo na clientela do Patronato. Era quase sempre um ministério consolador. Toca-se com a mão a acção de Deus junto dos doentes.

Estava mais preso ao confessional; a saída do Rev. Mignot tinha-me transmitido muitos penitentes. Na tarde do Sábado, a minha capela era invadida pelas crianças do Patronato. Um capelão de Patronato nunca devia ser vigário; na tarde do Sábado deveria estar sempre na capela da sua obra.

Continuava a ter o catecismo da primeira comunhão das crianças do povo, mas já não ia durante a semana às escolas laicas. Ia à escola dos Irmãos dar o catecismo de

⁸⁸ Luisa Lateau, célebre “estigmatizada” do fim do séc XIX (1850-1883); cf. nota 1, IX, pag.62.

perseverança à / (13) classe superior. Fiz isso durante três anos. Tenho ainda os meus resumos sobre a teologia dos sacramentos. Eu ditava um esquema: os textos da Escritura, dos Concílios e dos Padres. Depois explicava esses textos. Servia-me sobretudo do catecismo do Concílio de Trento. Os belos textos dos padres fazem impressão sobre os jovens mostrando-lhes a continuidade da fé na Igreja.

Os meus jovens faziam redacções bem cuidadas. Esse catecismo interessou-me vivamente e confio que tenha feito um bem duradouro.

Não posso aqui recopiar todos os apontamentos que ditei e expliquei. Alguns exemplos:

“Sobre os efeitos do Baptismo.

I- Apaga os pecados.

1) Act II: “Cada um de vós seja baptizado em nome do Senhor Jesus Cristo, para remissão dos pecados” (Act. 2,38).

2) Act. XXII: “Levantai-vos e recebei o baptismo, e lavai-vos dos vossos pecados invocando o nome do Senhor” (Act. 22,16).

3) S. Agostinho: “O baptismo purifica de todos os pecados, de todos sem restrição, sejam pecados de acção, de palavra ou de pensamento, pecados de origem ou cometidos a seguir, pecados de fragilidade ou pecados de malícia”.

II- Dá-nos a graça que é luz e força.

1) Ezequiel XXXVI: “Infundirei sobre vós água pura, e vós sereis purificados de todas as vossas impurezas. Dar-vos-ei um coração novo e porei em vós um espírito novo” (Ez.36,25-27).

2) Epístola aos Efésios, IV: “Revesti-vos do homem novo, que foi criado à imagem de Deus, na justiça e santidade verdadeira” (Ef. 4,24).

3) S. Gregório de Nazianzo: “Nós chamamo-lo Iluminação, porque Ele dissipa as trevas do nosso espírito”.

4) S. João Crisóstomo: “Baptizamos as crianças para que não estejam manchadas pelo pecado, para que recebam em herança a santidade, a justiça”; etc...

III- Faz-nos filhos de Deus e da Igreja.

1) S. Paulo aos Gálatas, III: “Vós todos que fostes baptizados em Jesus Cristo, fostes revestidos de Jesus Cristo...” (Gál. 3,27).

2) S. Basílio: “O baptismo é a regeneração da alma, é um carácter indelével, é o caminho a tomar para ir ao céu, a chave do Reino celeste, a graça da adopção”.

3) S. Gregório: “Nós chamamos-lhe o selo da nossa redenção, porque ele nos conserva e marca a quem pertencemos.” / (15)

4) S. João Crisóstomo: “Os baptizados recebem em partilha a adopção, a herança, a qualidade de Irmãos e de membros de Jesus Cristo, e tornam-se templos do Espírito Santo”.

IV- Deixa-nos a concupiscência para a luta.

1) S. Tiago, 1: “Cada um é tentado pela sua concupiscência que o arrasta e o atrai (Ti. 1,14).

2) Epístola aos Romanos, IV: “Que o pecado não reine no vosso corpo mortal de modo a obedecerdes aos seus apetites desregrados (Rom. 6,12)”.

3) S. Agostinho: “O baptismo não tira a concupiscência, à qual o baptizado resiste quando se mantém fiel aos seus compromissos”.

4) S. Gregório Magno: “Todos os seus pecados passados são como que afogados, representados pelos Egípcios que perseguiram os Hebreus; mas encontram no deserto outros inimigos”.

5) S. Bernardo: “O baptismo confere-nos uma graça tal, que a concupiscência já não pode fazer mal, desde que não consintamos nas suas moções”.

BOIS D'HAINÉ: LUÍSA LATEAU

Voltando de Lovaina em Setembro de 1871, tinha passado por Bois d'Haine, para ver a estigmatizada Luísa Lateau⁸⁹, da qual muito se falava. Mas tinha sido rejeitado pelo pároco: só se era recebido depois de ter escrito e de ter recebido autorização. / (16)

No princípio de Março 1873, escrevi ao bom pároco, oferecia-lhe 50 francos para a sua igreja.

Respondeu-me:

“Bois d'Haine, 16 de Março 1873.

Sr. vigário, não será por meio de uma oferta de 50 francos para a minha igreja que se poderá ver Luísa Lateau. Todavia, aproveito de vez em quando da liberdade que me deixam o Sr. bispo e a família Lateau, para levar até ela as pessoas que queiram ajudar-me a construir a minha igreja. A viagem que já fizestes (em 1871) e a generosidade que mostrais, comprometem-me a reservar-vos um lugar para a Sexta-feira próxima, 21 do corrente. Mais, se puderdes vir na véspera ou chegar a Manage na Sexta-feira pelas 6 da manhã, podereis assistir à comunhão de Luísa; ela faz a comunhão em casa dela às 6.30h; Eis os comboios que de Mons vos levam a Manage em três quartos de hora...; de Charleroi a Manage, também em três quartos de hora. De Manage a Bois d'Haine há 20 minutos a pé. Não vos deixeis perder pelas pradarias. Entra-se na casa da estigmatizada à 1.50h e sai-se às 3,00h ...” Niels, pároco.

Fui a Bois d'Haine na Quinta, dia 20, pela tarde. O pároco recebeu-me e alojou-me em casa. À noite emprestou-me os seus cadernos de notas. / (17) Luísa Lateau tinha os estigmas todas as Sextas-feiras, já desde alguns anos. À tarde da Sexta-feira ela caía em êxtase, assistia às cenas da Paixão, sofria em união com o Senhor, e saía do êxtase pouco depois das três. Ela já não comia e vivia da Eucaristia⁹⁰. Durante os êxtases o

⁸⁹ Cf. Nota, IX, p.62.

⁹⁰ Segundo a confirmação de muitas pessoas, Luísa Lateau deixou toda a alimentação num determinado momento, absorvendo depois somente a Hóstia da comunhão. Luísa Lateau foi objecto de múltiplas observações por parte dos médicos. Eles nunca puderam contradizer as suas declarações. Intimada a confirmá-las sob juramento, ela nunca teve exaltações. Em Março 1874, estando gravemente doente, o Dr. Lefaire, encarregado pelo bispo, disse-lhe: “Luísa visto que as vossas forças se esgotam rapidamente, na presença de Deus, cujo tribunal vos julgará em breve, dizei-me se vós comestes seja o que for durante estes últimos sete anos?” - A isso ela respondeu: “Na presença de Deus que será meu juiz, diante da morte que espero, asseguro-vos que não comi,

Senhor falava-lhe dos seus sofrimentos pelas almas. Ela contava depois as suas impressões ao pároco, que tomava nota.

De manhã dei a comunhão a Luísa e à tarde assisti ao êxtase. As duas visitas foram igualmente interessantes e fiquei muito impressionado.

De manhã, no momento da comunhão, Luísa encontrava-se num estado sobrenatural muito impressionante. Ela sentia vir a santa Eucaristia dez minutos antes. Estava então ofegante na sua cama. O seu peito levantava-se. Os estigmas da testa e das mãos começavam a sangrar. Quando se lhe apresentava a hóstia, ela arrebatava-a com os lábios tão vivamente que nos perguntávamos se a hóstia não se deslocaria por si mesma das mãos do padre aos lábios de Luísa. Sem estar completamente em êxtase, ela estava transfigurada.

O êxtase da tarde, da 1 às 3 horas. Luísa ajoelhada assistia à agonia de Nosso Senhor / (18) na cruz. Durante o êxtase, os seus estigmas sangravam abundantemente. Ficava insensível. Podia-se picá-la sem que ela desse sinais de sofrimento. Mas o nome do Senhor e a presença de objectos benzidos e de relíquias impressionavam-na. Os presentes rezavam em alta voz. A cara de Luísa iluminava-se, especialmente quando se pronunciavam os nomes de Jesus e de Maria. Era a mesma coisa se se aproximassem dela terços, medalhas, uma mão sacerdotal.

Às três horas, caía como morta, com os pés cruzados como se fossem presas com um só cravo. Os braços estavam abertos. Se alguém os deslocava, voltavam à mesma posição. Nos retirávamos depois, antes que Luísa saísse do êxtase.

Não vi nada em tudo isso que não parecesse conforme as leis do sobrenatural divino. Voltei muito impressionado e edificado.

AS NOSSAS IRMÃS

O Rev. Pe. António Jeuner, jesuíta, pregava a quaresma em S. Quintino. Ele estava em boas relações com umas piedosas Irmãs Franciscanas fundadas em Estrasburgo e transferidas para Colmar. Elas queriam fugir aos rigores alemães. Ele

nem bebi desde há sete anos”. O doutor concluí: “Eleva-se desta vida um perfume de verdade que penetra através de

falara nelas ao Rev. Dours, vigário geral. / (19) Este tinha-as encorajado a prosseguir em Molain a escola-pensionato das meninas Hocquet. Estavam por lá perdidas numa pequena vila rural. O pensionato iria definhar por causa do seu sotaque alemão, e o seu noviciado estava lá mal instalado.

O Pe. Jenner falou-me nelas; fiz a proposta de se instalarem em S. Quintino num pequeno orfanato de que eu era capelão, na rua S. Luís. O Rev. Dours aprovou esta proposta. A 25 de Março de 1873, escrevia-me: “subscrevo com todo o coração o vosso piedoso projecto e, após ter ouvido o parecer do Sr. bispo, escrevi a Molain para autorizar a Superiora a fazer a viagem a S. Quintino.” A Superiora, a Rev. Madre Maria Ulrich veio de facto ver-me no vicariato. Ela edificou-me com o seu zelo ardente pelo bem. Ofereci-lhe a minha ajuda para a fundação em S. Quintino e tudo ficou rapidamente concluído. Ficou decidido que se prepararia a casita da rua S. Luís, onde se organizaria uma capela modesta, e que as irmãs viriam quando tudo estivesse pronto. - A instalação, presidida pelo Rev. Gobaille, teve lugar a 2 de Julho, festa da visitação. / (20)

Já desde então iria ser seu confessor e director. Esta circunstância providencial preparou a orientação de todo o resto da minha vida. Desde este momento em que as encontro no caminho da minha vida, quero prestar homenagem às suas virtudes excepcionais. Citarei algumas das que estavam lá desde o princípio ou que vieram logo depois. A Madre superiora, que na comunidade foi sempre chamada “La Chère Mère” (= a querida mãe), era a fundadora deste instituto nascente. O seu fim era a devoção ao Coração de Jesus e a reparação. Todavia, no começo, tinha tomado por regras as da Terceira Ordem regular de S. Francisco. Era mais fácil, para começar. Tinha feito as primeiras tentativas em Estrasburgo e em Colmar. Os padres jesuítas eram os seus conselheiros. No clero, encontrara simpatias e oposições.

Pessoalmente, a Chère Mère era admiravelmente dotada para ser superiora e fundadora. Tinha a fé dos Santos e um carácter absolutamente viril. A educação alsaciana unida ao seu temperamento pessoal, tinham-lhe dado uma certa dureza / (21) no comando, que seria menos facilmente aceite pelas vocações francesas.

todas as desconfianças, até ao fundo da alma”.

A Ir. Maria de S. Gabriel tinha um verdadeiro talento para a administração, a dignidade, a ordem, a educação, a bondade. Ela podia encarregar-se do economato e do noviciado, e foi o que aconteceu, antes de ir, como superiora, para a casa de Dauendorf.

A Ir. Maria de S. Afonso era uma boa matrona, muito simples, bastante idosa e que seria uma das primeiras a ir para o céu.

A Ir. Maria da Providência e Maria de S. Clara eram duas boas angariadoras, que por longo tempo ajudaram e mantiveram a comunidade. Mas que naturezas diferentes! A primeira era favorecida por um ardor natural muito caloroso que punha ao serviço da sua fé. Ela tinha, menos as faltas, alguma coisa do temperamento de Santa Maria Madalena. - A segunda era uma Marta, muito simples e boa, uma boa Israelita que não conhecia o engano. A primeira, quando contida e dirigida, podia fazer maravilhas; e fez na verdade grandes coisas e recolheu somas consideráveis para a casa-mãe e para as fundações de Lorena. A segunda iria devotar-se sempre / (22) sem ruído e sem fragor.

A Ir. Maria Oliva era cunhada da Chère Mère. Era viúva e tinha uma filha, Maria Ulrich, que foi criada no convento da Cruz. Esta irmã tinha distinção e educação. Agradava às pessoas do mundo pela sua boa graça e doçura. Era sempre igual a si mesma, sempre dedicada, realmente zelosa e caridosa. Ocupada mais tarde no Instituto S. João, morreu no trabalho.

A Irmã Verónica tinha também uma natureza caridosa e dedicada. Mostrou uma coragem viril e uma entrega maternal quando foi encarregada dos órfãos do Patronato. Tinha um verdadeiro talento organizador, habilidade e muito bom senso. Sofreu muitas vezes sem lamentar.

Enfim, a Irmã Maria de S. Inácio era da escola das grandes místicas alemãs. Vítima de reparação aceite com agrado pelo Senhor, passou anos entre a vida e a morte. Teve graças altíssimas de oração. Sempre sorridente no sofrimento, mostrou um admirável instinto sobrenatural. Tenho-a por santa, e gostaria que as suas irmãs tivessem escrito a sua vida dia a dia.

Era de facto um grupo de eleição. / (23) Mons. Thibaudier dizia: “É uma santa comunidade, procuremos que elas se ignorem e permaneçam na humildade.” A divina Providência encarregar-se-á de conservá-las na humilhação e no sofrimento.”

Daqui em diante eu ia confessar essas piedosas Irmãs e fazer-lhes uma meditação todas as semanas. Servi-me do Rodriguez e dos dois volumes de S. Afonso de Liguori

sobre *A perfeita Esposa de Jesus Cristo*. Na direcção dessas Irmãs encontrei muitas vezes luzes e ajudas para a minha alma.

RETIRO EM SOISSONS

Segui em Agosto o retiro eclesiástico diocesano em Soissons. O retiro era orientado pelo Superior dos Lazaristas de Angers. Só conservei o plano geral, sem escrever as minhas impressões. Abertura: *Assumpsit Jesus Petrum ...*(Lc. 9, 28), a transfiguração.

1º dia: Meditação "A Oração; Jesus modelo de oração."; - Palestra: o Estudo - Exame: a humildade - Conferência: os amigos e os inimigos do sacerdote: confrades, autoridades - Sermão: o pecado."

2º dia: Meditação: "O Filho pródigo - Palestra: a pregação - Exame: a mortificação - Conferência: os pobres, os doentes, as crianças - Sermão: o juízo."

3º dia: Meditação: "O Bom Pastor / (24) - Palestra: a confissão (S. Carlos Borromeu: *pii, docti...*) - Exame: o defeito dominante, conhecê-lo e combatê-lo. - Conferência: os inimigos do padre: o demónio, o mundo, *mulieres* - Sermão: A tibieza (S. Bernardo *in Ascensione*)".

4º dia: Meditação; "O Sagrado Coração - Palestra: a Santa Missa - Exame: a conformidade à vontade de Deus - Sermão: a Santa Virgem: *Salve Regina*."

Para leitura, servi-me dum piedoso volume do Rev. Gobaille: *O mês sacerdotal*.

NOTAS QUOTIDIANAS

Não fui fiel este ano em escrever as minhas impressões quotidianas. Esforcei-me durante uns dias, fim de Dezembro '72 e Janeiro '73; depois deixei.

A 1 de Dezembro, escrevia: "*Da mihi, Domine, sedium tuarum assistricem sapientiam, ut mecum sit et mecum labore*"⁹¹(Sab. 9, 4). Quem ama a Deus sente-se bem só com Deus, e toda a conversa é insípida se nela não se fala de Deus."

⁹¹ "Dai-me a sabedoria que está assentada no Vosso trono, Senhor, para que fique comigo e comigo trabalhe..."

A 2 de Dezembro: “*Consilium custodiet te*”⁹² (Pr. 2, 11). Tomar conselho de Deus em tudo e, na dúvida, dum pessoa sábia. Não descuidar o exame particular.”

A 3: “*Spiritu principali confirma me*”⁹³ (Sal. 50, 14). Dá-me a força, Senhor, de ser fiel / (25) mesmo nas coisas pequenas. A observação dum regra de vida é um martírio contínuo da vontade.”

A 5: “*Beatus homo quem erudieris, Domine*”⁹⁴ (Sal. 93, 12). Dai-me, Senhor, o dom da ciência e a graça de ver as coisas como elas são diante de Vós e de estimá-las por aquilo que elas valem aos vossos olhos.”

A 6: “*Vani sunt homines in quibus non subest scientia Dei*”⁹⁵ (Sab. 13, 1). A ciência da salvação deve ser o objecto principal dos meus estudos. Que ciência pode ser-lhe comparada?”

A 16: “O espírito de oração consiste no amor filial para com Deus. Devemos temer o que pode afligir o seu Coração. Meu Deus, estou triste por vos ver ofendido e por não poder opor-me a isso. O meu desejo é de cumprir em tudo a vossa santa vontade. Empenhar-me-ei em vos compensar com todos os meios possíveis pelos ultrajes que Vós recebeis. Amo também tudo o que se refere a Vós, a Igreja, os Santos, a virtude, as almas resgatadas com o vosso sangue.” (Este apontamento mostra como Nosso Senhor me preparava para o espírito que deveria ter a congregação que Ele queria levar-me a fundar.)

A 17: “*Confige timore carnes meas*”⁹⁶ (Sal. 118, 120). É preciso manter aceso nos corações um / (26) temor vivo e intenso, por receio que ele não nos falte nos momentos em que mais seria necessário.”

A 19: “*Castigo corpus meum, ne forte reprobis efficiar*”⁹⁷ (1Cor. 9, 27). Quero sacrificar tudo e nada poupar, para ter uma esperança tão segura quanto possível da minha salvação.”

⁹² “O dom do conselho te guardará”

⁹³ “Sustentai-me com um espírito generoso”

⁹⁴ “Feliz o homem a quem educais, Senhor.”

⁹⁵ “Insensatos são os homens em quem não há conhecimento de Deus”

⁹⁶ “Fazei estremecer a minha carne com o vosso temor”

⁹⁷ “Castigo o meu corpo para que eu próprio não venha a ser reprovado.”

A 2 de Jan. (1873): “*In omnibus factis et verbis tuis semper quasi exemplar Christum respicias, stans, edens et comedens, tacens et loquens, solus et cum aliis (St. Boav.). Nunc coepi*⁹⁸ (Sl. 76, 11)”. Porque atrasar-me? Eu creio, eu sei; porque não agir?

A 6 de Janeiro: “Os magos ensinam-nos a sermos dóceis às inspirações de Deus. Desta docilidade depende a nossa salvação. Há certas inspirações que podem ser decisivas. Todas formam uma cadeia que é imprudente quebrar.”

A 15: “A fé viva é mantida pela meditação, pelas leituras piedosas, pela visita ao Santíssimo, pela Via-sacra. A fé produz as obras e as obras são a glória de Deus e a nossa salvação. Eu seria então bem insensato se deixasse a minha fé dormir e obscurecer-se. *Domine, adauge nobis fidem*⁹⁹ (Lc. 17, 5)

A 16: “*Admoneo te ut resuscites / (27) gratiam Dei quae est in te per impositionem manuum mearum*¹⁰⁰” (2 Tim. 1, 6). Meu Deus, renovai na minha alma a graça do meu sacerdócio. Possa eu reencontrar e conservar o fervor da minha ordenação!”

Este grito mostra que eu estava completamente invadido pela acção exterior. A vida interior começava a sofrer com isso. Não fui capaz de me reservar suficientemente para os meus deveres de vida interior.

ESTUDOS E LEITURAS

As minhas leituras eram relacionadas com as necessidades pessoais e com as minhas obras. Eu não gostava da literatura pura, o romance, o que se chama a arte pela arte.

Lia S. Gregório: *De Sacerdotio*; Marchant, as suas obras ascéticas¹⁰¹; as obras de Mons. Pie. Li também a vida de Mons. Simonis¹⁰², escrita por M. Péronne; a retórica

⁹⁸ “Em todas as tuas palavras e obras olha sempre para Cristo como teu modelo, de pé, sentado, comendo, calando e falando, sozinho ou no meio dos outros (S. Boaventura). Agora começo.

⁹⁹ Senhor, aumentai a nossa fé.

¹⁰⁰ Exorto-te a que ressuscites a graça de Deus que está em ti pela imposição das minhas mãos.

¹⁰¹ Tiago Marchant (1595-1648), teólogo, sacerdote da diocese de Liège (Bélgica). A partir de 1616 foi pároco de Couvin (distrito de Namur), sua aldeia natal, depois arcebispo de Chimay a partir de 1630.

É considerado um dos mais célebres autores de teologia pastoral do seu tempo. As suas obras foram traduzidas em francês (do latim) no séc. XIX por Vivès (13 volumes, Paris 1865-67).

¹⁰² Mons. Simonis, bispo de Soissons. O Pe. Dehon fala nele nas memórias (NHV): “tinha cerca de sete anos, escreve ele, quando Mons. Garsignis veio dar o crisma (a La Capelle). Ele atravessava a Igreja abençoando as crianças. Fez-me

sagrada, pelo Rev. Hamon¹⁰³. *L'Univers* e algumas revistas também me tomavam algum tempo.

S. Gregório lembrava-me o preceito divino do amor, com os frutos deste amor e as condições da nossa correspondência:

“Manete in Me et Ego in vobis (Jo. 15, 4). Qui manet in me et ego in eo, hic fert fructum multum. Si manseritis in me et verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis petetis, et fiet vobis (Jo. 15, 5-7). Qui dicit se in ipso manere, debet sicut ille ambulavit et ipse ambulare / (28) (1 Jo. 2, 6). Probatio dilectionis exhibitio est operis. Amor operatur magna si est; si autem operari renuit, amor non est”¹⁰⁴(St. Greg.)

Lendo Marchant, reparei muito no capítulo em que ele mostra que o sacerdote pode chegar à santidade na vida secular. (*Sacerdotes posse in saeculo perfectionem assequi: Virga Aaronis*, tr. I, lectio VI).

Ao fazer a minha leitura da S. Escritura, copiei uma passagem do Génesis que marca o contraste entre o proceder dos povos antigos e o nosso em relação ao clero: “José com as reservas dos celeiros públicos, comprou todas as terras dos súbditos, que sofriam a fome e ofereciam os seus bens para obter trigo. Houve uma única excepção para os bens dos sacerdotes. - *Emit igitur Joseph omnem terram Aegypti, vendentibus singulis possessiones suas, prae magnitudine famis. Subjecitque eam Pharaoni... a novissimis terminis Aegypti usque ad extremos fines ejus, praeter terram sacerdotum quae a rege tradita fuerit eis; quibus et statuta cibaria ex horreis publicis praebebantur, et idcirco non sunt compulsi vendere possessiones suas... Ex eo tempore usque in praesentem diem, in universa terra Aegypti, regibus quinta pars solvitur (double dîme), et*

beijar a sua cruz dizendo-me: “É a cruz do meu santo predecessor, Mons. De Simonis”. Esta lembrança ficou-me. A minha mãe relembra-me às vezes. Ela vira nisso uma graça assinalável (I, 7º v -8º v.)

¹⁰³ Hamon (André-João-Maria) (1795-1874). Foi nomeado pároco de S. Sulpício em 1851. O seu ministério de 23 anos caracteriza-se pelo exemplo de uma vida profundamente sacerdotal e por um amor maravilhoso aos pobres. Foi muito apreciado pelo clero pela sua ciência teológica. Escreveu muito. O seu “Tratado da Pregação”, édito em 1846, foi por longo tempo um clássico nos seminários.

¹⁰⁴ “Permanecei em mim e Eu em vós (Jo. 15, 4). Quem permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto. Se permanecerdes em Mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi tudo o que quiserdes e vos será dado (Jo. 15, 5-7). Quem diz que permanece em Cristo deve caminhar como Ele caminhou (1º Jo. 2, 6). A prova do amor é mostrar as obras. O amor faz grandes coisas se existe realmente; mas se se nega a fazer as obras, não é amor (S. Gregório).

factum / (29) est quasi in legem, absque terra sacerdotali, quae libera ad ac conditione fuit. (As terras sacerdotais ficaram isentas de impostos) (Gen. 47, 20-22, 26).

Sobre a retórica sacra, copiei um passo de Fleury que desculpava a minha falta de literatura, mas que talvez não era bem exacto. Diz Fleury: “Não se deve pensar que os padres sejam menos eloquentes por não falarem o grego e o latim tão puramente como os antigos oradores. Deve-se distinguir a eloquência, da dicção que é só a casca dela. Qualquer língua que se fale, por mal que se fale, somos sempre eloquentes quando sabemos escolher as melhores razões e apresentá-las bem, com imagens vivas e figuras apropriadas (Discurso sobre a história dos primeiros seis séculos). Isso não está conforme a definição clássica: “Vir bonus, dicendi peritus¹⁰⁵”, mas dos dois é talvez Fleury que tem razão. Não se pode aliás comparar o latim dos Padres com o dos autores clássicos, é outra língua.

De Mons. Simonis, copiei da sua Vida uns belos pensamentos sobre a *urbanidade* e a *bondade*. Diz ele: “O mundo, que conhece o preço da bondade e da generosidade, / (30) quis conservar pelo menos o seu exterior sob o nome de urbanidade, e acrescentou-lhe mesmo uma certa graça e certos requintes que realmente têm o seu mérito, mas que são bem pouca coisa junto dessa franqueza, dessa cordialidade que nascem do fundo mesmo da bondade. O mérito da urbanidade consiste no facto de que, tendo-se tornado para o amor próprio um dever imperioso, produz no meio de tanta gente dominada pelo interesse pessoal, pelo egoísmo, a cobiça, o ódio, a vaidade, etc..., umas delicadezas, umas boas maneiras e uma reciprocidade de leves serviços que conservam pelo menos a imagem da paz, que afastam e impedem essas explosões de paixões que fariam da sociedade um lugar de desordem e de confusão” (p. 112). – “Libertai-vos, eu consinto nisso, de todos esses comércios, de todas essas sociedades, de todas essas ligações que são inúteis ou supérfluas; não procureis os felizes do século; a porção de ociosidade e de ostentação que eles descarregariam sobre vós, outros estarão bastante empenhados em desembaraçá-los dela; mas o desgraçado, o operário laborioso, esses homens que não conhecem as delicadezas se não por aquelas que usam para com os outros, e as doçuras da vida se não pelas privações que delas experimentam, que uma cara aberta, /

(31) modos atraentes, um tom e umas palavras que indicam interesse, lhes mostrem um coração a que não são indiferentes, e que serviços reais, segundo a posse e a ocasião, lhes provem solidamente que vós vos interessais por eles. Eles ver-vos-ão sempre com gosto aproximar-vos deles, informar-vos do que lhes diz respeito, ou somente ocupar-vos deles; as vossas perguntas não os importunarão, porque verão nelas um interesse a que não estão habituados.” (pá. 106).

Todo preocupado com as questões sociais, eu notava em *L'Univers*, um fragmento de discurso do R. P. Perrand, do Oratório (mais tarde bispo e cardeal), sobre os Patronatos de Paris, é dois artigos de Henrique Lasserre sobre a responsabilidade das Classes dirigentes e do Clero.

Sobre os Patronatos de Paris: “Há já nesses Patronatos, e pode-se dizer que ainda estão nos seus começos, cerca de seis mil crianças ou jovens aprendizes, que frequentam cada Domingo as casas da Obra. Suponhamos, e esta suposição é mais que realizável, que se chegasse a quintuplicar os recursos desta Obra, poder-se-ia então receber trinta mil aprendizes. Este número representa mais ou menos o número total das crianças e jovens dessa grande cidade, que vão para as fábricas aprender um ofício. Não / (32) receio afirmar: se todos os Domingos, durante vários anos, todos os aprendizes de Paris viessem encontrar nas casas de Patronatos, com as honestas distrações que a sua idade reclama, os sólidos princípios duma religião conhecida, praticada, amada, evitaríamos os piores perigos da crise actual...”

Sobre a responsabilidade das classes dirigentes: “ Mas esse povo miúdo perde-se e arrasta-nos para o abismo! – Era preciso conduzi-las melhor e mantê-los no caminho recto. Vós tínheis o poder. - Mas elas querem apossar-se da riqueza alheia, mergulhar nos prazeres, derramar o sangue de todo aquele que possui bens! - Não se devia excitar a sua cobiça com o vosso luxo abominável, com os vossos requintes e sensualidades refinados, com as vossas explorações homicidas; era preciso ensinar-lhes a respeitar a riqueza respeitando-a vós mesmos como uma função santa, em vez de abusar dela como dum privilégio iníquo. Vós tínheis a riqueza. - Mas eles são ignorantes e insensatos, querem deitar tudo abaixo na sua imbecilidade furiosa, querem destruir a ordem social

¹⁰⁵ “Oratore est vir bonus, dicendi peritus, qui causis publicis et privatis plena et perfecta utitur eloquentia” (R. Stéfani, Thesaurus linguae latinae, T. III, p. 374). É o ideal de Cícero, no “De oratore”, o homem que à perfeição da linguagem

com as utopias mais absurdas! - Era preciso instruí-los melhor; era preciso pôr no seu espírito ideias sãs, nos seus corações sentimentos rectos. Vós tínheis a ciência, vós tínheis o talento, a eloquência, / (33) a arte de escrever. Tínheis nas mãos a infância com os colégios e as escolas, a idade madura com a literatura e com a publicidade sob todas as formas. Vós éreis o ensino. - Mas elas já não querem saber da família e do casamento. Os seus filhos naturais são um terço dos nascimentos nas grandes cidades; as suas amantes são incendiárias com a tocha na mão! - Não devíeis ser vós mesmos a abrir-lhes caminho da imoralidade; não lhes devíeis cercar o trono com cortiças e bastardos; era preciso que não cobrisseis de sedas e pedras preciosas os ombros das vossas impudicas companheiras; era preciso que, homens de Estado, ministros, embaixadores, senadores, deputados, banqueiros, negociantes, magistrados, proprietários, fidalgos, publicistas, classes dirigentes numa palavra, não désseis o espectáculo vergonhoso das vossas infâmias, e que não semeásseis a corrupção pública como se semeia a peste; era preciso que não celebrásseis o impudor dos vossos teatros e, ainda ontem, não gastásseis 50 milhões para construir essa ópera e um templo às vossas dançarinas. A incendiária que brande a tocha descende em linha directa dessas tantas concubinas de reis que davam o sinal da festa aos fogueteiros da corte, e dessas nobres prostitutas para as quais / (34) brilhavam com mil fogos os lustres fulgurantes dos requintados jantares da Regência; e essa incendiária é irmã da bailarina que vós conduzis ao Bosque a leve galope dos vossos cavalos e que vos passa o seu cigarro para acender o vosso charuto inglês. Vós éreis os mais velhos e os chefes da família humana; vós tínheis o dever de elevar aqueles dos vossos irmãos que tinham ficado atrasados; em vez disso, destes o grande escândalo e corrompestes esses pequenos. Ai de vós! Teria sido melhor que se vos amarrasse uma mó de moinho ao pescoço e que se vos lançasse ao mar. Vós éreis o exemplo...”

Sobre a responsabilidade do Clero: “Mas essas populações nem crêem em Deus. Elas são ateias e furiosas contra todas as religiões. - Era preciso ensinar-lhes Jesus Cristo, não só com a boca, mas com a acção. Vós tínheis o púlpito, tínheis as escolas, vós estáveis presentes em todas as paróquias; éreis legiões inumeráveis a ocupar funções sagradas; tínheis do vosso lado a própria Verdade de que éreis os primeiros soldados. E contudo, enquanto bastaram doze Apóstolos para converter o mundo pagão,

une sabedoria e experiência.

vós, que éreis um exército inteiro de eclesiásticos, eis que deixastes perverter o povo cristão, e cair / (35) no ateísmo as infelizes multidões desta França católica que outrora merecera o nome de Filha Primogénita da Igreja. Então, o que é que vos faltou? Di-lo-ei eu, porque eu sou daqueles que vos amam e não daqueles que vos lisonjeiam. Faltou-vos a santidade e a virtude dos Apóstolos. Foi só a vós que foi dirigida a palavra do Mestre, e ela é infalível: “*Vós sois a luz do mundo, vós sois o sal da terra* (Mt. 5, 13-14). Ora essa luz não está apagada, pois ela é suficiente ainda para vos iluminar pessoalmente a fazer-vos andar no recto caminho. Mas essa luz que, em todo o seu brilho, deveria ser a vossa própria santidade e iluminar todo o mundo à vossa volta, já não é bastante viva para ser o sol dos povos; e, salvo o círculo restrito que gira ao fraco alcance da vossa lâmpada, tudo à vossa volta está nas trevas. Esse sal, que é a própria sabedoria de Jesus na alma dos seus padres, esse sal não desapareceu completamente, pois ainda há bastante para vos impedir individualmente de serdes corrompidos; mas já não é suficiente para perseverar a terra, e de balde vós estais espalhados entre as nações, as nações apodrecem por toda a parte e caem em corrupção. Ó sacerdotes de Jesus Cristo! *Vós sois a vanguarda* / (36) do bem. Se avançais, os povos avançam; se recuais, os povos recuam; mas tanto num caso como no outro, eles não caminham ao vosso nível e estão sempre, inevitavelmente, um degrau abaixo de vós. E é assim que se verifica essa bela lei, formulada por um grande filósofo do nosso tempo (Blanc de Saint-Bonnet, no seu livro *De la Restauration*¹⁰⁶: “um clero santo fará um povo virtuoso; um clero virtuoso fará um povo honesto; um clero simplesmente honesto fará um povo ímpio. Seriam necessários, precisaríamos de Santos...”

Na *Revue de l'Enseignement chrétien*, lia esta curiosa reflexão: “Outrora, na Idade Media, as ordens religiosas contavam muito mais homens do que mulheres. Hoje as mulheres constituem cinco sextos das pessoas consagradas na vida religiosa. Contam cinco vezes mais pessoas votadas ao ensino nas casas religiosas e cinquenta vezes mais votadas à vida hospitaleira. Pelo contrário, o sexo feminino não contribui que com menos

¹⁰⁶ Blanc St. Bonnet (Adolfo). Nascido e morto em Lião (1815-1880). Aluno do Rev. Noirot, filósofo e metafísico com grande elevação de pensamento. Quis fundamentar toda a sua obra sobre o que ele julgava a Revelação, a tradição e a razão. O seu sistema metafísico, de que ele esperava uma feliz direcção do mundo no sentido dos verdadeiros destinos do homem, une-se ao seu misticismo regalista e a concepções económicas originais nas quais o “capital” é considerado como regenerado pela virtude, e ameaçado pelo luxo. Algumas das suas afirmações sobre os operários são tão duras como falsas. Escreveu muito. O seu livro “Da dor” (1849), reeditado em 1878 com mais páginas e, muitas vezes, com uma emoção e uma sublimidade que fazem dele uma obra-prima. Em 1851 publicou “Da Restauração francesa”.

de um quinto no número dos criminosos e dos delinquentes, com menos de um quarto no dos suicidas e com menos de metade no dos alienados mentais. A diferença acentua-se / (37) sempre mais, tendo passado do quádruplo ao quádruplo de há quarenta anos para cá. - Isto acontece porque ficou o costume de instruir cristãmente as mulheres. A decadência dos homens vem da Universidade”.

ACTOS EPISCOPAIS

Geralmente eu guardava os actos do bispado. Houve dois nesse ano que marcavam acontecimentos importantes. O primeiro convidava à oração para um tríduo geral, pedido pelo Sumo Pontífice, por ocasião da festa da Assunção. Mons. Dours fazia uma boa apresentação desse tríduo: "...a oração tem sido sempre a arma vitoriosa de que a Igreja se serviu nos vários combates que a assaltaram no decurso das idades. Nos primeiros anos da sua fundação, quando ela via aliados contra si todos os poderes da terra; quando o Príncipe dos Apóstolos, acorrentado nas prisões de Herodes estava privado de qualquer comunicação com os fiéis, os cristãos reunidos não cessavam de elevar as suas súplicas ao Senhor, a fim de obter a libertação do seu venerado chefe... As orações comoveram o coração de Deus; ele quebrou milagrosamente as cadeias do Chefe da sua Igreja, e, tomando um novo impulso, o ministério apostólico / (38) multiplicou as suas pacíficas conquistas.

As circunstâncias actuais não são menos cheias de tristeza e de angústia. Nunca talvez a Igreja se encontrou a ser alvo de ataques tão violentos. Nesses duros perigos, o nosso refúgio é sempre o mesmo: implorar o socorro de Deus todo-poderoso com uma oração humilde e fervorosa. Por isso, é com um doce sentimento de consolação e de esperança que nós vemos o espírito de oração reanimar-se nos corações daqueles que têm a consolação de conservar a fé. Temos disso provas bem consoladoras nessas piedosas manifestações, nessas admiráveis peregrinações em que uma multidão inumerável de todas as idades, de todos os sexos, de todas as condições se apressa à porfia e m direcção aos santuários venerados onde o Senhor fez brilhar os efeitos da Seu misericórdia por meio de uma multidão de prodígios.

O Chefe augusto, que Deus, por um desígnio especialíssimo da Sua divina bondade, colocou à cabeça da sua Igreja nestes dias de provações e tribulações...não descursa nenhuma ocasião para nos excitar a recorrer a esse poderoso meio da oração,

para esconjurar os males que nos oprimem de toda a parte. Nos ensinamentos infalíveis (Mons., tinha-se convertido depois do Concílio) que ele dirige a todos os fiéis / (39) do alto da sua cátedra apostólica, como também nas suas audiências particulares nas quais ele derrama as efusões paternas do seu coração, tão cheio de fé, de caridade e de confiança, ele regressa incessantemente à necessidade indispensável de multiplicar as nossas súplicas para implorar ao Senhor que defenda e proteja a Sua Igreja.

Este augusto e bem-amado Pontífice renova neste momento as suas paternas insistências: a pedido da Aliança das Obras Católicas (Foedus Piarum societatum catholicarum), ele acaba de determinar para os três dias que precedem a festa solene da Assunção da Virgem Maria, um tríduo de penitência e de orações que será celebrado em toda a Igreja. Ele indicou como orações a rezar-se cada dia as ladainhas dos Santos... Aproveitamos desta ocasião para recomendar ao vosso zelo a pia associação do Apostolado da oração, ou Liga do Coração de Jesus para a salvação das almas, o triunfo da Igreja e da Santa-Sé...”

Os nossos jovens do Patronato tomaram parte no tríduo, na Basílica, onde fizeram ouvir os seus cantos ardentes e sinceros. A velha igreja já não estava habituada às vozes / (40) dos trabalhadores.

Outra circunstância solene assinalada por uma carta episcopal foi a da subscrição nacional para a obra de Montmartre.

A 17 de Dezembro, o Sr. Bispo escrevia-nos: “Não ignorais que uma igreja monumental dedicada ao S. Coração de Jesus deve ser erguida proximamente, a título de voto nacional, sobre a colina de Montmartre, em Paris. Este voto nacional tem por objecto primeiramente oferecer ao Sagrado Coração de Jesus uma reparação pública perpétua pelas culpas de toda a espécie que tão gravemente O ofenderam, e seguidamente consagrar-lhe a França duma maneira mais particular para obter da Sua infinita misericórdia todos os auxílios de que precisamos no campo religioso e no campo social. É inútil traçar-vos de novo as várias fases que este nobre e piedoso projecto seguiu: basten-nos lembrar aqui que ele, sancionado por um voto da Assembleia Nacional, foi superiormente aprovado pelo nosso Santo Padre o Papa e que S.E. o arcebispo de Paris reivindicou a honra de levá-lo a termo com os únicos recursos da generosidade privada. Na presença deste glorioso mas bem pesado / (41) ónus que ele quis tomar e apesar da soma considerável já subscrita para esse fim, o ilustre Prelado viu-se na necessidade de

dirigir um caloroso apelo à ajuda benevolente de todos os seus venerados colegas de França. Nós desejamos vivamente responder tanto quanto possível, a um apelo tão urgente e tão bem motivado. Trata-se aqui, de facto, duma obra católica por excelência e de uma obra verdadeiramente nacional da qual podemos esperar os resultados mais felizes para o bem comum da religião e da França. Na nossa diocese nós temos ainda mais razões particulares para nos interessarmos desta santa empresa. Poderíamos nós esquecer que um dos nosso venerados predecessores (Mons. Languet de Gergy) tão distinto pelas suas virtudes como pela sua ciência, foi dos primeiros a estabelecer entre nós a devoção do Sagrado Coração de Jesus e dos mais zelosos em defendê-la contra as prevenções injustas dos seus detractores? Desde então, numa data que ainda está presente na memória da maior parte de vós, outro dos meus predecessores (Mons. De Garsignies), animado pelo mesmo zelo e pelo mesmo sentimento de devoção, não consagrou solenemente na sua catedral a diocese / (42) de Soissons e Laon ao Sagrado Coração de Jesus, ao mesmo tempo que este acto de consagração era repetido pela voz unânime de todos os pastores, em cada paróquia? (A consagração geral da diocese ao Sagrado Coração foi feita no dia de Páscoa do ano 1853)... Não duvidamos de que todos os piedosos fiéis não sintam a felicidade de contribuir, conforme as suas posses, para uma obra tão bela, e nós ousamos também contar com a generosidade daqueles que, menos determinados pelo intuito religioso, sabem pelo menos compreender que a religião é a base da sociedade...”

Fiz o possível para colaborar com esta subscrição em S. Quintino. Os nossos jovens operários, eles próprios, deram o seu óbolo.

CORRESPONDÊNCIA: CARTAS À FAMÍLIA

A minha correspondência com a família é também um relato simples da minha vida.

A *20 de Janeiro*, escrevia: “Estareis certamente impacientes por receber notícias minhas. É que o mês de Janeiro é, mais do que qualquer outro, fecundo em trabalho. É preciso fazer e receber visitas, escrever cartas e não descuidar as ocupações do ministério que, aqui, nunca faltam. O Patronato ocupa-me sempre muito. Foi preciso preparar uma sessão episcopal, pois / (43) temos aqui o Sr. bispo há dois dias. Ele esteve presente ontem na reunião dos nossos jovens. A sala grande, quase acabada, estava ornamentada com cuidado. Uma das crianças leu uma saudação. O Sr. bispo respondeu;

depois os nossos jovens associados cantaram. O Sr. bispo pareceu muito satisfeito... Fiz um certo número de visitas com Rev. Mathieu; verifico que em toda a parte a nossa Obra é muito estimada... A nossa dívida será paga pouco a pouco; já demos perto de 7.000 francos.

A 31 de Janeiro: "O tempo passa rápido. Não temos que lamentá-lo se cada dia fizermos algum bem. É assim que eu me conforto quando vejo sucederem-se os meses e os anos. As constantes preocupações que as construções me deram, vão desaparecendo pouco a pouco. Os nossos trabalhos vão chegando ao fim e espero que iremos estar completamente organizados quando vierdes, como no ano passado, passar a vossa Páscoa em S. Quintino. - Já não me inquieto nada acerca do bom andamento da Obra. Dareis graças a Deus comigo por eu ter tido sucesso nesta primeira obra empreendida. Constatei, nas minhas visitas do ano novo, que esta fundação poderia contribuir para dar-me aqui uma certa influência de que me poderei servir para fazer bem. O Sr. Bispo / (44) encorajou-me muito. - Além do Patronato, estive também muito ocupado neste mês com uma família protestante que está para voltar à religião católica. Tive de fazer muitas diligências, mas estou feliz com essa conversão. (Foi preciso catequizar e preparar para o baptismo e a primeira comunhão várias crianças). - Tinha a certeza que vós leríeis com gosto o livro de H. Lasserre sobre N^a S^a de Lurdes. É muito atraente. Ele não deixa dúvidas. É um livro que faz muito bem a todos os que o lêem..."

A 1 de Março: "Tive o prazer de ter comigo, durante três dias, o Rev. Désaire. Ele abandonou a congregação da Assunção porque viu, como eu, que ela não poderia fazer para os estudos superiores o que nós esperávamos. Encardinou-se no clero de Paris e acaba de ser nomeado vigário em St. Pierre-du-Petit Montrouge. - Na terça-feira última tivemos uma linda festa no Patronato. As crianças representaram uma peça. Uns amadores da cidade cantaram e tocaram trechos para piano e violino. Foi um serão magnífico. A nossa sala grande continha, além dos 200 associados, 150 pessoas da cidade. Vamos começar aqui os exercícios da quaresma. / (45) Temos dois padres Jesuítas que farão muito bem. Espero que o papá venha travar conhecimento com eles na altura da Páscoa..."

A 8 de Março, enviava duas breves saudações, em verso, às minhas jovens sobrinhas pela festa da sua avó. E acrescentava: "A nossa quaresma está seguindo bem. Os retiros sucessivos dão-nos trabalho. Faz-se algum bem, todavia somos ultrapassados pela influência da má imprensa e do partido revolucionário.

O nosso Patronato avança bem. Organiza-se a capelinha. Começarei a celebrar missa nela, daqui a 8 dias...”

A 24 de Março: “Voltei encantado da minha breve viagem à Bélgica. Cheguei na tarde de quinta-feira a Bois-d’Haine, encontrei a mais graciosa hospitalidade na casa do Sr. Pároco. Sexta-feira de manhã levei a comunhão a Luísa Lateau. Ela estava absorvida na oração e ofegante pelos sofrimentos. O sangue corria abundantemente das suas mãos e do seu rosto. De tarde assisti, durante uma hora, ao seu êxtase com uma dúzia de estrangeiros que tinham como eu autorização para vê-la. Ela estava sentada na sua cadeira, com os olhos abertos e virados para o céu. Era insensível a tudo o que se passava à volta dela. Durante o êxtase, não vê nem ouve e está em relação / (46) unicamente com o Senhor, que ela vê na sua frente com todas as situações da sua Paixão. Pode-se picá-la que ela não experimenta nenhuma sensação. O sangue corre abundantemente das suas chagas; recolhi algum num lenço. Ela une-se às orações que se recitam; manifesta-o com um estremecimento de alegria, com certeza porque vê o Senhor alegrar-se quando se reza. É muito sensível aos nomes de Jesus e de Maria e também ao de Pio IX. Quando se reza a bela oração: “Ó bom e dulcíssimo Jesus” (pelas 3 horas), lança-se de joelhos. Às três, prostra-se por terra e, alguns minutos depois, abre os braços em cruz. Fica assim até às 4,30h. Prova então uma agonia espantosa e parece estar a ponto de morrer; depois pouco a pouco volta a si.

Nos outros dias da semana ela não tem êxtases, mas só visões espirituais durante a oração. Ela trabalha de costura. Há 5 anos que tem as estigmas e os êxtases todas as semanas, e dois que não come nem bebe. Há vários meses que também não dorme. Todavia, salvo à Sexta-feira, parece cheia de saúde. Todos esses factos são indubitáveis, e todos os que os presenciam ficam profundamente impressionados. É uma das / (47) numerosas manifestações com que o Bom Deus quer despertar a nossa fé e incitar-nos à penitência. - Estou sempre satisfeito com o andamento do Patronato. Visitei vários em Paris. Essas pequenas viagens impedem-me de ir em breve a La Capelle. Procurai vir-me ver na altura da Páscoa...”

A 18 de Abril: “Andava muito ocupado nestes dias últimos. Tinha de preparar a festa de ontem no Patronato. O meu trabalho não foi em vão; tivemos um serão magnífico. Todos saíram encantados. As romanzas e os coros eram executados por membros da Sociedade coral de S. Quintino. A nossa peçazinha patriótica teve o maior sucesso. Os nossos aprendizes interpretaram-na admiravelmente. Era uma mistura de

patético e de cómico, que tanto fazia rir como chorar a assistência. A nossa sala era demasiado pequena (era ainda o que é a capela actual). Tínhamos convidado a fina-flor da sociedade. O peditório rendeu 200 francos. Mandar-vos-ei o Jornal que fará a crónica da festa.

A 29 de Abril: “Tive muito que fazer desde que viestes ver-me. Era o tempo pascal, havia trabalho dobrado / (48) na paróquia, e o Patronato não me deixava um instante de alívio. A festa que demos acabou por dar-nos a conhecer e por nos conquistar todas as simpatias da cidade. Chegam-nos numerosas dádivas para a nossa capela. A conferência de S. Vicente de Paulo decidiu dar-nos uma ajuda de 1.000 francos e, de Paris, recebi uma oferta de 300 francos. Pude então, depois da vossa partida, pagar 1.500 francos para a construção, o que leva a 9.000 francos o total das prestações pagas. Há oito dias, repetimos para as nossas crianças e suas famílias, a festa que tínhamos dado aos benfeitores. - O Círculo organiza-se para os jovens mais velhos. O bilhar está montado. A sala de leitura está terminada. O porteiro ocupa o seu alojamento há já alguns dias. Criámos ainda no nosso local uma nova obra: a *dos soldados*. Temos na nossa capela uma missa militar ao Domingo às 11,00 h e os soldados podem aproveitar da casa até às 3,00 h, enquanto as crianças não chegam. Deveis compreender porque vos escrevo pouco e raramente. Todas estas obras não se fazem sem preocupação e trabalho...” / (49)

A 3 de Junho: “Recebi hoje (boas notícias) do Rev. Demiselle. Ele obteve para o Patronato uma ajuda de 500 francos da Obra de S. Francisco de Sales. Ele ajuda-nos com tudo o que pode... Os trabalhos do Patronato estão concluídos, salvo as pinturas, que só se farão no fim do Verão. Tenho muito mais liberdade e posso trabalhar um pouco à escrivania. O Círculo de jovens anexo ao Patronato anda muito bem. Já são 25, todos bons cristãos, que dão o exemplo aos mais novos...”

A 16 de Junho: “Estamos aqui com grandes preparativos para a primeira comunhão. Será depois de amanhã. Quinta-feira será o Crisma dado pelo Sr. Bispo de Beauvais a mais de 700 crianças. Mons. Dours ainda está doente e não pode vir. Após todas estas cerimónias ficaremos menos ocupados e os nossos anciãos do vicariato farão as suas férias. Mons. Genty partirá quinta-feira próxima para a Bretanha. O Rev. Mathieu irá na próxima semana a Paray-le-Monial. Estais decididos a fazer também a vossa volta à França? Escrevi à minha tia Penant que, se ela insistisse em partir no fim deste mês, eu estaria livre no dia 30. Espero a sua resposta. / (50) Se ela receia o calor, posso esperar

até ao fim de Agosto. Ficaria feliz por vos ter comigo nesta viagem e estou certo que ficaríeis grandemente edificados com a visita aos nossos principais santuários...”

A 23 de Junho: “O calor que faz há alguns dias consola-me pelo atraso da nossa peregrinação. No mês de Setembro teremos uma temperatura mais agradável. Evitarei assim de fazer duas viagens. Assistirei ao congresso das Associações operárias de 25 a 30 de Agosto e irei de lá a Auray e a Lurdes.

Fizemos aqui, neste ano, umas lindas procissões para grande despeito dos maus jornais (a acção anticlerical já começava em 1873). Os jornais encheram-nos de injúrias. Eu tive a minha grande parte por causa de algumas palavras dum sermão que foram exploradas e interpretadas como essa gente sabe fazer. Não lhes respondi. Todas as pessoas honestas os desprezam. O Sr. Bispo de Beauvais (Mons. Gignoux) só ficou aqui um dia. Eu fiquei muito contente por voltar a vê-lo. Pediu-me notícias, com muita bondade, dos outros estenógrafos. Ele também se sentia feliz por conversar de Roma e do Concílio. - O Patronato vai bem. Cresceu com um bom número / (51) de crianças que acabam de fazer a sua primeira comunhão. Tivemos ontem uma bela sessão de física divertida. Umas trinta pessoas partiram esta manhã para a peregrinação de Paray-le-Monial com o Rev. Arcipreste.

Palustre escreve-me de vez em quando. Passará por S. Quintino no mês de Agosto na sua viagem para a Holanda para assistir à abjuração de um seu amigo que, de protestante, se faz católico. Fará aqui uma paragem de dois ou três dias...”

A 12 de Julho: “Na Quinta-feira tivemos a nossa sessão anual de balanço final. O nosso relatório era muito interessante; vamos imprimi-lo e mandar-vo-lo-ei...”

A 7 de Agosto: “Há muito tempo que não tenho notícias vossas. Como vos tinha dito, passei alguns dias de retiro em Soissons. Tivemos a vantagem de ouvir um excelente pregador. Achei que o recolhimento do retiro era bem necessário, após dois anos de vida ocupadíssima. Voltei de lá feliz e com o espírito repousado. Actualmente estou muito ocupado coma peregrinação do dia 17 a Liesse. O Sr. Deão falar-vos-á da peregrinação do dia 21 que é para toda a diocese. A de 17, será muito mais interessante; é uma / (52) peregrinação de *homens*. Haverá um grupo de Deputados e de oficiais de Paris, mais todas as comissões católicas de França e as Obras operárias do Norte. O meu Patronato será representado por 60 membros. O Núncio do Papa presidirá. O bispo de Torbes pregará à tarde. Ficarei feliz se vos vir lá. O Henrique e o papá poderiam fazer

lá a sarada comunhão na companhia de mais de um milhar de homens. Estais decididos a iniciar a volta à França com meu tio e minha tia de Vervins? Encontrar-nos-emos em Nantes, na tarde do dia 30. Mando-vos o balanço do Patronato...”

A 18 de Agosto: “Procurei-vos com os olhos, ontem, ao chegar a Liesse com a nossa procissão de 3.000 homens que rezavam, cantavam e seguiam devotamente as suas bandeiras. Era realmente um belo espectáculo. De S. Quintino, éramos 220. A nossa peregrinação foi animada. A alegria e a emoção fizeram-nos esquecer o cansaço. Mandar-vos-ei uma das crónicas que os nossos jornais publicarem. - Quanto à nossa viagem a Lurdes, marco encontro com o tio e a tia em Nantes para a tarde do dia 30. Se pudésseis vir connosco, tenho a certeza que ficaríeis satisfeitos por ver os santuários de Auray, Lurdes, / (53) Ars, Paray-le-Monial, e por lembrar-vos deles mais tarde como vos lembrais ainda com emoção dos santuários de Roma e de Fourvières. Não conto poder estar de volta antes de 20 de Setembro...”

A 24 de Agosto: “... Podeis juntar-vos a nós em Lurdes. Passando a noite em Périgueux, partilharemos o caminho. Contamos estar em Lurdes na tarde do dia 6 Setembro e passar aí o dia 7. Tomaremos hospedagem no Hotel du Nord. Podeis escrever-me até ao dia 28 inclusive para o seminário maior de Nantes, e de 28 a 4 para Lurdes, posta-restante...”

De Nantes, 29 de Agosto: “Estou encantado por ter vindo a este congresso. Desde o Concílio, nunca mais tinha assistido a uma assembleia tão linda. Somos novecentos, todos homens de obras e de dedicação. Os sacerdotes são numerosos, mas há também muitos homens do mundo, oficiais, magistrados, representantes da nobreza e da indústria. Mons. De Segur preside e encanta com a sua eloquência e bondade. Os nossos dias estão admiravelmente cheios. As comissões sucedem-se e, à noite, numa sala magnificamente ornamentada, realizam-se as assembleias-gerais sob a presidência do Sr. Bispo de Nantes. Encontrei aqui / (54) conhecimentos antigos e fiz também algumas amizades novas. O Rev. Demiselle está connosco. Esta tarde assistiremos a uma festa na principal obra de Nantes e amanhã iremos em peregrinação a S. Ana-de-Auray. O tio e a tia deverão chegar esta tarde, mas eu talvez só os veja no Domingo de manhã por causa da viagem de amanhã. Partiremos juntos no Domingo para La Rochelle. Se decidirdes a vir ter connosco em Lurdes, segui exactamente o percurso que vos tracei. Fiz aqui provisão de informações úteis para a minha Obra de S. Quintino. E mais, eu precisava de

me repousar um pouco dos cuidados do ministério e sabeis que para mim as viagens foram sempre excelentes férias, muito benéficas para a minha saúde...”

A 23 de Setembro: “Já descansastes dessa feliz viagem que vos proporcionou tão doces emoções? Encontrastes tudo em boa ordem em La Capelle, no vosso regresso? Eu retomei sem demora o meu trabalho habitual. A minha Obra sofrera um pouco com a minha ausência, mas não tardará a recuperar. Tanto quanto os meus recursos o permitirem, trarei à casa todas as melhorias que o congresso de Nantes me indicou. Mando-vos cem bilhetes da lotaria para ir / (55) vendendo...”

A 2 de Outubro: “Cada dia felicito-me pela nossa bela viagem. Para mim, foi um descanso de espírito de que bem precisava, após dois anos de ocupações ininterruptas. E mais, esta série de peregrinações fez-me mais bem do que um retiro. Voltei mais unido a Deus, e parece-me que as minhas obras recomendadas em tantos santuários, irão tomar um novo impulso. Comecei a organizar um *Comité de homens influentes* para patrocinar a minha Obra e desenvolvê-la. Já obtive a aprovação do Sr. Júlio Lenhault, do Sr. Heitor Basquin e do Sr. Jourdain. São eles os principais industriais da cidade; é um bom começo. Conto realizar em breve a compra do terreno. Vamos comprá-los em quatro, como sociedade civil. Cada um de nós legará a sua parte aos sobreviventes que, a cada falecimento, se associarão um novo membro. É o que, aliás, se pratica para obras similares.

A lotaria não anda lá muito bem, por causa da estagnação do comércio...

Na semana passada, recebi a visita de M. de Bretonnières, um dos meus bons amigos de Roma, que eu tinha visto em Lourdes.”

A 19 de Outubro: “As senhoras que se ocupam / (56) da nossa lotaria desejam saber os números que vós vendestes. Enviei-me essa informação na volta do correio. A extracção será feita na Quinta-feira. Apesar das dificuldades que resultam da estagnação do comércio, teremos, assim o espero, mais de mil francos. Um peditório na paróquia, no dia de Todos os Santos, dar-nos-á talvez mais uns quatrocentos ou quinhentos francos. Esperaremos para quando a situação política for melhor, para comprarmos o terreno...”

A 28 de Outubro: “ Tenho a certeza que desejais saber o resultado da nossa lotaria. Teve melhores resultados do que esperávamos, graças à colaboração da Sra. Demont e de algumas outras senhoras que colocaram muitos bilhetes nos últimos dias. Conseguimos um total líquido de *dois mil francos* sem contar as listas vendidas em La

Capelle, Soissons e Reims. Espero que o peditório de Todos os Santos nos irá dar cerca de quinhentos francos. A senhora do vice-presidente fará o peditório com a Sra. Bernoville, a senhora do juiz de instrução, e três outras senhoras. A nossa organização vai-se completando todos os dias. Instalámos o gás em condições muito vantajosas. Não gastamos mais de 350 francos. Suspendemos a organização de um comité e a compra / (57) do terreno até depois da solução da crise política... Rezai muito para que tenhamos um governo cristão. (Era o tempo das tentativas de restauração monárquica).

A 10 de Novembro “ Vós estais a criar facilmente inquietações inúteis. Não sei onde foi que Júlio Demont sonhou que estávamos construindo no Patronato. Nada disso. De resto, estou muito satisfeito com o andamento da obra... Não tenho nenhuma canseira excepcional neste momento e estou melhor do que tenho estado de há dois anos para cá...”

A 1 de Dezembro “ Esperava ir ver-vos esta semana, mas fui obrigado a alterar os meus projectos. Com o inverno, o trabalho voltou. Os catecismos recomeçaram e o Patronato está cheio de actividade. Fez muitos progressos desde o meu regresso. Temos agora uma capela bem adornada, a iluminação a gás, um harmónio, uma bandeira, etc. Preparamos lindas festas. O Círculo tem 30 membros. Elegeram ontem os seus dirigentes e estão cheios de entusiasmo. Agora já é uma obra bem assente e que fará aqui um grande bem. Tenho confiança de que as nossas orações em Lurdes, em Paray e nos outros santuários / (58) atraíram a bênção de Deus sobre o meu ministério.

A 27 de Dezembro “ Tivemos dois bons serões, assistência numerosa e boa execução do programa. Aproveitamos estes encontros para fazer conhecer a Obra. Estes dois serões renderam 450 francos. O Natal foi uma grande festa para os nossos jovens. Tínhamos um presépio bem enfeitado. Cantámos a Missa da Meia-noite e dei 120 comunhões. Amanhã, a festa é para os pais. Domingo será a distribuição dos prémios trimestrais... Não me esqueço de vós no meio das minhas ocupações. Pensei na mãe na missa de S. Estêvão, seu padroeiro (ela chamava-se Stéphanie). Estarei convosco espiritualmente no dia 1 de Janeiro e peço-vos que aceiteis antecipadamente os meus votos...”

CARTAS DO PE. FREYD

Neste ano 1873 recebi poucas cartas do P. Freyd, só duas. Confirmavam-me plenamente nas decisões que tinha tomado.

A 23 de Março “ Meu caríssimo amigo, à chegada do Rev. Désaire, já sabia do seu desaire. Estou contente que se tenha retirado, mas gostaria de vê-lo retirar-se de uma maneira mais honrosa. (O pobre padre tinha fugido, não ousando enfrentar a autoridade do P. d’ Arzon)... / (59) Quanto a vós mesmo, estou sempre feliz de vos ver no lugar onde estais. O bom Deus concede-vos a graça de fazer bem e de adquirir experiência. O que mais me agrada é ver-vos ocupado com a juventude. Essa vida activa e variada terá, além do resto, a vantagem de fortalecer a vossa saúde. O futuro para vós, como para a Igreja e o Estado, está nas mãos de Deus, que se ocupa tanto de uma alma como de todas as almas e que nos guiará sempre paternalmente se souberdes sempre *deixá-Lo agir*...Não vos digo nada de Roma. Estamos sempre no mesmo ponto, salvo que a catástrofe está mais perto. Quem se eu não serei metido contra um muro, como os heróis da rua Haxo em Paris. *Deus providebit...*”

A 18 de Maio, ele informava-me da agregação à confraria de S. José em Roma. E acrescentava: “A Deus e a Maria, meu querido Leão. Deus abençoa o vosso zelo: *Ipsi laus et honor*.¹⁰⁷ Não há obras mais belas e mais úteis que as da juventude. É por aí que se deve regenerar a França. *Perge*¹⁰⁸. Santificai-vos e santificai os outros. O P. Picard, / (60) que era o director dos peregrinos franceses, acaba de nos deixar. Conversámos sobre a saída do P. Désaire. Bem podeis pensar em que sentido falou nela. Em Nîmes, guardam má vontade contra vós. Compreendo. A vossa recusa desmantelou certos planos e causou um fiasco¹⁰⁹ a um balão de ensaio. Esse padre está bem obcecado com as suas fundações de universidades! Eu disse-lhe que todos os verdadeiros romanos deveriam sobretudo pensar em preparar bons professores. Infelizmente, mesmo os melhores não percebem a importância e, para mim, a necessidade absoluta de estudar mesmo em Roma as doutrinas romanas (pelo menos os professores), a fim de poder ao mesmo tempo colhê-las na sua fonte pura, e, na atmosfera da cidade santa, deixar-se

¹⁰⁷ NT A Ele louvor e honra!

¹⁰⁸ NT Continua, avança! (imperativo) É o grito famoso de Cícero na 1ª Catilinária...

penetrar pelo espírito e pelo amor da igreja. Estas duas coisas amparam-se e conservam-se mutuamente e acautelam contra vistas e ideias pessoais...”

CARTAS DO REV: DEMISELLE

O bom cónego escrevia-me bastantes vezes. Interessava-se pelas minhas obras e procurava-me recursos. As suas análises sobre a situação da França eram sempre elevadas e profundas.

A *25 de Abril*, escrevia-me: “muitíssimas vezes penso na vossa obra e sigo os seus progressos. / (61) Fiz muita pressão junto da obra de Nossa Senhora da Saúde para que vos fosse concedido um subsídio o maior possível... A vossa peregrinação a Bois-D’Haine deve ter-vos comovido profundamente. Os milagres espalham-se hoje por toda a parte, e não se quer vê-los. O milagre mais bonito será ver a França voltar à sua antiga fé. É isso que eu desejo com os meus votos mais ardentes. O trabalho é feito por meio de todas essas obras de que a Assunção se ocupa com um zelo que me comove. Devemos afirmar-nos de todas as formas e especialmente realizando à nossa volta todo o bem que está ao nosso alcance... Faça um pedido bem sustentado à obra de S. Francisco de Sales. Esse pedido ser-me-á reenviado e eu apoiá-lo-ei calorosamente...” A 2 de Junho: “Apresso-me a avisar-vos que acabo de receber da obra de S. Francisco de Sales, para a vossa obra um contributo de quinhentos francos, que tenho aqui ao vosso dispor... Não estamos vendo um bom resultado das orações feitas ao céu por tantas santas almas?! Como se amansaram os nossos grandes pregoeiros! Como ficou humilhado esse pobre Thiers! (O Sr. Thiers tinha apresentado as demissões sob a pressão da assembleia nacional).”

A *8 de Novembro*: “Mando-vos 100 francos / (62) para 400 bilhetes da vossa lotaria. Tive dificuldades em vendê-los. O Sr. Bispo acabou por ceder... comprou dez francos deles... E a nossa situação política? A carta do Conde de Chambord¹¹⁰ vale-lhe mais do que cem mil homens. Quando o bom senso voltar às cabeças francesas, será entendida a nobreza dessa linguagem...”

¹⁰⁹ É assim no original; o P. Freyd escrevia de Roma, e não admira que usasse essa palavra italiana, que já é universal para indicar o “insucesso, falhanço.”

¹¹⁰ Nt É o pretendente do trono da França.

CARTAS VÁRIAS

No princípio do ano, o caro Rev. Désire anunciava-me a sua hégira¹¹¹.

A 16 de Janeiro, ele escrevia: “ Eis-me finalmente bem perto de uma solução definitiva. Pouco após ter-vos escrito, abri-me claramente com o P. Picard sobre o mal-estar que eu experimentava. Escrevi ao P. d’ Alzon. Este último escrevia-me, às vezes, cartas muito vivas nas quais me declarava que, com a minha natureza violenta e a minha maneira de agir, eu era incapaz de encontrar e de ocupar por muito tempo um lugar sério; outras vezes eram cartas duma ternura excessiva em que me dizia que eu poderia tornar-me um grande santo aceitando todas as provações da vida religiosa. Para acabar com esses aborrecimentos e ver claramente todas as coisas, pedi para vir fazer um retiro com os padres capuchinhos de Versalhes, onde me encontro há dois dias. Apesar de todos os fantasmas que correm diante dos meus olhos quando penso que vou deixar uma / (63) congregação na qual certos aspectos me agradam, acho todavia que a minha decisão será abandonar...”

A 27 de Fevereiro: “Tenho o prazer de vos anunciar que tudo correu bastante bem. O Rev. Blanc (que abandonava a Assunção juntamente com ele) foi nomeado para S. Denis, eu para Montrouge. Os Padres da Assunção mostraram-se muito irritados com a nossa partida, de que me culpam só a mim, mas o Arcebispo não tomou em conta o seu descontentamento...”

O Rev. *Petit*, pároco de Buironfosse, informava-me sobre as suas provações e os seus sucessos. O seu presidente da Câmara tinha levantado mil dificuldades. Mas conseguira na mesma preparar a construção da sua segunda igreja na aldeia de Boujon; ia colocar-se a primeira pedra.

Alguns *amigos de Roma* ainda me escreviam, mas eu tendia a diminuir essa correspondência. Estava demasiado ocupado.

O Rev. *Poiblanç* fundava em Fontaine-les-Dijon uma Sociedade de missionários. Informava-me sobre a forma a dar à propriedade colectiva das obras (Sociedade

¹¹¹ Nt “Hégira” palavra árabe que significa fuga. A hégira fuga de Maomé.

tontineira¹¹², sociedade civil, etc...). Falava-me das associações sacerdotais de que eu começava a ocupar-me / (64) para a diocese de Soissons: “Fiquei a conhecer com alegria, dizia ele, os resultados dos vossos esforços e a próspera situação da vossa Obra de jovens. Peço a Deus que a abençoe... Fico muito grato dos votos que fazeis para a nossa associação sacerdotal. É uma obra muito difícil, mas é a obra das obras, porque se nós, os padres, nos santificamos, o nosso ministério será abençoado. Recomendo-vos a Vida de Holzhauser¹¹³ de M. Gaduel. É uma excelente leitura espiritual. Vê-se aí em acção de uma das mais belas obras empreendidas para a santificação do clero diocesano. Como ficaria eu contente por trabalhar na mesma obra com um dos meus melhores condiscípulos de S. Clara!”.

CONGRESSO DE NANTES

O congresso de Nantes foi um dos nossos mais belos congressos de obras em França. Era o sexto congresso dos directores de obras operárias, mas ultrapassou de longe os precedentes pelo número de membros presentes e pela importância dos seus trabalhos. Realizou-se de 25 a 29 de Agosto. Contou com mais de mil aderentes e com novecentos membros presentes. Mons. Fournier, bispo de Nantes, era presidente honorário. Os trabalhos eram dirigidos / (65) por Mons. Ségur, ajudado pelo Pe. Vicente de Paulo Bailly. A união das obras, fundada em Nevers, aí se consolidou e organizou; durante alguns anos ela iria favorecer uma eclosão considerável de várias obras em toda a França.

Quarenta bispos tinham estimulado o congresso e tinham enviado os seus delegados. O número das obras aderentes à União subira num ano de 350 a 600. O mérito principal deste congresso foi o de lançar as obras de fábrica, graças a um relatório fundamental do senhor Harmel, e de começar o estudo das questões sociais propriamente ditas por meio de exposições sobre o regime cooperativo, sobre as caixas económicas, sobre o trabalho das mulheres e das crianças.

¹¹² “Tontine” (de nome do banqueiro napolitano Lourenzo Tonti) grupo mutualístico no qual todos os membros cotizam-se para o depósito de uma renda vitalícia só para os sobreviventes. (O seguro de velhice por capitalização e a capital alienado constitui uma espécie de “tontine”).

¹¹³ Holzhauser (Bartolomeu) (1613-1658). Fundador do Instituto dos “Clérigos seculares vivendo em comunidade”, chamados também “Bartolomitas”.

O Congresso abria-se na segunda-feira com quinhentos membros presentes. Mons. De Ségur seduzia a assistência por alguns minutos com as suas palavras cheias de fé e de coração. Eram chamados à mesa de honra os presidentes e vice-presidentes dos congressos de Angers, de Paris, de Versalhes, de Nevers e de Poitiers; os senhores presidentes gerais de obras e alguns notáveis: o almirante / (66) Cornulier-Lucinière, os senhores Le Gall e de Kervenaoël, subintendentes militares, o senhor Armous-Rivière, oficial do Estado-Maior, etc.... O Pe. Bailly historiou, com a sua vivacidade e espírito parisiense, os trabalhos realizados pelo Secretariado Central durante o ano. Mons. De Ségur lembrou o fim do Congresso: multiplicar as obras de fé e de caridade para fazer conhecer e amar o Senhor Jesus Cristo pelos filhos do povo, de quem ele é o benfeitor e o amigo.

No segundo dia do Congresso, as comissões trabalharam com afinco. Ouviram-se várias exposições: sobre o desenvolvimento e a propaganda da União pelos conselhos diocesanos, sobre o espírito de oração nas obras de operários, sobre as causas da decadência moral e social da família operária no século XIX. A subcomissão de obras tratou dos jogos e meios de atracção nas reuniões de operários. A conferência eclesiástica ocupou-se da pregação nas obras.

Na assembleia da noite, Monsenhor presidiu com seus vigários gerais. Admitiram-se à Mesa de honra mais algumas personagens distintas: os senhores Ernesto / (67) de la Rochette, Dezanneau e Lallié, deputados da Loire-Inférieure; Deshorties de Beaulieu, intendente geral reformado, de Trouessan, de Couëssin, chefe de batalhão nos Zuavos pontifícios; du Rostu, chefe de esquadrão; de Cornulier-Lucinière, lugar-tenente de navio, filho do almirante, etc... Foram lidos de novo os melhores relatórios do dia e ratificaram-se os votos feitos nas comissões. A seguir o Pe. Van Caloen, jesuíta belga, tomou a palavra e relatou o seu imenso sucesso na criação das sociedades de S. Francisco Xavier que contam já na Bélgica com 63.000 sócios repartidos em 263 sociedades, e que são imitadas na Holanda, na Inglaterra e até na China.

Quarta-feira, 27 de Agosto, foi o dia mais notável. Estudaram-se nas comissões os problemas seguintes: a dotação do Secretariado Central; os meios para preservar os nossos associados das influências revolucionárias e sectárias; o melhoramento moral e material do operário manual; a fundação das obras de operários adultos; a confissão e a direcção nas obras.

O relatório capital foi o do Sr. / (68) Leão Harmel sobre as obras da fábrica. O autor guardou a sua modéstia sob o anonimato. Narrou a história das obras de Val-des-Bois. Por meio das associações, uma população inteira tinha sido transformada. Ninguém, salvo poucas mulheres, praticava a religião em 1861. Em 1872, na capela da fábrica, foram dadas 6.000 comunhões. Este relatório foi uma revelação. Percebeu-se que era preciso enveredar por esse caminho, e que a acção social cristã ia tomar uma nova direcção.

Merecem ser assinalados também uns relatórios importantes que, infelizmente, não houve tempo de estudar e que abriam horizontes novos: do Sr. Camilo Rémont sobre a organização corporativa do trabalho; do Sr. Conde Yvert sobre as sociedades corporativas; do Sr. Paulo Benoit-d'Azy, sobre as caixas económicas. Com estes trabalhos, o congresso de Nantes inaugurava os estudos sociais que seriam tornados populares pelos Círculos e que, em breve, iriam inquietar todas as inteligências.

À noite a bênção do Papa vinha / (69) encorajar o congresso e Pio IX era aclamado.

No quarto dia, o Congresso não mostra menos actividade. Tratou-se das obras para empregados do comércio; das Caixas de reforma e económicas, dos regulamentos das obras, das conferências de obras sociais nos seminários.

Na sexta-feira, de manhã tratou-se dos conselhos diocesanos, das obras de militares e de marinheiros, dos opúsculos e do jornal especial da União, *Le Moniteur de L'Ouvrier*.

De tarde, sessão de clausura: relatório do Sr. António Rondelet sobre o Salão das obras no Círculo do Luxemburgo; votação dos votos propostos pelas comissões, discurso do Sr. Cónego Wies do Luxemburgo, que frisa a importância do relatório Harmel sobre a fábrica cristã.

À noite, deliciosa festa dramática na obra de Nossa Senhora de Todas as Alegrias, onde foi aclamado o general Charette.

Essas jornadas valiam mais do que um retiro; inflamavam o zelo dos congressistas e preparavam o aparecimento de muitas obras. Fiz boa provisão de informações e de documentos para as minhas / (70) obras de S. Quintino.

NANTES

Durante os curtos momentos de vagar que o congresso me deixava, eu gostava de ver, ou melhor, de meditar Nantes.

Houve primeiramente aí o burgo céltico, na confluência entre o Loire e o Erdre. Era a capital da tribo dos Nantes. Os sacrifícios eram oferecidos sobre algum altar druídico no sítio onde agora está a catedral. As tradições noáticas conservavam-se em Nantes como em Chartres, Autun, Lião. A Isis dos Gauleses anunciaria também aí a Virgem e o Redentor. O grande menhir de La Goulaine, perto de Nantes, relembra essas velhas recordações.

Depois advieram os Romanos e Nantes teve o seu foro e os seus templos. Dois desses templos erguiam-se onde agora estão a Catedral e Santa Cruz. Um altar pagão é conservado no museu.

Nantes foi evangelizada cedo. O seu primeiro apóstolo foi S. Claro. Ele tinha conhecido os apóstolos Pedro e Paulo. Enviado por S. Lino para evangelizar a Aquitânia e a Armórica, deixou em Nantes como relíquia um cravo da cruz de S. Pedro. O seu corpo foi transferido para / (71) Angers. São Similiano reconstruiu no séc III, sob Dioclesiano, a igreja de Nantes derrubada pelas perseguições. Foi ele que baptizou Donaciano e Rogaciano, os dois amáveis mártires que são chamados os Filhos de Nantes (les Enfants nantais).

Clotário apossou-se Nantes no séc. VI (em 560). Teve a habilidade de confiar o governo da cidade ao seu bispo S. Félix, que foi um mecenas e canalizou o Loire, embelezou a cidade, construiu uma ponte e ergueu uma catedral.

Carlos Magno conquistou a cidade, mas depois dele ela voltou à Bretanha durante vários séculos sob o rei Nominoé e seus sucessores. Nantes defendeu-se contra os Normandos. Tinha renovado as suas igrejas no Séc. X é construído o seu castelo.

Filipe Augusto conquista a Bretanha contra o rei Artur e entrega-a a Pedro de Dreux, seu parente.

O séc. XIV é testemunha das lutas de João de Monfort e de Carlos de Blois.

O séc. XV é para Nantes um período de prosperidade. Ana de Bretanha une o ducado à França pelo seu casamento com Carlos VIII. / (72) Desse tempo resta o Castelo ducal, e a nave da catedral, a igreja de S. Tiago e belas casas da cidade velha.

Foi em Nantes que Henrique IV assinou o édito da liberdade para os Protestantes.

A Renascença francesa deixou aí um dos seus mais graciosos monumentos, o túmulo do duque Francisco II e da sua esposa, esculpido por Miguel Colomb em 1507, no transepto da Sé. As estátuas expressivas dos dois defuntos, em mármore branco, descansam sobre uma laje preta. Nos ângulos estão colocadas as quatro estátuas de pé da Justiça (retrato da duquesa Ana), da Força, da Prudência, da Sabedoria (cabeça dupla: cara de jovem mulher, e de um velhinho). Os nichos dos flancos laterais formam duas filas e contém no alto as estátuas dos apóstolos com as de S. Francisco, Sta. Margarida, S. Luís e Carlos Magno; em baixo, 16 carpideiras.

Este túmulo, com o São Denis, de Bruges e de Dijon, não ficam atrás dos mais belos túmulos da Itália. Podem comparar-se aos de S. Domingos em Bolonha, de S. António em Pádua, de S. Agostinho em Pavia.

O Séc. XVIII foi também para / 873) Nantes uma era de prosperidade. Foi então que a cidade traçou e construiu os seus baluartes e os seus cais com as belas casas de balcão que recordam a Espanha. Infelizmente o comércio dos escravos negros foi para os armadores de Nantes, nessa época, a principal fonte de riquezas. De 1750 a 1790, transportaram de 10.000 a 12.000 escravos por ano para as Antilhas. Os lindos navios do Perú, no museu, fazem lembrar essa época.

É conhecida a crueldade do Procônsul Carrier em 1793, os seus fuzilamentos e os seus afogamentos em que pereceram 10.000 Nanteses. Ele incutiu horror ao próprio Robespierre que o fez condenar pela Convenção.

Em 1832, a duquesa de Berry praticou aí actos infrutuosos de valentia e de heroísmo.

No nosso tempo foi acabada a Sé, foram construídos e enfeitados os dois santuários de Nossa Senhora do Bom Porto e o de Santa Ana e foi erguido o monumento de Lamoricière imitando o do duque Francisco II.

A igreja de Santa Ana está a jusante / (74) da cidade, sobre a colina do eremitério. È aí que se deve subir para ver Nantes e imaginar os séculos passados, e para constatar a fé dos Bretões, herança que eles conservaram das tradições primitivas e do apostolado de São Claro e de S. Similiano.

AURAY: S. ANA

No Sábado, 30 de Agosto, 400 membros do Congresso deixavam a cidade de manhã cedo, conduzidos pelo Sr. Bispo de Nantes e Mons. De Ségur para efectuar a peregrinação a Santa Ana de Auray. O Sr. Bispo celebrou a missa ao ar livre ao pé da igreja que foi reconstruída e que se tornou nos nossos dias uma graciosa igreja da Renascença. Durante o Santo Sacrifício, todos cantamos com entusiasmo o cântico dos peregrinos:

Ó Santa. Ana, ó Mãe querida,

Guarda no coração dos Franceses a fé dos dias antigos;

Escuta do alto dos céus a voz da pátria,

Católica e Francesa sempre.

A querida Santa Ana é a mãe amada dos Bretões. Ela recebeu de Cristo como feudo o ducado de Bretanha, como a Santíssima Virgem recebeu o reino da França. / (75)

No convívio de S. Ana, houve um foguetório de brindes; depois os intrépidos como eu correram a visitar Auray e a sua Cartuxa, com o monumento tão impressionante dos 952 emigrados aprisionados em Quiberon e aí fuzilados ao pé da Cartuxa.

No Domingo, encontrava-me em Nantes com o meu tio e a minha tia de Vervins, e partia com eles para La Rochelle.

LA ROCHELLE

Esta região está povoada de castelos. Pelo caminho, saudamos Clisson cujas grandes ruínas são visíveis, onde a clematite brava e a hera cobrem as torres e os baluartes. Aí viveram os gloriosos cruzados e o grande Condestável. Aí se encontraram os fiéis Vandeanos e os cruéis revolucionários. Passando por lá eu não pensava que viria a estar em relação, mais tarde, com a última herdeira dos Clisson, uma piedosa menina com fortuna modestíssima e toda devotada às obras dos salesianos em Paris.

A pouca distância de Clisson está o castelo de Tiffauges, um dos castelos do famoso Gilles de Retz, que aterrorizava esta região no séc. XIV e / (76) do qual o povo fez o lendário Barba Azul.

De Clisson a La Roche-sur-Yon há o arvoredo (le Bocage); mais além, em direcção a Luçon, são os pântanos. Estas regiões fazem lembrar o heroísmo dos Vandeianos que lutaram com a coragem dos mártires para a defesa do altar e do trono.

Passamos por Montaigu, onde Charette e Bonchamps foram sucessivamente vencedores e vencidos. Em La Roche-sur-Yon avistamos a estátua equestre de Napoleão I que fez desta antiga aldeia uma cidade regular, mas triste. La Roche tem também uma estátua de Travot, o obscuro vencedor dos Chouans. Mas era Charette que a França devia lá colocar.

O arvoredo (le Bocage) é gracioso. Os campos estão cercados por sebes no meio das quais estão plantadas árvores diversas: carvalhos, freixos, ulmeiros, áceres, castanheiros, macieiras, cerejeiras. O país tem um aspecto de floresta, mas de facto está todo cultivado.

Luçon é conhecida especialmente pelas recordações de Richelieu. A sé que avistamos é a igreja da antiga abadia governada no séc. VII por S. Filiberto de Jumièges. Foi só / (77) em 1317 que as dioceses de Luçon e de Maillezais foram desmembradas da de Poitiers. Richelieu queixava-se em 1610 de ser “o mais enlameado dos bispos franceses”. Luçon é ainda uma modesta cidadezinha de 6.000 habitantes. Está situada nos limites dos Pântanos, que se estendem até L’Aiguillon-sur-Mer. É um terreno conquistado ao mar. Os monges da Idade Média contribuíram muito para beneficiá-lo. Em 1217, por exemplo, os abades de S. Miguel, de Absie, de S. Maxêncio, de Maillezais e de Nieul, mandaram construir o canal dos Cinco-Abades.

No tempo dos Romanos, o mar ia até Niort. Ele abandona ainda cerca de trinta hectares por ano. Toda a enseada é cortada por canais. As marinas de sal são muito produtivas. Os pobres trabalhadores que vivem em choupanas à beira dos canais são chamados Huttiers (de hutte = choça, casebre). Ocupam-se na recolha do sal e na cultura dos mexilhões e das ostras.

La Rochelle deixou-nos uma recordação bastante fastidiosa. É uma cidade com ruas estreitas, apertadas pelas suas fortalezas de Vauban. Muitos dos seus habitantes trazem a marca da tristeza do / (78) culto huguenote.

La Rochelle foi como a capital do calvinismo na França, de 1560 a 1628. Serviu de refúgio a todos os chefes da heresia, a Condé, Larochefoucauld, Coligny, Joana d’Albret,

Rohan. Como é triste ver estes lindos nomes, tão franceses, manchados pela heresia e a traição, e postos ao serviço do calvinismo e da Inglaterra.

Em 1577, Teodoro de Bèze reuniu aí um Sínodo de todos os ministros (Nt. = pastores, padres) calvinistas. Em 1572, 5.000 calvinistas mantiveram em cheque o exército real que levantou o cerco depois de perder 20.000 homens, e os Calvinistas conseguiram a liberdade do seu culto para as cidades de La Rochelle, Nîmes, Montauban, etc.

Era Richelieu que devia quebrar a resistência calvinista de La Rochelle, em 1628. É conhecida a coragem fanática que a cidade mostrou, animada pelo seu presidente Guitton. Este cerco fez lembrar o de Jerusalém por Tito. Durou treze meses. Richelieu mandara cercar a cidade por um muro e fechar o porto por um paredão. Os Ingleses não puderam / (79) socorrer a cidade. Pereceram quase todos os habitantes, encontraram-se vivos só 136 homens válidos. A revogação do édito de Nantes fez perder a La Rochelle 3.000 habitantes laboriosos. A perda do Canadá acabou por arruiná-la.

A sua catedral do séc. XVIII, com uma cúpula devida ao architecto Gabriel, é pesada e pouco graciosa. A Câmara Municipal do séc. XV e XVI é o único monumento interessante. No exterior é um castelo do séc. XV com quatro torres. No interior, é um gracioso palácio da Renascença. As ruas com os alpendres fazem La Rochelle parecer-se com certas cidades inglesas. Das muralhas da Idade Média ficam algumas torres do lado do porto, e no interior a grande torre ou porta do relógio.

La Rochelle é a pátria de dois dos nossos pintores modernos, Bouguereau e Fromentin e conserva algumas das suas obras.

SAINTES-ANGOULÊME-BORDÉUS

A 1 e 2 de Setembro, concedíamos algumas horas a Saintes e a Angoulême na nossa passagem para Bordéus.

Pelo caminho saudamos Taillebourg e as pitorescas ruínas do seu castelo. / (80) Que história gloriosa esta aldeiazinha tem! Carlos Magno aí esmagou os Sarracenos, S. Luís e Dugesclin aí venceram os Ingleses.

- Saintes foi uma grande cidade romana como Nîmes, Arles e Vienne. Deste tempo subsiste o anfiteatro, o arco de Germânico e alguns muros do seu capitólio. S. Eutrópio

evangelizou-a e nela sofreu o martírio. S. Palácio construiu no séc. VI a basílica de S. Eutrópio. Carlos Magno ergueu a sé; a piedosa Eustela lá viveu. A catedral actual não tem interesse, foi demasiado retocada. Todavia ainda tem um transepto do séc. XII com abóbadas em forma de cúpulas.

O que oferece mais interesse em Saintes, é a vasta cripta românica de S. Eutrópio, que faz lembrar o estilo de S. Front, em Périgueux.

Angoulême tem também uma catedral românico-bizantina cuja nave a cúpulas relembra S. Front de Périgueux. Os monumentos destas três cidades, Périgueux, Angoulême e Saintes, inspiraram o Sr. Abadie na construção da igreja nacional do S. Coração (Montmartre). A fachada da catedral de Angoulême tem quatro / (81) ordens de arcadas. Faz lembrar Nossa Senhora de Poitiers e as igrejas lombardas da Itália.

Bordéus foi também cidade romana. Foi evangelizada por S. Amador e S. Verónica. Os túmulos do seu primeiro bispo, S. Forte, e de S. Verónica encontram-se na cripta da igreja de S. Severino, que é a Sé velha. Foi o séc. XVIII que fez de Bordéus uma grande e bela cidade sob a administração do marquês de Tourny. Os baluartes, os cais, a alfândega, e a bolsa datam dessa época. As nossas grandes cidades, Paris, Lião, Nantes, Bordéus, etc... devem muito ao séc. XVIII.

Além de S. Severino e da sua velha cripta com seus túmulos do IV e V séculos, é preciso ver em Bordéus a catedral de S. Miguel e Santa Cruz. A catedral é a única igreja do Sul que é comparável às nossas grandes catedrais do Norte. O portal Norte é o principal. É completo, com suas duas torres e as suas flechas de pedra. Tem no seu tremó¹¹⁴ a estátua de Bertrando de Goth, arcebispo / (82) de Bordéus e papa com o nome de Clemente V. - S. Miguel é uma linda igreja gótica dos séc. XIII e XIV. Visitamos sobretudo a cripta da torre onde 40 cadáveres mumificados parecem revelar a vida e a morte de pessoas pertencentes às diversas classes da sociedade. - Santa Cruz é uma igreja românica do séc. X, cuja fachada relembra Nossa Senhora de Poitiers e a sé de Angoulême.

Se tivesse de novo a ocasião de parar em Bordéus, iria visitar Soulac onde S. Verónica e S. Marcial elevaram um santuário a Maria.

¹¹⁴ N.T. Tremó= aparador ou espelho colocado no pano da parede entre duas janelas (dic. edit.)

BUGLOSE – POUY - DAX

Buglose e Pouy são a mesma aldeia. Pouy é simplesmente um lugarejo. Buglose tem uma linda capela moderna. É meta de peregrinação à Santíssima Virgem. Como em todas as peregrinações, rezando aí com simplicidade, experimenta-se uma impressão profunda.

Pouy é o lugar de nascimento de S. Vicente de Paulo. As Irmãs da Caridade têm aí uma grande construção e a casa do Santo tornou-se um santuário. Outrora era uma pequena / (83) quinta e um grande carvalho abriga a praça adjacente. Reza-se bem nesta humilde habitação, sob este tecto onde viveu o Santo de coração tão bom e tão generoso. É realmente uma peregrinação sacerdotal. Gostaria de fazer aí um retiro.

Dax, cidade de águas, fundada pelos romanos, tem ainda banhos frequentados e belas piscinas de águas termais. Foi sede de bispado. A sua catedral do séc. XVII nada tem de artístico.

PAU

Pau é um lugar delicioso. O clima é doce, o ar puro e o panorama que se goza não tem igual. “É a mais esplêndida visão da terra, dizia Lamartine, como a baía de Nápoles é a mais magnífica vista de mar que haja no mundo.” A planície, onde o rio serpenteia caprichosamente, está semeada de “vilas” e de aldeias; atrás dela escalonam-se outeiros cobertos de vinhas e de bosques. O fundo do quadro é a cadeia majestosa dos Pirenéus que se desenvolve numa extensão de quase 100 km. e cujos últimos / (84) cimos visíveis estão a 80 km de distância. À direita domina o Pico du Midi d'Ossau (2885 m); à esquerda, o Pico du Midi de Bigorre (2877), pelo meio, o circo de Vignemale com o seu glaciar (3298). “O coração dilata-se neste espaço imenso, diz Taine, o ar é toda uma festa, os olhos deslumbrados fecham-se sob a claridade que os inunda. Os Pirenéus azulados parecem uma procissão de nuvens; o ar que os reveste faz deles seres aéreos, fantasmas vaporosos, os últimos dos quais evaporaram-se no horizonte alvacentos... A essa distância, as formas suavizam-se, os Pirenéus são apenas a orla graciosa duma paisagem risonha e dum céu magnífico. Nada de imponente ou de severo, a ideia que levamos connosco é a de uma beleza serena e a impressão que se prova é a de um prazer puro...”

A fantasia pode animar essa paisagem. Quantos povos por lá passaram! Os Celtas, os Iberos, os Bascos... Os Romanos foram conquistar a Ibéria. Aníbal veio pôr Roma a dois dedos da sua destruição. / (85) S. Paulo, S. Tiago lançaram por lá as primeiras sementes da fé. Os Vândalos, os Visigodos foram procurar um clima mais doce e terras mais ricas. Os Sarracenos vieram em grandes massas. Os restos dos seus exércitos voltaram para trás, dizimados por Carlos Martel. Carlos Magno foi derrotá-los nas marcas de Espanha. Orlando voltou para morrer lá. O seu heroísmo inspirou toda a poesia da Idade Média e o seu exemplo inflamou a coragem de todos os cruzados. Quantos peregrinos passaram por lá, a caminho de Compostela! Carlos V e Filipe II por lá passaram com os seus exércitos gloriosos. Napoleão foi lá quebrar-se contra a tenacidade do patriotismo espanhol...

O castelo de Pau é do séc. XIV, mas sofreu muitas remodelações. É um dos nossos raros castelos que estão ainda mobilados e habitáveis. Nele vivia a corte dos reis de Navarra. Henrique d'Albret e Margarida de Valois, irmã de Francisco I, no séc. XVI tinham lá uma corte brilhante onde os Calvinistas tinham bom acolhimento. O mesmo aconteceu com os seus sucessores, / (86) António de Bourbon e Joana d'Albret, e com o seu filho Henrique IV.

O castelo é completo. No rés-do-chão: sala dos guardas, salas de jantar, escadaria nobre. No primeiro andar: sala de espera, salão de festas, sala de família, quartos de dormir, gabinete do soberano, quarto da rainha. No segundo: quarto de Joana d'Albret, quarto de Henrique IV, quartos para hóspedes. Tudo isso enfeitado com tapeçarias de Flandres, de Bruxelas e dos Gobelins, com espelhos de Veneza e com móveis antigos de estilos vários.

LURDES - BÉTHARRAM

Meu pai e minha mãe vieram encontrar-nos em Lurdes e aí passámos dois lindos dias. O conjunto era bonito. A Santíssima Virgem escolheu com um talento de artista o lugar da sua visita. Fica bastante perto das grandes estradas para que os peregrinos aí possam chegar facilmente, mas é também bastante perto dos Pirenéus para que se desfrute aí um panorama maravilhoso.

A 8 de Setembro dava-se a bênção dos novos sinos da basílica. Havia vários bispos e inumeráveis peregrinos. Deram-se várias curas. / (87) Meu pai ficou

especialmente comovido. Passámos longos momentos frente à gruta, onde se reza tão fervorosamente! ... Eu tinha tantas graças a pedir para as minhas obras, para minha família, para mim mesmo!

Tivemos a tempo de ir em excursão a Bétharram. Desde o tempo das Cruzadas faz-se aí a Via-sacra subindo a colina. Minha mãe, mais tarde, muitas vezes falou nessa via-sacra que ela tinha feito comigo.

TARBES - TOLOSA

Meu pai e meu tio desejavam parar algumas horas em Tarbes, para verem aí os famosos cavalinhos dos Pirenéus e havia precisamente uma feira ao pé da estação. Interessava-me mais a catedral, mas embora ela seja duma época boa, dos sécs. XII - XIV, é um edifício pesado e sem graça. Só o transpecto, com uma cúpula octogonal, é bastante bem conseguido.

Tolosa é uma das nossas grandes cidades. Conta com 150.000 habitantes. É considerada a capital do sul de França. Era uma das cidades santas da Gália, / (88) possuía um santuário e os tesouros do culto druídico. No séc. V, era a capital do reino dos Visigodos. Do séc. VIII ao séc. XIII, foi capital do condado de Tolosa e usufruiu duma longa prosperidade. Sofreu muito com a guerra dos Albigenses no séc. XIII e com a luta dos Calvinistas no séc. XVI.

O monumento mais interessante de Tolosa é de longe a sua igreja de St. Sernin ou S. Saturnino. É uma bela basílica romana, construída do séc. XI ao séc. XIII. A ábside rodeada por cinco capelas semi-circulares e a torre octogonal que domina o cruzamento das naves oferecem um conjunto único no exterior. A cripta, pela riqueza das suas relíquias rivaliza com as grandes basílicas de Roma. Possui os corpos de seis apóstolos e de vários mártires. S. Saturnino de Tolosa e S. Remígio de Reims são, nos dois extremos da França, esplêndidos espécimes da arte românica.

A catedral de Tolosa, St^o. Estevão, é composta por partes distintas e mal ajustadas. Seria preciso refazê-la toda no estilo do coro que é do séc XIII. / (89)

O Canal do Sul passa por Tolosa. É uma bela obra que honra Riquet¹¹⁵, mas hoje seria preciso que fosse completado por um canal marítimo. - A casa dos Jesuítas tem uma linda capela ogival graciosamente decorada.

O pintor Gros, os escultores Falquière e Mercier são de Tolosa e têm aí belas obras.

MONTPELLIER - MARSELHA

Tolosa tinha-me parecido uma cidade santa, com o seu belo santuário de S. Saturnino, com os seus numerosos conventos e as suas grandes recordações de S. Domingos; Montpellier pareceu-me uma cidade toda comercial, embora tenha um tribunal de segunda instância e uma faculdade de medicina bastante célebre. As docas e os entrepostos ocupam lá grande espaço. Montpellier enriqueceu com o comércio do vinho e do álcool. Meu pai e meu tio conheciam aí alguns comerciantes, foram visitá-los. Eu fui vendo a cidade com minha mãe e minha tia. O belo passeio de Peyrou tem uma linda apresentação. A catedral não tem nada de imponente. Tem uma larga nave do séc. XV, enquadrada por uma ábside e um portal moderno.

Luís XIII cercou Montpellier contra os Calvinistas e foi lá, diz-se, / (90) que ele viu uma bala de mosquete desfazer-se contra um escapulário.

Luís XIV mandou levantar um belo arco de triunfo em estilo jónico.

Visitámos Marselha um pouco rapidamente. O que mais queríamos era rezar aos pés de Nossa Senhora da Guarda. Estávamos fazendo uma série de peregrinações. De resto, Marselha oferece poucas curiosidades além da sua bela posição, do seu porto e do seu aspecto geral. Eu não conhecia então todo o interesse que ofereciam os restos da abadia de S. Victor, onde se encontram os traços e as recordações deste grande Santo, as de Cassiano e até, verosilmente, as de S. Lázaro e de S. Madalena.

Visitámos o museu, o belo palácio de Longchamps, construído por Espérandieu, que alberga ricas colecções de história natural, algumas obras de Puget, o escultor de

¹¹⁵ NT - O “Canal du Midi” é realmente uma “bela obra”; liga Bordeus e o Atlântico a Rétiers e ao Mediterrâneo, ao longo de 400 kms., permitindo a passagem de iates e pequenos vapores dum mar a outro mar. Não sei o que será este “canal marítimo” que ainda falta.

Marselha e telas entre as quais a escola francesa moderna está bastante bem representada.

Mas os melhores momentos da nossa estadia em Marselha foram para o santuário da Guarda, onde celebrei a missa e onde rezámos / (91) com todo o nosso coração.

Tínhamos pressa; foi preciso deixar pelo caminho cidades que visitei noutras ocasiões: Arles, Nîmes, Tarascon, Orange, Avinhão.

LIÃO

Gosto muito de Lião e muitas vezes a visitei. Esta cidade tem tantas gloriosas recordações! Primeiramente havia lá um só lugar-alto dos Alóbrogos, que aí venceram uma vez os Romanos donde o nome da cidade: Luctus du num, colina do luto .

É fácil imaginar a cidade romana: sobre a colina o velho foro (*forum vetus*) e a acrópole; na encosta, o anfiteatro; no fundo, entre os dois rios, o novo foro (*bella curia*, Bellecour); na confluência dos dois rios, o templo de Augusto e de Roma erguido com as contribuições de 60 nações gaulesas, com as residências pontificais.

É possível também fazer reviver o tempo dos mártires. S. Potino fundou o primeiro oratório na cripta actual de St-Nizier. O cárcere de S. Potino e de S. Blandina está na cripta de Ainay. O dos outros mártires no hospício de Antiquaille. Dizem que nestes últimos anos / (92) foram encontrados restos do anfiteatro onde pereceram tantos mártires. As criptas de S. Irineu serviram de catacumbas a todas estas santas vítimas.

Lião foi governada pelos seus arcebispos desde o séc. II até ao séc. XIV. Quando ficou reunida à França, o seu comércio tomou uma grande extensão. O Concílio de 1274 reuniu as duas Igrejas, a grega e a latina. As duas cruzes do Coro da catedral perpetuam esta recordação.

A igreja de Ainay é do séc. XI, foi consagrada por Pascal II 1.106. A catedral de S. João data do séc. XIII ao séc. XV; a igreja de S. Nizier, do séc. XV, com um portal acrescentado, no séc. XVI, por Felisberto Dalorme.

Na Renascença, Lião deu à França os escultores Coustou, Coysevox, Lemot. Nos nossos dias, de lá saíram os pintores Orsel, Paulo e Hipólito Flandrin, e Meyssonnier; os arquitectos Bossan e Espérandieu, os escultores Fabisch e Bonassieux. Já fora antigamente a pátria de S. Ambrósio¹¹⁶, foi mais tarde a do físico, / (93) do cirurgião Récamier, do inventor Jacquard, do escritor Ozanam, fundador das Conferências de S. Vicente de Paulo, da humilde fundadora da Propagação da Fé¹¹⁷.

Lião é ainda fecundada pelo sangue dos seus mártires.

O que mais nos atraiu foi Fourvière, com o seu devoto santuário e o seu belo panorama. Minha mãe quis comungar em Fourvière como em Nossa Senhora da Guarda.

ARS - PARAY

Restavam-nos duas peregrinações a fazer, Ars e Paray.

Nada é tão impressionante como Ars, a sua igrejinha e o seu pobre presbitério. O Santo Cura era tão bom, tão desapegado da terra, tão zeloso pelas almas. Eras mortificado como os Padres do deserto e activo como os Apóstolos. A recordação dele era ainda bem viva em 1873. Os capelães tinham-no conhecido e repetiam as suas palavras e as suas obras. O povo ainda estava sob a impressão dos seus milagres e da estranheza da sua vida. As peregrinações continuavam. Já não era possível ver o Santo, rezava-se sobre o seu túmulo. / (94) As impressões foram-se diluindo desde esse tempo para cá.

Chegámos a Paray com três meses de atraso. Em Junho tinha havido as grandes peregrinações, a visita do jardim misterioso, a consagração da França. O meu amigo e condiscípulo, o Pe. Dugas, jesuíta em Paray, contou-nos isso tudo. Ele andava a escrever isso num gracioso volume. O altar da avenida de Charolles, onde se tinham realizado as grandes cerimónias, estava ainda erguido. As bandeiras trazidas pelos peregrinos

¹¹⁶ NT - Não sei que Stº. Ambrósio será este, porque Stº. Ambrósio de Milão, doutor da Igreja nasceu em Colónia de família romana.

¹¹⁷ Maria Paulina Jaricot (1799-1862). Por conselho de seu irmão, Pe. Philéas, em relação com as Missões estrangeiras de Paris, ela organizou desde 1819 a Associação da Propagação da Fé “para suscitar orações e recolher esmolas (um soldo por semana, colectado por dezenas) em favor das missões”. A fundação oficial teve lugar a 13 de Maio de 1822

cobriam a capela das aparições. Muito rezámos nós aí e assim terminámos com as mais doces emoções esta linda viagem de família que deixou nos meus pais tão boas e preciosas recordações e que tanto contribuiu para solidificar a fé de meu pai.

Índice

Apresentação à edição portuguesa. _____	Erro! Marcador não definido.
Introdução _____	1
1870-1871 - A guerra _____	1
Roma - VI Ano Lectivo _____	1
Cronologia da vida do Pe. Dehon referente a este V volume _____	3
1870-1871: a guerra _____	4
Roma: VIº ano lectivo _____	4
Causas e preparativos da guerra _____	4
Mobilização dos exércitos _____	5
Primeiros combates na Alsácia-Lorena _____	6
Emoção geral - Os prováveis desígnios da Providência - Pedidos meus. _____	7
14-18 de Agosto - Combates em Metz _____	8
27 de Agosto - 1 de Setembro - Mac-Mahon e Sedan _____	8
4 de Setembro: Revolução - República _____	9
4 - 20 de Setembro: Assalto a Paris - Negociações de paz _____	10
20 de Setembro - Roma _____	11
26 de Setembro - Metz - Estrasburgo _____	11
Outubro: Organização do exército do Loire; Soissons e Metz rendem-se! _____	11
Novembro - Colmiers - La Fère - Os voluntários do Norte a La Capelle _____	12
Dezembro: Loigny - Champigny - Bourget _____	12
Janeiro: Bapaume - S. Quintino - Paris - Armistício _____	13
Fevereiro: A Paz _____	13
Correspondência _____	14
Condiscípulos de Roma _____	18
Estudos e Leituras _____	19
Notas pessoais _____	34
Outras ocupações _____	37
Março 1871: Partida para Roma _____	38
A Assunção de Nîmes _____	39
De Nîmes a Roma _____	43
Roma: Estudos - Retiro _____	44
Retiro _____	46

1ª Meditação	47
2ª Meditação.	47
3ª Meditação: O Pecado:	47
4ª Meditação: A imitação de Nosso Senhor.	48
5ª Meditação: A Humildade	48
6ª Meditação: A oração	48
7ª Meditação: a Eucaristia	49
Audiências de Pio IX	49
O jubileu pontifical de Pio IX	50
A “Comuna” vista de Roma	51
Exames	55
Relações e correspondências	55
Retiro: 26 - 30 de Junho	58
Regresso	59
Férias; Lovaina	63
Lovaina	66
A Grande Decisão	68
VI Período: Vicariato	72
S. Quintino: 1871 - 1877	72
1º Ano de Vicariato - 1871-72	72
Primeiras visitas	72
Instalação	75
A igreja	77
Regulamento - Vida de cada dia	80
Relações-visitas	81
Operários e miseráveis	82
Pessoas devotas	83
Ministério: doentes, catecismo	84
Pregação	86
Sobre os anjos	86
Sobre os anjos da Guarda,	87
Sobre as consequências do pecado original,	87
Sobre a filiação divina de Jesus Cristo:	87
No Natal,	88
No domingo de Quasímodo (Pascoela)	91

Para a festa da Invenção da Santa Cruz, _____	92
Para a festa da Imaculada Conceição _____	93
Outras homilias _____	94
Obras: o Patronato _____	101
Viagens _____	106
Correspondência: cartas à família _____	106
Cartas a Palustre _____	110
Cartas do Pe. Freyd _____	111
Cartas do Rev. Dehaene _____	113
Cartas do Rev. Demiselle _____	114
Cartas do Rev. Petit _____	117
Cartas do Rev. Désaire _____	119
Amigos de Roma _____	121
Estudos e leituras _____	122
2º Ano de Vicariato: 1873 _____	123
Pregações _____	123
O Patronato: seu desenvolvimento _____	132
O Patronato: Sua influência _____	133
O Patronato: Festas e peregrinações _____	134
A Obra dos Círculos _____	135
O Patronato: palestras do Domingo. _____	136
Ministério - Catecismo _____	139
“Sobre os efeitos do Baptismo. _____	140
Bois d’Haine: Luísa Lateau _____	142
As nossas irmãs _____	143
Retiro em Soissons _____	146
Notas quotidianas _____	146
Estudos e leituras _____	148
Actos episcopais _____	154
Correspondência: Cartas à Família _____	156
Cartas do Pe. Freyd _____	164
Cartas do Rev: Demiselle _____	165
Cartas várias _____	166
Congresso de Nantes _____	167
Nantes _____	170

Auray: S. Ana _____	172
La Rochelle _____	172
Saintes-Angoulême-Bordéus _____	174
Buglose – Pouy - Dax _____	176
Pau _____	176
Lurdes - Bétharram _____	177
Tarbes - Tolosa _____	178
Montpellier - Marselha _____	179
Lião _____	180
Ars - Paray _____	181
Índice _____	183